

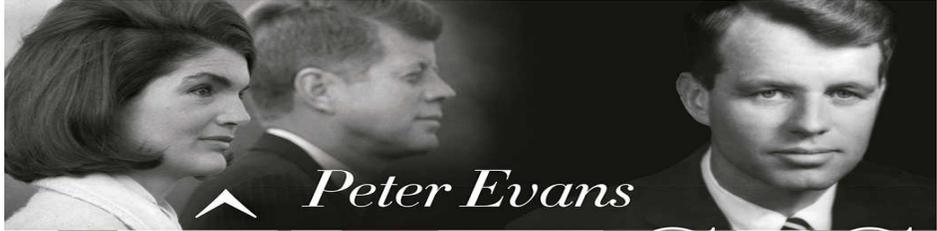
Peter Evans

NÊMESIS

ONASSIS, JACKIE O,
*E O TRIÂNGULO AMOROSO
QUE DERRUBOU OS*
KENNEDY

TRADUÇÃO
BRUNO CASOTTI





Peter Evans

NEMESIS

ONASSIS, JACKIE O
E O TRIÂNGULO AMOROSO
QUE DERRUBOU OS

KENNEDY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Copyright © 2004 by Peter Evans
Publicado mediante acordo com a Harper Collins Publishers.

TÍTULO ORIGINAL

Nemesis: Aristotle Onassis, Jackie O, and the Love Triangle That Brought Down the Kennedys

PREPARAÇÃO

Ana Kronemberger

REVISÃO

Carolina Rodrigues
Rayana Faria

ARTE DE CAPA

Victor Burton

FOTOS DE CAPA

JFK e Jackie (© Bettmann/Corbis/Latinstock); Jackie O e Onassis (Ron Galella/WireImage/Getty Images); Bobby Kennedy (Ullsteinbild via Getty Images).

PROJETO GRÁFICO

Kris Tobiassen

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-731-0

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIAS

Adobe Garamond Pro e Trade Gothic

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



E ESTE É PARA MARK E CHRISTINE

SUMÁRIO

	Capa
	Folha de rosto
	Créditos
	Mídias sociais
	Dedicatória
	Introdução
UM	O comércio de sangue
DOIS	Entra em cena Stavros Niarchos
TRÊS	“Mil vezes uma prostituta honesta”
QUATRO	Uma alma carnal
CINCO	Dançando tango com outra prima-dona
SEIS	O príncipe, a esposa e o amante dela
SETE	Feliz aniversário, sr. Presidente
OITO	Como Lee pôde recusar?
NOVE	Um psicopata charmoso
DEZ	O pequeno grego faminto
ONZE	Lace desembarcou em Ithaca
DOZE	“Ela esperava que o sol parasse para ela”
TREZE	O caminho grego
CATORZE	O coração e a mente de uma cocote de classe
QUINZE	<i>Tout passe</i>
DEZESSEIS	Dando vida nova a velhos boatos
DEZESSETE	Uma mulher mais velha
DEZOITO	Um terrorista com outro nome qualquer
DEZENOVE	Uma fraqueza de família
VINTE	Peças faltando
VINTE E UM	Um estoque inesgotável de excessos
VINTE E DOIS	Um homem com rancor e nada a perder

VINTE E TRÊS	Um casamento de negócios
VINTE E QUATRO	A neblina de Sirhan
VINTE E CINCO	Um suicídio prestes a acontecer
VINTE E SEIS	Mais um triste velhote namorador
VINTE E SETE	Droga é dinheiro
VINTE E OITO	Castigo de Deus
VINTE E NOVE	Um bom lugar para confissões
TRINTA	Fantasmas demais
TRINTA E UM	Dinheiro sujo
	Epílogo
	Imagens
	Agradecimentos
	Notas
	Sobre o autor
	Leia também

INTRODUÇÃO

Quando ele odiava, não poupava ninguém...

—CHRISTINA ONASSIS

Conheci Aristóteles Onassis em 5 de janeiro de 1968, em seu apartamento na avenue Foch, em Paris. Com a ideia de “fazer um livro” sobre sua vida, ele entrara em contato com o amigo Jean Paul Getty pedindo que recomendasse um escritor. Getty devolveu a carta com meu nome e telefone escritos na margem, provavelmente porque eu o entrevistara havia pouco tempo para produzir seu perfil para uma revista. Era o suficiente para Onassis — estaria eu interessado?

Onassis era, sem dúvida, o milionário mais famoso do mundo. Seu caso com Maria Callas o tornara sexy e conhecido. É claro que eu estava interessado — mas não se ele quisesse apenas um hagiógrafo. Perguntei que tipo de livro tinha em mente. Ele começou a me contar a história de sua vida, a infância em Esmirna: como sobrevivera ao massacre de 1922 e se tornara o chefe de sua família quando o pai foi jogado numa prisão pelos turcos, a fuga deles para Atenas e sua debandada para a Argentina, onde começou a fazer fortuna.

Embora eu soubesse que estava diante de uma encenação, a alquimia de dinheiro, sexo e mistério no cerne de sua história era irresistível. Durante o almoço no Maxim’s, mordi a isca.

Logo descobri que ele não reagia bem à técnica de entrevista de pergunta e resposta. Seus melhores momentos ocorriam quando fazia associações livres — de preferência diante de uma refeição,

num bar ou simplesmente caminhando tarde da noite pelas ruas de Londres, Paris ou Nova York. Assim como todos os oradores eloquentes, ele gostava de ter uma plateia. Em Paris, Johnny Meyer, um velho relações-públicas de Hollywood que descrevia a si mesmo como o *aide-de-camp* de Onassis, às vezes aparecia com alguma companhia elegante do serviço de garotas de programa de Madame Claude ou com uma dançarina do Crazy Horse. De vez em quando o filho de Onassis, Alexander, juntava-se a nós, mas parecia pouco à vontade ao ouvir as histórias do pai. O relacionamento entre os dois não era bom, embora Alexander, um rapaz gentil e decente, sempre se mostrasse respeitoso com o pai. O homem que mais inspirava Onassis era Constantine Gratsos, seu amigo mais antigo e mais próximo, arquiteto de muitos de seus maiores projetos. “Algumas vezes vou mentir para você”, disse-me Onassis, certa vez. “Mas Costa sempre lhe dirá a verdade.”

Embora tivesse um grande encanto e pudesse ser extremamente generoso, também era capaz de ser sádico com as pessoas mais próximas, e seu humor oscilava numa velocidade assustadora: a euforia podia se transformar em desespero, e não apenas quando ele bebia. Numa ocasião em que mencionei o nome de Stavros Niarchos — antes de saber o suficiente para tratar com luvas de pelica qualquer assunto relacionado a seu rival, cunhado e o homem que em breve se casaria com sua ex-mulher e mãe de seus filhos, Tina Livanos —, Onassis saiu da sala batendo a porta com tanta força que achei que nunca mais o veria. Entretanto, continuou a ir e vir nos meses da primavera e do verão de 1968. Eu recebia telefonemas para encontrá-lo em Paris, onde às vezes ele falava durante muitas horas, frequentemente varando a noite. Porém, em outras ocasiões, concedia-me apenas alguns minutos, e uma vez não encontrou tempo algum para falar comigo, após o que parecia ter sido uma convocação da maior urgência. Trabalhei com ele desse jeito durante dez meses antes que ele cancelasse o acordo; uma

semana depois, em 20 de outubro de 1968, casou-se com Jacqueline Kennedy.

Na primavera de 1974, Onassis me disse que queria voltar a trabalhar no livro. O casamento com Jackie^I havia sido uma farsa. No papel, durara seis anos; na realidade, acabara semanas após as núpcias em sua ilha particular, Skorpios, marcado por calamidades do começo ao fim. Alexander morreria. Tina havia morrido. Sua filha, Christina, casara e se divorciara, e a vida dele estava um caos. Tinha perdido Mônaco, o principado que governara por mais de uma década, e seu sonho de fazer uma nova fortuna em parceria com a ditadura dos coronéis na Grécia desmoronara. Um plano ainda mais ambicioso de dominar o Haiti terminara mal.

Onassis estava sofrendo de miastenia grave, uma doença autoimune que dificultava sua fala. Nós dois sabíamos que ele estava morrendo, e quando lhe perguntei por que voltara a se interessar pelo livro ele me respondeu: "Odeio deixar coisas inacabadas."

Mas ele era tão curioso quanto vaidoso, e eu sabia que Onassis se importava com o que eu escreveria depois que estivesse morto. Durante os seis ou sete meses seguintes, até sua morte, em março de 1975, continuamos a trabalhar no livro que ele não viveria para ver publicado, como bem sabíamos. Nesse ínterim, seu instinto de autopreservação se degenerara com a idade e a doença, transformando-se em paranoia (obcecado por truques e jogos para testar a lealdade da família e dos amigos, ele nunca perdeu a capacidade de ser irritante), e nosso livro era sua última tentativa de consertar o modo como o mundo se lembraria dele.

Quando nos despedimos pela última vez, ele acreditava claramente que tinha alcançado seu objetivo. "*O que você não sabe agora*", disse-me com aquela fala lenta e educada que ludibriara advogados, financistas e amantes durante anos, "*ninguém jamais saberá.*"

Seis semanas depois, Aristóteles Sócrates Onassis estava morto.

* * *

Pouco após a publicação de *Ari: The Life and Times of Aristotle Socrates Onassis*,¹ em 1986, levei um exemplar do livro para Yannis Georgakis, em Atenas. Renomado advogado grego, ex-presidente da Olympic Airways e intelectual e *raisonneur* particular de Onassis, Georgakis ingressara na Faculdade de Direito da Universidade de Atenas aos quinze anos e se formara aos vinte. Continuou seus estudos nas universidades de Munique, Heidelberg e Leipzig, onde concluiu o doutorado em direito penal em 1938. Lecionou ali até voltar para a Grécia, quando a Segunda Guerra Mundial estourou.

Depois da morte de Onassis, Georgakis se tornou meu informante mais confiável e um sábio consultor. Homossexual discreto, com modos delicados e um senso de humor irresistível, não era, porém, alguém a ser subestimado; durante a ocupação alemã, defendeu bravamente e sem remuneração centenas de combatentes da resistência grega diante de cortes marciais alemãs. Nutria afeto por Onassis, mas também podia ser severo: Onassis, segundo Georgakis me advertira na primeira vez que nos encontramos, era um “psicopata charmoso” que não estava preso a “absolutamente nenhum imperativo moral”. Se eu não compreendesse isso, disse ele, nunca compreenderia coisa alguma sobre Onassis.

Embora estivesse concentrado em seu novo papel de embaixador itinerante da Grécia para o mundo árabe, ele havia lido cada rascunho de meu livro e conferido as informações com uma atenção aos detalhes que só um advogado teria; a primeira edição que levei para Atenas era um símbolo da minha gratidão. Eu acreditava ter escrito a obra definitiva sobre o tema Aristóteles Sócrates Onassis. Fiquei decepcionado quando, alguns dias depois, Georgakis me disse que, embora eu tivesse chegado mais perto do que qualquer escritor da verdade sobre Onassis, “faltava a história real”.

Não era o que eu esperava ou desejava ouvir. Eu deveria ter examinado mais minuciosamente os acontecimentos em torno do

casamento de Onassis com Jackie Kennedy, explicou Georgakis. Ele gostava de lançar provocações e ambiguidades, mas eu não estava com paciência para joguinhos. Como ele organizara o casamento em Skorpios, não havia ninguém mais indicado para saber a verdade — por que ele não me dizia de uma vez o que ficara faltando?

“Não posso. Isso acabaria com Christina”, respondeu Georgakis, na defensiva. “Não vamos mexer em casa de marimbondo.”

Eu sabia que seu cargo de secretário permanente do comitê internacional da Fundação Alexander Onassis o deixava numa situação delicada. Tentei reformular minhas perguntas para extrair algo mais sem lhe criar constrangimentos. Mas ele era um advogado inteligente demais para não perceber.

Nos meses seguintes, enquanto as informações pingavam de fontes inesperadas, como sempre acontece após a publicação de qualquer biografia, pistas de uma história mais complexa começaram a surgir.

* * *

“O ponto é o começo de toda a geometria; o ponto percentual é o começo de todas as fortunas. Antes desse ponto, nada importa”, foi a resposta de Onassis quando Christina lhe perguntou sobre os anos em que ele fizera sua fortuna. Eu sabia que ela não havia lido *Ari*. “Tenho medo do que posso descobrir”, revelou-me, embora na verdade nunca tivesse demonstrado muita curiosidade sobre o passado de sua família.

Em maio de 1988, almocei com ela em Paris e lhe dei um VHS de *Onassis: o homem mais rico do mundo*, uma minissérie de Hollywood baseada em minha biografia. Eu não a via com a mesma frequência dos tempos em que seu pai era vivo, e, aos 37 anos, ela havia mudado de uma maneira que ainda acho difícil definir. “Eu costumava pensar que ser rica era uma espécie de nirvana. Não é.

Descobri depois que meu pai morreu”, contou-me. Perguntei se isso a tornara mais firme ou mais vulnerável. “Mais sábia”, disse ela.

Não tive notícias de Christina durante cinco meses. No início de outubro, ela me telefonou em Londres. Faria uma visita rápida a Buenos Aires para comemorar os quarenta anos de um amigo e sugeriu que almoçássemos em Paris antes de sua viagem. Ela enfim havia lido *Ari* e queria discutir o livro comigo.

Almoçamos num café na rue des Capucines, atrás da place Vendôme. Ela havia perdido quase vinte quilos numa clínica suíça desde nosso último encontro, mas ainda estava mais gorda do que em 1970, quando saímos pela primeira vez em Londres. Mesmo após quatro casamentos fracassados e inúmeros romances infelizes, seu rosto ainda era mais delicado do que parecia nas fotografias que saíam na imprensa. Ela tinha acabado de voltar de Genebra, onde refizera seu testamento pela oitava vez desde a morte do pai. Aquilo sempre lhe dava prazer. “Se você quer descobrir o que realmente acha de uma pessoa, faça seu testamento. É maravilhoso como a mente fica concentrada”, disse-me, com malícia.

Christina falou sobre os homens que não eram lembrados no testamento, homens que a haviam decepcionado e que a tinham usado. Não é de se admirar que minha cabeça esteja tão confusa, explicou ela, embora eu soubesse que a forte dependência de medicamentos controlados também não contribuía muito para seu estado de espírito. Ela corria riscos que sua amiga e confidente parisiense Florence Grinda implorava que não corresse. Depois de sua primeira tentativa de suicídio, em 1974, e desde que o dr. Theodore Garofalides, seu tio, lhe receitara o antidepressivo imipramina, ela estava numa curva ascendente do vício em anfetaminas. Incapaz de aplicar uma agulha em si mesma, contratara uma enfermeira particular, em caráter permanente, para lhe administrar as injeções.

Christina falou sobre Thierry Roussel, seu último marido e pai de sua filha, Athina, que em poucos meses faria quatro anos. Sabia que

seus amigos não gostavam de Roussel — o qual ela ainda amava — e que seus assessores não confiavam nele; haviam ficado horrorizados com a maneira como ele a traía com a amante sueca. “Thierry é francês”, disse, dando de ombros, como se isso explicasse tudo.

Suspeitei que ela não estava me dizendo tudo aquilo sem um objetivo. Mas seria para provar que confiava em mim ou para parecer descuidada em relação a um assunto e, com isso, me enganar em relação a outro? A única certeza era que ela não negava ser filha de seu pai. Apesar da plástica no nariz e no queixo, ainda tinha os olhos e a boca de Onassis, bem como muito de seu charme e astúcia. Eu ainda tentava descobrir suas motivações quando ela me contou que havia gostado da biografia do pai. Eu conseguira captar sua personalidade de maneira quase correta na maior parte do tempo, apesar de não ter compreendido sua capacidade de odiar.

“Quando ele odiava, não poupava ninguém. Acabou destruindo todos nós”, revelou Christina. Era uma declaração extraordinária, e eu pensava em uma resposta quando ela acrescentou: “Mas ele não era um homem mau. Fez algumas coisas ruins, cometeu alguns erros feios, mas nunca foi *deliberadamente* malvado.”

Onassis morreria havia treze anos, mas falar nele a emocionou a ponto de levá-la às lágrimas. Embora eu soubesse que o relacionamento com o pai desafiava sua compreensão, fiquei comovido com sua lealdade e determinação em defender o nome dele. Apesar das dificuldades para explicar exatamente o que a incomodava, entendi que ela queria que eu escrevesse um artigo sobre o casamento de Onassis com Jackie Kennedy esclarecendo algumas questões que não haviam sido abordadas em meu livro. Georgakis me dissera que faltava a história real, e me perguntei se era a mesma lacuna que incomodava Christina. Eu planejava pegar um voo de volta a Londres à noite, mas, como já a havia visto em diversos estados emocionais antes, sabia que ela não conseguiria

continuar nossa conversa com coerência naquela noite. Por isso, decidi ficar.

No dia seguinte, nos encontramos em um café no Quai des Grands-Augustins. Com as energias refeitas após uma boa noite de sono, Christina parecia muito mais forte e decidida. Depois de me fazer jurar manter sigilo e não usar a história sem sua aprovação, contou-me — como um advogado resumindo as provas da defesa — o que lhe causava tanta consternação.

Em 1968, segundo ela, Onassis pagou a um terrorista palestino chamado Mahmoud Hamshari (que mais tarde se tornou uma figura importante do Setembro Negro, o grupo terrorista responsável pelo massacre de onze atletas israelenses nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972) uma taxa de proteção para sua empresa aérea, a Olympic Airways. Mais tarde, Onassis descobriu que esse dinheiro havia sido usado para financiar o assassinato de Robert Kennedy.

Só por esse breve resumo, sua preocupação era compreensível. Pois a morte de Bobby Kennedy abriu caminho para Onassis se casar com a viúva de seu irmão John F. Kennedy — um casamento que Bobby havia jurado que só aconteceria por cima de seu cadáver. Como não se podia conceber que qualquer coisa envolvendo os Kennedy fosse acidental — as teorias em torno da família se proliferavam como erva daninha —, Christina temia que a ligação fosse descoberta, que alguém seguisse o rastro do dinheiro. Nessas circunstâncias, quem não acharia que seu pai havia sido diretamente responsável pelo assassinato?

Eu conhecia Christina havia vinte anos e, embora sentisse que ela estava omitindo alguma informação, sabia que aquele não era o momento para pressioná-la. Combinamos de nos encontrar de novo, na companhia de Georgakis, no início de dezembro. “Talvez você possa vir para o meu aniversário”, sugeri. Christina faria 38 anos em 11 de dezembro e daria uma festa no Maxim’s. Garanti a ela que não perderia aquilo por nada.

Três semanas depois, ela foi encontrada morta em sua banheira em Buenos Aires, a cidade onde o pai começara sua fortuna, sessenta anos antes.

* * *

Georgakis se recusou a discutir o assunto comigo depois da morte de Christina, mas, quando lhe contei que haviam me pedido para escrever a biografia dela, ele falou: “Faça isso se quiser, mas ela é um espetáculo secundário. A história ainda é o pai.”

Demorou mais de três anos para que ele finalmente concordasse em me ajudar a desvendar o segredo que estava no cerne do casamento de Onassis e Jacqueline Kennedy — e a verdade sobre o assassinato de Bobby Kennedy.

“Não é algo tão cristalino quanto Christina pensava”, começou ele, com um comedimento que o definia perfeitamente, como hoje percebo.

Devo partir da premissa, disse ele, de que, para Onassis, Bobby Kennedy era um assunto inacabado havia muito tempo...

I Ao longo do livro, os nomes de algumas personalidades são alternados com seus apelidos consagrados, como os casos de Jacqueline (Jackie) e John (Jack e JFK) Kennedy, Robert (Bobby) Kennedy e Aristóteles (Ari) Onassis. (N. da E.)

UM

O COMÉRCIO DE SANGUE

Se alguém me perguntasse em que sentido acho o homem mais forte,
eu diria: em sua capacidade de odiar.

—H.W. BEECHER, 1813-1884

Robert Kennedy e Aristóteles Onassis se encontraram pela primeira vez em um coquetel oferecido pela socialite inglesa Pamela Churchill^I no Plaza Hotel, em Nova York, na primavera de 1953 — o ano em que Jacqueline Lee Bouvier se casou com John F. Kennedy.

Pamela Churchill era uma astuta *networker* muito antes de esse termo ter sido cunhado, e sua lista de convidados era composta da elite da sociedade americana e das pessoas mais ricas do mundo. Filha de um barão inglês e ex-mulher de Randolph Churchill — filho beberrão do primeiro-ministro britânico —, Pamela, que inspiraria a devassa e elegante lady Ina Coolbirth de *Súplicas atendidas*,¹ de Truman Capote, conhecia os poderosos e quase poderosos de cinco continentes. Dizia-se que, por quantias fabulosas, ela dormira com a maioria deles.

Pamela conhecia Bobby desde 1938, quando o pai dele, Joseph P. Kennedy, era o embaixador americano na Inglaterra. Ela e a irmã mais velha de Bobby, Kathleen, debutaram juntas na última temporada em Londres antes do início da Segunda Guerra Mundial e continuaram amigas até a morte de Kathleen num acidente de avião em 1948.

Já Onassis não era um amigo tão antigo. Porém, desde que Randolph, ex-marido de Pamela, apresentara os dois no sul da

França vários meses antes — uma apresentação que Onassis revelou ter lhe custado 2 mil libras esterlinas (cerca de 40 mil libras na moeda de hoje) —, ela e o milionário armador grego se tornaram íntimos (amantes, segundo ele; não foi bem assim, protestou ela, embora sua confiabilidade em tais assuntos fosse tão questionável quanto a dele). Onassis era mundano demais para o seu gosto, disse ela a amigos.² Um *arriviste* inconfundível, ele tinha um temperamento instável, principalmente quando exagerava na bebida, e seu hábito de quebrar pratos e fazer cenas em restaurantes ofendia a sensibilidade inglesa de Pamela.

Embora se sentisse atraído pelo mundo da socialite e soubesse que seria aceito com mais facilidade se adotasse as roupas, o linguajar e os modos elegantes dessa classe social — como fizera seu cunhado Stavros Niarchos —, Onassis se recusou. “Não vou bancar o hipócrita para ninguém”, disse à sua jovem esposa de educação inglesa, Tina (filha de Stavros Livanos, rei dos armadores nos anos 1930), quando ela tentou livrá-lo de sua crisálida grega e repaginá-lo como um janota inglês.³

Entretanto, Pamela Churchill era uma mulher prática, e estava claro que seu interesse em Onassis havia sido reavivado — e seu senso de tolerância, recuperado — pela notícia de que ele acabara de comprar o principado de Mônaco. Mais precisamente, escondendo-se por trás de um emaranhado de testas de ferro panamenhos, ele adquirira a SBM (Société des Bains de Mer et du Cercle des Étrangers), uma empresa imobiliária moribunda que tinha várias propriedades eduardianas em Monte Carlo, incluindo o cassino, o iate clube, o Hotel de Paris e mais ou menos um terço dos quase 152 hectares do principado.

Situado entre os campos de petróleo do Oriente Médio e os mercados da Europa e da América do Norte, Monte Carlo era uma base perfeita para as operações de Onassis. O clima lhe agradava, a vida social tinha a aprovação de Tina, e o principado era isento de impostos.

Da noite para o dia, Onassis se tornou famoso; de repente, tudo que ele fazia era notícia. Sua riqueza, bem como os indícios de algo misterioso em seu passado, forneciam um material maravilhoso. Mais do que apenas outro grego rico, aquela figura pequena, morena e voluptuosa, com olhos sedutores de pálpebras pesadas, era reconhecida nas ruas. As mulheres começaram a se oferecer para ele como se fosse um astro do cinema. Onassis passou a usar óculos escuros e contratou um relações-públicas. Repórteres o chamavam de “rei de Mônaco” (um enobrecimento criado pelos tabloides que não pegou bem junto a Rainier, o príncipe de Mônaco). Ele dava entrevistas sobre como lidar com as mulheres: “Trato toda mulher como uma amante em potencial”, declarou. “As belas não conseguem suportar moderação. Precisam de um estoque inesgotável de excesso.”

Mas seu romance com a mídia não era inteiramente motivado pelo ego. A imagem que cultivava de magnata misterioso, porém magnânimo, que ficara rico da noite para o dia também “sancionava seus negócios astutos”, nas palavras de um assistente americano.⁴ E nenhum negócio fora mais astuto do que a aquisição, cinco anos antes, de dez petroleiros T2 americanos excedentes. Devido ao tamanho e à importância estratégica dos navios, sua venda havia sido proibida para estrangeiros, mas, a 1,5 milhão de dólares cada um, eram uma compra irresistível para Onassis, e com a ajuda de uma corporação dos Estados Unidos que tinha à frente três cidadãos americanos ele contornou facilmente a cláusula de exclusão.^{II}

* * *

Robert Kennedy também se tornou manchete de capa pela primeira vez em 1953. E, se os anos 1950 não chegaram a ser seus anos de glória, como foram para Onassis, foram inquestionavelmente emocionantes.

Pequeno, mais irlandês e intenso do que seus irmãos, com uma psique tensionada como uma mola, após se formar na Faculdade de Direito da Universidade da Virgínia, em 1951, Kennedy arranhou um emprego na Divisão Criminal do Departamento de Justiça americano. Designado para um humilde trabalho de campo sobre casos de fraude fiscal num escritório distrital no Brooklyn, ele se demitiu apenas alguns meses depois para se dedicar à campanha de Jack, seu irmão mais velho, para o Senado. Após a eleição de Jack, em 1952, Bobby, então com 27 anos, sentiu-se desamparado. Era um advogado sem qualquer experiência nos tribunais e sem saber ao certo para onde se voltar. Seu pai sugeriu que integrasse a Permanent Subcommittee on Investigations (Subcomissão Permanente para Investigações) do senador Joseph McCarthy, ramificação de um discreto comitê para investigar operações do governo, que McCarthy transformara na base para sua notória caça às bruxas comunista.

Embora ainda não tivesse inspirado um substantivo com o sufixo *ismo*, McCarthy já era conhecido e perigoso. Nenhum político da época, afirmou o escritor Richard Rovere, tinha "acesso mais garantido e rápido aos lugares obscuros da mente americana".⁵ Apesar de não ter conseguido provar sua acusação de que 205 comunistas se infiltraram no Departamento de Estado,^{III} McCarthy continuava usando insinuações e alegações de conspirações para destruir os Estados Unidos, explorando os temores e as frustrações de uma nação cansada da guerra na Coreia e preocupada com os avanços comunistas no Leste Europeu e na China. Ainda que John Kennedy lhe tenha feito sérias advertências, Bobby decidiu que seria empolgante expor a corrupção e revelar os planos comunistas; disse ao pai para ir em frente e falar com McCarthy sobre um emprego.⁶

Joe Kennedy apoiara McCarthy financeiramente durante algum tempo,⁷ embora ainda não se tenha ideia do montante que ele depositou nos cofres do senador republicano.^{IV} Entretanto, a quantia parece ter sido suficiente para impedir que McCarthy fosse até

Massachusetts discursar a favor do adversário republicano de Kennedy quando o futuro presidente estava disputando o Senado, no ano da vitória esmagadora de Eisenhower, 1952 — uma manobra que muitos acreditam ter assegurado a vitória de Kennedy.

Joe Kennedy, portanto, talvez achasse que tinha McCarthy em suas mãos quando lhe pediu para nomear Bobby para o cargo de promotor-chefe de sua Permanent Subcommittee on Investigations. Contudo, McCarthy afirmou que já havia prometido o emprego a Roy Cohn, um jovem assistente da procuradoria dos Estados Unidos em Nova York com uma fama bem-estabelecida de fervor anticomunista (ele ajudara a condenar Julius e Ethel Rosenberg como espiões de segredos atômicos). Tudo que McCarthy podia oferecer a Bobby era um emprego como assessor de Cohn.

Aquilo foi mais do que uma decepção passageira para Bobby. Irritado por ter sido rejeitado em favor de Cohn, que era dezoito meses mais novo que ele, o jovem advogado começou a mostrar os sinais de uma forte veia competitiva, a qual, no futuro, Onassis exploraria de forma implacável.⁸

“Bobby achou que não estava chegando a lugar algum”, revelou um velho amigo da família, recordando a frustração de Kennedy por ter que se contentar com o papel de assessor de Cohn. “Ele ficava irritado e furioso com as pessoas o tempo todo. Muita gente o achava um imbecil.”⁹ Seu cunhado, George Skakel, considerava-o um “canalha de merda” e não conseguia entender o que a irmã, Ethel, via naquele “idiota”.¹⁰ De modo muito mais elegante, Jackie Kennedy diria mais tarde a Onassis que Bobby tinha “o dom de despertar antipatia”.¹¹

Mas até amigos acostumados a ver Bobby descontar as frustrações nos outros ficaram perplexos com sua reação irritada à presença de Onassis na *soirée* de Pamela Churchill naquela noite de primavera de 1953. “O desprezo de um pelo outro era palpável (...) um nítido sentimento de competição física estava no ar”, contou o diplomata britânico Sir John Russell.¹²

Bobby Kennedy e Ari Onassis, homens que podiam intimidar, mas também encantar — baixos, de aparência desgrenhada, cujas roupas sempre pareciam mal ajustadas, não importando quanto haviam custado. “Nunca vi nenhum dos dois com um terno passado ou com sapatos que não estivessem surrados”, descreveu um conhecido de ambos.¹³ Eles deviam parecer estranhamente deslocados no meio dos convidados elegantes de Pamela, no Plaza Hotel, naquela noite de primavera. Bobby tinha 27 anos; Onassis, 53, mas fingia ter seis anos a menos. Sir John achava muito curioso que dois homens nascidos com uma diferença de um quarto de século, e em mundos diferentes, pudessem competir um com o outro “como dois inimigos ferozes”.¹⁴

Quando Sir John Russell ligou para Pamela no dia seguinte, ela estava claramente empolgada com a guerra de egos. “Nossa, aqueles dois exibiram suas qualidades tribais ontem à noite, não foi?” Ela disse que nunca havia visto os olhos de Bobby mais gelados ou azuis. Pareciam os olhos do pai de Bobby “depois de Joe fazer algo realmente inescrupuloso”.

Sir John, um homem profundamente versado nas fofocas mais escandalosas da sociedade londrina, sabia que a familiaridade de Pamela com a cor e a frieza dos olhos de Joe Kennedy quando este se comportava mal era mais do que mera suposição. Mais tarde, no *roman à clef* de Truman Capote, lady Ina Coolbirth descreveria como tinha sido estuprada aos dezoito anos pelo pai de Kathleen Kennedy, que se insinuara em sua cama no meio da noite, quando ela era hóspede da família num fim de semana.

A verdadeira ofensa, porém, não fora a violação em si, mas o fato de ele não lhe dar uma prova tangível de sua gratidão. No café da manhã, reclamou o *alter ego* cobiçoso de Pamela no romance de Capote, “não houve uma piscadela ou um sinal, apenas o bom e velho papai da minha amiga da escola. Foi esquisito e bastante cruel; afinal de contas, ele me possuía e eu até fingira gostar (...).

Tinha que ter havido alguma lembrancinha sentimental, uma bugiganga, uma caixa de cigarros”.¹⁵

Todos que conheciam bem Pamela Churchill sabiam dessa história. Capote, considerado um de seus amigos mais próximos, assegurou a Joe Fox, nosso editor na Random House, que Ina Coolbirth não era “*baseada em Pamela Churchill* — ela é Pamela Churchill”.^v

Seria possível, então, que Bobby Kennedy tivesse simplesmente perdido a compostura por suspeitar que Onassis — um homem que conseguia descobrir as indiscrições e as fraquezas de seus amigos — soubesse da conduta indigna de seu pai, e talvez de outros segredos de Kennedy que Pamela pudesse ter deixado escapar? Era certo que Kennedy se transtornava com facilidade, apesar de toda a sua insolência. No entanto, seria essa uma explicação suficiente para os dois se enfrentarem abertamente na festa de Pamela Churchill e para o que se revelaria o início de um ódio mútuo, alimentado pelo resto de suas vidas?

“Minha mulher, Aliko, achava que cada um reconheceu no outro algo que desprezava em si mesmo, e isso fez bastante sentido para mim”, Sir John me diria mais tarde.¹⁶ Contudo, por mais perspicaz que possa ter sido a observação de Aliko, havia também outro motivo mais imediato pelo qual os dois homens antipatizaram um com o outro instantaneamente quando se encontraram cara a cara pela primeira vez.

* * *

Enquanto Joe McCarthy e Roy Cohn caçavam subversivos no Departamento de Estado e se tornavam cada vez mais famosos, Bobby Kennedy concluía uma breve investigação sobre uma suposta entrada de homossexuais no Departamento de Estado. Em seguida, iniciou um estudo sobre o comércio — “o comércio de sangue”, diria

McCarthy mais tarde, com seu instinto para manchetes chamativas¹⁷ — entre aliados dos Estados Unidos e a China Vermelha, cujas forças combatiam tropas americanas na Coreia.

Durante semanas, ele arregaçou as mangas e afrouxou a gravata.¹⁸ Bobby vasculhou as listas de remessas do Lloyd's de Londres, registros da Maritime Commission, relatórios da CIA e arquivos da Inteligência Naval.¹⁹ Naquela primavera, sua revelação de que mais de trezentos navios pertencentes a famílias de armadores gregos em Nova York estavam comercializando regularmente com a China Vermelha lhe rendera suas primeiras manchetes em jornais de circulação nacional. Ele declarou em entrevista coletiva que não fazia sentido que “nossos principais aliados, a quem ajudamos financeiramente, façam negócios com os comunistas que estão matando soldados americanos”.²⁰

Mas o conceito de patriotismo não fazia sentido para Onassis, e ele ficou furioso com o que considerou a intromissão de um político que apenas tinha pressa de ficar conhecido.

Embora nenhum de seus navios estivesse envolvido no “comércio de sangue”, Onassis temia que a arenga de Kennedy contra os proprietários de navios gregos suscitasse questionamentos sobre como eles haviam conseguido adquirir tantos petroleiros T2 envolvidos no comércio. Por sua vez, isso poderia trazer um novo fôlego para a vacilante investigação do FBI sobre sua conspiração criminosa para fraudar o governo dos Estados Unidos com a aquisição de petroleiros T2 cinco anos antes.

Em qualquer outra ocasião, ele teria dado pouca importância a esse assunto. Mesmo que os Estados Unidos lhe tomassem de volta todos os seus T2, eles já lhe haviam rendido pelo menos trinta vezes o que Onassis pagara na compra. Em condições normais, a expropriação seria apenas um inconveniente, mas naquele momento as consequências podiam ser desastrosas, pois, em segredo, ele negociava um acordo para fornecer e administrar uma frota de petroleiros para o governo da Arábia Saudita, transportando o

petróleo sob bandeira saudita. Era o que mais tarde ele chamaria de “o maior acordo de garganta seca”²¹ de sua vida. Os lucros eram potencialmente enormes; as implicações globais, imensas. Se tivesse sucesso, ele se tornaria mais rico e mais poderoso do que algumas nações. Além disso, Onassis também sabia que uma frota de petroleiros sauditas seria percebida como o primeiro passo para a autossuficiência daquele país no negócio de petróleo. Por ser uma flagrante violação de um acordo entre as principais empresas americanas do setor e a monarquia saudita, estava claro que o negócio teria que ser concluído depressa antes que a notícia sobre seus planos chegasse a Washington e à Aramco.^{VI} Princípios morais não tinham sido de grande importância para seu sucesso até então, mas ele sabia que os sauditas poderiam repensar a parceria caso se envolvesse num escândalo em Washington.

Em outubro de 1953, seus piores temores se concretizaram. Um grande júri federal aprovou uma denúncia sigilosa contra Onassis. Agora, toda vez que um de seus navios chegava a um porto americano, era detido e tinha os rendimentos apreendidos. Ninguém tinha dúvida alguma sobre o teor das acusações confidenciais, e Onassis culpou Bobby Kennedy por sua situação difícil.

“Ninguém dava a mínima para quem era o dono daqueles petroleiros até Kennedy começar a abrir sua grande boca irlandesa”, disse ele a Costa Gratsos, seu sócio de longa data. O armador estava convencido de que Bobby havia iniciado uma vingança pessoal contra ele.²²

De início, os amigos consideraram aquilo uma paranoia de Onassis, mas, naquele outono, veio à tona em Nova York um relatório feito dez anos antes pelo Escritório de Inteligência Naval (ONI, na sigla em inglês) para o FBI, sobre uma fraude em um seguro de tabaco cometida por Onassis havia uma década.

O tabaco foi enviado via Gênova, onde foi transferido para outra embarcação. E supostamente ONASSIS teve a ideia de salpicar água salgada

sobre a carga quando ela estava em Gênova, sendo a cobrança resultante à seguradora por danos no mar uma soma bem-vinda para legitimar os lucros do comércio. Funcionários da seguradora estavam envolvidos e, por fim, um deles entregou o jogo num momento em que Nicolas KONIALIDIS, cunhado dele,^{VII} estava em Gênova. Como resultado, este último cumpriu pena na prisão. Ao que parece, o dossiê foi enviado de Gênova para a Grécia, mas supostamente se perdeu devido a uma ligação próxima entre ONASSIS e certo MICHALAKOPOULOS, ministro grego na época.²³

Onassis sabia que Bobby havia vasculhado os registros da Inteligência Naval em busca de informações para atacar os armadores gregos e garantiu que Bobby estava por trás do relatório do ONI, que logo circulava em jantares elegantes em Nova York como um exemplar de uma obra censurada em Moscou. Embora não houvesse prova alguma da culpa de Bobby, John Kennedy trabalhara para o ONI em Washington na Segunda Guerra Mundial, e isso bastava para Onassis.

“Ari ofereceu a Johnny Meyer um Cadillac caso ele conseguisse provar que Jack Kennedy dera a história a Bobby”, contou-me Yannis Georgakis.²⁴

Meyer, que fora intermediário de Howard Hughes em Washington durante a Segunda Guerra Mundial, descobriu que Jack deixara a Inteligência Naval cinco meses antes de o relatório do ONI para o FBI ser redigido.²⁵ “Descobri que Kennedy foi transferido para um cargo menos delicado quando o FBI tomou conhecimento de que ele estava comendo uma dama (Inga Arvad) suspeita de ser espiã alemã”,^{VIII} diria Meyer mais tarde a Brian Wells, um ex-executivo de jornal e vizinho em Palm Beach que se tornou seu colaborador numa autobiografia inacabada.

Esse intervalo de tempo não convenceu Onassis, que continuou a insistir que Bobby havia obtido o relatório do ONI por meio de Jack ou das ligações deste com o serviço secreto. “Eu falei: ‘Meu Deus, Ari, Howard é paranoico, mas você é ainda mais louco do que ele’”, recordaria Meyer mais tarde. “Ele retrucou: ‘Até mesmo os paranoicos têm inimigos. Esse irlandês babaca quer me enterrar.’”

Alguns dias depois, Onassis perguntou a Meyer se ele estaria disposto a buscar informações contra Bobby por ele. Mas Meyer ainda trabalhava com Howard Hughes e não quis se envolver mais. "Ari tinha muito charme, um incrível espírito travesso que eu apreciava. Eu precisava lembrar a mim mesmo que ele também tinha uma fama de implacável. Digamos que ele tinha uma atitude bastante grega em relação aos inimigos. Se Bobby seria prejudicado, eu não queria ter participação alguma naquilo", revelou Meyer a Wells.

* * *

Seis meses após seu encontro áspero com Bobby na festa de Pamela Churchill, Onassis voou para Dusseldorf para consultar o dr. Hjalmar Schacht sobre o acordo saudita. Ex-presidente do Reichsbank e mentor financeiro do Terceiro Reich de Hitler, Schacht se especializara no assessoramento de países do mundo muçulmano. De acordo com a revista da Alemanha Ocidental *Der Spiegel*, o velho nazista se tornara "o curandeiro das altas finanças",²⁶ "venerado de forma quase mística" em todo o Oriente Médio, e Onassis calculou que os imensos lucros em potencial valiam o risco de se indispor ainda mais com o governo americano.

No fim de dezembro, Schacht redigira o esboço de um contrato conhecido simplesmente como o acordo de Jidá. Esse acordo, guardado em segredo rigoroso, exigia de Onassis o fornecimento de quinhentas mil toneladas em capacidade de transporte para a fundação da Saudi Arabian Maritime Company, ou Samco. Com sede em Jidá, mas isenta de impostos sauditas, a frota usaria a bandeira nacional e seus oficiais seriam provenientes de uma faculdade marítima saudita criada e financiada por Onassis. A empresa teria prioridade nos direitos ao envio de petróleo árabe, com uma garantia inicial de 10% da produção anual do país. Petroleiros pertencentes a empresas sócias da Aramco e registrados em nome

delas até 31 de dezembro de 1953 não seriam afetados pelo acordo, mas Onassis estaria livre para assumir o controle dos navios da Aramco quando se tornassem obsoletos. Um corretor de transportes de Londres chamou o acordo de “um carnaval de apropriações”. Em uma década, isso daria a Onassis o monopólio sobre o transporte de mais de 45 milhões de toneladas de petróleo saudita por ano.

* * *

Em 18 de janeiro de 1954, Onassis e sua jovem esposa, Tina — que tinha 24 anos e era mãe de Alexander, com seis anos, e Christina, com quatro —, chegaram a Jidá a bordo do petroleiro *Tina Onassis*. Ele mais tarde alegaria que seu plano era abordar a indústria do petróleo e explicar sua posição para, em seguida, consultá-la.²⁷ Mas nem a Aramco nem Washington haviam sido informados de nada quando, dois dias depois, o ministro das Finanças, xeque Al Suleiman, assinou o acordo de Jidá em nome do governo saudita.

Mesmo assim, ainda era preciso que o pacto fosse implementado por decreto real, e Onassis sabia que nada estava certo enquanto a assinatura do soberano não estivesse no contrato. Ele sugeriu, portanto, que o acordo fosse mantido em sigilo até a aprovação real. O idoso ministro das Finanças concordou de boa vontade. Com o *ad valorem* determinado, o ministro estava feliz por se distanciar do acordo e deixar por conta de Onassis a escolha do momento apropriado para o anúncio.

Contudo, sem o conhecimento de Onassis, seu cunhado e rival de longa data — bem como amante de sua esposa — Stavros Niarchos sabia exatamente o que estava acontecendo.

De acordo com uma biografia de Onassis: “Nunca ficou claro quando exatamente Niarchos obteve uma cópia do documento conhecido como o acordo de Jidá ou como ele conseguiu pôr as mãos nela.”²⁸ Entretanto, nunca houve dúvida alguma entre os amigos deles de que a cópia tinha sido entregue diretamente por

Tina. Se foi um gesto vingativo de traição (Tina sabia tudo sobre as amantes do marido), uma conversa descuidada na cama ou um impulso infantil para prejudicar a família, ainda não está claro. Mas, quaisquer que tenham sido seus motivos, isso afetaria a vida deles mais profundamente do que ela jamais poderia ter imaginado.

I Futura embaixatriz dos Estados Unidos na França, com o sobrenome Harriman.

II A United States Petroleum Carriers, Inc. foi iniciada com um estoque de capital autorizado de mil ações. Seiscentas ações desse estoque foram emitidas para três americanos: Robert L. Berenson, Robert W. Dudley e o almirante H.L. Bowen. Quatrocentas ações permaneceram sem ser emitidas. Em 30 de dezembro de 1947, a Maritime Commission aprovou a venda de quatro petroleiros T2 à United States Petroleum Carriers, Inc. Quase imediatamente, Dudley comprou a parte do almirante e, uma semana depois, Berenson adquiriu as ações de Dudley por 125 mil dólares (preço original de 1.000 dólares). No mesmo dia, a Sociedad Industrial Maritime Financiera Ariona, Panama, S.A., pertencente a Onassis e seus primos Nicholas e Constantine Konialidis, comprou as quatrocentas ações restantes do estoque autorizado. Nos seis meses seguintes, a mesma corporação panamenha comprou mais noventa ações do estoque de Berenson, o que lhe deu uma parte percentual de 49% da corporação. Ao mesmo tempo, Berenson reduziu sua participação pessoal a 48% vendendo dez ações a cada um dos três cidadãos americanos intimamente ligados a Onassis (Clifford Carver, que trabalhara para Onassis durante um empreendimento de risco de caça a baleias na Califórnia; Nicholas Cokkinis, que dirigia o escritório de Onassis em Nova York, na rua Broad; e Arne Storen, arquiteto naval e amigo de Onassis). Do ponto de vista do controle das ações com direito de voto, Cokkinis (que se tornara cidadão americano dez dias antes de adquirir seu estoque da USPC), Carver e Storen mantiveram o equilíbrio de poder; numa disputa entre Berenson e a parceria Onassis-Konialidis, qualquer um dos três poderia pôr a participação estrangeira sob controle. (Senate Report on the Sale of Government-Owned Surplus Tanker Vessels, p. 21, 29 de maio de 1952. Ver também Memo to J. Edgar Hoover from James M. McInerney, Assistant Attorney General, Criminal Division. 17 de abril de 1952. FBI Report U.S.

Petroleum Carriers Inc., 10 de maio de 1952. Fraud Against the Government. Adquirido por meio da Lei de Liberdade de Informação [FOIA, na sigla em inglês].)

III O senador Joseph McCarthy ganhou notoriedade nos Estados Unidos pela primeira vez quando o jornal *Intelligencer*, de Wheeling, West Virginia, relatou que ele declarara o seguinte a um clube de republicanas, em 9 de fevereiro de 1950: “Tenho aqui na mão uma lista de 205 nomes que eram conhecidos pelo secretário de Estado como membros do Partido Comunista e ainda estão fazendo e delineando a política do Departamento de Estado.”

IV Parte da derrocada de McCarthy, em 1954, se deveu, além da embriaguez, à sua recusa a explicar uma transação financeira perante uma comissão do Senado que investigava seus negócios.

V Capote também disse a seu biógrafo, Gerald Clarke, que Pamela viveu tudo o que aconteceu a lady Ina na história — incluindo o estupro por Joe Kennedy (Christopher Ogden, *Life of The Party: The Biography of Pamela Digby Churchill Hayward Harriman*. Londres: Little, Brown & Co., 1994, p. 257).

VI Consórcio dominado pelas quatro principais empresas americanas: Standard Oil Company of California, Mobil, Exxon e Texaco.

VII Também conhecido como Nicos Konialidis. Ele se casou com a prima Merope, meia-irmã de Onassis, em 1938.

VIII “Temo que ela seja perigosa. Ela sem dúvida tem ligações com os fascistas na Europa, sobretudo na Alemanha”, confidenciou Jack Kennedy a um amigo de Palm Beach, Henry James. “Mas, quanto a ser espiã, é difícil acreditar que esteja fazendo isso, porque ela não é apenas bonita, mas calorosa, carinhosa, maravilhosa na cama. Mas você sabe, maldição (...) descobri que o filho da puta do Hoover tinha plantado um microfone embaixo do colchão!” (Citado em Nigel Hamilton, *JFK: Reckless Youth*. Nova York: Random House, 1992, p. 489.)

DOIS

ENTRA EM CENA STAVROS NIARCHOS

O que parece verdade é real o bastante para os tolos.

—PAUL CHEVALIER GAVARNI, 1801-1866

Stavros Niarchos não era do tipo que dava muita importância a lealdades de família. Quando a amante Tina Onassis — irmã mais nova de sua esposa Eugenie — contou-lhe sobre os planos do marido para criar uma frota saudita, ele enxergou uma oportunidade não apenas de sabotar o acordo, mas também de se infiltrar em Washington, onde enfrentava, como Onassis, o mesmo problema de indicição sigilosa por aquisição ilícita de petroleiros americanos excedentes da guerra.

Homem pequeno e vaidoso — cuja expressão habitual era a de alguém que lutava para não lançar olhares de desdém e cuja maneira melosa de falar soava mais como um problema de dicção do que como o tom refinado que ele almejava —, Stavros Niarchos não tinha o carisma de Onassis. Porém gozava de enorme astúcia, uma capacidade extraordinária para intrigas, bem como contatos poderosos. E, alguns dias depois de o ministro saudita das Finanças, xeque Al Suleiman, assinar o acordo que acabaria por entregar a Onassis o direito de transportar a maior parte do petróleo que deixava o reino árabe, Niarchos recorreu a um desses contatos para pedir ajuda a fim de arruinar o acordo.

Alfred Conrad Ulmer era um sulista alto e agradável cuja fala mansa e *savoir-faire* serviam para disfarçar um experiente chefe de espionagem americano. Um dos poucos oficiais do Office of Strategic Services (OSS) que nunca deixaram o serviço na inteligência mesmo depois que a organização foi desmantelada, ao fim da Segunda Guerra Mundial, Ulmer ficou encarregado de resolver questões em Viena e, portanto, estava disponível quando a Agência Central de Inteligência (CIA) foi criada, em 1947.¹ Chefe do escritório em Atenas, um dos cargos mais importantes da CIA na Europa, ele gozava, naquela época, de mais poder do que o embaixador.²

Niarchos já era considerado um dos maiores trunfos da CIA na Grécia. Fazia de tudo para ser útil a Ulmer, facilitando amizades com gregos influentes, como a rainha Frederica, a manipuladora mãe do futuro rei Constantino. Por acaso, o chefe de Ulmer — Allen Dulles, lendário líder da CIA — iniciou um caso com Frederica depois que os dois se conheceram a bordo do iate de Niarchos.

Mas o aviso de Niarchos sobre o acordo de Jidá, firmado por seu cunhado, era outra coisa — era uma informação secreta da mais alta ordem, pois estava claro que, se tivesse sucesso, Onassis romperia o domínio da Aramco (ou melhor, dos Estados Unidos) sobre as imensas reservas de petróleo da região, e uma vantagem estratégica ficaria seriamente ameaçada.

Ulmer sabia que Niarchos esperava, e sem dúvida mereceria, um generoso *quid pro quo* quando as indicições sigilosas contra ele fossem abertas em Washington. Entretanto, também sabia que a agência teria que agir com cautela. Niarchos era amante da mulher de Onassis, e Ulmer cuidava para que nem a CIA nem ele próprio fossem arrastados para o emaranhado de uma vingança entre famílias gregas. Ainda assim, ficava evidente que Onassis era profundamente ambicioso, e, como Niarchos observou, se ele fosse bem-sucedido na Arábia Saudita, o que o impediria de repetir a fórmula em outras regiões?

Era óbvio que algo precisava ser feito, e rápido. Ainda não se sabe quem teve a ideia de colocar Niarchos à frente do plano da CIA para arruinar o acordo de Jidá — um plano que logo se tornaria uma conspiração internacional envolvendo Richard Nixon, o FBI e a CIA e que evoluiria de um confronto econômico para o nível político e, finalmente, militar com Onassis. No entanto, a decisão de destruir Onassis começou, de acordo com um ex-agente da CIA que trabalhou para Ulmer em Atenas, como “um agrado pessoal de Allen Dulles para Niarchos”.³ I

“Tudo entre meu pai e Ari era pessoal. Se Ari não conseguia irritar meu pai por causa de um negócio, ele achava que dificilmente valeria a pena levá-lo adiante”, contou-me Constantine Niarchos. “Eles trocavam provocações sem parar. Não acho que o acordo de Jidá em si incomodasse tanto meu pai, mas era um grande golpe para Ari, e ele estava determinado a frustrá-lo, assim como Ari faria se estivesse em seu lugar.”⁴

Sob ordens da CIA, Niarchos contratou um ex-agente da contrainteligência do FBI, Robert Aime Maheu, que acabara de abrir sua própria agência de detetives particulares em Washington. A Maheu Company fazia parte de um arquipélago de agências de investigação montado no início dos anos 1950 pela CIA para contornar as restrições a operações internas, impostas por sua carta de direitos. Apoiada por uma comissão mensal de 500 dólares da agência⁵ — o equivalente ao salário de um funcionário da CIA de nível médio na época —, a empresa lidava com missões que eram “sujas demais ou delicadas demais”⁶ para que a CIA se envolvesse diretamente.

Niarchos enviou seu advogado em Londres, L.E.P. Taylor, para passar informações a Maheu no escritório que este dividia na rua 15, N.W., com outro ex-agente do FBI, um contador forense chamado Carmine Bellino. Taylor disse a Maheu que Niarchos queria que ele acabasse com o contrato de Onassis com os sauditas e garantisse que nenhum petróleo fosse enviado por meio do acordo de Jidá.

Argumentou que seu cliente queria apenas proteger os interesses do Ocidente no Oriente Médio e manter o *status quo* da região. Maheu sabia que aquilo era uma piada, mas se manteve sério. “Não precisava ser Einstein para entender que aquele era um caso de dois sujeitos que se odiavam, que cortariam a garganta um do outro para ganhar 1 dólar”, revelou-me Maheu durante um almoço no verão de 1996.⁷

Entretanto, a ameaça que o acordo de Jidá representava à estabilidade da política no Oriente Médio era uma realidade. “Em apenas um ano”, contou Maheu com sua voz vagarosa e enfática, com aspereza granítica que denunciava suas origens proletárias no Maine, “Onassis teria controlado mais tonelagem do que todas as nações aliadas controlaram durante o ano mais difícil da guerra da Coreia; superaria o tipo de poder que Saddam Hussein teria conquistado caso houvesse vencido a Guerra do Golfo.”⁸

Insistindo até hoje que não sabia que Niarchos lhe fora enviado por seus patrões da CIA, Maheu tranquilizou o mensageiro com solenidade: “Você veio ao homem certo.”

* * *

Nesse meio-tempo, em Londres, Niarchos também contratara Alan Campbell-Johnson para levantar o assunto no Parlamento, onde acreditava que sua antipatia por Onassis encontraria eco político. Assistente de lorde Louis Mountbatten, titular supremo do Comando do Sudeste Asiático durante a guerra, e seu assessor de imprensa quando o nobre ocupou o posto de vice-rei da Índia nos últimos anos do jugo britânico, Campbell-Johnson se envolvera nos bastidores da política da partição e independência da Índia. Aquilo era brincadeira de criança em comparação.

“Dei trabalho para os mexeriqueiros em Westminster, consegui que as perguntas fossem feitas na Câmara. Sabia que aquilo era basicamente uma luta entre dois gregos gananciosos que queriam

derrubar um ao outro. Eles tinham um relacionamento primitivo: paixão, ódio, ciúme, inveja, tudo isso. Embora eu considerasse importante conter Onassis por questões políticas bem consistentes, sabia que no cerne de minha missão estava essa terrível briga de família que complicava tudo”, revelou-me Campbell-Johnson.

Enquanto isso, em Washington, Maheu contactara Richard Nixon.

A manobra para envolver o vice-presidente americano, figura importante no Conselho de Segurança Nacional, foi brilhante por dois motivos. Primeiro, uma função importante de Nixon era levantar fundos de campanha para o Partido Republicano, e o acordo Onassis-saudita teria incomodado as prósperas empresas de petróleo ainda mais do que irritou Niarchos. Segundo, Nixon era tão próximo do secretário de Estado, John Foster Dulles, quanto do irmão mais novo deste, Allen Dulles.⁹ Através de Nixon, portanto, Maheu lançou seus anzóis nos mais altos escalões do Departamento de Estado e da CIA — embora a agência, é claro, estivesse envolvida desde o momento em que Ulmer disse a Niarchos para contratá-lo.

Quando o rei saudita insinuou que ratificaria o acordo apesar dos protestos americanos, o embaixador dos Estados Unidos, George Wadsworth, enviou um telegrama a Washington: “Falta obviamente aos altos círculos saudita experiência para avaliar de fato questões de princípios envolvidas, e em suas astutas mentes de comerciantes ocorre que, se o estrangeiro grita, é porque é prejudicado financeiramente e eles ganham na medida correspondente.”¹⁰

Entretanto, o papel de vilão cabia a Onassis. “Acreditamos se tratar do caso de um grego esperto que promete mundos e fundos ao governo saudita (...) Onassis tem, aparentemente, grandes planos para monopolizar o setor petrolífero, repetindo a mesma jogada no Kuwait, no Irã e no Iraque”, informou Allen Dulles ao irmão secretário de Estado.¹¹

Contudo, enquanto o chefe da CIA intensificava a campanha de truques sujos contra Onassis e seu irmão aumentava a pressão diplomática sobre o rei, Nixon estudava uma maneira mais rápida de

se livrar do problema. Onassis era o problema, disse ele a Maheu, em um sussurro furioso, quando os dois voltaram a se reunir no Capitólio, algumas semanas depois do primeiro encontro, para analisar a situação. A voz do vice-presidente era tão baixa, suas frases tão obscuras e inacabadas, que Maheu muitas vezes não conseguia entender o que lhe era dito.¹² Só sabia que o vice-presidente estava falando sobre Onassis — e que “o assunto deixava o sr. Nixon muito descontente”.¹³

Mas, quando Maheu estava prestes a ir embora, Nixon deixou a cautela de lado: “E lembre-se”, disse ele, agarrando-lhe a mão, sua voz subitamente incisiva e clara, com olhos transbordantes de maldade, “se acontecer de termos que matar o canalha, só não faça isso em solo americano.”¹⁴

* * *

Nesse meio-tempo, o Departamento de Justiça havia detido mais de uma dúzia de navios de Onassis e retido suas cargas. Mais convencido do que nunca de que Bobby Kennedy estava na raiz de todos os seus problemas, Onassis contou para o jornalista australiano Sam White, seu velho companheiro de copo em Paris: “Kennedy aumentou a pressão quando todos queriam esquecer a porra do negócio [dos T2]. Ele odeia meus cornos e eu odiaria os dele se o merdinha tivesse algum.”¹⁵

A notícia da apreensão de seu primeiro navio por autoridades americanas chegou enquanto Onassis jantava em seu apartamento na avenue Foch, em Paris, com Costa Gratsos e um grupo de amigos. Ele se levantou, serviu-se de uma grande dose de uísque, foi até a janela e olhou para fora, seus ombros arqueados, oscilando suavemente sobre um pé e o outro, em uma postura familiar que lembrou a Randolph Churchill “um peso-galo observando para onde seu adversário vai se mover”. Gratsos sabia que não era a ansiedade

que o inquietava. Era a raiva, e não a ansiedade, que energizava Onassis. O acordo saudita ainda precisava ser ratificado pelo rei, e a última coisa que Onassis queria era uma briga pública com os Estados Unidos. Quanto mais sua agonia aumentava, mais ele culpava Bobby Kennedy.

Embora parecesse não haver nada ligando Bobby Kennedy à apreensão de petroleiros — exceto a paranoia de Onassis —, havia sinais bem visíveis de um vínculo com um dos Kennedy. Sócio de Maheu, Carmine Bellino foi contador pessoal de Joseph Kennedy e investigador particular antes de Bobby recrutá-lo para ajudar a descobrir quem eram os proprietários dos navios gregos envolvidos no “comércio de sangue” com a China Vermelha. Foi também o primeiro homem contratado por Bobby quando este se tornou promotor-chefe da Senate Rackets Committee (Comissão do Senado para Fraudes) em 1957.^{II} “Com livros de contabilidade e cheques sustados espalhados diante de si, (Bellino) conseguia rastrear as transações financeiras mais cuidadosamente disfarçadas”, revelou Arthur Schlesinger, amigo da família Kennedy e biógrafo de Bobby.¹⁶

Embora ainda não tivesse como provar, Onassis continuava a insistir que Bobby agia para detê-lo. Ele voltou a procurar Johnny Meyer. Homem que explorara os limites do suborno em Washington e que fora uma testemunha importante na investigação do Senado sobre corrupção no governo, Meyer sabia como as coisas funcionavam ali.

“Ari disse: ‘Johnny, sei que Bobby Kennedy quer me destruir. Só quero que você prove isso’”, contou Meyer mais tarde a Brian Wells. Dessa vez, talvez por suspeitar que havia algum fundamento na obsessão de Onassis com as atitudes hostis de Kennedy, Meyer concordou em dar “uma olhadinha” em Bobby.¹⁷

Algumas semanas depois de Meyer iniciar as investigações, a CIA ordenou a Maheu que pusesse fim em sua sociedade com o fiel companheiro de Kennedy Carmine Bellino.

“Por causa de Bobby, a CIA me disse que, se eu quisesse trabalhar com a agência, teria que me afastar de Carmine e de qualquer possível ligação com Kennedy”, relatou Maheu mais tarde, ao explicar o motivo que o forçara a se livrar do sócio logo depois de receber a missão lucrativa de sabotar o acordo saudita de Onassis.¹⁸

Ele sabia que havia uma profunda rivalidade entre os Kennedy e a CIA desde a época em que Bobby trabalhara para Joe McCarthy, que, nas palavras do próprio Maheu, corraera atrás do Departamento de Estado como “um cão atrás de um osso. O secretário de Estado era John Foster Dulles. A CIA era comandada por seu irmão Allen. Como muita coisa na política, a posição ideológica da agência era construída sobre uma base bastante pessoal”.¹⁹

Podia ser verdade até certo ponto, e Robert Maheu talvez ainda acreditasse nisso, mas o inglês Campbell-Johnson suspeitou que havia um motivo mais forte para Maheu ter recebido ordens de se separar de Carmine Bellino depois que Meyer começou a fuxicar em Washington.

“A conspiração contra Onassis foi uma combinação muito estranha de interesses, e talvez a verdade nunca seja esclarecida por completo”, ponderou Campbell-Johnson para mim em Londres, no final de uma tarde de fevereiro de 1997.²⁰ “Na minha opinião a CIA fez Maheu se livrar de Bellino não para acabar com a ligação com Bobby Kennedy, mas para *estabelecer* uma — para convencer Onassis, quando Johnny Meyer descobrisse a conexão, como quase certamente ele faria, de que Bobby *estava* comandando o espetáculo.”

Compreendi como a mente tortuosa de Onassis chegaria a essa conclusão. Mas por que a CIA queria envolver Bobby Kennedy? Por que fez esforços tão elaborados para convencer Onassis de que Kennedy era, na retórica imperial de Campbell-Johnson, “o indivíduo misterioso que alimentava a fogueira”? Por que chegariam a tanto?

Campbell-Johnson esteve no centro da conspiração para destruir o acordo de Jidá e talvez o próprio Onassis. Não estou nem um

pouco seguro de que ele também não tivesse ligações com a inteligência britânica. Suas opiniões sobre o objetivo da CIA não podem ser desconsideradas de forma leviana.

Imagine, disse-me ele naquela tarde de fevereiro durante o almoço, como deve ter sido estar na posição de Allen Dulles naquele momento? Se a ideia de Onassis sobre Bobby Kennedy não fosse logo confirmada, sua suspeita poderia recair sobre o cunhado, Stavros Niarchos.

“Não acho que Dulles desse a mínima para a possibilidade de Onassis descobrir que o cunhado estava envolvido na trama para destruir o acordo de Jidá. Nem se tratava de uma questão de proteger um trunfo da CIA, embora Stavros estivesse, sem dúvida, nessa posição”, afirmou Campbell-Johnson. A preocupação de Dulles seria com a própria segurança, sugeriu ele, pois o chefe da CIA começara a ter um caso com a rainha Frederica, da Grécia, iniciado depois que Niarchos fizera as apresentações a bordo de seu iate. Que utilidade essa informação secreta teria para Onassis! Portanto, de forma muito compreensível, a última coisa que Dulles queria era que Onassis começasse a bisbilhotar os assuntos de Niarchos ainda mais do que já fazia.

Bobby era a isca perfeita. E a ironia era que a CIA o odiava, assim como odiava todos os Kennedy, tanto quanto Onassis. “É claro que não posso provar que foi Dulles quem jogou Bobby para cima de Onassis, embora eu sempre tenha acreditado que essa fosse a verdade”, declarou Campbell-Johnson.

* * *

Nesse meio-tempo, Costa Gratsos convencera Onassis de que Bobby podia esperar. Primeiro, ele deveria enfrentar o procurador-geral Herbert Brownell, ex-advogado de Onassis, cuja assistência seis anos antes lhe permitira contornar a lei e adquirir os petroleiros que haviam sobrado da guerra. Ele argumentou que Brownell não podia

estar se sentindo muito à vontade diante da perspectiva de ser interrogado no tribunal sobre sua atitude em relação à lei antes de se tornar procurador-geral. “Vamos descobrir o que exatamente consta nessas acusações sigilosas, porque, seja lá o que for que Brownell sabe sobre você, sem dúvida você sabe um bocado sobre ele”, disse-lhe Gratsos. Se voltasse para os Estados Unidos naquele momento, Onassis teria uma pequena vantagem: “O Departamento de Justiça não estará esperando você e Brownell não vai querer você”, afirmou o amigo.²¹

Em 1º de fevereiro de 1954, Onassis foi para os Estados Unidos e aguardou ser preso. Contudo, em 4 de fevereiro, ainda estava livre, e sua paciência havia se esgotado. Se estava indiciado, por que não tinha sido preso? Ele enviou um telegrama a Brownell:

Honorável Herbert A. Brownell Jr. Procurador-Geral do Departamento de Justiça dos Estados Unidos Washington Desejo informá-lo de que tendo chegado da Europa segunda-feira à noite ponho-me à sua disposição durante minha visita a este país para qualquer informação que seja do interesse do senhor ou de seu departamento — Onassis.²²

No dia seguinte, sexta-feira, 5 de fevereiro, ele foi preso enquanto almoçava no Colony, em Nova York, e acusado de formação de quadrilha para defraudar o governo americano. Depois de ser fichado e fotografado, foi posto por um breve período numa cela com assaltantes, garotos de programa e um grupo de portorriquenhos acusados de atirar no Congresso.

* * *

Os problemas de Onassis continuaram a aumentar.

Uma carta escrita por J. Edgar Hoover doze anos antes apareceu no *New York Daily News* alegando que Onassis havia “manifestado sentimentos hostis pelo esforço de guerra dos Estados Unidos e que

suas atividades e movimentos enquanto estivesse no país deveriam ser examinados cuidadosamente”.

Spyridon Catapodis, intermediário de Onassis no acordo de Jidá, abriu um processo em um tribunal criminal acusando-o de, “por meio de diversas manobras desonestas” — inclusive assinar documentos com tinta invisível! —, fraudá-lo em 200 mil dólares. Em um depoimento juramentado de dezesseis páginas, prestado no consulado britânico em Nice, ele também revelou detalhes do suborno que Onassis pagara a assessores no palácio, incluindo 350 mil dólares a Al Suleiman, ministro das Finanças.²³

Mas subornos são corriqueiros em reinos desérticos, e foi o tom, não os detalhes do depoimento, que preocupou Onassis, retratado como alguém que não hesitaria em trair os sauditas se os americanos aparecessem com “uma grande quantia de dinheiro ou alguma outra concessão valiosa” que fizesse valer a pena romper o contrato.²⁴

Talvez Catapodis estivesse assustado com as repercussões políticas, conforme alegou; talvez tivesse incitado Onassis a não mexer com a Aramco, como também alegou; e talvez Onassis de fato tivesse lhe dito que pretendia se tornar “o homem mais rico e poderoso do mundo”, sem se importar com quem fosse prejudicado no processo. E talvez Robert Maheu tivesse acreditado em cada palavra dele quando, anonimamente, enviou cópias das afirmações de Catapodis a empresários do petróleo, políticos e armadores rivais, “para incentivar os boatos e manter Onassis imaginando de onde viria o próximo golpe”.²⁵

Logo ficou claro que Onassis lutava pela sobrevivência. Um número cada vez maior de seus petroleiros tinha ido para os diques enquanto empresas de petróleo cancelavam contratos regulares; acusados de violar as águas territoriais do Peru, nove de seus baleeiros foram confiscados pela Marinha peruana; e seu barco-fábrica recebeu uma saraivada de tiros de metralhadora.

Embora soubesse que a decisão da Aramco de boicotar a proposta de uma frota de petroleiros de Onassis com os sauditas poderia resultar na nacionalização de todo o setor por parte dos sauditas, Foster Dulles disse ao rei Saud que os Estados Unidos apoiariam totalmente as companhias de petróleo em qualquer disputa. Dulles aconselhou o monarca a ter em mente o que acontecera com o primeiro-ministro Mossadek — derrubado com a ajuda da CIA em um golpe em favor do jovem xá Mohammad Reza Pahlevi — quando ele jogara a carta da nacionalização no Irã.²⁶

Em outubro, o rei voltou atrás. O sonho de Onassis de criar uma superfrota com os sauditas havia acabado. O fim do acordo de Jidá confirmou aquilo em que Onassis sempre acreditara: nos Estados Unidos, tudo está conectado — e ele estava mais convencido do que nunca de que Bobby Kennedy representava um inimigo poderoso.

* * *

Na noite de ano-novo, Onassis ofereceu um jantar no Hotel de Paris. Aquele tinha sido um ano estimulante, disse ele aos convidados. “Meu erro”, afirmou sobre a desventura em Jidá, “foi ter acordado cedo demais e incomodado aqueles que ainda dormiam, e, por consequência, entrei na maior confusão de minha vida.”²⁷

Mas ele enfrentara o Departamento de Estado dos Estados Unidos, a CIA, Richard Nixon, J. Edgar Hoover e o FBI, os gigantes americanos do petróleo, Stavros Niarchos, os irmãos Dulles e — estava mais convencido do que nunca — Bobby Kennedy. E quase derrotara todos, acrescentou, triunfante. Era hora de seguir adiante. Enquanto sua mente estivera no acordo saudita, os planos para Monte Carlo mal haviam sido mencionados. Agora ele estava determinado a transformar aquela “pobre cidade em algo muito saboroso”.²⁸

Poucos perceberam que, ao se vangloriar, ele escondia o fato de que estava em má situação financeira (Niarchos dizia a amigos que Onassis estava chegando aos últimos 5 milhões de dólares) e enfrentava a perspectiva sombria de comemorar seu aniversário seguinte falido.²⁹

I Ulmer provou ser uma resoluta fonte de informações sobre as tensões entre Niarchos e Onassis. Na primavera de 1995, visitei-o em Washington. O ex-chefe do escritório da CIA em Atenas tinha então 79 anos; sofrera um grave derrame e fazia um tratamento intensivo de reabilitação física e da fala em uma casa de repouso em Bethesda. Apesar da gravidade de sua condição, o velho espião dissera a seu filho, Alfred Conrad Ulmer, III, que queria falar comigo. “Não sei quanto você conseguirá entender, mas ele parece determinado a falar com você”, disse-me, enquanto seguíamos de carro para a casa de repouso no condado de Montgomery. Sem conseguir escrever e capaz de se exprimir apenas por monossílabos, Ulmer estava frustrado e irritado. Foi com um tremendo esforço de sua parte e uma intensa concentração e paciência da minha que conseguimos trocar algumas histórias sobre Onassis e Niarchos. (Profissional experiente, ele insistiu para que parte da entrevista fosse realizada sob as regras “de procedência”, o que significava que eu podia usar o material, mas sem identificar a fonte. Respeitei o acordo.) Ainda tenho gravada em minha mente a imagem do velho guerreiro sentado numa cadeira de rodas sobre o gramado bem cuidado de Washington, ao sol claro de maio, permutando histórias, pressionando por mais informações e se recusando a desistir.

II Formalmente conhecida como Senate Select Committee on Improper Activities in the Labor or Management Field (Comissão do Senado para Atividades Impróprias no Campo do Trabalho ou Gerenciamento), foi criada em janeiro de 1957 para investigar Jimmy Hoffa, o líder do Teamsters Union, sindicato de caminhoneiros, e fraudes trabalhistas.

TRÊS

“MIL VEZES UMA PROSTITUTA HONESTA”

A não ser pelo príncipe de Mônaco, que os franceses consideram uma pessoa inconsequente cujo único interesse de fato está em manter uma fonte confiável de recursos para seus prazeres, Onassis pode agora ser considerado o verdadeiro governante de Mônaco.

—J. EDGAR HOOVER ¹

Não foi um verão fácil para Onassis, e Mônaco ainda lhe oferecia a melhor chance de reconstruir sua fortuna. Se o príncipe Rainier morresse sem deixar um herdeiro masculino direto para sucedê-lo, de acordo com o Tratado de Proteção o principado ficaria diretamente sob domínio francês — além disso, acataria as indesejadas exigências fiscais francesas. Com um jovem saudável de 33 anos no trono, isso não deveria ser um problema para seu povo.

Entretanto, um recente escândalo bancário, que lançara sobre o principado a ameaça de falência,^I voltara a chamar a atenção do povo para a dimensão da vulnerabilidade do Estado em relação aos caprichos do destino, bem como à opinião dos príncipes.

Onassis se preocupava muito com isso, mas achava quase impossível discutir racionalmente com o príncipe. A relação entre eles era complicada não apenas por seus egos enormes como também pelo que parecia ser uma inversão extraordinária da expectativa que se tinha quanto ao desempenho de seus papéis: o príncipe queria transformar Monte Carlo em uma espécie de Las

Vegas; já Onassis queria recuperar a glória perdida do principado para criar um santuário para os ricos.

Onassis não tinha muita paciência para o lado cassino do investimento. Na verdade, considerava “esse tipo de aposta” imoral, como dissera a Rainier logo depois de assumir o controle da SBM. “Não preciso que o senhor me diga o que é moral ou imoral, sr. Onassis”, respondeu Rainier, com arrogância, ao que Onassis reagiu de forma áspera: “Se é para ser uma mulher de má reputação sem ganhar dinheiro com isso, é melhor ser honesta.”

Os dois se ressentiam com a maneira como a imprensa de bom grado atiçava as suas menores desavenças, e ambos tentavam deixar um ao outro em paz tanto quanto podiam. E, portanto, foi o capelão americano de Rainier que Onassis procurou para discutir a crise da hereditariedade.

O Reverendíssimo Francis Tucker, um homem mordaz de 63 anos que à tarde relaxava na praia com uma roupa de banho preta-clerical e preparava martinis com a mesma altivez com que fazia suas preces matinais, não se esforçava muito em disfarçar a antipatia por Onassis, a quem considerava um “usurpador, ansioso para fincar a bandeira panamenha no alto do palácio”.²

Os dois se encontraram a bordo do iate de Onassis. Com um copo de uísque escocês bem firme na mão, Tucker escutou suas preocupações. O humor do clérigo melhorou quando Onassis sugeriu que o “valor simbólico” de Rainier “aumentaria incrivelmente” se ele tivesse uma bela princesa com a qual pudesse compartilhar os pesados encargos de sua condição.³

Onassis sabia que Tucker exercia mais do que uma influência pastoral na corte: pelo menos uma amante real saíra de cena depois que ele havia dificultado o caminho. “Sugeri que ele procurasse em seu próprio país: seria romântico e visionário ter uma princesa americana — da maneira como os americanos gostam de seus sonhos. Pensei talvez em Marilyn Monroe”, recordaria Onassis.⁴

Até mesmo um homem com bem menos experiência nas complexidades de uma vida na corte do que um padre educado no Vaticano teria se mantido longe daquela ideia. Mas religião, dinheiro e política levam a estranhas alianças, e Onassis tinha certeza de que Tucker lhe dera um tácito sinal de aprovação para explorar a possibilidade com a estrela cujo casamento com Joe DiMaggio, lendário herói do beisebol americano, acabara de terminar.

Onassis telefonou para Spyros Skouras, a quem conhecia desde os anos 1940, quando este era presidente do Fundo Grego de Ajuda à Guerra, na Califórnia. Padrinho de Marilyn em Hollywood e seu amante ocasional, ele agora comandava o estúdio da atriz, a 20th Century Fox. Mas Skouras aconselhou Onassis a abandonar a ideia. Monroe era uma roubada, advertiu. Ela estava morando com o dramaturgo Arthur Miller e tendo um caso com um senador rico e jovem chamado Jack Kennedy, que pulava de cama em cama entre aspirantes de Hollywood. Onassis recordava ter ouvido dele: "Marilyn é uma garota maravilhosa, uma doçura, mas não é nenhuma princesa." Além disso, Mônaco era menor do que a área para filmagens de externas da Fox. "Marilyn vai querer um palco maior do que esse, pelo amor de Deus."⁵

A ideia de Onassis parece risível pensando agora e, para muitos, foi hilária mesmo na época. Entretanto, ele ligou para Georges Schlee, amante de Greta Garbo e articulador social russo, que marcou um encontro com Marilyn através de Gardner ("Mike") Cowles Jr., editor da revista *Look* e vizinho da atriz em Connecticut.

O papel de princesa agradou imensamente a Marilyn, embora ela não soubesse muito bem quem era Rainier. "Ele é rico? É bonito?", perguntou a atriz. Cowles achava que ela nem sabia onde ficava Mônaco. "Acha que o príncipe vai querer se casar com você?", perguntou ele com cautela. "Dê-me dois dias a sós com ele", respondeu ela, com a tranquilidade de uma estrela que sabe que seu nome sempre aparecerá acima do título, "e é claro que ele vai querer se casar comigo."⁶

Porém a alegria de Onassis durou pouco. Mal Schlee lhe deu a boa notícia, Rainier surgiu com sua própria surpresa: planejava se casar com Grace Kelly. O casal se conhecera em 1954, quando Grace participava do Festival de Cinema de Cannes. A revista *Paris Match* marcou uma sessão de fotos em que a atriz apareceria visitando o palácio e sendo apresentada aos jardins reais e ao zoológico particular na companhia do príncipe. Grace Kelly era uma aposta muito mais segura para o papel de princesa: a completa antítese de Marilyn, parecia ter saído diretamente das páginas do *Social Register* da Filadélfia, embora “a estupenda ascensão social da família”⁷ não a tivesse levado tão longe. Seu pai, John B. (“Jack”) Kelly — filho de um lavrador do condado de Mayo (na Irlanda) que fizera fortuna no mercado imobiliário americano e gerara uma família grande e turbulenta —, assemelhava-se de forma estranha a Joe Kennedy aos olhos de Onassis, que começava a se sentir atormentado pelos “malditos irlandeses novos-ricos e suas proles”.⁸

Entretanto, foi com uma satisfação digna de um proprietário que Onassis observou o navio de cruzeiro americano *Constitution* aportar em Mônaco em uma manhã de abril, em 1956, enquanto a banda da família real tocava “Love and Marriage” junto ao cais e seu hidroavião lançava sobre o porto uma chuva de cravos vermelhos e brancos. Aquilo tudo parecia tornar a vida de Onassis mais promissora, porque, embora o casamento fosse tão real quanto um conto de fadas, eram os contos de fadas que permitiam que cidades como Monte Carlo prosperassem.

Mas, quase ao mesmo tempo, outro casamento — que afetaria o curso da vida de Onassis de maneira ainda mais significativa — se desfazia nos Estados Unidos.

* * *

Jacqueline Lee Bouvier conhecia a fama de Jack Kennedy nos mínimos detalhes e sempre soubera o que esperar de um homem

doze anos mais velho, que não tivera interesse algum em se casar até o estado civil começar a atrapalhar suas ambições políticas. Como ela observara em tom reflexivo, na véspera de seu casamento, três anos antes, ainda muito jovem: “Não acho que haja muitos homens fiéis às esposas. Os homens são uma combinação de bem e mal.”⁹

Se sua aceitação do tipo de vida de casada que lhe esperava parecia um tanto casual é porque havia uma compensação reconfortante: seguindo escrupulosamente o conselho de sua mãe, ela estava se casando por dinheiro.

Isso não queria dizer que não amasse o marido, porque amava, ou que não tivesse uma noção da própria identidade, porque tinha também. Porém, determinada a ter uma vida plena e glamourosa, Jackie encontrara um homem que seu pai poderia ter escolhido para ela.

E John V. Bouvier III, um devasso corretor da bolsa de Nova York, era a figura-chave da vida de Jackie: “Black Jack”, como era chamado pelos conhecidos de Wall Street, ficou famoso tanto por sua pele morena quanto por seus obscuros poderes de sedução.

Black Jack não voltou a casar após se divorciar da mãe de Jackie, Janet Lee. Tinha sido um casamento difícil desde o começo, com pouco amor, pouca compreensão e, por fim, pouco dinheiro também: ele transformou uma herança de 750 mil dólares num espólio de 100 mil ao fim de uma vida de negócios malsucedidos. Como pai divorciado, ele dominara e mimara Jackie e sua irmã mais nova, Lee, bem além de seus recursos cada vez mais reduzidos. Por consequência, embora tenham crescido com a firme crença da mãe em casamentos por dinheiro (a própria Janet se casaria com Hugh Dudley Auchincloss, milionário da Standard Oil), as duas meninas também continuaram a sentir atração por homens que tinham algo do chauvinismo de Black Jack: mais velhos, com estilo, charme sedutor, perigosas falhas de caráter — e nenhuma pretensão à fidelidade.

E assim, depois de conseguir tudo que acreditava precisar em um casamento — dinheiro, status e a cintilante carapaça de glamour social —, Jackie quis ficar no escuro. O conhecimento era sua maior ameaça; quanto menos soubesse, mais suavemente ela achava que o casamento se desenrolaria. Mas, em 1956, estava mais difícil sustentar sua cegueira deliberada às infidelidades de Jack. Aqueles que a conheciam bem percebiam que, por trás da aparência impassível, ela se irritava com a exigência de se comportar como se tudo estivesse bem em seu casamento. Truman Capote, um convidado frequente em seu apartamento em Nova York nos primeiros tempos de casada, disse: “Ela era doce, ávida, inteligente, não muito segura de si, e estava magoada — magoada porque sabia que Jack estava comendo todas aquelas outras garotas.”¹⁰

Jackie já pensava em divórcio quando acompanhou Jack naquele mês de janeiro à Califórnia, onde ele discutiria a narração de um curta-metragem sobre a história do Partido Democrata. O filme seria exibido na abertura da convenção nacional em agosto em Chicago.¹¹ Charles Feldman ofereceu uma pequena recepção para os dois em sua casa.

Um dos mais poderosos agentes e produtores de Hollywood, Feldman vinha apresentando Jack a atrizes havia pelo menos dois anos e sabia que o casamento do jovem senador em ascensão de Massachusetts não eliminara seu gosto pelos prazeres de Hollywood.¹² Porém, naquela ocasião, seria a jovem e bela esposa do senador que Feldman apresentaria a um astro do cinema.

“Bill é republicano, mas não pense que é má pessoa”, disse-lhe ao levá-la para conhecer William Holden. “Por que eu acharia isso?”, retrucou ela, conforme ele recordaria mais tarde. “Fui republicana a minha vida inteira.”¹³

Holden era um dos maiores astros de Hollywood. Casado com a mesma mulher havia quinze anos, pai de dois meninos, envolvido em boas causas e atividades cívicas, era também um dos cidadãos mais respeitados da capital do cinema. No entanto, havia um lado

mais obscuro por trás de sua imagem pública. Em segredo um beberrão e um discreto mulherengo, aos 37 anos, com a testa já marcada por rugas de tensão, ele bem que poderia ter lembrado a Jackie seu pai.

“O negócio do adultério”, diria ele mais tarde a um amigo, “é que nunca se deve se envolver com uma mulher com menos a perder do que você.” Seguir regras tão rígidas provavelmente o ajudou a se manter acima de suspeitas e livre de problemas por muito tempo.

Jackie, a irrepreensível esposa de um senador jovem e rico indicado para o mais alto dos cargos, e cuja discrição era tão absoluta quanto a dele, encaixava-se perfeitamente em tais regras. E na casa de Charlie Feldman, em Coldwater Canyon, Beverly Hills, eles iniciaram um caso que, de acordo com Gore Vidal (um parente longínquo de Jackie, pelo casamento), foi essencialmente “motivado pelo desejo de se vingar de Jack”.¹⁴

Jackie deve ter adorado a sensação sublime de simetria naquele que foi seu primeiro caso extraconjugal: estava dormindo com Holden na mesma cama em que seu marido fizera amor com Marilyn Monroe (assim como outras tantas).¹⁵

Era uma questão de tempo até que esse romance acontecesse. Poucos homens eram tão imbuídos de valores masculinos e demonstrações de machismo quanto Jack Kennedy. Durante três anos, Jackie permanecera quieta, sabendo que ele estava, nas palavras de Truman Capote, “comendo todas aquelas outras garotas”. Por quanto tempo ela poderia continuar fazendo vista grossa? As histórias sobre o gosto de Jack por sexo grupal, sobre como ele adorava observar duas mulheres transando e sobre seu desempenho medíocre em encontros a dois eram conhecidas entre os amigos do casal, o que ela considerava humilhante.¹⁶

Jackie sabia até que ele havia falado para outras mulheres sobre como ela era e do que gostava na cama e como ele adorava incentivar sua tendência exibicionista. (Capote contou a amigos que Jackie o convidava a entrar em seu quarto quando se vestia para

sair à noite com Jack. Quando a indiscrição de Capote chegou aos ouvidos dela, a longa amizade dos dois acabou.)¹⁷ Betty Spalding, esposa de um dos amigos mais próximos de Kennedy, manifestou horror com as intimidades que Jack lhe confiava.¹⁸

Teriam sido esses pensamentos que levaram Jackie a contar ao marido sobre seu breve caso com Bill Holden poucos dias depois de deixarem Hollywood? Foi o que Onassis disse, mais tarde, a amigos, e acontecimentos subsequentes parecem confirmar isso.

Embora seja fácil atribuir sua confissão à pressão de sua consciência católica, também é possível que tenha sido uma ação mais premeditada do que um simples conflito de princípios religiosos. Pois ela sabia que Jack se excitava com aventuras sexuais de mulheres. Mulheres que haviam dormido com homens poderosos sempre o excitavam. Jackie teria contado a Onassis mais tarde que ele não conseguia ficar sem ter uma ereção se estivesse no mesmo aposento com uma mulher com um passado de aventuras. E sem dúvida foi isso que atraiu Kennedy a Judith Campbell (mais tarde, sra. Exner) — depois de um caso com Frank Sinatra, ela foi amante de Momo Salvatore (Sam) Giancana, um gângster de Chicago.

Mas, se a decisão de Jackie de pôr as cartas na mesa e contar sobre seu caso com Holden foi uma manobra desesperada para renovar o interesse do marido por ela — recriar-se como o tipo de mulher que ele achava irresistível —, esse foi um gesto ao mesmo tempo compreensível e tragicamente imprudente. Não é possível saber ao certo se o adultério exerceu o efeito desejado sobre a libido de seu marido, mas, se isso aconteceu, é provável que tenha durado pouco. Pois, não muito tempo depois de voltar da Califórnia, ela descobriu que estava grávida.

Tão incerta sobre quem era o pai da criança que carregava quanto Kennedy estava convencido de que não era ele, só havia duas opções diante dela, ambas igualmente difíceis de contemplar.

* * *

Em agosto, embora estivesse com quase oito meses de gravidez, e apesar de uma onda de calor particularmente forte em Chicago, Jackie concordou em acompanhar o marido à convenção do Partido Democrata. Apesar da demonstração de lealdade — quer por sentimento de culpa ou com o objetivo de fazer uma apresentação final como sra. John F. Kennedy —, Jack ainda não a perdoara por conta da criança em seu ventre.

Logo após a convenção, decepcionado por não ter conquistado a posição de vice na chapa de Adlai Stevenson (o senador Estes Kefauver, do Tennessee, foi o escolhido), ele voou de volta a Nova York com Jackie e a deixou com a mãe e o padrasto em Hammersmith Farm, a propriedade rural de Auchincloss em Newport. Enquanto isso, foi se encontrar com George Smathers, seu amigo mais próximo no Capitólio, para uma viagem de iate pelo Mediterrâneo.

Ninguém poderia ter ignorado que havia algo de muito errado entre os Kennedy. Contudo, mesmo com o casamento em crise, os amigos de Jack, entre eles o próprio Smathers, ficaram chocados com sua decisão de ir para a Europa no momento em que sua esposa (que já tinha sofrido um aborto) estava prestes a ter seu primeiro filho. “Agora que ela precisava dele, ele parecia abandoná-la”, admitiria Smathers mais tarde.¹⁹

De acordo com um relato, o cruzeiro logo se transformou em uma bacanal; houve quem chamasse o iate de bordel flutuante. Entre as mulheres que embarcaram em Nice estava “uma loura estonteante, porém não particularmente inteligente, que parecia não ter um nome, mas que se referia a si mesma na terceira pessoa como Pooh”.²⁰ E Jack estava tão encantado com Pooh que decidiu não deixá-la nem quando chegou ao iate a informação de que Jackie passara por uma cesariana de emergência e dera à luz uma filha natimorta.

É claro que tudo era mais complicado do que isso. Embora a raiva de Jack em relação à infidelidade da mulher fosse avassaladora, seu

orgulho masculino era ainda mais forte. Sem querer admitir a ninguém a suspeita de que o bebê poderia não ser seu, ele disse a Smathers: "Se eu voltar para lá, que diabo vou fazer? Vou ficar lá sentado torcendo as mãos."²¹

Todos os seus amigos sabiam que, em se tratando de sexo, ele era mesmo capaz das atitudes mais incrivelmente egoístas. Mas aquela indiferença brutal para com os sentimentos de sua jovem esposa, depois da perda traumática de um bebê quase no fim da gestação, chocou até mesmo os que havia muito tempo tinham deixado de se surpreender com sua depravação. Do ponto de vista político, era uma inexplicável falta de bom senso. Smathers demorou três dias para convencer Jack a voltar para os Estados Unidos: "Se você quer concorrer à presidência, é melhor voltar correndo para a cabeceira de sua esposa, ou então todas as esposas do país vão ficar contra você", alertou.²²

Kennedy voltou aos Estados Unidos no dia seguinte.

No entanto, quando deixou o hospital, Jackie foi para a propriedade rural de Auchincloss, em vez de ir para casa. Arrasada, ela não conseguiria suportar a visão do quarto que arrumara para o bebê em Hickory Hill, sua mansão georgiana junto ao rio Potomac, no lado da Virgínia, segundo contou para amigos. "Os dois estavam amargurados", lembrou Lem Billings, um amigo próximo dos Kennedy, "desiludidos, retraídos, quietos, como se temessem que uma conversa aprofundasse a ferida."²³

Apenas as duas famílias sabiam quanto o casal estava próximo do divórcio. Edie Bouvier Beale, prima de Jackie, afirmou mais tarde: "Minha pobre prima, que queria se divorciar, não pôde fazê-lo porque o sr. [Joe] Kennedy disse que eles tinham que entrar na Casa Branca. A coisa toda foi absolutamente terrível."²⁴

Em novembro, Jackie voou para Londres para ficar com a irmã, Lee, cujo casamento com Michael Canfield estava em uma situação ainda mais infeliz e precária. Filho adotivo e bonitão do *publisher* Cass Canfield e da socialite Katsy, Michael era, segundo rumores,

filho ilegítimo do duque de Kent, irmão mais novo do rei George V e da rainha Mary — um trunfo e tanto numa sociedade na qual um bastardo real ainda era considerado chique.

Não era segredo algum que Lee adorava o acesso que a posição de seu marido — um cargo diplomático menor na embaixada americana — e sua suposta ligação com a realeza lhe davam na elite de Londres. Sem se importar mais em esconder suas indiscrições, ela tinha casos simultâneos com vários dos membros mais ilustres dessa elite: David Somerset, o herdeiro do duque de Beaufort; Robin Douglas-Home, sobrinho de um arquetípico primeiro-ministro trabalhista, amante da princesa Margaret e sob todos os aspectos a ovelha negra da família; lorde Lampton, marido de uma de suas melhores amigas; e Stanislas Radziwill, um aristocrata polonês firmemente agarrado a seu caduco título de príncipe.

Não se sabe o que Jackie pensava disso. Mas é difícil imaginar que, mesmo em sua mais infeliz abstração, ela pudesse estar totalmente cega para a dança das cadeiras de casos extraconjugais que ocorria à sua volta. Ela definitivamente não hesitou em se jogar no turbilhão de festas londrinas e fins de semana em casas de campo como se já fosse uma mulher livre.

As ondas de choque que sua exposição ao grupo desvairado de Lee causou nos Kennedy em Boston não podem ser exageradas. Joe Kennedy sabia tudo sobre as libertinagens noturnas que se desenrolavam durante os fins de semana nas casas de campo inglesas: ele próprio havia participado de muitas quando era embaixador americano na corte de Saint James. Pamela Churchill, por exemplo, havia atestado claramente o envolvimento dele.

Quando Drew Pearson chamou a atenção em sua coluna no *Washington Post* para as farras de Jackie em Londres sem a presença do marido, Joe — temendo que um divórcio pusesse fim às aspirações presidenciais do filho — interveio “para intermediar um acordo e salvar o casamento”.²⁵

Não se sabe exatamente quanto tal acordo custou — 1 milhão de dólares, como especulou a revista *Time*? Um biógrafo alegou que o acordo exigia um fundo fiduciário para os filhos de Jackie, que reverteria para ela após dez anos caso continuasse sem filhos.²⁶ Qualquer que tenha sido a oferta, evidentemente foi boa o bastante para impedir que Jackie deixasse o marido.

* * *

Nada disso escapou da atenção de Onassis. Desde a destruição do sonho de Jidá, com sua promessa de riqueza incalculável, ele vinha acompanhando o destino dos Kennedy, esperando o momento propício para se vingar — porque, embora fingisse estar tranquilo e não dar importância a seus fracassos e infortúnios, ele nunca perdoava aqueles que o feriam. Raramente abria processos judiciais: jamais daria essa satisfação a um inimigo, um rival ou qualquer outra pessoa que tivesse levado a melhor. Entretanto, os pensamentos de vingança nunca se afastavam muito de sua mente.

A essa altura, Onassis tinha descoberto a participação de Stavros Niarchos na conspiração para romper seu acordo saudita, apesar dos esforços de Allen Dulles para convencê-lo de que Bobby Kennedy era o principal responsável pelo fracasso. “Onassis nunca soube ao certo qual dos dois odiava mais: Bobby ou Stavros”, Yannis Georgakis me contaria mais tarde. Entretanto, o conhecimento sobre a aparente cumplicidade dos dois em sua infelicidade o encheu de uma raiva vibrante.

Um maquinador paciente, Onassis se alimentava dos problemas enfrentados por seus inimigos. Com base na temporada em Londres — que tanto custara a Joe Kennedy —, ele soube que, de fato, Jackie Kennedy era um problema.

Onassis gostava de se ver como um especialista em mulheres, e aquelas que ele chamava de “vadias de classe” traziam sempre mais problemas do que o que valiam, conforme disse a Georgakis, num

estranho indício do que estava por vir. “Mil vezes uma prostituta honesta”, afirmou ele.

* * *

Enquanto isso, o dinheiro de Joe Kennedy parecia ter salvado o casamento do filho — e mantido Jack no caminho da Casa Branca. Mas o estrago estava feito. E, embora o casal tenha se esforçado ao máximo para se comportar em público como se nada tivesse acontecido, a verdade era que nada voltaria a ser como antes.

I Dois anos antes, o ministro das Finanças, Arthur Crovetto, líder de uma das famílias mais antigas de Mônaco e chefe de gabinete de Rainier, quebrou a regra de ouro de que as reservas do principado ficassem espalhadas entre os treze bancos do Estado e depositou o montante na Société Monégasque de Banques et de Métaux Précieux. O banco fizera um negócio arriscadíssimo com uma empresa de televisão que passara por problemas. Crovetto investiu mais 900 milhões de francos do Tesouro para impulsionar as ações, mas em três dias na Bolsa de Paris seu valor caiu mais de 50%. Crovetto implorou ao Conselho Nacional — dezoito empresários escolhidos pelos seiscentos eleitores homens do principado — por 330 milhões de francos para evitar o colapso do Estado. Ignorados pela panelinha do palácio durante muito tempo, os membros do conselho concordaram em cobrir a dívida sob a condição de que Crovetto fosse demitido, juntamente com o resto dos colegas de gabinete de Rainier.

QUATRO

UMA ALMA CARNAL

Grandes erros, em geral, começam bem pequenos.

—ARISTÓTELES SÓCRATES ONASSIS

Os acordos definiam Onassis, os negócios exprimiam a essência de sua alma, e o colapso do acordo de Jidá lhe custou bem mais do que dinheiro.

Mas Tina, uma criatura de impulsos frívolos e prazeres promíscuos, parece ter sido poupada da fúria de Onassis, embora sua traição — deliberada ou não — ao contar ao amante Stavros Niarchos sobre a prometida cornucópia saudita tivesse dado início a uma desastrosa sequência de acontecimentos que levou ao fracasso do acordo. Na verdade, Onassis diria mais tarde a Yannis Georgakis que a descoberta da traição da mulher o excitara. Georgakis achava que esse era o segredo do relacionamento deles.

Entretanto, também é fato que Onassis ainda julgava mais fácil culpar Bobby Kennedy por seus problemas. Acreditava — ou queria acreditar — que o acordo saudita desabara não porque Tina e Stavros tivessem feito dele um corno, mas, sim, porque Kennedy queria se tornar famoso.

Ainda assim, Georgakis continuava cético quanto à ligação entre a investigação de Bobby Kennedy para Joe McCarthy a respeito do “comércio de sangue” e o fracasso do acordo de Jidá. Mas, para Onassis, a vingança sempre fora um prazer especial, e a expectativa era tão compensadora que nada que Georgakis dissesse poderia

convencê-lo de que ele talvez tivesse se enganado em relação a Bobby Kennedy.

Nesse meio-tempo, embora a ação de fraude movida por Spyridon Catapodis contra ele tivesse se encerrado na audiência preliminar em Nova York,^I Onassis ainda contabilizava o custo de Jidá: dezenas de fretes lucrativos dos Estados Unidos tinham sido cancelados e mais da metade de sua frota em grande parte hipotecada permanecia ociosa. “Você está diante de um companheiro desesperado”, disse a um amigo inglês no verão de 1956.¹ Em Washington, Onassis foi multado em 7 milhões de dólares pela aquisição ilegal dos petroleiros excedentes da guerra, mas, em troca da admissão de culpa, as acusações contra ele foram retiradas.

Somente sua próspera amizade com o idoso estadista britânico Sir Winston Churchill parecia animá-lo — em parte porque sabia que a amizade irritava Rainier. O príncipe estava magoado com os britânicos por terem enviado apenas um diplomata de médio escalão para representar a Casa de Windsor em seu casamento com Grace Kelly, uma afronta que levou outras casas reais da Europa a reagirem com frieza semelhante.

* * *

Enquanto isso, em Washington, o governo passara a se preocupar com a crescente aproximação entre o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, e os soviéticos — preocupação suficiente para retirar sua oferta de financiamento para a construção de uma enorme represa no Nilo, em Assuã. Seis dias depois, Nasser nacionalizou o canal de Suez, de propriedade anglo-francesa.

Randolph Churchill avisou a Onassis que o primeiro-ministro britânico Anthony Eden planejava retomar o canal à força, em uma operação militar conjunta com os franceses e os israelenses. Era uma informação inestimável para Onassis, e tão secreta que nem

mesmo o presidente Eisenhower, preocupado com a campanha para o segundo mandato, foi informado por seus aliados europeus.

Se a guerra de fato estourasse no Oriente Médio, e o canal fosse fechado, o fornecimento de petróleo para a Europa e os Estados Unidos teria que seguir por uma rota duas vezes mais longa contornando o cabo da Boa Esperança. Mas poderia Onassis confiar em Randolph Churchill? Não era segredo para ninguém que Randolph menosprezava Eden e não hesitaria em iniciar qualquer boato para desacreditar o sucessor de seu pai. “Randolph é um bêbado, mas é o bêbado mais bem informado de Londres”, declarou Onassis quando Costa Gratsos levantou a questão sobre a confiabilidade do inglês.²

Em setembro, Onassis começou a reposicionar seus petroleiros ociosos. E quando a invasão franco-britânica-israelense teve início, no fim de outubro, ele era o único grande armador com a maior parte de sua frota disponível e estrategicamente situada, pronto para lucrar com a crise. Como me disse Sir John Russell mais tarde, foi “um belo momento para Ari” quando ele contemplou uma corrida de ofertas dos mesmos gigantes do petróleo americanos que alguns meses antes haviam conspirado para esmagá-lo e eliminá-lo.

Sem apoio americano, a invasão do Suez fracassou com um humilhante recuo dos aliados europeus — mas não antes de Nasser pôr a pique centenas de navios no canal, bloqueando efetivamente a principal rota do petróleo para a Europa Ocidental durante os meses seguintes. Sob o título “O vitorioso do Suez”, a revista alemã *Revue* publicou uma foto de página inteira de Onassis. Ele enviou a foto a Randolph Churchill, com a dedicatória: “Para o meu espião favorito!” Anexo, estava um cheque de um banco suíço com o que um assessor de Onassis considerou “um valor bem simpático”. Era típico da ambivalência de Onassis com o filho de seu herói o fato de, mesmo recompensando-o com tamanha generosidade, ele não conseguir resistir a lembrá-lo de que recebia aquilo por ter traído seu país.

* * *

Ainda no vigor da meia-idade e novamente multimilionário, Onassis recuperou seu velho espírito audacioso nos negócios. Quando o primeiro-ministro grego Constantine Karamanlis convidou-o para assumir o controle da companhia aérea nacional, a TAE, por meros 2 milhões de dólares, ele agarrou a oportunidade, mas só depois de espremer o governo e obter concessões impressionantes. Em troca da promessa de transformar uma empresa moribunda — que ele rebatizara astutamente de Olympic Airways — numa companhia de nível internacional, o governo garantiu cobrir seus prejuízos em voos transatlânticos, compensá-lo por perdas decorrentes de greves não autorizadas e isentá-lo de impostos corporativos e taxas de aterrissagem na Grécia. Ele também recebeu sinal verde para empréstimos do governo de até 3,5 milhões de dólares com uma taxa de juros fixa de 2,5%, bem como o direito de exportar seus lucros. Um jornal alemão resumiu seu triunfo com a manchete: “Herr Onassis kauft den griechischen Himmel” [O sr. Onassis compra o céu grego]. Embora não tenha conseguido exatamente isso, ele era a única pessoa física do mundo que possuía uma companhia aérea de um país.

Apesar dessa conquista inigualável e da amizade com Sir Winston Churchill — que ele explorou até onde podia —, Onassis não perdera nada de seu carisma ambíguo. Para o desgosto de Rainier, o *Christina*, ancorado no porto de Monte Carlo, ainda era considerado a verdadeira sede do poder de Mônaco e continuava sendo a meca dos ricos e famosos.

Quando Jack e Jackie Kennedy chegaram à cidade no verão seguinte, Onassis convidou-os a bordo para um drinque. O convite, aparentemente, tinha sido ideia de Churchill; ele conhecia a família desde os tempos em que Joe Kennedy ocupava a embaixada americana em Londres. “Dizem-me que esse jovem é um presidente em potencial. Eu gostaria de conhecer esse presidente em

potencial”, era como Onassis relembra o pedido do velho combatente.³

Infelizmente, naquele dia Churchill passava por um de seus momentos de confusão e não tinha a menor ideia de quem era Jack Kennedy. (Kennedy, que reverenciava o velho estadista, ficou decepcionado e bastante magoado quando o notável inglês desdenhou de suas tentativas de entabular uma conversa. “Talvez ele tenha achado que você era o garçom, Jack”, sugeriu Jackie depois, tentando ajudar.)⁴ Onassis se deleitou com a oportunidade de esnoabar os Kennedy. “Tenho que pedir que vocês partam às 19h30”, dispensou-os, lamentando de maneira condescendente. “Sir Winston janta pontualmente às 20h15.”⁵

Jackie, porém, impressionou bastante Onassis. Anos depois, ele alegou se lembrar de tudo sobre aquela ocasião, das roupas que ela usava — “estava com um conjunto branco, muito simples, muito caro”⁶ — à maneira como se comportou. “Tinha um jeito retraído”, disse ele a Hélène Gaillet, que se tornaria uma de suas amigas mais próximas nos últimos meses de vida. “Não era timidez, também não era tédio. Ela não era abertamente simpática, mas tinha uma forma de fazer com que olhassem para ela”, descreveu.

Talvez o que ela transmitia fosse sua infelicidade, sugeriu Gaillet, lembrando-se das instabilidades que o casamento de Jackie sofria na época.

“Às vezes, a infelicidade pode ser sexy numa mulher”, retrucou Onassis.⁷

O fato é que ele sabia bastante sobre Jackie antes mesmo que ela pusesse os pés a bordo do *Christina* naquela tarde. Onassis constantemente exigia receber a ficha completa de seus convidados; chegava a guardar arquivos sobre as prostitutas que mandava vir de avião de Paris e Nova York. Mas não teria precisado pesquisar muito para se lembrar do incidente que quase pusera fim ao casamento de Jackie e às aspirações de Jack em relação à presidência dos Estados Unidos, no ano anterior.

A condição de mulherengo crônico do marido de Jackie não era exatamente um segredo bem guardado, mesmo antes de ele ser visto percorrendo o Mediterrâneo “à caça”, enquanto ela permanecia em casa, grávida do primeiro filho do casal. Os rumores sobre quanto custara a seu sogro dissuadi-la de pedir o divórcio tinham sido tão abundantes na Riviera quanto em Washington.

O fato de que Jackie podia ser comprada também teria excitado Onassis. Mulheres que ele podia comprar eram sempre um afrodisíaco confiável. “Há algo de extremamente *obstinado* nela, algo provocante nessa moça”, disse ele a Costa Gratsos depois da recepção no *Christina*. “Ela tem uma alma carnal.”⁸ Não se sabe muito bem como ele chegou a tal conclusão, uma vez que outro convidado daquela tarde lembra-se apenas de “seu comportamento reservado e simpático (...) e de sua vizinha” repetindo a conversa fiada a que as pessoas costumam recorrer nesses momentos.

Entretanto, Gratsos percebeu a complexidade e a profundidade do interesse de Onassis pela esposa do senador. Ele presumiu o que se passava na mente de Ari — que doce vingança contra Bobby e a família Kennedy seria seduzir a sra. Jacqueline Kennedy! — e logo recomendou-lhe que esquecesse aquilo. Mais tarde, ele se lembraria de ter dito a Onassis: “Não foda com a vida dela só para se vingar de Bobby. De qualquer modo, ela é jovem demais para você.”⁹

Jackie era apenas quatro meses mais nova do que Tina.

* * *

Em 1959, uma série de manobras do palácio tirou o representante de Onassis da direção da SBM. Como Sam White relatou no *London Evening Standard*, de lorde Beaverbrook, isso garantiu a Rainier a posição de “mestre incontestável de tudo que ele inspecionava em seu principado”.¹⁰ White proclamou: “Pode-se dizer que o poder do sr. Onassis nos assuntos do cassino está no fim. Esse poder, baseado

em seus 42% de participação na empresa, era exercido por meio de um administrador nomeado por ele e que respondia primordialmente a ele. Agora, esse administrador, M. Charles Simon, demitiu-se em circunstâncias que renderam uma indisfarçável satisfação ao palácio e à França. Ambos deixaram claro que nunca mais poderia haver um homem indicado por Onassis nesse cargo-chave.” De acordo com White, Rainier chamara Onassis ao palácio para reclamar que o programa de reforma do Hotel de Paris estava atrasado e muito acima do orçamento. Ele culpou a interferência de Onassis. “O sr. Onassis negou ter interferido. Infelizmente, M. Simon não foi capaz de apoiá-lo em sua negativa e renunciou em protesto.”

O tom da reportagem foi um choque para Onassis. Os jornais de Beaverbrook costumavam ser gentis com ele, e ele sempre considerara White — um colega de copo, uma companhia frequente em jantares e um dos melhores repórteres do jornal — um jornalista em quem podia confiar. O fato de White não ter telefonado para ele para ouvi-lo antes de publicar a matéria o deixou desconfiado, bem como furioso. Para agravar ainda mais os estragos, a coluna de White tinha outra nota cujo objetivo com certeza era ofender Onassis e magoar sua esposa:

INFORMAÇÃO INCIDENTAL: A sra. Tina Onassis está sofrendo de uma enfermidade contraída apenas pelos muito ricos, e agora raramente é vista em Monte Carlo. Ela explica que a vida no enorme iate de Onassis provocou uma espécie de colapso nervoso.¹¹

Max Beaverbrook com frequência usava seus jornais para se desferrar de ofensas pessoais, e não era segredo para ninguém que ele estava entre os muitos amigos de Churchill ressentidos pela maneira como Onassis — considerado um arrivista social e um absoluto escroque — monopolizava e explorava a amizade com o velho estadista. Onassis suspeitou que a nota era o início de uma vingança de Beaverbrook.

Ari sabia que havia pouco que pudesse fazer em relação àquilo. “Jornais e viúvas”, gostava de dizer, “sempre têm a última palavra.” Mas também sabia que Beaverbrook — um notório mulherengo cujas lealdades, mesmo aos oitenta anos, podiam ser influenciadas por suas ambições libidinosas — tinha “uma queda por Tina”.¹² E, embora Onassis e Tina agora levassem vidas separadas (“Acho abominável que a gente ainda durma junto”, uma amiga próxima se lembra de ouvir Tina, um pouco embriagada, dizer essas palavras em um jantar como se falasse sobre pessoas cujos modos ela reprovava),¹³ Onassis persuadiu a esposa a apelar ao barão da imprensa para que largasse de seu pé.

Em uma carta escrita à mão, enviada de Paris em 15 de abril, ela implorou a Beaverbrook para assegurar que no futuro White “obtivesse os fatos verdadeiros antes de escrever, se não para o meu bem, para o bem do jornal”. A relação do marido com o príncipe era muito cordial, insistiu. Onassis pedira a Simon para renunciar “pelo simples motivo de que estava ficando farto dele”. Embora sem negar a história de que tivera uma espécie de colapso nervoso, Tina acrescentou: “Tenho os maiores momentos de diversão de minha vida quando estou no iate, como o senhor mesmo viu.”¹⁴

Beaverbrook expressou com solenidade sua aflição pela aflição dela e prometeu que seu jornal sempre *a* mostraria de maneira favorável. “E, de fato, seria impossível para o Jornal agir de outra forma”, escreveu, cavalheiresco. Mas não houve menção alguma ao marido de Tina; nenhuma promessa foi feita em relação a ele. E, embora Beaverbrook tenha escrito a ela que ficava “longe, longe de Londres durante dez meses do ano (...) e os jornais não estão realmente sob meu controle”, um homem como ele, Onassis sabia, jamais deixaria sua mente maquiavélica fenecer nas vinhas do isolamento.¹⁵

Quando Randolph Churchill contou a Onassis que Joe Kennedy alugara uma casa no sul da França para o verão e se encontrava com frequência com Beaverbrook, cuja mansão não ficava muito

distante, Onassis logo concluiu que os Kennedy eram responsáveis pelo tratamento hostil que ele recebera na coluna de Sam White.

A amizade entre Beaverbrook e os Kennedy datava do tempo em que Joe foi o embaixador americano em Londres. Em 1956, Kennedy fizera doações para uma cadeira Lorde Beaverbrook na Universidade de Notre Dame.¹⁶ Agora, ele queria que o favor fosse retribuído: pediu a Beaverbrook que conseguisse um encontro com Sir Winston, cujo apoio à candidatura presidencial de Jack no ano seguinte seria útil. Mas Kennedy fora um vigoroso defensor do apaziguamento com os nazistas em 1940, e tanto Randolph Churchill quanto o secretário particular de seu pai, Anthony Montague Browne, opuseram-se firmemente ao encontro.

Ex-piloto de caça da Força Aérea Real em tempo de guerra, Montague Browne implorou ao velho líder para “não ser visto consorciando-se com um inimigo de nosso país, que tentou nos prejudicar em nossa hora de maior necessidade”. Entretanto, Churchill decidiu que “se Max [Beaverbrook] dá importância a isso, eu irei. Mas não pode aparecer na imprensa”.¹⁷

* * *

Enquanto isso, Tina ficava cada vez mais apreensiva. Exigia saber se Onassis mandara que a seguissem. Ele não mandara — pelo menos não naquela época — e isso o deixou preocupado de que alguém a estivesse monitorando. “Quem diabos iria querer segui-la além de mim?”, perguntou ele a Gratsos.

Várias semanas depois, Tina reclamou novamente que estava sendo seguida. “É o pessoal de Beaverbrook — fazendo o trabalho sujo dos Kennedy”, concluiu Onassis com veemência.¹⁸

Embora ele não tivesse qualquer prova, pelo menos nenhuma que pudesse ser levada a um tribunal, a linha que corria dos Kennedy para Beaverbrook — cujos jornais repentina e inexplicavelmente

tinham passado a atacar Onassis^{II} — era suficiente para aprofundar sua paranoia em relação ao rancor implacável de Bobby Kennedy.

* * *

Onassis nunca mais confiou em Sam White nem em nenhum outro repórter de Beaverbrook e perdeu a benevolência até mesmo com aqueles que costumavam tratá-lo de maneira correta, e muitas vezes com verdadeira afeição.

Infelizmente, esse rompimento aconteceu quando Onassis precisava de toda a simpatia que pudesse conseguir da mídia — porque se apaixonara pela tirânica prima-dona Maria Callas.

I Quando os advogados de Onassis começaram a investigar a conexão Niarchos-Maheu-Catapodis, Niarchos alegou que graves questões de segurança estavam em jogo e que ele “teria que ser aconselhado por Washington sobre se responderia ou não a essas perguntas”. A audiência foi adiada; quatro dias depois, Catapodis retirou a ação.

II Anthony Montague Browne estava hospedado na mansão de Beaverbrook no sul da França naquela época quando Tina Onassis o convidou para um pequeno cruzeiro até a Córsega. Onassis estava em uma viagem de negócios, explicou, e ela queria alguns amigos “jovens e alegres” para animar a viagem. Montague Browne pediu permissão a Churchill para se ausentar por um breve período e, muito educadamente, disse a Beaverbrook que ficaria fora alguns dias e esperava ser bem recebido em sua mansão quando voltasse. Embora Montague Browne conhecesse muito bem o estilo do anfitrião, seu amor pela intriga e o prazer quase diabólico que tirava de seu próprio fingimento, a reação de Beaverbrook o chocou: “Ah, sim, eu sei tudo sobre esse cruzeiro”, disse o barão da imprensa de forma misteriosa. “Se eu fosse você, não iria.” Quando o inglês protestou, Beaverbrook lhe disse: “Ah, sim, você será um corresponsável muito interessante, e meus jornais vão relatar o fato devidamente” (Anthony Montague Browne, p. 195).

CINCO

DANÇANDO TANGO COM OUTRA PRIMA-DONA

Sim, sou um assassino. Sou um ladrão. Mas também sou milionário e poderoso. Nunca desistirei de Maria.

—ARISTÓTELES ONASSIS

Onassis conheceu Maria Callas em Veneza, em setembro de 1957, durante um baile oferecido pela americana Elsa Maxwell, colunista de fofocas. “Havia uma curiosidade natural; afinal de contas, éramos os dois gregos mais famosos do mundo!”, disse Onassis a um velho amigo de Hollywood, Spyros Skouras.¹

Entretanto, embora ele admitisse que abordava todas as mulheres como se fossem uma conquista em potencial, dois anos se passaram até que fizesse seu movimento seguinte, na primavera de 1959, durante o Baile de Veneza, evento anual da condessa Castelbarco. Dançaram juntos quase todo o tempo, o que deixou claro para todos — sobretudo para seus cônjuges, Giovanni Battista “Tita” Meneghini e Tina — que ele havia iniciado o que Meneghini mais tarde chamaria de “projeto diabólico” para seduzir Callas.²

Em junho, Onassis seguiu a diva até Londres para a abertura de *Medea*, no Covent Garden. Era o acontecimento do ano da temporada de ópera de Londres, e ele ofereceu a ela um jantar à luz de velas no salão de baile do Dorchester Hotel, com 170 convidados. Quando Callas disse lamentar que ninguém mais tocasse tango, ele mandou que os músicos tocassem apenas tangos até o fim da festa.

Poucos entre aqueles que ali se encontravam teriam duvidado de suas intenções enquanto ele conduzia Callas pelo salão ao ritmo erótico da dança que aprendera tão magistralmente quanto um gigolô 36 anos antes na Argentina.

* * *

Já em 1923 em Buenos Aires, Onassis sabia que tinha nascido para ser rico e realizar grandes feitos. Mesmo sendo apenas um entre milhares de refugiados que inundavam a cidade vindos da região leste da Europa — gregos, armênios, sírios, libaneses, entre outros, todos tratados como “turcos” —, ele já dispunha de uma grande personalidade. Tinha um nariz proeminente, olhos castanhos e um cabelo preto lustroso. Embora fosse baixo, com tórax e braços tão musculosos que quase davam uma aparência de deformidade à parte superior de seu corpo, ele tinha um charme que encantava as mulheres.

Onassis dividia um quarto com um primo distante e a esposa dele em La Boca, bairro italiano na extremidade leste da cidade. O cômodo ficava sobre um salão de dança. Entre a música alta e os frequentes sons da paixão na cama ao lado, era difícil dormir. O problema foi resolvido quando ele arranjou um emprego noturno numa mesa de operações de uma central telefônica e passou a dormir durante o dia.

O tráfego telefônico era pequeno de madrugada, e ele aproveitava para estudar espanhol, lia os jornais e ouvia os telefonemas, especialmente as conversas de negócios. Depois que descobriu que as melhores transações muitas vezes eram feitas depois do fechamento dos mercados, ele conseguiu ganhar 500 dólares em um negócio de óleo de linhaça e mais 200 dólares especulando com peles de animais. Investiu esse valor na compra de alguns ternos bons, em aulas particulares de tango e tornando-se

sócio de um clube de remo elegante chamado l'Aviron [o Remo]. Mudou-se para um quarto mobiliado na avenida Esmeralda.

Foi o começo de uma extraordinária vida dupla, uma existência quase esquizofrênica. Seus novos amigos no l'Aviron só o conheciam como um jovem com dinheiro, ligações com negócios indefinidos e um bom endereço. Ator por instinto, ele adaptava sua personalidade com uma facilidade extraordinária.

Foi provavelmente para criar a ilusão de ser um homem culto que Onassis assistiu à sua primeira ópera, *La Bohème*, no Teatro Colón. A soprano italiana Claudia Muzio, cuja fama no auge equiparava-se à de Caruso, interpretava Mimi. Aos 35 anos, doze a mais que Ari, ela já havia passado um pouco da flor da idade, apesar de apresentar uma beleza robusta e um apetite por jovens admiradores.

Embora o sexo fosse desempenhar um papel crucial em sua vida — o sucesso, a fama e a ambição dele se originaram em uma base de sexo —, Onassis nunca tinha tido tempo de se apaixonar. Entretanto, enviou flores para Muzio todos os dias, durante uma semana. Quando enfim apresentou seu cartão na entrada dos artistas, ela o convidou para ir ao camarim. “Eu esperava um homem muito mais velho”, disse a cantora. Eles se tornaram amantes.

Ari estava indo bem. Muzio lhe abriu algumas portas sociais por onde queria entrar, mas ele ainda não havia ganhado muito dinheiro nem descoberto o que de fato queria fazer. Trabalhara no negócio de tabaco do pai em Esmirna, antes que os turcos deportassem sua família para a Grécia, em 1922, mas não queria continuar no ramo. Pai e filho tiveram uma briga feia — por causa de dinheiro da família que Onassis alegava ter dispendido em subornos para tirar o pai da cadeia —, e o jovem estava determinado a provar que podia ganhar o próprio dinheiro.

Porém, quando entreouviu a conversa telefônica de um distribuidor de filmes de Buenos Aires vangloriando-se com seu escritório em Nova York do dinheiro que o novo filme de Rodolfo Valentino estava rendendo — “as mulheres não se cansam desse

xeque filho da puta” —, Onassis escreveu para o pai, em Atenas, sugerindo que eles introduzissem o tabaco oriental na Argentina. Os fabricantes locais de cigarro usavam principalmente tabaco cubano, uma folha escura que as mulheres achavam forte demais. Ele propôs usar uma variedade mais suave, pôr um xeque árabe na embalagem e ter como alvo do produto mulheres jovens. Seu pai enviou vários fardos da melhor folha que tinha.

Onassis contratou os primos Costa e Nicos Konialidis — que haviam ficado órfãos no massacre de Esmirna e o seguiram até Buenos Aires — para enrolar manualmente suas duas marcas: Primeros e Osman. Às vezes, ele mesmo os ajudava a produzir os cigarros. Porém, às 18h30, sempre tomava um banho, vestia seu melhor terno, dava uma volta pelos cafés e ia para o l’Aviron. Às 22h30, trocava de roupa e começava o turno da noite na empresa telefônica.

Quando as vendas de cigarro caíram, ele pediu ajuda a Muzio. Assim como a maioria das mulheres na época, ela fumava em particular, mas nunca em público. Se fosse vista fumando os cigarros dele, seria um ato de emancipação, sugeriu Onassis. “E me ajudaria um pouquinho também, você sabe!”³ Não se sabe o efeito que o apoio da cantora teve nas vendas, mas Muzio foi a primeira das muitas figuras famosas e influentes que ele usaria em sua vida para conseguir o que queria.

“Odeio ópera”, admitiu Ari depois que o romance acabou. “Acho que devo ter um ouvido de lata. Por mais que me concentre, aquilo ainda soa como um monte de chefes de cozinha italianos gritando receitas de risoto uns para os outros.”⁴

* * *

Mais de três décadas depois em Londres, em 1959, ele dançava o tango com outra prima-dona. Prestes a completar sessenta anos e impulsionado pelos imperativos da meia-idade, Ari voltava a se

embriagar com o perfume da conquista, porém Callas estava tão impaciente quanto ele para se entregar.

Onassis não sentia pena nenhuma do marido que ele planejava cornear. Tinha intuições sobre a vida sexual dos outros e disse a Johnny Meyer: “Meneghini não está dando conta do recado. O que ele espera?”⁵ Quando o compromisso de Callas em Londres terminou, no fim de junho, Ari já havia se tornado seu amante.

É quase certo que essa foi a primeira vez que ela dormiu com outro homem que não o marido, de acordo com Franco Zeffirelli, seu diretor favorito e amigo. Depois de seduzida, Callas pareceu ficar apavorada. Sua primeira reação, revelou Zeffirelli, foi “agarrar-se a seu ‘sagrado’ matrimônio”.⁶

Com certeza ela fez uma cena ao evitar Onassis quando ele telefonou para sua casa italiana em Sirmione, à beira do lago Garda, convidando o casal para acompanhá-lo em um cruzeiro a bordo do *Christina*. No entanto, a relutância dela em atender os telefonemas do amante era provavelmente uma atuação para acalmar o marido. Sua modista, madame Biki, já estava preparando um guarda-roupa para o cruzeiro: vinte vestidos, terninhos, trajes de banho e négligés.⁷ Curiosamente, Meneghini parecia não suspeitar de nada. “Esse convite veio na hora certa. O médico me recomendou o ar marinho. Dizem que o iate do grego é bastante confortável. Vamos experimentar. Se você não gostar, podemos voltar para casa no primeiro porto”, disse ele a esposa.

Em 21 de julho, os Meneghini voaram para Monte Carlo. Jantaram no Hotel de Paris com Onassis, Tina e Elsa Maxwell. Elsa não fora convidada para o cruzeiro, que incluiria Sir Winston Churchill e a esposa, Clementine; a filha mais velha do casal, Diana Sandys; o médico do estadista, lorde Moran; Anthony e Nonie Montague Browne; e Artemis, irmã do anfitrião, com o marido, dr. Theodore Garofalides. Ser excluída foi algo que magoou profundamente a velha articuladora social, que achava que Onassis e Callas lhe deviam um favor por ela ter feito as apresentações no baile em

Veneza. Num bilhete de despedida insidioso, entregue na véspera do cruzeiro, Elsa lembrou a Callas que ela estava “tomando o lugar de Garbo [antes uma convidada frequente de Onassis e, segundo boatos, sua amante], que agora estaria velha demais, a bordo do *Christina*”. A partir daquele momento, Maria precisava “pegar tudo”,⁸ instigou-a astuciosamente. (“Aquela fofoqueira já sabia de tudo e estava se intrometendo com conselhos sentimentais de um pássaro de mau agouro”, queixou-se Meneghini em suas memórias.)

Onassis gostava da competitividade sexual produzida pelos iates e pelas mulheres bonitas, e a vida a bordo do *Christina* tinha uma tendência inata ao “ciúme e à intriga — isso fazia parte da empolgação”, revelou uma convidada assídua. Meneghini entendeu isso depressa, mas seus jogos de roçar os pés nos de Nonie e nos de outras convidadas, debaixo da mesa, tendiam — como explicou ironicamente o marido de Nonie — a “deixar as calças compridas ou as saias cobertas de um pó branco (do mocassim dele) como prova de suas tentativas de travar um conhecimento mais íntimo”.⁹

Mas nem mesmo diante dos olhares dos especialistas em estética da conspiração Callas se comportou como uma mulher que mantinha um caso com seu anfitrião. Se as mentiras recentes e aquelas que ainda estavam por vir perturbavam sua consciência, ela não demonstrava. Montague Browne, com seu olhar de diplomata para fraquezas humanas, achou que ela praticamente parecia estar tentando parodiar o estereótipo de prima-dona com seu comportamento.

Meneghini quis deixar o cruzeiro em Capri; Callas se recusou. Isolado pela questão da língua (ele não falava nada de inglês e muito pouco francês), pelo temperamento e por um estômago fraco, ele passava cada vez mais tempo no quarto, cada vez mais ressentido. Zombou do físico do anfitrião (“ele não parecia um homem, mas sim um gorila”)¹⁰ e, indelicadamente, comparou o corpo da esposa ao de Tina. A tensão no casamento de Onassis também começou a se revelar. Ao aparecer com um vestido de seda

vermelho colado no corpo, Tina perguntou a Montague Browne de maneira insinuante:

— Você gostou do meu vestido novo, Anthony?

— Uau! Sim, com certeza! — respondeu, pensando que o vestido parecia ter sido pintado em seu corpo.

— Acho que ela está parecendo uma vadiazinha francesa — rosnou Onassis, com raiva, arranhando os erres, um hábito que tentava conter em meio à sociedade educada.¹¹

Inevitavelmente, a tensão nos dois casamentos logo ficou aparente. “Era triste ver o casamento (dos Meneghini) se desintegrando, a ternura desgastada”, escreveu Nonie Montague Browne em seu diário. “Tina se manteve uma anfitriã animada, mas percebia-se uma tensão contida.”¹²

Quando chegaram a Rodes, Onassis estava bebendo muito e “começou a prestar uma atenção patente em Maria Callas”.¹³ Eles não faziam amor desde o fim de junho em Londres, quando, de acordo com Onassis, ela praticara felação com ele no banco traseiro de seu Rolls-Royce, enquanto seguiam para Park Lane, e talvez a abstinência estivesse começando a ficar evidente em ambos.

Em 4 de agosto, o *Christina* ancorou no velho porto de Esmirna. O lugar era um marco na vida de Onassis. Refletida no prisma da fama e fortuna, a história de sua juventude sempre empolgava e impressionava seus convidados — sobretudo as mulheres — quando ele os levava pelas ruas estreitas nas quais brincara quando criança e descrevia como era a vida antes da chegada dos turcos, em 1922, e do holocausto e quando ele os levava ao local onde ficavam os armazéns de seu pai e ao pequeno cemitério onde a mãe estava enterrada.

Como todo bom contador de histórias, Onassis não se contentava com a simples exposição dos fatos. Recordava o silêncio assustador que inundou as ruas quando a guarda avançada do 4o Regimento de Cavalaria turco, vestido de preto e carregando cimitarras desembainhadas, avançou sobre Esmirna de manhã cedo; a primeira

noite do holocausto, as chamas parecendo vir do alto — como o fogo faz à noite —, cobrindo a cidade de cinzas; sua avó Gethsemane lendo o Eclesiastes (“Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu”) em turco — a única língua que falava — enquanto a família aguardava em casa a chegada do inimigo.

Depois que Churchill foi dormir, Onassis levou Callas e Meneghini para visitar os bares e bordéis onde, quarenta anos antes, em camas com lençóis de seda vermelhos, garotas locais o haviam iniciado no mundo do amor físico e inculcado nele uma visão sobre as mulheres (“De um jeito ou de outro, todas as damas fazem isso por dinheiro”) que arruinaria todos os seus romances.

De acordo com Meneghini, eles passaram a noite “na companhia de traficantes, prostitutas e todo tipo de figuras sinistras”.¹⁴ Apenas às cinco da manhã ele convenceu a mulher e seu amante a voltarem para o *Christina*. Onassis estava bêbado. “Ele não conseguia ficar de pé, não conseguia falar”, exultou Meneghini.¹⁵ Esse talvez tenha sido um dos últimos momentos realmente felizes de sua vida.

Em Istambul — que já fora o coração de Bizâncio, a alma do Império Otomano —, o patriarca de Constantinopla e chefe da Igreja Ortodoxa grega foi convidado a bordo para um almoço e um rápido passeio de ida e volta ao mar Negro. Onassis conhecia a crença dos marinheiros de que um padre a bordo trazia má sorte e disse ansioso ao seu capitão: “Esse sujeito vale por cem padres e há uma corrente de oito nós passando, portanto tenha muito, muito cuidado.”¹⁶

Impressionado com “a maior cantora do mundo e o marinheiro mais famoso do mundo moderno, um Ulisses moderno”,¹⁷ o patriarca abençoou os amantes, ajoelhados lado a lado no deque, e ofereceu preces às honras que eles haviam levado para sua terra natal. Para o pobre coitado Meneghini, aquilo tudo parecia um rito de casamento.

Poucos a bordo não sabiam dos encontros de Callas com o amante no meio da noite. Esses encontros secretos haviam se tornado “mais óbvios e, de fato, obsessivos”, de acordo com Montague Browne — que, entretanto, preferia educadamente imaginar que os dois apenas compartilhavam *Saletes Grecques* (um petisco) na cozinha do navio.¹⁸

Em 9 de agosto, o *Christina* ancorou em Atenas, e Artemis, a irmã de Onassis, e o marido, Theodore, deram uma festa em sua casa, em Glyfada, para o velho amigo de Onassis em Hollywood, Spyros Skouras. Os amantes mal se desgrudaram. No punho, Callas usava uma única pulseira de ouro. Na parte interna da joia, estavam gravadas as iniciais *TMWL: To Maria With Love* [para Maria, com amor].

“Ari é uma criatura de hábitos”, disse Tina a Artemis ao ver o presente revelador no punho de Callas.¹⁹

* * *

Tina Livanos conheceu Onassis na suíte de seu pai no Plaza Hotel, na primavera de 1943. Ela quebrara a perna ao cair do cavalo e entrara no quarto de muletas, mancando. Tinha catorze anos. Temendo admitir quanto se sentira fortemente atraído por ela, Onassis simplesmente escreveu em sua agenda: “Sábado, 17 de abril de 1943. 19h.” Ele estava, como admitiu mais tarde, nervoso demais para escrever o nome dela. No entanto, também sabia que a principal regra para se manter um segredo é não deixar nada escrito.

Nascida súdita britânica de linhagem grega, ela não parecia grega nem de longe. Tornara-se cidadã americana devido a uma lei do Congresso durante a Segunda Guerra Mundial, e agora suas roupas, seus gestos e até seu humor eram extraordinariamente americanos. Apenas a voz permanecia impressionantemente inglesa.

Ela soube o motivo de estar ali quando se rendeu ao charme de Onassis. (“Anthony”, perguntaria mais tarde a Montague Browne, “você sabia que Ari me seduziu numa [lança] Chriscraft, no estreito de Long Island, quando eu tinha dezesseis anos?”) Onassis se parecia muito com seu pai — se os dois se casassem, ela trocava um mestre por outro. Entretanto, como toda garota grega de sua classe, Tina fora criada para o tipo de casamento que sela alianças entre famílias poderosas. Ela também queria uma vida animada, e Onassis parecia muito exótico para sua mente de educação inglesa, ao contrário de Niarchos, que também manifestara um profundo interesse por ela, embora já fosse casado. Ouvir Ari falar sobre seu passado lhe lembrava os contadores de histórias orientais no mercado. Ela nunca sabia no que acreditar; o mistério nele excitava sua imaginação de menina.²⁰ “Tudo o que se saberá de verdade sobre os primeiros tempos de Ari”, disse ela a sua irmã Eugenie, “será o que ele escolher contar.”

Nenhum homem antes a tratara como uma mulher, e ela ficou lisonjeada e fascinada por ele. Mas, quando Onassis pediu sua mão, o pai dela ficou pasmo. Não por saber da infidelidade crônica, das bebedeiras e do temperamento perigosamente violento do pretendente. Cínicos disseram que a perspectiva de uma aliança de transporte Livanos-Onassis compensava o risco de expor a filha a um homem daquele tipo. O que o enfureceu foi Onassis ter pedido a filha errada! As filhas se casam estritamente por ordem decrescente de idade, explicou a Onassis, e Eugenie era a primeira da fila.

— Suas filhas não são navios, sr. Livanos. O senhor não se livra primeiro da primeira da fila — rebateu Onassis.²¹

— Na vida, um homem precisa seguir as regras — retrucou Livanos.

— As regras são: não há regras — rebateu Onassis.²²

Nove meses depois, em 28 de dezembro de 1946, Onassis e Tina se casaram na Catedral Ortodoxa Grega, em Nova York. Na noite de núpcias, ela vibrou quando ele pôs em seu braço uma pulseira de

ouro com a inscrição *Saturday, April 17, 1943, 7 P.M. — T.I.L.Y. (Tina I Love You)* [sábado, 17 de abril, 1943, 19h — Tina, eu amo você].

* * *

Talvez fossem essas lembranças que rasgavam o coração de Tina agora.

Na madrugada de 12 de agosto de 1959, ela, insone, fora até o deque do iate em busca de ar fresco e vira o marido e Callas fazendo amor no bar. Tina então acordou Meneghini e lhe contou o que estava acontecendo. No entanto, como revelaria mais tarde a um amante, pôde “ver no rosto dele que não estava em condições de fazer coisa alguma”.

Ela aceitara que seu casamento estava acabado, e o que o marido fazia já não lhe importava. Porém, em suas memórias, escritas uma década depois, Meneghini não descreveu esse momento da mesma maneira: Tina estava “quase nua” quando entrou em sua cabine e se jogou na cama chorando. Sua insinuação de que ela teria se oferecido num ato de mútua comiseração parece improvável, porém envolvimento mais estranhos haviam acontecido no passado — e ocorreriam no futuro — a bordo do *Christina*.

* * *

Em 13 de agosto, o *Christina* retornou a Monte Carlo, e Callas e Meneghini voaram de volta a Milão. Não demorou muito para a cantora começar a falar em separação com o marido: “Às vezes penso em como nossas vidas seriam diferentes se já não estivéssemos juntos.”

Logo os jornais europeus se encheram de notícias sobre a obsessão de Onassis com a prima-dona. Em Veneza, Tina foi vista dançando de rosto colado com o conde Brando d’Adda. “Será que

seu coração pertence a d'Adda?", telegrafou Johnny Meyer a um amigo. A separação em quatro empolgava a sociedade com a promessa de escândalo e lágrimas.

Entretanto, Onassis e Meneghini de início tentaram conter os danos à reputação de Callas causados pelos rumores. Ela, que gostava de ver o amante em ação, insistiu em estar presente quando os dois discutiram seu futuro. Adorava ver a aparência de força rude no corpo de Onassis; seu poder e sua sensualidade eram indivisíveis. A ideia de que ele estava brigando com seu marido por seus favores a excitava muitíssimo, e um jantar em Sirmione foi particularmente estimulante.

Onassis havia percorrido todo o caminho de Milão bebendo uísque e estava tão empolgado com a ideia de tomar Callas do marido quanto ela estava de ser possuída por ele. Callas pusera um vestido tomara que caia longo de chiffon preto para o jantar. Onassis usava seus indefectíveis óculos escuros e um paletó. Apesar da noite quente de verão, Callas insistiu para que o fogo da lareira da sala de jantar fosse aceso. Suando como um condenado, Meneghini perdeu primeiro o apetite e depois a calma. Porém, mais do que pela raiva, ele foi movido por um desejo de travar uma luta final com a qual sabia que teria de viver pelo resto da vida.

Quando Onassis o provocou e, com uma alegria libertina, exigiu saber quantos milhões ele queria pela esposa — "cinco, dez?" —, Meneghini respondeu: "Enfie seu dinheiro no seu cu grego." (Em suas memórias, parte da reação foi perdida na tradução: "Respondi: 'Você é um pobre bêbado e me embrulha o estômago. Eu gostaria de quebrar sua cara, mas não vou tocar em você pois não consegue nem ficar em pé.'")

De acordo com Meneghini, Onassis começou a chorar e fez uma declaração emocionada e extraordinária:

— Sim, eu sou uma desgraça. Sou um assassino. Sou um ladrão... Mas também sou milionário e poderoso. Nunca desistirei de Maria e vou afastá-la de quem quer que seja necessário, usando quaisquer

que sejam os meios, enviando pessoas, coisas, contratos e convenções para o inferno.

De acordo com Meneghini, Callas começou a gritar histericamente. Ele disse ao amante da mulher:

— Rogo uma praga em você para que nunca tenha paz pelo resto de seus dias.²³

Foi um comentário do qual ele se lembraria com uma sensação de satisfação.

SEIS

O PRÍNCIPE, A ESPOSA E O AMANTE DELA

Ouvidos tinham eles, e não ouviram.

—ÉSQUILO

Battista Meneghini talvez não tenha sido o único a considerar Onassis capaz de matar qualquer um que se metesse em seu caminho, mas tinha mais motivos do que a maioria para temê-lo.

Um advogado de Verona — um dos intermediários usados por Callas para tentar convencê-lo a lhe conceder o divórcio — recorda sua história sobre a confissão de assassinato feita por Onassis. “Eu disse: ‘Battista, se Onassis matou alguém, não acho que ele iria se gabar disso para você ou para qualquer outra pessoa.’ Ele retrucou, eu me lembro das palavras exatas: *‘Al bugiardo non si crede la verità.’* (Ninguém acredita num mentiroso, mesmo quando está falando a verdade.) Eu pensei: pobre Battista. Um burro faminto come qualquer palha.”¹

Logo depois da conversa, a própria Callas ameaçou atirar em Meneghini. “Cuidado, Battista. Um dia ou outro vou chegar a Sirmione com um revólver e matar você”, ameaçou ela, de acordo com as memórias de Meneghini.²

“Aquela não era Maria falando. Era Onassis”, disse ele a amigos. Onassis sempre mandava outros fazerem seu trabalho sujo. “Você não tem ideia do que ele é capaz. Quando terminar com Maria, ele a jogará no mar sem pensar duas vezes”, declarou ele.

Embora não tivesse a menor paciência para Meneghini, Franco Zeffirelli compartilhava seus temores pela segurança da artista. “Circulavam rumores sobre como esses magnatas gregos tratavam as mulheres que rejeitavam — histórias de violência e até assassinato”, conta.³

* * *

Em setembro de 1959, Callas anunciou o fim de seu casamento. O rompimento estava no ar havia algum tempo, explicou ela; o cruzeiro a bordo do *Christina* não tinha nada a ver com isso.

Seu caso com Onassis lhe trouxera uma fama que ela nunca tinha alcançado como estrela de ópera. Ela adorava a atenção tanto quanto Onassis. Pressionado no Harry’s Bar, em Veneza, Onassis admitiu: “Como não ficar lisonjeado com uma mulher da classe de Maria Callas apaixonada por alguém como eu? Quem não ficaria?”⁴

Contudo, como um biógrafo de Callas observaria astutamente: “O pequeno refugiado de Esmirna, com seus petroleiros e seus bilhões, precisava dessas doses de adulação como um viciado e, com o tempo e a idade avançada, buscou doses cada vez maiores para obter o mesmo efeito.”⁵

Em outubro, Meneghini deu entrada no processo de divórcio. Seu pedido não citava o nome de Onassis, referindo-se apenas à abrupta transformação de Callas de uma “esposa leal e grata” em uma mulher cujo comportamento era “incompatível com a decência elementar”, depois de um cruzeiro com “pessoas consideradas as mais poderosas de nosso tempo”. E em 14 de novembro, após seis horas de audiência para selar o acordo (Maria ficou com a casa em Milão, a maioria de suas joias e os lucros dos direitos autorais de suas gravações; Meneghini continuou com a casa em Sirmione e todos os seus investimentos imobiliários), a separação foi legalizada.

Onze dias depois, Tina Onassis abriu um processo de divórcio na Suprema Corte do Estado de Nova York alegando adultério.

Na manhã em que a notícia estourou nos jornais de Nova York, Onassis recebeu um pequeno pacote contendo uma pulseira de ouro com a inscrição *Saturday, April 17, 1943, 7 P.M. — T.I.L.Y.*

* * *

A declaração de Onassis à imprensa foi breve: “Acabei de saber que minha esposa deu início aos procedimentos de divórcio. Não estou surpreso, a situação tem se desenrolado depressa. Mas não fui avisado. Obviamente, terei de acatar o que ela quer e fazer os arranjos apropriados.”

Na época perto de completar 36 anos, Callas esperava muito mais — uma declaração de seu amor por ela, um compromisso público com o futuro deles.

Entretanto, o anúncio de Tina deixara Onassis profundamente chocado. Ele não era o primeiro homem — e não seria o último — a querer manter a amante e a esposa ao mesmo tempo. Em Londres, teve uma crise na suíte de Spyros Skouras no Claridges e “chorou como uma criança” depois de implorar por mais de uma hora ao telefone para que Tina mudasse de ideia.⁶

Onassis ainda lhe suplicava para voltar quando os dois se encontraram em Paris, em abril, para discutir os termos do divórcio. Armando para que fossem fotografados jantando juntos, incentivou as especulações sobre uma reconciliação. Mas não houve qualquer relaxamento naquela cautela típica dos casais em guerra (“Mesmo no amor”, diria Tina mais tarde a um amigo, “ele não conseguia se doar sem negociar”),⁷ e não houve um recomeço.

Para agradar ao pai, Tina retirou as acusações de adultério e, em junho, obteve um divórcio “rápido” não contestado, no Alabama, baseado em abuso emocional. Para piorar a situação, ela voltou a usar o sobrenome de solteira, Livanos, o qual, segundo Tina, tinha

um toque consideravelmente mais elegante do que o sobrenome do ex-marido. Os amigos ficaram chocados com sua amargura. “Mesmo que ela achasse o sobrenome de Ari uma merda, ainda era o sobrenome de seus filhos”, lamentou Theodore Garofalides.⁸

Em retaliação, Onassis fez de tudo para ser visto celebrando sua recém-conquistada liberdade com a amante. Havia fotos dos dois jantando em Londres e Paris, divertindo-se no sul da França e dançando em Roma. “É impossível eles dançarem de rosto colado, já que a srta. Callas é um pouco mais alta do que o sr. Onassis”, dizia a legenda de uma foto deles no salão da dança. “Mas durante a dança ela abaixou a cabeça para mordiscar a orelha dele.” Choveram especulações de que o casamento era iminente. Enfim a cantora podia vislumbrar um futuro ao lado dele.

* * *

Spyros Skouras, que acabara de adquirir os direitos para o cinema do recente best-seller de Bobby Kennedy, *The Enemy Within* — sobre a época em que Kennedy atuou como advogado da Senate Rackets Committee e sua guerra contra o líder trabalhista Jimmy Hoffa^I —, contou a Onassis que John F. Kennedy planejava concorrer à presidência em 1960.^{II} Não se sabe se isso foi uma suposição baseada em algum fato ou uma informação passada por Bobby. De qualquer forma, Skouras estava certo; em dezembro, ele exortou Onassis a resolver seus problemas com Bobby. Se o irmão vencesse as eleições em novembro, Bobby poderia se tornar “alguém que não se deseja ter como inimigo”.⁹

Skouras gostava de Onassis, embora os dois quase tivessem se estapeado quando Onassis se recusou a contribuir para seu Fundo Grego de Ajuda à Guerra durante a Segunda Guerra Mundial. (“Vi o que acontece com quem se envolve em causas políticas”,^{III} afirmou-lhe Onassis, e Skouras, um orgulhoso grego do Peloponeso,

chamou-o de “um merda pretensioso de Esmirna”).¹⁰ Skouras disse que se ele e Onassis haviam conseguido superar as desavenças, Onassis e Bobby deveriam fazer o mesmo.

Mas não era assim tão simples.

O ódio de Bobby Kennedy pelo corrupto e poderoso Hoffa era fácil de entender. Já a hostilidade que Bobby nutria por Onassis era pessoal, mais complexa e infinitamente mais difícil de explicar.

Franklin D. Roosevelt Jr. — que conhecia Onassis desde 1942, quando se encontraram numa festa de aniversário para a amante norueguesa do grego, Ingeborg Dedichen, em Long Island — achava que ele exagerava a rivalidade de Kennedy. “Bobby não gosta dele, mas está ocupado demais para prestar tanta atenção em Ari quanto Ari dedica a ele”, disse Roosevelt a Costa Gratsos em 1960.¹¹

Em 1954, pouco antes de o indiciamento do Departamento de Justiça contra Onassis — pelo golpe dos petroleiros excedentes da guerra — deixar de ser sigiloso, ele pedira a Roosevelt para representá-lo. Roosevelt não aceitou. Prestes a tentar a candidatura ao governo de Nova York, ele temia que o escândalo ligando seu nome ao de Onassis o prejudicasse.^{IV}

Outro motivo pelo qual Roosevelt desistiu do dinheirão oferecido por Onassis talvez tenha sido a insistência de Ari em afirmar que Bobby era o mentor de seu infortúnio. “Se não posso derrubar um nanico como Bobby, qual é o sentido de confrontar o Departamento de Justiça?”, provocara Onassis. Sua tentativa de assegurar a Roosevelt sua determinação não apenas de enfrentar o governo dos Estados Unidos, mas também de difamar Kennedy, era preocupante.¹² Os Kennedy e os Roosevelt eram amigos havia anos: Joe Kennedy ajudara a financiar a primeira campanha presidencial de seu pai, em 1932; cinco anos depois, Franklin Roosevelt o nomeou embaixador da corte de Saint James.

Embora fosse um homem de considerável *amour-propre*, Roosevelt nunca fora conhecido por sua astúcia política. Mas, em 1960, conforme previra ao se ligar ao ascendente John Kennedy —

assim como Joe Kennedy se ligara a Franklin Roosevelt —, ele deve ter achado que finalmente tinha feito algo incrivelmente certo na vida.

* * *

Enquanto isso, para Callas, casar-se com Onassis se tornara uma ilusão.

— Anthony, diga a Ari que ele tem que se casar comigo — implorou ela a Montague Browne certa noite num jantar.

— Maria, não posso fazer isso — interrompeu Onassis bruscamente. — Eu só trabalho com pagamento à vista.¹³

Entretanto, quando amigos a pressionaram a deixá-lo, ela disse: “Quando há desprezo atrás de desprezo e insultos e mais insultos, o amor que permanece é muitas vezes ilógico, mas também indestrutível.”

Aquilo era uma espécie de loucura, afirmou Callas, comovida, e ninguém optava por ser louco.

O relacionamento com Onassis não lhe trouxera a alegria que tanto desejava nem a paz que merecia. “Sempre que eu os via juntos, ela tentava disfarçar [sua infelicidade], e obviamente ainda era louca por ele”, conta Zeffirelli. “De um modo desagradável, essa adoração desesperada por parte dela só suscitava o pior dele, levando-o a tratá-la tão mal quanto podia. Parecia não haver limite para o sadismo dele.”¹⁴

Quando se viu prestes a completar quarenta anos, ela admitiu que tanto a carreira quanto a vida pessoal já não estavam no auge e passou a suspeitar que Onassis nunca tinha pretendido que o caso deles fosse mais do que uma aventura sancionada pela fraqueza de Meneghini e pela permissividade de Tina.

Ainda assim, ela também sabia que, se pudesse voltar no tempo, teria agido exatamente da mesma maneira.

Enquanto isso, ainda se deleitando com a glória da cantora, Onassis nunca parava de tentar moldá-la, para demonstrar seu poder. Ele a fazia se vestir de preto, sua cor favorita. Como quem orquestra um ritual de possessão, ele disse ao cabeleireiro dela em Paris para cortar seu longo cabelo. O novo corte, bem mais curto, lhe remoçou em dez anos, mas também privou seu rosto de uma vivacidade elementar.

Callas muitas vezes passava meses sem praticar uma nota. Onassis queria que ela entrasse para o cinema, e foi com essa finalidade que Franco Zeffirelli foi ver Skorprios para discutir a produção de uma versão cinematográfica de *Tosca*. Mas o primeiro jantar deles juntos foi um desastre. À medida que a noite avançava, a tensão entre Onassis e Callas se tornava cada vez mais evidente. Zeffirelli começou a suspeitar que o interesse de Onassis no projeto era mais um de “seus truques cruéis: seduzir Maria e depois abandoná-la”.¹⁵

Por fim, Callas correu para o quarto aos prantos.

“Estou simplesmente à mercê dele”,¹⁶ revelou ela a Zeffirelli, lamentando-se, quando o amigo foi ao seu quarto confortá-la.

Algumas semanas depois, Zeffirelli ficou chocado quando “um grego de aparência bastante sombria” telefonou para marcar um encontro na Itália e lhe entregou uma sacola contendo 10 mil dólares em espécie — a prometida contribuição de Onassis para o filme.^v

Foi tudo “escondido, sem recibo, nada”,¹⁷ recorda Zeffirelli.

Onassis era um homem que se alimentava da intriga, é claro. Mas aquele foi o precursor de um negócio que acabaria chocando o mundo.

* * *

Em 20 de janeiro de 1961, véspera da posse de John F. Kennedy como presidente dos Estados Unidos, Onassis comemorou em Monte Carlo o que alegou ser seu aniversário de 55 anos. (Ainda fingindo ser seis anos mais novo, conforme os anos passavam, ficava cada vez mais difícil sustentar a mentira, e o hábito de beber muito e o estilo de vida agitado cobravam seu preço.) Tinha chegado a uma idade, disse ele aos convidados reunidos no Hotel de Paris para comemorar a data, em que um homem tem de fazer um balanço de sua vida, e ele decidira reduzir uma marcha em comparação ao ritmo dos tempos passados.

No novo grupo que o cercava — na maioria, pessoas muito ricas ou muito nobres, o que ele sabia que nem sempre eram a mesma coisa — estavam o príncipe e a princesa Stanislas Radziwill. Não era o título extinto do príncipe polonês que impressionava tanto Onassis — Radziwill se tornara um simples senhor ao adquirir a cidadania britânica, em 1951. Também não era seu estoque de anfetaminas fornecidas por Max Jacobson, o médico da sociedade de Nova York conhecido como “dr. Feelgood” (“dr. Sinta-se Bem”).^{VI} Na verdade, era o fato de a esposa dele, Lee, ser agora cunhada do homem mais poderoso do mundo — “o sujeito que não chamei para ficar para o jantar”, recordou Ari, arrependido.¹⁸

— Mas você *odeia* os Kennedy — lembrou-o Gratsos quando Onassis anteviu uma relação mais íntima com Lee.

— Apenas Bobby — reagiu Onassis, ajustando a mira.¹⁹

Lee Radziwill e seu marido estavam casados havia apenas nove meses, mas ela já se afastava do segundo marido quando os dois foram apanhados pelo circo de Onassis. Aos 29 anos, pós-debutante da Costa Leste (Farmington, três períodos na Sarah Lawrence), com um sorriso bonito e um belo cabelo, Lee era um ímã para homens como Onassis. Ele admirava “a maneira como ela estava habituada à riqueza, a forma como aceitava o luxo com naturalidade”.²⁰ Ela nascera com um gosto por dinheiro — Onassis achava que não havia

nada mais chique — e a relação dos dois tornou-se rápida e inevitavelmente íntima.

* * *

Se é verdade que Bobby Kennedy tinha “um imenso senso de humor para os pecadores”,²¹ isso definitivamente não se aplicava a Onassis. Bobby sabia que o caso de Ari com Lee não permaneceria em segredo por muito tempo — o próprio Onassis cuidaria disso — e claramente avaliava as consequências com apreensão.

Em resumo, o problema era este: Lee se casara com o primeiro marido, Michael Canfield, na Igreja Católica, e o Vaticano se recusou a aceitar a validade do divórcio. Muito tempo e dinheiro dos Kennedy foram gastos na tentativa de anular o matrimônio com Canfield, para que ela pudesse desposar Stanislas — conhecido como “Stas” — Radziwill no seio da Igreja Católica romana. Infelizmente, as engrenagens dos tribunais eclesiásticos eram lentas, demasiado lentas para Lee, que, apaixonada — e grávida —, já se adiantara e se casara com seu príncipe numa cerimônia civil na Virgínia. Irritado com sua impaciência, o Santo Ofício em Roma julgou o casamento com Canfield válido. Quando Kennedy se tornou o primeiro presidente católico romano dos Estados Unidos, a família achou que o Vaticano deveria repensar a decisão, e Bobby assumiu o comando da campanha. “Vocês oferecem as preces, nós providenciamos a pressão e Deus realiza o milagre”, dissera ele aos Radziwill.²²

Foi nesse momento — quando Sua Santidade estava gentilmente desmaterializando o casamento com Canfield — que Lee saracoteou para o romance com Onassis. Infelizmente para os Kennedy, Stas se importava tão pouco com o caso de Lee quanto ela se importava com o dele — a essa altura, ele havia concentrado *seu* interesse amoroso e a maior parte de suas esperanças financeiras na herdeira do ramo de automóveis Charlotte Ford.

Por trás do ar de homem do mundo e de seu garboso bigode *à la* Adophe Menjou, havia em Stas a insegurança de um aristocrata apátrida agarrado como quem corre risco de vida a um título simbólico que ainda podia lhe render diretorias e convites para as festas certas. Ele tinha aplicado, é verdade, alguns golpes no mercado imobiliário de Londres, mas os vícios de Lee — viagens, moda, as altas rodas e imitar Jackie — eram caros para as contas de Radziwill. E Stas — dezenove anos mais velho que a esposa — queixava-se cada vez mais do alto custo de suas aspirações.

Segundo David Metcalfe, um dos amigos mais antigos de Stas em Londres, “os amantes de Lee em geral eram homens com quem Stas estava fazendo negócios”.²³ Portanto, não foi surpresa alguma para os amigos do casal quando Stas foi recompensado com uma lucrativa diretoria da Olympic Airlines logo depois de Lee iniciar seu caso com Onassis.

Seus inimigos indelicadamente o chamavam de Pimp [Cafetão] Radziwill. Para Bobby, aquilo foi a gota d’água. Ele disse que Stas tinha de dar um fim ao caso de Lee com Onassis de uma vez por todas.

Mas o polonês se recusou a reconhecer que havia um problema. E, enquanto Bobby fumegava, os três — o príncipe, sua esposa e o amante dela — prosseguiram com suas agendas com a ávida sinergia dos sete anões cavando sua mina de diamantes.

I Ironicamente, de acordo com Budd Schulberg, que escreveria o roteiro, o projeto foi abandonado, porque “os grandes estúdios temiam ofender as pessoas que são a força razoavelmente poderosa desse país: os grandes chantagistas trabalhistas (...) Era apenas um medo antiquado”. (Schulberg, citado em Jean Stein, *American Journey: The Times of Robert Kennedy* [George Plimpton, org.]. Londres: Andre Deutsch, 1971, p. 58.)

II Sua candidatura foi anunciada oficialmente em 2 de janeiro de 1960.

III Em 1922, o tio favorito de Onassis, Alexander, que se envolvera na Liga de

Defesa da Ásia Menor, um movimento separatista que lutava por uma zona grega autônoma dentro da Turquia, com Esmirna — de população predominantemente grega e um centro tradicional do cristianismo na Ásia Menor —, sendo tratada como zona internacional, havia sido considerado culpado por um tribunal militar turco e enforcado na praça pública de Kasaba.

IV Muito mais prejudicial para as perspectivas de Roosevelt era seu próprio caráter, que tinha falhas profundas. O nome e a semelhança física com o pai famoso lhe davam um toque de classe que muitos acreditavam não ser corroborado por suas habilidades. Ele tinha uma atuação fraca na Câmara, o que lhe rendia “o desprezo de colegas e muitos constituintes por sua indolência e seu absenteísmo. Igualmente prejudicial era o fato de não colaborar com os líderes do partido — em parte por princípio, mas também por achar que seu nome o punha acima deles”. Como se viu, os líderes da Tammany Hall (sociedade formada por membros do Partido Democrata) rejeitaram sua indicação para a candidatura ao cargo de governador, preferindo Averell Harriman. Embora fosse concorrer ao cargo repetidas vezes no futuro, em todas elas Roosevelt terminaria “longe da vitória que antes parecia assegurada”. (Peter Collier com David Horowitz, *The Roosevelts: An American Saga*. Londres: Andre Deutsch, 1994, p. 461.)

V Isso foi um sinal de como Onassis encarava o projeto, refletiria mais tarde Zeffirelli. “O custo de pré-produção de um filme chega a centenas de milhares de dólares. Ao dar tão pouco, podia parecer que ele estava promovendo Maria, quando na verdade assegurava que nada acontecesse.” Mas, depois que eles não conseguiram adquirir os direitos de filmagem de *Tosca*, Callas ligou para Zeffirelli e exigiu seu dinheiro de volta. Quando ele lhe informou que já o gastara e que, de qualquer modo, o dinheiro era de Onassis, ela retrucou: “O dinheiro era meu. Ele me fez pagar com o pouco que me restava.”

VI Foi Radziwill quem apresentou Jacobson a Charles Spalding (“Eu via Stas saltitando pela cidade e fui ver Max”, contou ele a Seymour Hersh, *The Dark Side of Camelot* [Boston: Little, Brown, & Co., 1997, p. 235]), e foi Spalding quem apresentou Jack Kennedy a Jacobson. Numa autobiografia não publicada, o médico escreveu que da primeira vez que tratou de Kennedy aplicou-lhe uma injeção pouco antes de um dos debates na TV com Richard Nixon, no outono de 1960.

SETE

FELIZ ANIVERSÁRIO, SR. PRESIDENTE

Something's Got to Give

—TÍTULO DO ÚLTIMO FILME (INACABADO) DE MARILYN MONROE

Em maio de 1962, Onassis almoçou com seu velho amigo Spyros Skouras no "21", em Nova York. Gostava daquele grego firme, com tórax em forma de barril, que emigrara para os Estados Unidos em 1912 e se tornara um dos "monstros maravilhosos" que inventaram Hollywood. Em 1935, ele arquitetara a fusão da velha William Fox Corporation com a Twentieth Century e criara uma das empresas de cinema mais famosas do mundo. Mas, aos 73 anos, as coisas tinham começado a dar muito errado para ele e seu estúdio.

Cleópatra, o épico com Elizabeth Taylor e Richard Burton que estava sendo filmado em Roma, foi atingido pelo escândalo do romance entre os dois e o fim de seus casamentos. Os problemas relacionados à saúde duvidosa de Taylor e às bebedeiras de Burton ganhavam as manchetes em todo o mundo. Naquela primavera, quando o filme entrou no 33^o mês de produção, seu orçamento havia alcançado a quantia até então inédita de 30 milhões de dólares (435 milhões de dólares, em valores atuais). Outro filme — *Something's Got to Give*, estrelado por Marilyn Monroe — também passava por dificuldades devido às constantes ausências da atriz. Em 35 dias de filmagem, ela aparecera apenas uma dúzia de vezes e quando aparecia estava tão medicada que mal conseguia se lembrar

das falas. Com a hemorragia de dinheiro da empresa na Itália, o estúdio parecia ter perdido o controle sobre suas estrelas.

Obviamente, os dias de Skouras no estúdio estavam contados, e, como muitos gregos sentimentais, ele queria se tornar um armador na idade avançada. Já tinha dois petroleiros e, planejando formar uma frota de navios porta-contêiner, buscava os conselhos de Onassis.

De acordo com Yannis Georgakis, o almoço se tornou uma “farsa obscura de mútua paranoia, ensimesmamento, limites ultrapassados e destino”.¹ Entretanto, Onassis escutou pacientemente Skouras soltar sua raiva contra aqueles que acreditava tê-lo abandonado: Taylor; Burton; o diretor de *Cleópatra*, Joe Mankiewicz; Marilyn Monroe. Mas, quando Skouras de repente voltou seu veneno contra Bobby Kennedy, Onassis se endireitou num sobressalto. Como Bobby Kennedy podia ser responsável por seus problemas? Como? Porque estava dormindo com Marilyn Monroe e enchendo a cabeça dela de ideias sobre quanto o estúdio a desvalorizava. Por isso, disse-lhe Skouras, contrariado.

* * *

O tempo só fizera aumentar a convicção de Onassis de que Bobby era a origem de seus problemas, e a descoberta de que o presidente — que de vez em quando dormia com Marilyn desde 1954, quando eles se conheceram em uma das festas de Charlie Feldman — a passara para Bobby era tão animadora quanto uma herança inesperada. Mas Skouras tinha certeza de que era Bobby Kennedy, o procurador-geral, quem estava dormindo com Monroe? Skouras lhe disse: “Aquele maldito filho da puta com sua Bíblia em uma das mãos e seu sermão na outra, é claro que tenho certeza de que é Bobby. Ele é pior do aquele seu velho filho da puta.”¹

A animosidade de Skouras por Bobby provavelmente havia sido exacerbada por uma briga algumas semanas antes, quando o

procurador-geral lhe pedira para fazer os preparativos para que seis amigos seus visitassem o set de *Cleópatra* em Roma e fossem entretidos no almoço por Elizabeth Taylor. Furioso com sua falta de sensibilidade, Skouras lhe respondeu: "*Cleópatra* não é uma excursão social, e sim um negócio."² Na manhã seguinte, Bobby ligou para Skouras em sua casa, em Rye, Nova York. Segundo Skouras, "ele me disse: 'Seu grego filho da puta, farei você desejar nunca ter vindo para os Estados Unidos'".³

Podia haver também um quê de ciúme sexual no rancor de Skouras, já que ele também tinha sido amante de Marilyn e ainda falava com entusiasmo, e de modo um tanto quanto incestuoso, sobre sua "maravilhosa Marilyn, [que é] como minha própria filha, juro por Deus".⁴

No entanto, de acordo com Arthur Miller, o terceiro e último marido de Marilyn, o próprio Skouras era, pelo menos em parte, culpado pela crise da atriz que ajudava a enfraquecer o estúdio. "Ela estava furiosa por ele lhe negar as gratificações comuns de uma grande estrela", contou Miller.⁵ E Rupert Allan, assessor de imprensa de Monroe e um de seus últimos amigos verdadeiros em Hollywood, achava que Skouras havia deliberadamente tentado pôr a culpa pelas ausências custosas de Marilyn em Bobby Kennedy. "O erro que as pessoas cometiam com Skouras era achar que ele era apenas um gângster. Na verdade, era um gângster maquiavélico", revelou Allan, que suspeitava que Skouras estava apenas acertando contas pessoais com Kennedy ao se recusar a permitir que Marilyn aparecesse na festa de gala do aniversário de 45 anos do presidente, no Madison Square Garden, em Nova York.⁶

Apesar das tentativas de Skouras de impedir que ela fosse, um helicóptero pousou na Fox pouco depois do meio-dia, na quinta-feira, 17 de maio, e Peter Lawford, cunhado de Kennedy, agindo como o herói do Dia D que representara em *O mais longo dos dias*, do estúdio, arrebatou Marilyn e a levou para o Aeroporto Internacional de Los Angeles, pondo-a a caminho de Nova York para

interpretar sua versão notoriamente orgástica de “Parabéns a você” para o presidente.

Assim se deram os acontecimentos cujas consequências entrelaçariam de forma inseparável as vidas de Bobby, Jackie e Aristóteles Onassis.

* * *

Incapaz de dissuadir Lee Radziwill de se encontrar com “o grego”, Bobby Kennedy telefonou para Ari em Paris e exigiu que ele parasse de vê-la. Onassis mais tarde tornou pública sua resposta: “Bobby, você e Jack trepam com sua rainha do cinema, e eu vou trepar com minha princesa.”

Pouco depois, os Kennedy se desvencilharam de Marilyn.

* * *

Se Marilyn havia se convencido de que Bobby realmente se divorciaria da mãe de seus sete filhos, sua compreensão da realidade era de fato duvidosa. Como procurador-geral dos Estados Unidos, membro da família católica mais famosa do país e político que acabara de ser nomeado Pai do Ano (um prêmio que celebrava sua “vida em família *à la* Norman Rockwell”), era improvável que ele fugisse com um símbolo sexual de Hollywood com três casamentos nas costas. Entretanto, quando a ficha caiu, ela se sentiu usada. “Ela ficou arrasada (...) achava que os Kennedy a haviam passado adiante como se ela fosse um pedaço de carne”, revelou Rupert Allan.⁷

Onassis ficou furioso com a maneira como os Kennedy a haviam tratado — e, a seu ver, com a forma como eles a haviam usado para ajudar a destruir seu velho amigo Spyros Skouras. No dia em que o filme *Something's Got to Give* foi interrompido e ela, demitida pelo

estúdio, Onassis telefonou para Allan, a quem conhecia desde os tempos em que este era assessor de imprensa da princesa Grace em Mônaco. “Ari me falou para informar a Marilyn que seu iate estava à sua disposição pelo tempo que quisesse”, recordou Allan. “Ele disse: ‘Ela já se ofereceu para me fazer um grande favor, eu devo a ela.’”⁸

Marilyn sempre soubera como fazer uma cena para conseguir o que queria e ameaçou os Kennedy. “Se eu não tiver notícias de Bobby Kennedy (...) vou convocar uma entrevista coletiva e contar tudo (...) Vou contar sobre meus relacionamentos com os dois irmãos Kennedy”, revelou a Robert Slatzer, um ex-amante.⁹

Bobby voou para a Califórnia a fim de persuadi-la a ficar quieta. O caso deles — o caso dela com *todos* os Kennedy — havia acabado. Mas terminar um romance raramente é fácil, e Bobby estragou tudo.

* * *

Há relatos contraditórios sobre o que aconteceu entre uma da tarde de sábado, 4 de agosto, quando Bobby Kennedy se encontrou com Marilyn pela última vez na casa dela, em Brentwood, e por volta das dez da noite, quando a atriz foi encontrada morta em seu quarto pela arrumadeira, e ainda até as 4h25 do dia seguinte, quando a polícia foi, enfim, chamada — depois de Bobby ser levado de helicóptero para fora da cidade.

O relatório da autópsia registrou a causa da morte como “envenenamento agudo por barbiturato devido a ingestão de overdose”, mas as circunstâncias da morte nunca seriam determinadas de modo convincente. Ela pode ter morrido pelas próprias mãos ou pelas de outra pessoa. E Peter Lawford — e outros — haviam feito uma operação de encobrimento tão grande naquelas cinco ou seis horas entre a descoberta do corpo e o telefonema à polícia que seria impossível determinar algo além do fato de que a vida de Marilyn Monroe chegara ao fim e a lenda começara.^{II}

* * *

Ninguém tinha um instinto de sobrevivência mais forte do que os Kennedy. E, ao fugirem do lamaçal sombrio da tragédia de Marilyn Monroe, Jack e Bobby logo cuidaram de validar suas credenciais de homens de família: naquele outono, suas esposas estavam obedientemente grávidas — Ethel pela oitava vez, Jackie pela quarta.

O momento do anúncio de que a primeira-dama estava grávida foi calculado com precisão, como tudo que John F. Kennedy fizera em sua vida política. Consciente de sua vitória apertada em 1960 — quando vencera com uma vantagem de 114 mil votos de um total de 68 milhões —, um recém-nascido na Casa Branca pela primeira vez naquele século seria uma dádiva divina em termos de relações-públicas com a aproximação das eleições de 1964.^{III}

* * *

Porém, lidar com o estilo de vida *louche* dos Radziwill foi mais difícil. Histórias sobre os acordos liberais mantidos por eles no casamento — tais como as brincadeiras românticas de Lee com Onassis na suíte dele no Claridges, enquanto Stas, que gostava muito de prostitutas, entretinha-se com sua mais recente *fille de joie* no bar do andar de baixo¹⁰ — causavam frisson em jantares elegantes em Londres e Nova York.

Isso não teria sido tão ruim se Lee tivesse avaliado melhor a escolha do amante. Iniciar um romance com “o grego” — um homem que cortejava publicidade e que ainda estava envolvido num caso escandaloso com a casada Maria Callas, um homem que havia sido indiciado pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos por formação de quadrilha para defraudar o país em milhões de dólares

— era simplesmente inconcebível, e Bobby considerou isso uma traição à família inteira.

Contudo, se o juízo de Lee era ruim, seu *timing* era ainda pior. Sua decisão de aceitar o convite para fazer com o amante e Callas um cruzeiro a bordo de seu iate, na primavera de 1963, foi um lembrete indesejável aos Kennedy de quanto Onassis se aproximara da família — e de quanto ele poderia saber sobre seus romances.

Motivos óbvios tinham convencido os amigos dos Radziwill de que o casamento deles acabara e que Lee havia mirado em Onassis para ser seu marido número três com tanta obstinação quanto este a havia escolhido para ser seu novo troféu em forma de amante. Mas quem estava vazando as histórias sobre o romance deles para a imprensa?

Bobby culpou Onassis, é claro. Contudo, outra fonte pode ter sido o próprio “sexualmente cínico” Stas Radziwill.¹¹ Alvo de rumores de que financiara seus primeiros negócios imobiliários com dinheiro desviado da Cruz Vermelha polonesa,^{IV} Radziwill era um homem de charme considerável, porém de pouca probidade. Como pouco se esforçou para disfarçar a pressa em pôr fim ao matrimônio com Lee a fim de se dedicar a cortejar Charlotte Ford, filha do magnata do ramo dos automóveis Henry Ford II, seus amigos suspeitaram que ele fornecera a alguns jornais notícias sobre a capitulação de Lee aos ardis de Onassis.

Entretanto, pelo menos uma notícia, na coluna de Drew Pearson no *Washington Post*, pode ser atribuída diretamente a Onassis — e foi a mais preocupante, na opinião de Bobby: “*Diz-se que o romance [de Onassis] com a estrela da ópera Maria Callas está no fim e que sua ambição é se tornar cunhado do presidente Kennedy...*”¹²

David Karr, que teve um papel nebuloso na vida de Onassis, alegou que o grego lhe pedira para plantar a notícia com Pearson, de quem Karr já havia sido informante e do qual ainda era amigo próximo. “Ari queria provocar o procurador-geral e mostrar que podia atingir o coração de Washington ao fazer isso”, revelou Karr.¹³

* * *

Em junho, Bobby encontrou a desculpa perfeita para tirar Lee do iate de Onassis, que cruzava a costa italiana, ao sul de Roma. Era perfeita pois ele sabia que a partida dela seria uma humilhação pública para Onassis, que tirava proveito da publicidade de anfitrião da irmã da primeira-dama.

Foi também uma oferta à qual Bobby sabia que Lee não conseguiria resistir. Ele lhe pediu para voar até a Alemanha e substituir Jackie — agora com sete meses de gravidez e impossibilitada de viajar — na visita do presidente à Europa. Jack, que havia descoberto a vantagem de ter uma mulher atraente ao seu lado em grandes ocasiões, sempre ficava satisfeito com a desculpa de entreter a cunhada. De acordo com Robin Douglas-Home — que fora um dos amigos íntimos de Lee em Londres durante seu casamento com Michael Canfield —, ela e Jack se regozijavam com a promiscuidade e a percepção de risco que tinham em comum. Segundo Douglas-Home, os dois eram amantes desde quando tinham se tornado cunhados, e Canfield parecia não ter dúvida alguma disso. “Houve momentos em que acho que ela talvez tenha ido longe demais, sabe? Como ir para a cama com Jack no quarto ao lado do meu, no sul da França, e depois se gabar disso”, revelaria Canfield mais tarde a seu velho amigo Gore Vidal.¹⁴

Embora Onassis estivesse convencido de que Lee dormiria com o cunhado com tanta disposição quanto dormira com ele no sul da França, não foi uma raiva movida por ciúmes que ele sentiu, já que em geral não tinha qualquer ciúme sexual, mas sim uma raiva que vinha “do fundo da autoestima dele; o fato de ela ter saído de sua cama para dormir com um Kennedy por ordem de outro o deixou com muita raiva, de fato”, contou Georgakis.

Lee acompanhou Jack num jantar com o presidente da Alemanha Ocidental em Bonn, seguiu com ele para Berlim Ocidental e permaneceu ao seu lado durante o resto da viagem, inclusive em

sua visita sentimental à Irlanda e num passeio não planejado à Inglaterra, onde ele visitou o túmulo de sua irmã Kathleen (morta em um acidente de avião em 1948, na França).

A viagem foi um triunfo pessoal para Lee, multidões eufóricas saudavam Kennedy aonde ele ia, e ela estava o tempo todo ao seu lado. “Lee tinha uma presença impressionante. (...) Ao mesmo tempo, era apenas um membro do grupo”, admirou-se um assessor da Casa Branca.¹⁵ Poucos perceberam quanto aquilo era uma doce vingança para uma mulher que tinha vivido à sombra da irmã por tanto tempo. “Por que alguém se importaria com o que eu faço quando há muito mais pessoas interessantes no mundo?”, perguntara ela a um repórter não muito tempo depois de Jackie se tornar primeira-dama. “Eu não fiz absolutamente nada.” Apenas seu amigo Truman Capote percebeu a inadequação por trás daquele *cri de coeur*. “Meu Deus, como ela tem inveja de Jackie. Eu não sabia”, escreveu ele em seu diário.¹⁶

Aquela seria a última viagem de John Kennedy à Europa, seu último triunfo público. Até aquele momento, Lee havia permanecido à sombra dos eventos. No entanto, estar ao lado do presidente quando este proferiu o histórico discurso “Ich bin ein Berliner” com o Muro de Berlim ao fundo foi a experiência mais empolgante de sua vida, como diria ela mais tarde.

* * *

No voo de volta a Washington, no Air Force One, Jack lhe pediu um pequeno favor: *Ela se casaria de novo com Stas numa igreja católica?*

Tanto Jack quanto Lee sabiam que o pedido dele não era nem de longe um favor pequeno. Aquela era uma situação que os Radziwill vinham evitando desde que o Vaticano, com a graça de Deus — e o atrevimento de Bobby — anulara o casamento de Lee com Michael Canfield.

Apesar de algum receio em relação à confiabilidade de Radziwill, Jack Kennedy gostava dele. Stas trabalhara com afinco para angariar apoio a Jack nas comunidades polono-americanas no Meio-Oeste na eleição presidencial de 1960, para no fim das contas receber uma recompensa diminuta.^v Entretanto, a questão da cerimônia católica não tinha nada a ver com o fervor de redenção de Kennedy. Era pura e simplesmente política: os irmãos Kennedy queriam se assegurar de que Lee não ficasse livre para se casar com Onassis antes das eleições do mês de novembro seguinte. “Como Lee poderia recusar?”, diria Stas mais tarde, com certa ironia, ao explicar a situação difícil deles aos amigos. “Jack era seu amante, seu cunhado e seu maldito presidente!”¹⁷

Não importava que Lee e Stas já não estivessem apaixonados um pelo outro e estivessem envolvidos com outras pessoas, os dois sabiam onde residia o poder. E, uma semana depois de Lee voltar de Berlim, os Radziwill, obediente e desgraçadamente, enfrentaram uma cerimônia de casamento católica em Londres.

“Os Kennedy podiam me aceitar como amante de Lee: isso era pessoal. O que não podiam aceitar era a ideia de que eu me casasse com ela: isso era política”, explicou Onassis a amigos. De acordo com um dos amigos de Stas em Londres, o fato de ele ter concordado em renovar seus votos católicos quando tudo o que queria era se livrar de Lee foi seu “gesto mais extremo numa longa carreira de obediência bajuladora aos Kennedy”.

Contudo, por que ele concordou com uma decisão que claramente ia contra seus instintos e interesses? “Bobby lhe pagou”, insistiu Onassis. “Bobby desembolsou uma bela quantia para fazer Stas atravessar o corredor da igreja com Lee pela segunda vez. O pobre Stas fazia qualquer coisa por dinheiro.”¹⁸ Quer Bobby tenha ou não financiado a cerimônia católica, Robin Douglas-Home suspeitou que essa era “a explicação mais plausível oferecida” para a impressionante guinada de Stas. “Para pessoas como Ari e os

Kennedy, a resposta para tudo é dinheiro. Se você tem o suficiente, pode comprar o que quiser”, contou-me ele.

* * *

Se os Kennedy achavam que a cerimônia católica convenceria Lee da necessidade de ser mais moderada em seus romances privados, eles não poderiam estar mais enganados. Semanas depois, ela estava de volta ao iate do “grego” — sem o recompensado marido.

“Lee passou pela impostura daquela cerimônia de casamento em Londres para agradar aos Kennedy, mas não iria sacrificar todo o seu futuro pela família”, revelou um de seus amigos mais antigos em Londres.¹⁹

Embora Onassis tivesse 63 anos, seu vigor sexual era de um homem de uns quarenta, disse Lee a amigos que lhe perguntavam sobre esses assuntos com discrição. Além disso, ele sabia “como cercar uma mulher de atenção e tomar nota de seus menores caprichos”, revelou com indisfarçada satisfação.²⁰

Quarenta e oito horas depois de reencontrar o amante a bordo do iate dele, Lee recebeu a notícia de que o bebê de Jackie, Patrick, morreria três dias depois de nascer prematuro no Boston Children’s Hospital.

Se o dever não convenceu Lee, a tragédia conseguiu. E, quer tenha sido movida pelo protocolo, por imperativos políticos ou por uma genuína compaixão pela irmã, ela foi correndo confortar Jackie.

I A antipatia de Skouras por Joseph Kennedy remontava a 1940, quando o grego participara de uma reunião fechada dos homens do cinema na qual Kennedy os exortou a parar de fazer filmes antinazistas e usar as produções para “mostrar simpatia pela causa das democracias *versus* ditadores”, de acordo com uma carta que Douglas Fairbanks Jr. escreveu ao presidente Roosevelt, em 1940

(documentos de Nigel Hamilton, Massachusetts History Society).

II Natalie Jacobs estava com seu futuro marido, Arthur Jacobs, o assessor de imprensa de Marilyn, num concerto de Henry Mancini no Hollywood Bowl, na noite de 4 de agosto, quando a notícia de que a atriz falecera chegou a eles, às onze da noite. "Saímos do concerto imediatamente e Arthur me deixou em nossa casa. Ele foi para a casa de Marilyn (...) Meu marido manipulou tudo" (Anthony Summers, *Goddess: The Secret Lives of Marilyn Monroe*. Londres: Warner Books, 1992, p. 461). De acordo com a terceira mulher de Peter Lawford, Deborah Gould, Lawford "foi (para a casa de Marilyn) e arrumou o lugar, fez o que podia antes de a polícia chegar (...) Foi esse o papel de Peter, encobrir todo o trabalho sujo e cuidar de tudo (para os Kennedy)" (Summers, p. 465).

III O último presidente americano a se tornar pai durante o mandato fora o democrata Grover Cleveland, cuja filha Marian nasceu na Casa Branca em 1895.

IV A história do desvio de dinheiro de Radziwill era bem conhecida entre seus amigos (e inimigos) em Londres. Gore Vidal alega que ele "se mandou com todo o capital da Cruz Vermelha polonesa, deixando a culpa recair em um general polonês idoso. Stas teve lucros com essa quantia. Depois, quando as portas da prisão começaram a ranger e se abrir, ele devolveu o capital, sem juros" (Gore Vidal, *Palimpsest: A Memoir*. Londres: Andre Deutsch, 1995, p. 372).

V Kennedy planejara dar a Radziwill um cargo em seu governo, mas, de acordo com Gore Vidal (*Palimpsest*, p. 372), quando lhe foi apresentado o relatório do FBI, supostamente pesando quilos e revelando o gerenciamento descuidado dos fundos da Cruz Vermelha em Londres, "Jack se queixou: 'Tenho que ler isso tudo?' 'Não, senhor. Só não faça a nomeação', responderam. Ele não a fez".

OITO

COMO LEE PÔDE RECUSAR?

Jeanne, não tem como você arrumar as camas e não saber o que acontece nelas!
O sr. Onassis está dormindo com a princesa Radziwill?

—MARIA CALLAS A UMA CAMAREIRA A BORDO DO *CHRISTINA*

Enquanto os Kennedy choravam a perda de um filho, Maria Callas comemorava em seu íntimo a notícia de que estava grávida. Com quase quarenta anos, ela sabia que provavelmente era sua última chance de ter um filho de Onassis e a última esperança de convencê-lo a se casar com ela. Durante semanas, mantivera seu estado em segredo, escondendo seus enjoos matinais de todos, exceto da dedicada e sábia Jeanne Herzog, sua camareira a bordo do *Christina*.

Meneghini lhe negara um filho por achar que a maternidade destruiria sua carreira, bem como o ganha-pão dele. E ter mais um filho também não estava entre as prioridades de Onassis. Não era sequer uma opção, dissera ele cruelmente quando ela levantara a possibilidade tempos antes, e Maria sabia que teria que escolher com cuidado o momento de dar a notícia a ele.

Entretanto, ela também tinha motivo para estar otimista. Alguns dias antes, “bisbilhotando onde não devia”, ela encontrara uma pulseira de diamantes Cartier com um bilhete escrito à mão por Onassis, endereçado simplesmente a “meu mais querido e doce amor”.¹

Acreditando tratar-se de uma surpresa para ela, Maria a pôs de volta no lugar escondido e se preparou para ser devidamente

surpreendida quando ele lhe desse a pulseira.

Esse seria o momento de contar a ele sobre o bebê, decidiu.

* * *

Lee retornou à Grécia logo após o funeral de Patrick em Boston. “Fiquei chocada por Lee não ter ficado com a irmã. Ela nos contou repetidas vezes quanto Jackie estava terrivelmente transtornada com a morte de seu bebê”, contou Callas à amiga Nadia Stancioff.² Mas, como Onassis gostava de dizer, e Callas estava prestes a descobrir, o *Christina* é um navio cheio de surpresas.

Teria sido fora do comum se naquela época Callas não tivesse pelo menos suspeitado que Lee e Onassis eram mais do que apenas bons amigos, sobretudo depois de Lee voltar tão depressa de suas núpcias em Londres sem o noivo. No entanto, só quando Lee apareceu usando a pulseira que dera a Callas tanta esperança foi que ela caiu em si. Mesmo assim, não conseguiu aceitar que estava tudo acabado entre ela e Onassis.

“Ela me disse: ‘Jeanne, não tem como você arrumar as camas e não saber o que acontece nelas! O sr. Onassis está dormindo com a princesa Radziwill?’”, recorda Jeanne Herzog, a principal camareira do *Christina* havia doze anos e um dos membros mais antigos da equipe pessoal de Onassis. “Eu não queria mentir para ela, então respondi que ninguém dormia na cama grande com o sr. Onassis, somente a madame usava aquela cama com ele. É claro que eu sabia que ele dormia com a princesa em outro lugar. Era um iate grande.”³

* * *

Onassis adorava ser visto entretendo Lee e Maria Callas juntas — “ele sabia como aquele triângulo amoroso aticava as línguas e

quanto aquilo incomodava Bobby e os Kennedy em Washington”, contou Yannis Georgakis. Na noite em que Lee voltou do funeral em Boston, ela, Onassis e Callas jantaram juntos em Atenas.

Aqueles que sabiam o que acontecia ficavam admirados com a artificialidade e contenção das duas mulheres em torno de Onassis. Nenhuma das duas recorria a agressões e olhares furiosos: Lee era simpática com Callas, e vice-versa. A cantora conseguiu até ignorar a pulseira de diamantes que, no pulso de Lee, proclamava a traição de Onassis — e que Lee, sem dúvida, acreditou atestar a seriedade de suas intenções com ela.

Nenhuma das duas viu o mar de problemas em que estavam entrando quando Onassis fez sua oferta fatídica de pôr o iate à disposição da primeira-dama enlutada. “Ligue para ela agora”, insistiu ele, depois de Lee lhe contar sobre a tristeza de Jackie. “Diga a ela que o *Christina* é dela pelo tempo que desejar”, pediu ele, num gesto de generosidade aprendido a partir de uma vida inteira aproveitando oportunidades.⁴

De maneira um tanto bizarra, considerando o estado em que o casamento dos Radziwill se encontrava, Lee falou para a irmã: “Diga a Jack que eu e Stas vamos lhe fazer companhia. Será perfeitamente apropriado (...) Ah, Jacks [o apelido de infância de Jacqueline]. Será tão divertido. Você não pode imaginar como o iate de Ari é incrível, e ele diz que podemos ir aonde você quiser. Vai lhe fazer muito bem sair um pouco.”⁵

Callas deveria ter sido alertada pelo ardor do convite de Onassis. Lee deveria ter vislumbrado um sinal de advertência no entusiasmo da aceitação de Jackie.

Mas esses sinais de perigo não foram percebidos.

* * *

É claro que Jackie já estivera a bordo do *Christina*, quando ela e Jack foram convidados para se encontrar com Sir Winston Churchill

no sul da França, nos anos 1950 — quando Onassis deixou de convidá-los para ficar e jantar com o Grande Homem.

O presidente ficou furioso ao saber que Jackie aceitara o convite de Onassis. Sua secretária, Evelyn Lincoln, descreveu-o como “parecendo um trovão” no dia em que soube dos planos de Jackie para sua convalescência.⁶ Mas a essa altura JFK, cujo amigo Ben Bradlee considerava “o maior porco chauvinista do mundo” — um marido que mal tentava esconder da mulher suas compulsões adúlteras —, já sacrificara qualquer direito que fosse sobre a lealdade de Jackie na *altivez* do desdém dela. Tudo o que podia fazer era lhe implorar para não ir.

De acordo com Evelyn Lincoln, a sorte já havia sido lançada: “Jackie se decidira, e pronto.”⁷

O motivo da intransigência dela talvez não fosse tanto a relutância do marido em dar um fim às suas conquistas, mas a incapacidade dele de entender quanto sua infidelidade a humilhava.

E era hora de dar o troco.

* * *

Em 12 de setembro de 1963, os Kennedy comemoraram seu décimo aniversário de casamento com um jantar em família em Hammersmith Farm. Como presente de aniversário, Jack deu à esposa o catálogo de um marchand de Nova York, convidando-a a escolher o que quisesse.⁸ Segundo Billy Keating, marchand em Londres e amigo de Jackie, foi esse gesto extravagante que revelou o sistema de trocas que, ele acreditava, era agora o cerne do casamento deles.

Entretanto, se a generosidade de Jack foi calculada para enfraquecer a decisão de Jackie sobre o cruzeiro, o gesto foi em vão. Quando Franklin D. Roosevelt Jr. — que estava prestes a se envolver na questão mais do que gostaria — perguntou a Bobby o que ele

propunha fazer em relação ao convite de Onassis, o procurador-geral respondeu com raiva: "Afundar o maldito iate."⁹

* * *

A primeira-dama passeando pelas ilhas gregas com a irmã, o cunhado e o amante da irmã — um homem processado por fraude pelo governo dos Estados Unidos e que mantinha abertamente um caso com a prima-dona, casada, mais famosa do mundo — não era o tipo de foto de que os Kennedy precisavam em meio à aproximação da campanha para a reeleição.

No entanto, tratava-se de uma situação bem mais delicada para os Kennedy do que até mesmo pessoas da Casa Branca que sabiam do convite de Onassis suspeitavam. Pois o presidente e seu procurador-geral sabiam que "o grego" estava a par do caso dos dois com a falecida Marilyn Monroe. A caçoada "vocês trepam com sua rainha do cinema, e eu vou trepar com minha princesa" de Onassis lhes deixava pouca margem para dúvida sobre a situação. Contudo, Marilyn estava morta havia mais de um ano e ainda não tinha vazado o menor indício sobre a verdadeira natureza de sua amizade com os Kennedy. Talvez por começar a ter a mente mais tranquila, Bobby decidiu pegar o touro grego pelos chifres e propor um recomeço em suas relações.

"Eu estava esperando um telefonema de Bobby", avisava Onassis sempre que começava a contar a história que entraria para sua mitologia pessoal. "Eu estava na cama com Manuela^I em meu apartamento em Paris. Ela tinha sido muito boa para mim. Eu estava de bom humor quando recebi o telefonema de Bobby." (Em algumas versões da história, Onassis alegou que ela ainda fazia sexo oral nele durante a conversa.)

Onassis afirmou que Bobby foi razoável. "Ele me disse que ele e o presidente retirariam suas objeções ao meu caso com a cunhada deles — e até ao nosso casamento, se era o que pretendíamos — se

eu desistisse do cruzeiro com a primeira-dama”, contou. Bobby podia ser o segundo homem mais poderoso dos Estados Unidos, mas Onassis percebeu de imediato que ele não conseguira convencer Jackie a mudar de ideia sobre o cruzeiro. Por que outro motivo ofereceria esses termos a Ari? Ele foi ao cerne da fraqueza do rival: “Bobby, diga-me: a sra. Kennedy sabe sobre essa oferta? Ela tem algum poder de decisão nesse assunto?”¹⁰

Até mesmo a diplomacia tem seus limites, e em Bobby esses limites costumavam ser alcançados com certa facilidade. Ele jogara a única carta que tinha, e Onassis a pusera de lado com desdém. Segundo Onassis, Bobby ficou louco de raiva. “Ele falou que ia me destruir”, relatou mais tarde a Yannis Georgakis. “Retruquei: ‘Garoto, você não me assusta, já fui ameaçado por especialistas.’ Ele disse: ‘O que ocorreu no passado, seu grego filho da puta, não é nada comparado ao que está por vir.’”¹¹

Contudo, se Onassis não se intimidou com a ira de Bobby, a ameaça de seus petroleiros serem banidos dos Estados Unidos perturbava Costa Gratsos. Embora nem mesmo o procurador-geral americano pudesse desprezar acordos de transporte internacionais por capricho pessoal, mesmo canalizando a fúria do próprio presidente, Gratsos com certeza conhecia um homem que podia: Jimmy Hoffa. De modo geral, a perspectiva de o presidente do Teamsters unir forças com Bobby Kennedy para manter os petroleiros de Onassis fora dos portos americanos aparentemente estaria no topo da lista de coisas impossíveis de acontecer. Porém, acordos mais estranhos já foram feitos quando um interesse comum está em jogo e personalidades poderosas estão envolvidas.

O que preocupava Gratsos, e tornava a improvável aliança menos remota, era o fato de Onassis ter concordado em investir 10 milhões de dólares na nova frota de navios porta-contêiner de Spyros Skouras, o que poderia baixar os custos com mão de obra em até 60% e pôr em risco os empregos de milhares de estivadores. Era um período perigoso na zona portuária; chantagistas trabalhistas

buscavam oportunidades para romper acordos sindicais honestos e fortalecer suas bases de poder. Ameaças à vida de Skouras estavam sendo levadas a sério em Washington, e o secretário do Comércio, John T. Connor, havia lhe oferecido proteção 24 horas por dia.¹²

Se Bobby pensou ou não em usar Hoffa para bloquear os petroleiros de Onassis por causa do investimento deste na frota de Skouras é discutível, mas a ideia tinha uma simetria de retribuição que pareceu óbvia para a mente maquiavélica de Gratsos. Onassis também percebeu o risco e marcou um encontro com Hoffa no Pierre Hotel, em Nova York, para lhe contar pessoalmente que estava rompendo o acordo com Skouras. Em gratidão, Hoffa lhe ofereceu alguns conselhos sobre como lidar com Bobby Kennedy. “Pisque para ele. O garoto é uma bicha”, afirmou. “Ele se vestia de menina até os dez anos!”¹³

* * *

Pouco depois do encontro com Hoffa, Onassis almoçou com Rupert Allan em Los Angeles. Bolsista da Rhodes,^{II} jornalista de sucesso no *St. Louis Post-Dispatch* e na revista *Look* antes de se tornar assessor de imprensa em Hollywood, nos anos 1950, e por fim assessor de imprensa pessoal de Marilyn Monroe, Allan era um homem educado e exigente, que lidava com a imprensa com a mesma firmeza usada para lidar com estrelas do cinema impossíveis.

Ele acabara de voltar de Mônaco, onde visitara sua velha amiga e cliente Grace Kelly. O rompimento de Onassis com Mônaco não fora exatamente amistoso. Não havia a menor simpatia entre Onassis e Grace, e Allan imaginou que Ari queria sondá-lo sobre o que ocorria por trás das portas do palácio. Ele ficou surpreso quando Onassis quis falar não sobre Grace, mas sobre Marilyn. “Ele me perguntou se eu achava que Marilyn realmente tinha se matado. Respondi que tanto a natureza dela quanto a minha haviam suscitado

pensamentos suicidas no passado e que tínhamos um pacto de ligar um para o outro caso entrássemos de novo nesse estado mental.” O fato de ela não ter ligado para ele na noite em que morreu levava-o a duvidar da teoria de suicídio.^{III} “Ari disse: ‘Sim, é o que eu penso também, Rupert. Ela não morreu pelas próprias mãos.’”¹⁴

Ele então perguntou se Allan sabia da implantação de escutas eletrônicas iniciada contra Bobby Kennedy e Marilyn na casa dela, em Brentwood, semanas antes de sua morte. “Eu sabia que Marilyn tinha trocado fluidos corporais com Bobby e Jack, mas aquela foi a primeira vez que ouvi que poderia ter havido grampos em Fifth Helena Drive”, recordou Allan depois. Onassis perguntou se o assessor poderia obter para ele as fitas incriminadoras. Embora fosse um homem que via a vida pelo prisma dos costumes de Hollywood, Allan se recusou a se envolver — aquele tipo de trabalho não era do seu feitio. De qualquer modo, acrescentou que, se as fitas existissem, custariam um bocado de dinheiro. Onassis riu. “Ele disse: ‘Rupert, Rupert’”, revelou Allan, lembrando a resposta que Onassis lhe deu com gosto, “meu caro amigo, ninguém lhe falou? Eu *tenho* um bocado de dinheiro.” (Esta era, de fato, uma das frases favoritas de Onassis.)

Allan conhecia Onassis desde 1956, quando, como assessor de imprensa da MGM, acompanhara Grace Kelly a Mônaco para assessorá-la com a imprensa em seu casamento com Rainier. Ele sabia da obsessão de Ari com a vida privada de Bobby Kennedy e achava que aquilo adquirira as características de uma vingança pessoal. Apesar de saber que Marilyn mantinha um caso com Bobby Kennedy até o dia em que morreu, Allan estava cético em relação à história das gravações contada por Onassis, considerando-a “uma fantasia de Ari”. Ele simplesmente não podia acreditar que o procurador-geral dos Estados Unidos pudesse ser “estúpido o bastante para se deixar apanhar por uma escuta no quarto da namorada”.

Mais tarde, quando pareceu que Bobby *tinha* sido estúpido, Allan achou que seu problema era a insolência, uma arrogância derivada do dinheiro, do sucesso e do poder: “Nesse sentido, Bobby Kennedy era como Onassis. Não achava que as regras se aplicavam a ele.”

Entretanto, Allan permaneceu cético em relação à existência das gravações até 1985, quando o escritor investigativo britânico Anthony Summers, em sua biografia revolucionária de Marilyn Monroe,¹⁵ revelou que um especialista em escutas eletrônicas chamado Bernard Spindel instalara microfones na casa de Marilyn — bem como na de Peter Lawford, onde também haviam ocorrido alguns encontros amorosos entre a atriz e Bobby — semanas antes da morte dela.

A não ser que as recordações de Allan sejam imprecisas, ou que sua conversa com Onassis tenha ocorrido bem mais tarde do que ele acreditava, o que parece improvável, Onassis claramente tomou conhecimento das fitas Marilyn-Kennedy bem antes de Tony Summers revelar sua existência. As explicações sobre quem contratara Spindel para instalar a escuta eletrônica na casa de Marilyn permanecem contraditórias e inconclusivas, mas um de seus principais clientes era Jimmy Hoffa — o homem que Onassis visitara pouco antes de se encontrar com Rupert Allan.

O que Onassis pretendia fazer com as fitas se as tivesse encontrado? Segundo o relato de Allan, Onassis lhe contou que, quando era jovem, em Esmirna, perguntara a um capitão turco por que nações poderosas como a Grã-Bretanha, a Alemanha e os Estados Unidos não se envolveram e permitiram que o massacre de gregos e cristãos de Esmirna continuasse. “Porque eles não podem se permitir nos incomodar”, respondeu-lhe o turco — seu país era apenas uma nação pequena, mas agora controlava um cruzamento importante e estratégico na Ásia Menor.

“Onassis revelou ter percebido que tudo de que se precisa é uma maçã de ouro — uma única maçã que outra pessoa queira — para ter o controle. Eu disse: ‘Ari, isso é chantagem.’ Ele retrucou: ‘Não,

Rupert. Isso são negócios.' Até hoje não sei se ele conseguiu as gravações — sua maçã de ouro —, mas, se conseguiu, teria controlado Bobby Kennedy, isso é certo”, contou-me Allan em 1991.

I Manuela era conhecida como a garota mais sexualmente talentosa de Madame Claude em Paris e a que Onassis escolheu para iniciar seu filho, Alexander.

II A Bolsa Rhodes — de pós-graduação na Universidade de Oxford, na Inglaterra — é uma das mais prestigiadas do mundo. (N. do T.)

III Na verdade, alguns dias antes de morrer, Marilyn enviara uma mensagem pedindo a Allan que lhe telefonasse, mas ele tinha acabado de voltar de Mônaco e sofria com o *jet lag*, bem como com um ataque sério de bronquite, e não a procurou. Ele diria mais tarde a amigos que sabia que, se tivesse falado uma única palavra com ela, “ela insistiria em vir aqui com uma canja e aspirinas. E eu realmente estava farto daquilo”.

NOVE

UM PSICOPATA CHARMOSO

Todo grego bate na mulher. Aquele que bate bem ama bem.

—ARISTÓTELES ONASSIS

Franklin Delano Roosevelt Jr. era uma figura popular na Casa Branca, mas não obtivera o reconhecimento que acreditava merecer no governo.¹ Um cargo menor, de subsecretário do Comércio, e um convite a seu amigo Gianni Agnelli, magnata do setor automobilístico italiano,^I para jantar na Casa Branca pareciam recompensas modestas por uma contribuição tão grande para a vitória crucial de John Kennedy nas primárias em West Virginia, onde o nome de Roosevelt ainda tinha sua magia.^{II} No entanto, suas esperanças devem ter aumentado muito quando o presidente o chamou ao Salão Oval em setembro de 1963.

Na verdade, foi Bobby Kennedy quem disse a Roosevelt o que o presidente estava pensando. “Lamentamos que você não tenha conseguido o emprego na Marinha, Frank, mas podemos lhe arrumar um grande cruzeiro de duas semanas no Egeu.”² Era uma piada cruel. Roosevelt queria ser o secretário da Marinha, mas a nomeação foi revogada por Robert McNamara quando este se tornou secretário de Defesa e exigiu o direito de escolher seus subordinados. (“Ouvi dizer que o senhor vai nomear Frank Roosevelt secretário da Marinha”, interpelara-o um jornalista. “Nem pelo diabo”, reagiu McNamara. E esse foi o fim do sonho de Roosevelt.³)

A presença de Roosevelt no cruzeiro, acompanhado da mulher, Suzanne, daria alguma respeitabilidade, disse-lhe o presidente,

depois de explicar a situação.

Entretanto, Roosevelt era uma escolha curiosa se a respeitabilidade servisse de requisito para ser um acompanhante. Ele ficara conhecido em Harvard por destruir carros e dar festas que saíam de controle. Depois de se casar com a primeira esposa, a herdeira Ethel Dupont, os dois foram morar com seus pais na Casa Branca, onde — assim como Kennedy faria anos mais tarde — ele recebia as amantes (e enlouquecia a pobre Ethel). Chegou a fazer uma proposta indecorosa à mulher de seu irmão Elliot, Patty, simplesmente porque, conforme disse a ela com uma franqueza assustadora, “você é a única cunhada com quem não transei”.⁴

Porém, os americanos confiavam no sobrenome famoso. Na noite de 26 de setembro, véspera do dia em que partiria para embarcar no *Christina* em Atenas, Roosevelt recebeu instruções de Bobby. Para despistar a imprensa, ele viajaria via Egito, onde se encontraria com o presidente Nasser para tratar de alguns “assuntos muito confidenciais que o presidente Kennedy queria que eu discutisse”.⁵ Além de buscar a quimera da respeitabilidade, disse-lhe o procurador-geral, Roosevelt precisava manter “o grego” o mais distante possível da primeira-dama, principalmente quando houvesse câmeras por perto. Bobby não queria ver Jackie e aquele grego filho da puta sorrindo para ele quando abrisse o *Washington Post* no café da manhã.

Roosevelt conhecia Onassis havia mais de vinte anos e não precisava que Bobby lhe dissesse quanto era imprudente permitir que um homem como aquele bancasse o anfitrião para a primeira-dama. “Achei que ele era um psicopata charmoso na primeira vez que o vi e nunca mudei de ideia. Aqueles que confiavam nele em geral se machucavam”, diria Roosevelt mais tarde a um amigo.⁶

As férias apresentadas como uma das gratificações a uma autoridade de nível médio haviam se tornado algo bem mais complexo. Roosevelt começou a hesitar. “Apesar de eu ser amigo muito antigo e pessoal tanto do presidente quanto da sra. Kennedy”,

afirmou mais tarde ao escritor David Heymann, “não achava que aquele era o lugar certo para uma autoridade do governo estar, longe de seus deveres públicos em Washington, passeando no leste do Mediterrâneo.” Àquela altura, ele estava com 53 anos e ainda tinha aspirações políticas. “Eu temia que aquilo pudesse ser considerado uma espécie de cruzeiro de playboy, mesmo com minha mulher ali, e eu não precisava de nada do tipo.”⁷

Mas Bobby sabia que homens que puxavam saco sempre se dispunham a ir além, e na manhã seguinte Franklin D. Roosevelt. Jr., acompanhado de Suzanne, partiu de Washington obedientemente, ainda que relutante, para sua viagem a Atenas e, conforme se veria, para o esquecimento político.^{III}

* * *

O fato de que Onassis se tornara um homem que nem o presidente dos Estados Unidos podia ignorar mostrava quanto ele progredira em vinte anos, desde que chegara aos Estados Unidos. Inconsciente de quanto suas histórias expunham a rede de mentiras, logros e manipulações no cerne de seu sucesso, para Onassis aquela foi uma viagem que ele gostava de recordar para os amigos.

* * *

No início da Segunda Guerra Mundial, ele havia apostado seus lucros com o tabaco na Argentina numa frota de cargueiros e três dos maiores petroleiros do mundo. E o conflito proporcionou grandes lucros a armadores neutros dispostos a correr o risco de transportar os suprimentos dos Aliados pelo Atlântico Norte. No entanto, para Onassis também foi uma luta impedir que seus maiores e mais valiosos petroleiros fossem requisitados ou apreendidos por um lado ou outro.^{IV}

A tensão era imensa. “Um vaso sanguíneo ou algo do tipo estourou na minha garganta”, escreveu ele de Londres, em 1940, para sua amante norueguesa, Ingeborg Dedichen, em Paris. “Não consigo falar sem sentir gosto de sangue na boca e o cheiro dele nas narinas. E o tempo todo encaro a possibilidade de não conseguir manter um centavo ou de ficar sem dinheiro algum por causa desses aventureiros chamados políticos.”⁸

Ingeborg — que Onassis conhecera a bordo de um navio que os levava de Buenos Aires para Gênova em 1934 — não estava ali a passeio. Filha de Ingevald Martin Bryde, um dos armadores mais respeitados da Noruega, ela também tinha inteligência, bem como uma beleza do tipo Garbo.^v Adorava seu papel de mentora social de Onassis, bem como de sua amante, e, embora seus amigos ficassem chocados com o que um deles nomeou educadamente de “vivacidade grega” — chamando garçons com um estalar de dedos ou assoviando como uma cobra —, Ingeborg sabia que a energia e o estilo de Onassis vinham da sua indiferença ao que os outros pensavam dele.

Ela adorava vê-lo, ouvi-lo e ser tocada por ele: o modo como “sua cabeça pesada brotava diretamente dos ombros musculosos de estivador (...) não havia nada de puro-sangue nele: ele parecia um simples estivador da Ásia Menor”.⁹ Mas a pele dele tinha “um cheiro, uma textura, um calor e uma suavidade de veludo incomparáveis, dos quais eu nunca me cansei”, recordaria ela. Antes de fazer amor, ele “gostava de lambar entre os meus dedos dos pés com cuidado, como um gato (...) ele abraçava cada parte do meu corpo e me cobria de beijos antes de se dedicar aos pés que adorava”.¹⁰ Onassis se lembrou disso com menos lirismo: “Trepávamos um bocado. Trepávamos o tempo todo.”¹¹

À medida que as nuvens da guerra escureciam a Europa e ele lutava para recuperar os petroleiros detidos e evitar futuras apreensões, seu estado de espírito podia ser avaliado por suas cartas para Ingeborg: “Sei que perco a cabeça”, escreveu ele no

Savoy Hotel, em Londres, para ela, em Paris. “Sei que fico furioso com você. Mas amo você (...) As pessoas falam do meu autocontrole, da minha determinação nos negócios. Mas tenho sido um covarde no que diz respeito a nós. Sempre disse a mim mesmo: amanhã, no mês que vem, no ano que vem (...) e aqui estamos nós, após seis anos, mais uma separação, mais uma mágoa. Tenho sido tão cego.”¹²

Contudo, financeira e fisicamente ele estava por um fio, e seu tom passou da ternura e preocupação para a exasperação e autopiedade. “Será que você não entende que agora tenho que considerar a possibilidade de ficar com quase nada!”, reclamou ele em outra carta. A maioria dos armadores gregos trocou Londres por Nova York, onde, queixou-se, “viviam com boa segurança financeira, até os muito estúpidos estão ganhando fortunas”.¹³ Sua exaustão e amargura ficavam evidentes em carta após carta. “Todo o meu trabalho de quase vinte anos, todos os sacrifícios e a vida abominável e insana de todos esses anos podem virar um grande nada! A maioria dos homens em minha situação desistiria agora, Mamita, eles seriam perfeitamente compreendidos se cometessem suicídio!”¹⁴

Em vez disso, em 1^o de julho de 1940 — o dia em que o embaixador americano Joe Kennedy disse ao ex-primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain que seu país provavelmente seria “derrotado antes do fim do mês”¹⁵ — Onassis trocou Londres por Nova York a bordo do SS *Samaria*, da Cunard Lines.

Ele não fez segredo algum de seu medo enquanto o navio de cruzeiro ziguezagueava pelo Atlântico para evitar submarinos. Dormia no deque mais próximo dos barcos salva-vidas, agarrado à sua pasta, que continha contratos, escrituras de seus navios, comprovantes de tudo o que tinha. “Durante dez dias e dez noites, fiquei com a mesma roupa e dormi no divã da sala de fumantes para

estar pronto se algo acontecesse”, escreveu a Ingeborg ao chegar ao seu destino.¹⁶

A primeira coisa que fez em Nova York foi enviar o primo e cunhado Nicos Konialidis — que fora punido pela fraude de seguros de Onassis em Gênova¹⁷ — ao Rio de Janeiro para recuperar o *Aristophanes*, apreendido pelos noruegueses. Se estes não concordassem em lhe pagar 1 milhão de dólares, o petroleiro — um bem precioso dos Aliados — passaria o resto da guerra no Brasil, preso a processos judiciais.

“Eles fizeram tudo o que podiam para não me pagar, mas, como eu tinha uma hipoteca do navio e ele tinha sido apreendido no Rio, finalmente tiveram que me pagar através de Nico (...) então, enquanto todos os outros proprietários têm que se submeter aos desejos da missão [marítima dos Aliados], graças às minhas medidas eu me vi numa posição muito privilegiada e única, que me salvou”, escreveu ele.¹⁸

Em 4 de setembro, ele enviou a Ingeborg um balanço da sua riqueza: “Falando em números na casa dos 8 milhões de dólares [mais de 100 milhões de dólares em valores atuais], consegui salvar 2,5, pelos quais estou muito grato e satisfeito.”¹⁹

Em Nova York, Onassis percebeu quanto sentia falta — e, mais importante, ainda precisava — de Ingeborg. No entanto, agora que se viam separados pela guerra, ela estava determinada a um rompimento definitivo. Sabia que ele protestaria, já que ela estava lhe tirando algo, e não era do feitio de Onassis perder.

Ele usou sobre ela todo o poder de persuasão que o levava das cinzas de Esmirna para a suíte no 37^o andar das Ritz Towers, em Manhattan. Mas nem ele nem ela eram bons escritores de cartas, e a correspondência — em inglês, o idioma que os unia e os dividia desde o início — simplesmente exacerbou as complicações e mal-entendidos que constituíam o padrão do relacionamento deles desde o começo.

“É engraçado, Mamita, mas toda a minha mentalidade e meu caráter mudaram imensamente”, assegurou a ela. “Gosto muito mais de mim e estou certo de que apesar de agora ser uma pessoa muito mais agradável para se conviver do que antes (...) devo dizer que sua atitude foi o maior fator para isso (...) No passado, eu teria sido orgulhoso demais para confessar essa situação, mas agora posso encarar a vida de um modo bastante diferente (...) pelo contrário, gosto de confessar e admitir minha derrota neste capítulo de minha vida (...) Pense, Mamita, em minha vida desde que eu tinha seis anos e perdi minha mãe e depois tive uma madrasta com um pai dos mais difíceis durante nove anos, até fazer quinze e me ver totalmente sozinho na América do S., sem o calor e o afeto de ninguém (...) Estou com 34 anos e ainda vivo como um vagabundo. Pense em todos esses últimos cinco ou seis anos morando em trens barcos voando completamente sozinho em quartos de hotel sem saber como passar noites intermináveis sem ter uma pessoa para me dizer uma única palavra de conforto.”

Suas cartas a faziam chorar. Porém, mesmo quando vinham do coração, ela sabia que estavam cheias das mentiras que ele sempre contava sobre si mesmo.^{VI} Onassis não a entendia de modo algum. Não sabia por que ela ria ou chorava. Ele fazia autocrítica, expunha sua culpa, confessava seus erros, mas não tinha a menor ideia das necessidades dela. Não importava o que ele promettesse, ela sabia que Onassis ia sempre querer ficar com a maior e melhor parte... mesmo que fosse da tristeza dela.

Ela também não se esquecera da rapidez com que seu temperamento violento podia surgir. Agora que havia um oceano entre os dois, admitiu ter medo dele: “A ideia de não ter que ter medo de você se tornou tão intensa, quase louca, que eu não queria mais nada. Por favor, tente me entender na amizade, por favor, me dê sua verdadeira amizade, por favor, tente não me magoar (...) mesmo pela vingança que você gostaria no momento”, implorou-lhe.²⁰

Ele respondeu que Ingeborg deveria se lembrar também dos bons momentos. Ele tinha contatos em Washington que conseguiriam os vistos necessários para tirá-la da França. “Meu plano ao lhe pedir para vir para cá é 1) casar 2) estabelecer-me em qualquer lugar de que você gostar, prometendo-lhe ter uma casa pronta para não ficar em hotéis até a situação na Europa acalmar. Não lhe falo nada sobre o amor e a felicidade que desejo proporcionar porque isso não é necessário dizer.”²¹

Ela cedeu, como sempre fazia. Compadecida, estabeleceu seus termos:

“Onde quer que moremos — Nova York, Atenas, França —, quero uma casa para morar, grande o bastante para ser independente, de modo que possa receber meus amigos, pessoas das quais você pode gostar ou não, sem necessidade de me preocupar com você. Se um lugar assim for difícil de encontrar, quero morar sozinha num apartamento.”²² O apartamento, prosseguiu, tinha que ser 100% dela. Ela também esperava receber uma renda regular, pela qual não precisaria prestar contas a ele, ter uma boa empregada, ser livre para ir aos “concertos e teatros que eu quiser, se você quiser ir comigo vou preferir, mas nada de imprevistos ou de mudar de programa!”.

Ele telegrafou para ela em resposta:

Aceito todas as suas condições. Amor carinho Onassis

O romance seguiu o padrão de todo relacionamento concebido por obsessão de um lado e capitulação do outro. Eles formavam um casal inusitado: alta, magra, cabelo louro modelado como o de Carole Lombard, Ingeborg (Ingse, como os novos amigos a chamavam) era a parceira perfeita para o pequeno e insinuante Onassis, que — de acordo com Bill Carter, um dos primeiros companheiros em Nova York — tinha “um ar de violência controlada” que “algumas mulheres achavam sexy”.²³

Ele formara um interessante círculo de conhecidos em Nova York. Celebidades, socialites, pessoas do cinema — Otto Preminger, Spyros Skouras, Gloria Swanson, uma animada atriz loura chamada Constance Keane, Franklin Roosevelt Jr. — misturavam-se a corretores e banqueiros nas festas oferecidas por ele. A casa de campo do casal em Center Island, no litoral norte de Long Island, tornou-se um ponto de encontro popular nos fins de semana. Ingse era uma boa anfitriã, e mesmo os gregos da elite que haviam ignorado Onassis em Londres — incluindo as impiedosas famílias Livanos e Embiricos — começaram a aparecer para tomar um drinque.

Contudo, logo depois de Pearl Harbor, Onassis contou a Ingse que estava saindo com outra mulher. Ele não queria terminar o relacionamento, mas desejava ter outros romances. Um dos motivos pelos quais mudara de ideia era a herdeira do ramo do açúcar Geraldine Spreckles.

Apesar de ter quase o dobro de sua idade, Onassis fascinava Geraldine Spreckles, tanto quanto ela o excitava. Sua mente brilhante, sua *joie de vivre*, as histórias que contava e sua energia e ego a impressionaram. Eles ficaram noivos. “Ele era simplesmente terrível. Para ele, não ser descoberto era o mesmo que dizer a verdade”, contou-me.²⁴

Geraldine recebeu uma oferta de contrato da Warner Brothers e se mudou para a Califórnia — Onassis reservou uma suíte no Beverly Hills Hotel. No entanto, seu noivado com a jovem herdeira não o abateu. Ele saiu com Paulette Goddard e a sexy estrela francesa Simone Simon (da qual acreditou ter contraído uma doença venérea); envolveu-se com Constance Keane, que se tornara Veronica Lake; e teve um caso discreto e breve com Gloria Swanson, ex-amante de Joe Kennedy.^{VII}

Mas, quando Geraldine Spreckles o deixou esperando no altar, Onassis voltou para Ingse em Nova York, onde ela conseguira um apartamento dois andares abaixo do dele, nas Ritz Towers. Ele

passara a beber demais, e as bofetadas dadas nela de vez em quando se tornaram mais fortes e frequentes. Ele admitiu sentir um prazer sexual na violência. “Todo grego bate na mulher. Aquele que bate bem ama bem”, afirmou.

Certa vez, bateu tanto em Ingse que um de seus olhos ficou arrebetado como uma “geleia escura”.²⁵ No dia seguinte, quando viu quanto a machucara, Onassis a levou para a casa de campo deles, dispensou os empregados e cuidou dela até as feridas desaparecerem.

Ingse temia que um dia ele fosse longe demais e a matasse — ou, se não ela, outra pessoa. Sua preocupação com o homem com o qual viveu e a quem amou durante doze anos era tão palpável quanto seu desespero. Contudo, ela sabia que estava tudo acabado entre eles — nessa época, Onassis conhecera Tina Livanos — e, em 1946, pouco antes de Onassis se casar com Tina, Ingse voltou discretamente para a Europa.

I Roosevelt era distribuidor da Fiat, de Agnelli, na Costa Leste.

II Franklin Roosevelt Jr. fez campanha em toda a West Virginia com Jack, associando os nomes de Kennedy e Roosevelt num estado onde o New Deal de seu pai ainda era uma escritura sagrada. O jornalista Charles Peters, do estado, diz que era “como o filho de Deus chegando e dizendo que tudo bem votar num católico, que era admissível, que não era algo terrível de se fazer. Franklin Roosevelt Jr. possibilitou que Kennedy recebesse os votos de muita gente que antes não poderia sequer ter concebido isso como uma possibilidade” (História Oral, Biblioteca JFK). Quando a campanha esquentou, Bobby convenceu Roosevelt a divulgar para a imprensa um material difamando o rival de Jack, Hubert Humphrey, que fora rejeitado para o serviço militar durante a Segunda Guerra Mundial por motivos médicos, sob a alegação de ser um “desertor”.

III Quando John F. Kennedy foi assassinado, meses depois, Roosevelt foi deixado de lado. Ele concorreu à prefeitura de Nova York e, mais tarde, em 1966, ao governo do estado de Nova York pela chapa liberal, mas sempre com um número

de votos cada vez menor, e morreu em 1988, em seu aniversário de 78 anos.

IV Para enfatizar sua neutralidade, a Suécia apreendeu — durante o conflito — todos os navios de propriedade estrangeira que navegavam sob sua bandeira ou que tinham sido construídos em estaleiros suecos, incluindo dois navios de Onassis: o *Ariston*, o primeiro petroleiro de quinze mil toneladas do mundo, e o *Buenos Aires*, de 17.500 toneladas, que ainda estava em fase de acabamento em Gotemburgo e fora registrado sob bandeira argentina, pró-Eixo. Os noruegueses também apreenderam seu *Aristophanes*.

V Ingeborg Dedichen convencera amigos influentes na Suécia e na Noruega a apoiar Onassis quando ele precisou que o estaleiro de Gotemburgo que construía o *Ariston* abrisse mão da “cláusula grega”, que exigia pelo menos 50% do pagamento em espécie e uma linha de crédito de no máximo cinco anos. Foi também sua influência que permitiu a ele pagar os primeiros 25% em três vezes durante a construção; os 600 mil dólares restantes seriam pagos ao longo de dez anos, com 4,5% de juros. “Nenhum grego jamais fez um negócio tão bom quanto este, e ele teve de agradecer a Mamita [Mãezinha, apelido que Onassis dera a ela, que o chamava de Mamico] por isso”, contou-me Costa Gratsos.

VI Ele tinha doze anos quando a mãe morreu e 22 quando foi para a Argentina. Estava com quarenta anos, a mesma idade dela, e não 34. Ao pedir um visto para voltar aos Estados Unidos, ele afirmou que nasceu em Tessalônica, na Grécia, em 21 de setembro de 1900. Disse que sua nacionalidade era argentina e que estava de posse de um passaporte desse país, número 701014, emitido pelo departamento de polícia de Buenos Aires e válido por dois anos. Deu seu endereço oficial como sendo Reconquista 336, Buenos Aires, e seu endereço nos Estados Unidos como sendo Ritz Towers, 57, Park Avenue, Nova York.

VII Logo depois de Onassis iniciar seu caso com Gloria Swanson, ela recebeu um convite para interpretar a protagonista num filme chamado *Papai vai casar*. “A história era uma comédia leve sobre uma atriz famosa que se casa com um magnata do transporte”, observou ela com ironia em suas memórias, mas deixando de mencionar seu caso com Onassis. (*Swanson on Swanson*. Nova York: Random House, 1980, p. 466.)

DEZ

O PEQUENO GREGO FAMINTO

O pequeno grego faminto pode fazer qualquer coisa.

—JUVENAL, 55 D.C A 140 D.C.

Jackie não entrou em contato diretamente com Onassis para aceitar seu convite, mas, em 18 de setembro de 1963, a Casa Branca anunciou que a primeira-dama passaria as duas primeiras semanas de outubro na Grécia, “de férias e convalescendo”.¹ Não foi feita qualquer menção a Onassis, qualquer menção a seu iate, qualquer indicação de um cruzeiro. Em Nova York, Costa Gratsos — que se opunha veementemente ao cruzeiro por seus próprios motivos, assim como Bobby tinha os dele — leu a notícia no *Times* e começou a ficar preocupado.

Na manhã seguinte, Gratsos voou para Atenas e foi diretamente do aeroporto para a casa de Onassis em Glyfada, um subúrbio litorâneo dezesseis quilômetros a sudoeste da cidade. Situada sob a rota aérea do aeroporto internacional de Atenas, aquela era a mais antiga e mais feia das nove residências de Onassis pelo mundo. Contudo, era a que ele mais adorava — construía uma casa idêntica ao lado, para que pudesse ter por perto sua irmã Artemis e o marido dela, Theodore, médico.

Gratsos entendia Onassis melhor do que ninguém. Com a mesma idade do “pequeno grego faminto”, como ele chamava Ari com carinho, Gratsos pertencia a uma das mais antigas aristocracias do transporte grego — sua mãe era uma Dracoulis, uma das famílias mais respeitadas da ilha de Ítaca. O rosto enrugado de Gratsos e

seu físico robusto escondiam uma inteligência burilada na Universidade de Atenas e na London School of Economics. Ele nunca buscou os holofotes, nem desejou, como Onassis, estampar a capa da *Time*. Bastava que seus pares soubessem quem ele era e o papel que tivera no sucesso de Onassis. Os dois se conheceram — “numa boate”, recordou Gratsos; “num bordel”, insistiu Onassis — em Buenos Aires, nos anos 1920. “Costa sabe de todos os crimes que já cometi”, Onassis gostava de dizer.

Não havia outros convidados para o jantar naquela noite de setembro. Era sempre agradável para eles sentar-se na companhia um do outro, e a noite seguia as regras de um ritual familiar: tirando os paletós, eles se acomodavam no escritório de Onassis e bebiam uísque, em vez de vinho; a comida, em contraste com a culinária francesa refinada que Onassis servia a seus convidados no *Christina*, era simples — provavelmente taramasalata e peixe grelhado preparados pela empregada. (Onassis já não adorava comer como nos tempos em que era jovem e a comida boa era barata e farta em Buenos Aires e Paris. Agora preferia comidas simples e de fácil digestão.) Gratsos e Onassis conversavam com a facilidade relaxada daqueles com cinco décadas de amizade. Ainda assim, Gratsos sabia que tinha de lidar com cuidado com Onassis: “Sempre respeite seu orgulho. Ele não é um homem racional quando seu orgulho é ameaçado”, diria a Johnny Meyer no dia em que Onassis o contratou, afastando-o de Howard Hughes.²

E era para falar sobre essa questão delicada do orgulho de Onassis que Gratsos fora até lá de Nova York.

* * *

Havia nove meses eles vinham preparando um acordo com François “Papa Doc” Duvalier, presidente do Haiti, para transformar Porto Príncipe, a capital da empobrecida ex-colônia francesa do açúcar, numa Monte Carlo caribenha, ou numa nova Havana. O acordo —

sua transação financeira mais ambiciosa desde o infame acordo de Jidá, oito anos antes — incluiria um investimento final de mais de 375 milhões de dólares (mais de 2 bilhões de dólares hoje) em hotéis, um novo cassino, um plano para o desenvolvimento do porto, uma refinaria e o estabelecimento de um estado de bandeira de conveniência, para registrar seus petroleiros sob termos ainda mais favoráveis do que os obtidos por Onassis no Panamá.

Eles também estudavam a possibilidade de procurar reservas de petróleo e gás natural. Era uma nova empreitada para os dois, e eles haviam se juntado a George de Mohrenschildt, também conhecido como Jerzy Sergius von Mohrenschildt. Tecnicamente detentor do direito de se chamar de barão, ele conhecera Onassis três anos antes no Panamá, na casa do dr. Roberto Arias, amigo e advogado do grego.

De Mohrenschildt, que já tinha negociado um contrato de pesquisa geológica com Papa Doc, era um homem alto, bonito, de 51 anos, com um passado exótico e — embora ninguém pudesse imaginar isso na época — um futuro famigerado. Tinha seu nome no Registro Social das famílias da elite social americana, viajava de avião com a alta sociedade e dizia ter ligações úteis com a CIA, que poderia ajudá-los no Haiti na hora certa, conforme disse a Onassis.^I De Mohrenschildt também conhecia Jackie e Lee desde que elas eram jovens e moravam em Nova York com a mãe, Janet Lee Bouvier. Ele afirmava ter sido amante de Janet, o que não é improvável, considerando sua queda por mulheres comprometidas e a situação infeliz do casamento de Janet com “Black Jack” na época.^{II}

Gratsos acreditava que De Mohrenschildt, apesar de seu ar aristocrático autoconfiante, não estava à altura do negócio no Haiti. Havia algo no sereno engenheiro de petróleo que Gratsos não conseguia identificar, e isso o incomodava. Gratsos suspeitava que o entusiasmo de Onassis pelo pretense sócio no Haiti tinha “mais a ver

com o que De Mohrenschildt sabia sobre Jackie do que com seus conhecimentos sobre petróleo”.³

A preocupação de Gratsos era compreensível. O projeto Haiti era ideia dele, era o seu bebê, e ele achava que Onassis, levado por seu romance com a “princesa” Lee, estava deixando que sua vida social interferisse no trabalho. Ele queria reavivar o grande entusiasmo do antigo parceiro pelo projeto.

De qualquer modo, o acordo estava repleto de dificuldades e riscos. Um deles era o fato de que o governo Kennedy negara a legalidade da eleição de 1961 no Haiti, cortara a ajuda americana e estigmatizara Papa Doc como um tirano assassino, o que claramente ele era. Além disso, preocupado com quanto o caso de Onassis com Lee ofendera o presidente Kennedy e, ainda mais importante — considerando a natureza do homem —, com quanto o convite feito a Jackie enfurecera o cunhado dela, o procurador-geral dos Estados Unidos, Gratsos sabia que “uma maneira certa de perder o acordo no Haiti era vencer a batalha contra Bobby Kennedy”.⁴

Durante o jantar, ele manifestou seus receios a Onassis. Os dois haviam apostado no empreendimento no Haiti e, justamente quando o risco parecia valer a pena, importava mesmo se Jackie fosse ou não ao cruzeiro?

“Importa”, respondeu-lhe Onassis, “porque Bobby fez com que importe.”⁵

I De acordo com o Documento no 1.012 da Comissão Warren, datado de 3 de junho de 1964 e liberado em 31 de maio de 1977, Richard Helms, ex-vice-diretor de planejamento da CIA, admitiu que em 1942 a OSS, precursora da CIA, considerou empregar De Mohrenschildt, mas não o contratou devido a alegações de que ele era um agente nazista. De acordo com o memorando de Helms, a CIA estabeleceu o primeiro contato com De Mohrenschildt em dezembro de 1957, depois de ele voltar de uma missão na Iugoslávia para a Administração de Cooperação Internacional. A CIA teve vários encontros com De Mohrenschildt na

época e manteve "contatos informais, ocasionais" com ele até o outono de 1961.

II Embora também tenha se gabado da amizade com os Bouvier em seu testemunho à Comissão Warren, De Mohrenschildt alegou apenas que ele e Janet eram "amigos muito próximos. Nós nos víamos todos os dias".

ONZE

LACE DESEMBARCOU EM ITHACA

Então, ao que parece, é isso que é ser um rei.

—JACQUELINE KENNEDY, CITANDO ALEXANDRE, O GRANDE

Nas primeiras horas de 4 de outubro de 1963, de óculos escuros e com um casaco de lã de simplicidade monástica (na verdade, uma criação cara de seu estilista na Casa Branca, Oleg Cassini), Jackie, acompanhada de Lee e Stas Radziwill, encontrou-se com os Roosevelt numa ruazinha atrás da Praça da Constituição, em Atenas. Duas limusines da embaixada os levaram ao Pireus, o antigo porto da cidade, onde o *Christina* aguardava. “Foi tudo muito cercado de mistério”, recorda a sra. Erasmus Helm Kloman, antes Suzanne Roosevelt. “Jackie tinha um codinome: Lace. Foi maravilhosamente clandestino.”¹

* * *

Mas Onassis se sentiu humilhado com a atmosfera furtiva que cercou a chegada de Jackie. Seu cunhado Theodore Garofalides, um médico antes competente que se tornara submisso a serviço de Onassis, piorou a situação ao dizer-lhe que um dos homens do serviço secreto da primeira-dama informara que Bobby tinha ordenado um bloqueio de segurança para garantir que a imprensa não fotografasse Onassis recebendo Jackie a bordo do *Christina*.

Temos apenas o relato de Onassis sobre as primeiras palavras trocadas pelos dois naquela noite, mas são palavras de tamanha

simplicidade que parecem corroborar a verdade: “Eu lhe dei as boas-vindas a bordo. Disse-lhe que estava contente por ela ter podido vir. Ela falou: ‘Nunca pretendi o contrário, sr. Onassis.’”²

Foi nesse momento que Ari percebeu que Jacqueline Kennedy era tão determinada quanto ele. Antes de ir para a cama naquela noite, ele telefonou para Gratsos em Paris e lhe informou, triunfante:

— Lace desembarcou em Ithaca.¹

Gratsos ficou tão apavorado quanto qualquer Kennedy ao ouvir aquilo.

— Espero que você não se arrependa disso — retrucou.

— Vou criar ondas — disse-lhe Onassis. — Vejamos se Bobby Kennedy consegue andar sobre elas.³

* * *

Quando Suzanne Roosevelt iniciou seu diário do cruzeiro com as palavras “Não há absolutamente luxo algum que não se possa obter com facilidade”, revelou a pura verdade.⁴ Oito variedades de caviar, vinhos das melhores safras, queijos e frutas exóticas chegavam do mundo inteiro (cortesia da Olympic Airways); a tripulação de 58 pessoas foi reforçada por dois cabeleireiros de Paris, três chefs (um francês, um italiano e um grego), uma massagista sueca e ainda um mordomo e uma criada particular para cada cabine. Havia também uma pequena orquestra para tocar serenatas durante as refeições e, mais tarde, para eles dançarem.

O ex-rei Farouk chamara o *Christina* de “a última palavra em opulência”. No entanto, a mistura de luxo, vulgaridade e grande beleza deve ter intrigado Jackie. Como um homem com gosto suficiente para usar tábuas de assoalho retiradas de uma mansão inglesa podia decorar a mesma sala com modelos de navios que, ao apertar de um botão, acendiam e se moviam como uma atração de Carnaval? Como um homem que tinha a melhor coleção de clássicos

gregos que ela já vira numa biblioteca particular podia também forrar os bancos de seu bar com pele de escroto de baleia?

Entretanto, de acordo com Onassis, Jackie ficou admirada com o *Christina* e lhe disse: “Então, ao que parece, é isso que é ser um rei.” Foi o que Alexandre, o Grande, falou ao entrar na tenda de Dario, o rei persa que acabara de derrotar. É improvável que tenha sido uma observação espontânea e revela quanto Jackie deve ter se preparado para a visita e quanto queria impressionar seu anfitrião.^{II}

O número de hóspedes aumentara para nove quando o iate deixou o Pireus na noite de 4 de outubro rumo aos estreitos de Istambul. Além da primeira-dama, dos Radziwill e dos Roosevelt, estavam presentes a princesa Irene Galitzine, a estilista nascida na Rússia; Accardi Guerney, um amigo de Lee; e Artemis e Theodore Garofalides. “Uma mistura difícil”, Suzanne Kloman lembraria todos os nomes mais de trinta anos depois.⁵ “A química estava toda errada”, admitiu Theodore Garofalides.⁶ Porém Stas Radziwill sabia se tratar de muito mais do que uma incompatibilidade a bordo de um navio. “Todos ali enfrentavam algum tipo de decepção”, diria ele a amigos após deixar a viagem em Istambul. De modo compreensível, Stas quisera recusar o convite. Dissera a Onassis que não poderia ir, falara para Lee que não iria, mas Bobby lhe informou que ele tinha que ir. Entretanto, como um toque de insanidade numa família de boa educação, a situação delicada de Stas nunca foi mencionada. Contudo, na opinião de seu velho amigo David Metcalf, de Londres, a obediência de Stas a seus poderosos parentes pelo casamento e sua consideração pelo generoso amante de sua mulher eram obrigações que ele achava cada vez mais insuportáveis — ainda mais agora que estava de olho em Charlotte Ford, a herdeira de Detroit.

Muito rapidamente, o grupo arrebanhado às pressas para dar uma aparência de respeitabilidade ao cruzeiro começou a brigar. Frank Roosevelt despejou seu orgulho ferido sobre Stas Radziwill, cuja presença confirmava os piores temores do político de que tudo

aquilo seria visto como um “cruzeiro de playboys”; o príncipe polonês despejou *sua* raiva sobre a princesa russa. “Ela me odeia porque meu título é mais antigo que o dela”, afirmou a Garofalides.⁷ Mas Irene Galitzine o odiava não pela origem antiga de seu título, e sim pela “maneira desprezível com que ele bajulava o amante da esposa”.⁸ Artemis não aprovava Lee: achava que o irmão precisava de uma boa grega que ficasse ao seu lado a despeito de quanto ele se comportasse mal; *ele precisava de Maria, não de uma falsa princesa americana.*

Nos primeiros dias, Onassis mal saiu de sua cabine. Enquanto os convidados saboreavam *langouste thermidor*, ele comia pão francês e queijo no escritório. Explicou que fazia isso para lembrar a si mesmo que nem sempre fora rico. Era uma ideia romântica, mas a verdade era que seu estômago já não suportava comidas fortes, principalmente quando estava nervoso ou zangado. Foi Jackie quem insistiu para que passasse mais tempo com seus convidados, e, naquela noite, ele jantou com os outros e não saiu às pressas depois.

Ele mentira, é claro, quando disse que Jackie decidiria aonde iriam. Aquela viagem era *sua*, e eles seguiriam a rota feita por ele sempre que queria impressionar. Criado entre os mitos da Grécia antiga, ele se via como um Ulisses dos tempos modernos. A rota pelas ilhas — de Esmirna, a terra natal que tinha em comum com Homero, a Ítaca, onde seu herói terminara suas viagens — era o panorama de sua vida. Tina, que fizera a viagem diversas vezes — com Greta Garbo, com os Rainier, com Winston Churchill — chamara-a de a “*ego trip* suprema” de Onassis.⁹

Fora numa dessas viagens que ele se apaixonara por Maria Callas. Será que a história se repetiria? Logo ficou claro para todos a bordo que Jackie e Onassis definitivamente haviam se dado muitíssimo bem.

Jackie ficou fascinada com o passado de Onassis. Ficava acordada até tarde ouvindo suas histórias. Devia saber que assistia a uma

encenação, mas era fácil ver por que “o grego” a atraía. Ela gostava de seu humor: “É claro que sou romântico. Você não tem ideia de como é romântico ganhar 1 milhão de dólares”, disse ele, respondendo a uma de suas perguntas feitas em um leve flerte. Ela estava intrigada com sua franqueza: “Minto quando é preciso. As mentiras são muitas vezes uma salvação. Para sobreviver é preciso mentir.” De acordo com Stas, ela o censurou apenas quando Ari lhe falou que o único político bom é o político comprado. Quer Lee soubesse ou não, o cruzeiro marcou uma virada em seu relacionamento com Onassis. Sem dúvida, qualquer um que conhecesse bem Jackie teria identificado os sinais de perigo enquanto seu interesse por Ari se aprofundava cada vez mais.

“Ela não era atraída sexualmente por homens a não ser que fossem perigosos como o velho Black Jack”, observara certa vez Chuck Spalding. “Era uma daquelas situações freudianas terrivelmente óbvias. Todos nós falamos sobre isso — até mesmo Jack, que não gostava muito de Freud, mas afirmou que Jackie tinha uma ‘paixão pelo pai’. O surpreendente é que Jackie, tão inteligente para outras coisas, parecia não perceber nem de longe isso.”¹⁰

Embora estivesse acostumada com homens poderosos, Onassis era algo mais: seu poder vinha de dentro. Ele não era uma autoridade representativa, como Jack, e também não era o dinheiro do pai nem as urnas que lhe davam poder. Onassis conquistara sua fortuna. Tudo nele era irrelevante diante de sua riqueza. Se é verdade que a riqueza é o principal afrodisíaco de mulheres como Jackie, a dele era um suprimento para a vida inteira.

Ele lhe contou sobre seu pai, Sócrates — “um cidadão turco de alma grega” —, que saíra do interior da Ásia Menor no século XIX e fizera fortuna com negócios de tabaco, para depois perder cada centavo no massacre de Esmirna, em 1922. Durante a matança, três tios de Onassis foram enforcados; uma tia muito querida, Maria, seu marido, Chrysostomos Konialidis, e a filha deles morreram queimados quando os turcos incendiaram uma igreja em Tiatira,

onde quinhentos cristãos haviam buscado abrigo. Ari lhe contou como salvou a própria pele ao tornar-se útil para um jovem tenente turco que se apropriara da casa de sua família. Como sempre, ele não tentou esconder a verdadeira natureza da amizade dos dois. Ele era jovem, bastante interessado em sexo e preferia mulheres, mas também era experiente nesses assuntos, e o relacionamento com o jovem turco foi tão bem-vindo quanto oportuno. Ele lhe contou sobre sua fuga de Esmirna, com as economias da família presas ao corpo com ataduras, pegando carona num destróier americano até a ilha de Lesbos, no Egeu, que se tornara um campo de refugiados gigante; sobre como levou a madrasta e as irmãs para Atenas e gastou o resto do dinheiro da família em subornos para tirar o pai da prisão; e sobre como, em vez de gratidão, recebeu acusações sobre o destino do dinheiro. Contou-lhe sobre sua decisão, aos dezessete anos, de emigrar e sobre como, viajando com um passaporte Nansen, de refugiados, válido apenas para uma viagem de ida para um único país para reassentamento e com 250 dólares no bolso, seguiu até a Argentina.^{III}

* * *

Embora costumasse fazer segredo sobre os detalhes de sua vida, Jackie sabia como atrair as pessoas com pequenas doses de escândalos suculentos sobre os outros. Ela "se sentava com algum velho que estava quase cochilando e de repente fazia uma pergunta tão cheia de indiscrições implícitas que os olhos dele quase pulavam para fora", disse um amigo da família Kennedy.¹¹

Mais diretamente, Onassis contou a Gratsos: "Ela adora falar obscenidades."¹²

Jackie revelara a Ari o caso de seu sogro com Gloria Swanson nos anos 1930. Joe Kennedy a deleitara com "detalhes íntimos sobre o corpo de Swanson, em particular sua genitália, rindo de Gloria

porque, segundo ele, ela era sexualmente insaciável, tendo orgasmos não uma, mas cinco vezes por noite”.¹³

Onassis, que não revelou seu próprio caso com a atriz, perguntou o que Jackie achava que Gloria Swanson havia visto em Joe Kennedy. Seria seu dinheiro? Jackie respondeu que o dinheiro era importante, mas que uma mulher inteligente iria querer mais do que isso. Gloria precisara de Joe para ajudá-la a se libertar do sistema dos estúdios de cinema, afirmou. Mas Onassis observou que ela se dera bem no sistema dos estúdios; por que iria querer se libertar de uma vida tão confortável? Talvez porque parecesse confortável apenas para quem não estava preso nela, respondeu Jackie.¹⁴

É difícil dizer se essas conversas continham as sementes de algo mais profundo ou se eram apenas um leve flerte. Mas começou a passar pela mente de Artemis que estava em curso uma mudança na relação de seu irmão com a irmã de Lee. Anos depois, Artemis diria que a conversa deles não fora de modo algum sobre Gloria Swanson e Joe Kennedy, mas sobre eles próprios.¹⁵

Sem dúvida, ao conversar com ela da maneira como o fez, Onassis conseguiu derrubar uma barreira que Jackie erguera em torno de si mesma. Ele a tratava não como a primeira-dama, a mulher mais celebrada e admirada do mundo, mas simplesmente como uma mulher. Ele a levou para sua vida de um modo como nunca fizera com Lee, disse a astuta e vivida Irene Galitzine.¹⁶

Mas nenhuma dessas subcorrentes alterou a superfície das coisas. “Há criadas que trazem seu café da manhã, lavam e/ou passam suas roupas ou lavam a seco se você quiser”, escreveu Suzanne Roosevelt a um amigo. “Há até uma sala de cirurgia em algum lugar, embora eu não a tenha visto...”

Eles navegavam diretamente para o nordeste, o mar liso como um dos pijamas de seda de 200 dólares da princesa Galitzine, ilhas pairavam como sombras esmaecidas à luz suave de outubro. Aqueles que se lembram do *Christina* em momentos como esse recordam o leve ranger do deque, o som da água batendo na proa e — na

descrição do ator Richard Burton — “o odor salino de oceano e sexo”.¹⁷

* * *

Em Washington, um parlamentar republicano manifestava sua reprovação ao cruzeiro, contestando a integridade da esposa do presidente e questionando os motivos de Roosevelt para aceitar a hospitalidade de um estrangeiro que tinha muito a ganhar com a influência do subsecretário na Maritime Administration (MARAD), a agência do Departamento de Transportes que cuidava de sua frota de navios, entre outras atribuições. Era o pior pesadelo de Bobby tornando-se realidade. De acordo com Evelyn Lincoln, Bobby disse ao presidente que ele precisava chamar a primeira-dama de volta imediatamente e “não aceitar um não como resposta”.¹⁸

“Mas isso não seria admitir que as críticas tem fundamento?”, protestou Jackie quando o marido lhe deu um ultimato durante um telefonema para o navio com muitos gritos dos dois lados da linha. Mudar seus planos só renderia mais manchetes aos jornais. “Por que enfatizar algo que é melhor ignorar?”, argumentou ela tão docemente quanto pôde no volume máximo de sua voz.

No entanto, para um funcionário da Casa Branca, “Jackie estava fazendo o presidente pagar por todas as suas trepadas por aí”.¹⁹ Se ela se recusava a ir para casa, o que ele podia fazer? A pura verdade era: o comportamento dele o tornara um marido em fim de mandato.

* * *

Em Paris, Costa Gratsos e sua mulher, Anastasia, tentavam consolar Maria Callas. Fotos do cruzeiro, de Onassis passeando ao lado de Jackie nas vielas de seu passado, surgiam todos os dias em jornais

franceses. “Quatro anos atrás”, disse Callas, “era eu ao seu lado sendo seduzida pela história de sua vida.” Aquilo a fez perceber que perdera muito mais do que a dedicação de Meneghini ao deixá-lo.²⁰

Gratsos gostava muito de Callas. Sabia que ela podia ser tola, egoísta e, com frequência, chata. Mas estava triste pelo modo como Onassis a estava tratando, e ele e Anastasia haviam se recusado a participar do cruzeiro quando souberam que ela não fora convidada. Entretanto, Callas enfrentara a notícia com bravura. “Não é difícil se apaixonar perdidamente. Viver com as consequências, essa sim é a parte difícil”, disse ela a Gratsos.²¹ Em óperas, ela vivera heroínas que morreram de amor, e isso era algo que compreendia. Contudo, dias depois, ela sofreu um aborto espontâneo do filho que esperava que traria Onassis de volta.^{IV}

* * *

Sempre houvera uma aura de encenação no relacionamento entre Jackie e Lee, no modo como elas cochichavam juntas e rompiam em sonoras e misteriosas gargalhadas. Mas poucos conflitos familiares são tão cruéis e irreconciliáveis quanto os que envolvem irmãos. Amigo de Lee, Truman Capote a via, de acordo com seu biógrafo Gerald Clarke, como “uma Becky Sharp^V moderna, para a qual o destino reservara uma tortura primorosamente pungente: sua rival na infância, sua irmã, Jackie, crescera e se tornara a esposa de um presidente e a mulher mais celebrada e admirada do mundo”.²² Jackie sempre soubera como magoar e ao mesmo tempo aparentar ser a criatura mais doce; e, por seu lado, Lee aprendera a não dar sinal algum de que sofria — isso teria aumentado a humilhação pela qual passava.

Teria sido espantoso se Lee não tivesse se incomodado com o tom e o rumo das conversas entre seu amante e Jackie. As perguntas *faux naïf* da irmã e a atenção extasiada prestada por ela

quando Onassis falava devem ter sido como uma repetição de muitas cenas dolorosas da infância, quando elas disputavam o amor e a atenção do pai. Na época, Lee perdera, e agora perdia de novo. Onassis era apenas o mais recente na lista de homens mais velhos que haviam ocupado o lugar de Black Jack em sua vida, e Jacks estava se apossando dele com o doce sorriso de santa que sempre usava quando fazia algo inescrupuloso. Partia seu coração, disse Stas mais tarde a um amigo, ver sua esposa sorrindo bravamente enquanto “dobrava o guardanapo em seu colo como se na imaginação torcesse o pescoço de sua boneca de trapo favorita”.

Stas conhecia bem Onassis e adivinhou aonde aquilo levaria, mesmo quando tudo não passava de um pensamento na mente de Onassis. Antes de deixar o cruzeiro, em Istambul, ele lembrou a sua esposa o quanto a situação que se desenrolava a bordo do *Christina* se parecia com a própria experiência dela com Onassis antes de ele chutar Callas para ficar com ela. Embora certamente estivesse alimentando suas próprias suspeitas, Lee disse ao marido que ele estava louco. Bem louco. Sua irmã, lembrou-o com frieza, era a primeira-dama dos Estados Unidos.²³

* * *

Alguns dias depois, fotografias tiradas com teleobjetivas mostrando Jackie tomando sol de biquíni no deque do *Christina* apareceram nas primeiras páginas de jornais do mundo inteiro. A reação de Bobby foi mais do que pura raiva, sugeriu Henry Brandon, correspondente do *Sunday Times*, de Londres, em Washington e amigo dos Kennedy. Num certo nível, Bobby sentiu a fúria do administrador político que reconhecia os danos causados pela publicidade à imagem de John Kennedy. Em outro nível, mais profundo e complexo, de acordo com Brandon, estava o fato de que “o próprio Bobby já era quase certamente meio apaixonado por Jackie, e então você tinha também o ressentimento de um amante frustrado”.²⁴

“Havia um limite bem claro, e Bobby achou que Onassis havia passado direto por ele”, disse Roswell Gilpatric — ele próprio um dos amantes de Jackie —, que estava em Hickory Hill quando o presidente disse a Bobby que Jackie se recusara a abreviar o cruzeiro e voltar para casa. Ódio, segundo Gilpatric, não é uma palavra forte o suficiente para o sentimento dos Kennedy em relação a Onassis naquele momento.²⁵

A popularidade do presidente havia caído novamente nas pesquisas da Gallup naquela semana; um editorial do *Boston Globe* questionava: “Esse tipo de comportamento parece adequado para uma mulher de luto?” E outro parlamentar acusara Jackie de desafiar a decência ao aceitar “a hospitalidade opulenta de um homem que defraudou o público americano”.²⁶

Mas seria simplesmente a presidência de seu irmão que Bobby Kennedy queria proteger? Porque, como Drew Pearson escreveria mais tarde, “embora as treze colônias tenham descartado o direito divino dos reis cem anos antes de os ancestrais irlandeses de Bobby migrarem para Boston, ele ainda acreditava na teoria de que o parente mais próximo deveria herdar o trono da Casa Branca”.²⁷ E Bobby sem dúvida sabia que era seu futuro, tanto quanto o do presidente, que estava sendo ameaçado naquelas distantes ilhas gregas, no outono de 1963.

* * *

O *Christina* chegara ao mar Jônico, onde as águas claras do Egeu corriam para o “mar cor de vinho” de Homero e onde Onassis criava seu reino particular na ilha de Skorprios. Jackie devia estar se sentindo a um milhão de quilômetros de Washington, da política americana, das críticas dos jornais e da família mandona de seu marido.

Nu da cintura para cima, Onassis havia se ajoelhado junto aos seus empregados para plantar todas as árvores e arbustos da Bíblia. Enquanto caminhavam por seus novos domínios, ele contou a Jackie as histórias que a avó contava na sua infância: o figo é a primeira fruta mencionada nas Escrituras; quando a pinha é cortada no sentido longitudinal, a marca em sua superfície se assemelha à mão de Cristo — era um sinal de Sua bênção à árvore que protegeu a Virgem Maria quando ela fugia das tropas de Herodes com a família.

Agora Jackie o via de um modo diferente, ele não era nada parecido com o homem que ela conhecera no sul da França uma década antes. Em sua ilha, diria mais tarde a Artemis, ele revelou uma profundidade e um lado seu que a surpreendeu e comoveu muito.

No dia seguinte, eles foram de iate para Ítaca. Foi ali — na cabine principal batizada com o nome da célebre ilha e onde Onassis havia mimado Churchill, seduzido Garbo e convencido Callas a deixar o marido — que eles se tornaram amantes.

* * *

De acordo com Onassis, a suscetibilidade de Jackie naquele momento era considerável, sobretudo pelo contexto de sua mágoa com a contínua infidelidade de Jack. Ela havia perdido um bebê recentemente que, com certeza, suspeitava que fora planejado por Jack com objetivos políticos. E ele começara um novo caso com uma mulher que era um constrangimento muito maior para ela do que Marilyn Monroe tinha sido. Mary Pinchot Meyer — esposa divorciada do chefe da CIA Cord Meyer, sobrinha de Gifford Pinchot (conservacionista e duas vezes governador da Pensilvânia), e irmã de uma de suas amigas mais próximas em Washington, Antoinette (Tony) Bradlee, mulher de Ben Bradlee, correspondente da *Newsweek* em Washington — era uma mulher com quem Jackie convivia socialmente. Um funcionário da Casa Branca disse acreditar

que esse romance foi a gota d'água para convencer Jackie a prosseguir com o cruzeiro, apesar das objeções e dos apelos do marido para interrompê-lo.

Artemis, que conhecia muito bem o irmão, revelaria mais tarde à filha dele, Christina, que Onassis havia “seduzido a mulher do presidente, e não a viúva”.²⁸ O rosto de Jackie no dia seguinte, contou Artemis, era prova suficiente disso.

I O *Christina* tinha nove cabines, cada uma com o nome de uma lendária ilha grega. Ithaca [Ítaca] era reservada aos convidados especiais. Já havia abrigado, entre outros, Winston Churchill, Greta Garbo e Maria Callas.

II De acordo com Charles Bartlett, foi Jackie “quem arranhou um monte de citações que Jack começou a usar em seus discursos” nos anos 1950. “O que ela fazia”, contou Meyer Feldman, membro da equipe de Kennedy, “era dar sugestões a Jack — ideias sobre posições que ele podia assumir, poemas que podia recitar, referências históricas. Se ele fosse falar para um grupo de língua francesa em New Hampshire, ela aparecia com uma frase que achava que ele podia usar” (Edward Klein, *All Too Human: The Love Story of Jack and Jackie Kennedy*. Nova York: Pocket Books, 1956, p. 226). Ela também ofereceu o mesmo serviço a Bobby, encontrando a citação lida por ele depois do assassinato de Kennedy: “Quando ele morrer/Leve-o e corte-o em pequenas estrelas/E ele fará à face do céu tão bem/Que o mundo inteiro se apaixonará pela noite/E não venerará o sol brilhante.”

III Onassis afirmou ter dezessete anos quando partiu para Buenos Aires, em 1923. Muitas vezes, acrescentou que estava “no auge da virilidade”, o que em geral é entendido como 23 anos na Ásia Menor, principalmente no interior, onde sua família tinha raízes. J.K. Campbell, em seu estudo sobre valores morais numa comunidade grega nas montanhas, escreve: “Quando um filho chega ao auge da virilidade, aos 23 anos, a importância do seu prestígio dentro (de seu grupo de companheiros) se torna incompatível com a demasiada deferência por qualquer pessoa mais velha, mesmo seu pai” (*Honour, Family and Patronage*. Oxford: Clarendon Press, 1964).

IV De acordo com *Greek Fire: The Love Affair of Maria Callas and Aristotle Onassis*, de Nicholas Gage (Londres: Sidgwick & Jackson, 2000), Callas teve um filho de Onassis três anos antes, um ano depois do início do romance. O menino, afirma Gage, nasceu em Milão e morreu no mesmo dia.

V Personagem da literatura inglesa (*A feira das vaidades*, de William Makepeace Thackeray, de 1847) e do primeiro filme americano em Technicolor, de 1935 (*Vaidade e beleza*, de Rouben Mamoulian), Becky Sharp é uma alpinista social que usa seu charme para seduzir homens ricos. (N. do T.)

DOZE

“ELA ESPERAVA QUE O SOL PARASSE PARA ELA”

Muitas são as histórias falsas contadas sobre mulheres. Não passam de uma compensação fraca para as verdadeiras histórias, que não conhecemos.

—SENAC DE MEILHAN, 1736-1803

Se a decisão de Jackie de aceitar o convite de Onassis para viajar no *Christina* naquele outono assegurou que haveria um relacionamento entre eles, a consumação em Ithaca determinou de que tipo ele seria.

Na tarde em que se tornaram amantes, revelou Onassis mais tarde a Georgakis, ele notara a caixa de joias de Jackie aberta em sua penteadeira. Surpreso com as poucas peças no interior, e com o pouco valor que pareciam ter, telefonou para a Van Cleef and Arpels, em Paris, e mandou que enviassem ao iate, de avião, um presente devidamente impressionante. Eles responderam com uma pulseira de ouro e rubi de 80 mil dólares.¹

E, assim como a descoberta da pulseira que Onassis comprara para Lee deu a Maria Callas o primeiro indício de que a princesa tomara seu lugar, Lee soube que agora estava tudo acabado para ela também.

“A princesa vai superar isso”, disse Onassis a Georgakis.² Embora ele fosse implacável ao dispensar suas mulheres quando elas não lhe eram mais úteis, sua generosidade na despedida costumava tornar a dor do rompimento suportável. De acordo com Alastair Forbes, um

velho amigo dos Kennedy, Lee foi “despachada com 1 milhão de dólares”.³ Isso também pode ter sido acompanhado de um pedaço de terra num promontório perto de Atenas, que Truman Capote dizia ser um presente de Onassis para Lee quando se casou com Jackie.⁴

Gratsos, porém, preocupava-se não com Lee, mas com o preço que os irmãos Kennedy ainda poderiam cobrar pelo cruzeiro. O acordo no Haiti ainda era o que mais lhe importava, e ele sabia que o triunfo de Onassis poderia arruinar tudo. Como Gratsos disse a Georgakis: “Fiquei pensando: esta pode ser a trepada mais cara da história mundial.”

Jackie sabia desde o início do prejuízo político que o cruzeiro causaria a sua família. Mas apenas quando voltou para Washington percebeu o dano que causara à própria reputação. Embora estivesse preparada para o constrangimento que o episódio causaria ao marido, ela ficou abalada ao descobrir quanto aquilo arruinara a simpatia e boa vontade que ela própria recebera do povo americano depois da morte do bebê Patrick.

Ela pensava que seu lugar nos corações americanos era inatacável. No entanto, os mesmos jornais e canais de televisão que apenas algumas semanas antes haviam admirado sua dignidade e coragem diante da tragédia pessoal agora a atacavam por sua permissividade, extravagância, falta de bom senso e falhas como esposa e mãe. Era a crítica pública mais devastadora que já havia recebido. Pela primeira vez desde que Jack chegara à Casa Branca, Jackie se tornara um alvo dos republicanos e uma clara desvantagem política. Embora tenha conseguido manter um semblante de compostura — seu sangue-frio sempre fora sua melhor defesa —, ela deve ter ficado desconcertada.

O contraste do comportamento descontraído na Grécia com a atitude reservada em casa também irritara os jornalistas da Casa Branca, que haviam se acostumado a suas constantes “restrições e exigências”.⁵ Merriman Smith, da UPI, criticou-a: “Passeando com a irmã, Lee Radziwill, a sra. Kennedy se deixa ser fotografada em

posições e poses que nunca permitiria nos Estados Unidos (...) é quase outra pessoa quando está viajando sozinha, como estava..."⁶

Num esforço para conter as críticas na imprensa, Bobby disse ao irmão para simular uma demonstração de família unida. Quando o avião de Jackie chegou a Washington, em 17 de outubro, John Kennedy a aguardava no aeroporto com seus filhos e uma expressão beatífica no rosto, para dar à mídia uma oportunidade de fotos que registrassem o reencontro.

Na família, porém, o ressentimento com Jackie se aprofundou. Para Ethel e outras mulheres Kennedy, nada que ela fazia era certo, mas daquela vez tinha ido longe demais. Em momentos de dificuldade, os Kennedy sempre se uniam junto ao seu líder, e a apenas um ano do que seria uma dura campanha para um segundo mandato presidencial, eles concentravam seus corações e mentes no desafio. O marido de Eunice, Sargent Shriver, pusera sua carreira política em suspenso para apoiar o cunhado. Até mesmo o miseravelmente infeliz Peter Lawford concordara em adiar seu divórcio para depois da eleição.⁷

Bobby ficou furioso com a recusa de Jackie a seguir as regras da família. John Kennedy, por outro lado, mostrou-se mais fatalista do que irritado. Sabia como ser civilizado nesses assuntos, e seu irmão, não. E, embora, de acordo com um relato, tenha sido o presidente quem "informou Onassis, por meio de um de seus assessores, que ele não seria bem-vindo nos Estados Unidos antes da eleição de 1964",⁸ Onassis afirmou que foi o procurador-geral quem instruiu Jackie a "dizer a seu namorado grego que ele só voltará aqui depois que Jack for reeleito (...) muito tempo depois, talvez nunca".⁹

Há poucas dúvidas de que o relacionamento entre John Kennedy e sua esposa vinha se deteriorando cada vez mais durante o mandato presidencial, embora a verdade sobre a situação do casamento fosse escondida do público com sucesso. Além disso, até o cruzeiro, ninguém se esforçara mais para sustentar a farsa do que a própria Jackie. O modo como se lembrou dessa crise, por exemplo,

foi exatamente o oposto da verdade — e um tributo à sua astúcia, bem como ao dom dos Kennedy para as relações-públicas. William Manchester, escolhido pela família para escrever a história oficial do assassinato do presidente Kennedy, relatou a versão de Jackie sobre os acontecimentos ocorridos após a morte de Patrick. “Ela queria ficar com [o presidente] e os filhos. Normalidade, rotina — essa parecia ser a melhor maneira de curar sua depressão”, escreveu ele, alegando que o presidente “tinha um plano diferente: ela deveria se distrair em outras terras. Politicamente, sugeriu ela, isso não era inteligente. A um ano da eleição, um cruzeiro no iate de um milionário grego não era uma receita para votos, mas [o presidente] estava decidido. Então ela foi...”¹⁰

* * *

A Casa Branca nunca fora a residência favorita de Jackie, e a regularidade e previsibilidade de suas ausências permitiram a seu marido ter, sem problemas, seus encontros amorosos por trás das portas fechadas da ala habitada pela família. De fato, nenhum outro presidente dos Estados Unidos teve tanta facilidade para dissimular uma vida tão imprudentemente promíscua quanto a que ele levou no outono de 1963.

Entretanto, ele só podia escapar impune enquanto conseguisse comprar a cumplicidade de Jackie — e enquanto seu pai e Bobby continuassem a varrer suas indiscrições para baixo do tapete com “subornos, ações judiciais e outras formas de intimidação para silenciar mulheres que (...) ameaçavam ir a público”.¹¹

Enquanto isso, ao voltar da Grécia, Jackie “permaneceu apenas por um breve período na Casa Branca, o suficiente para brigar com o marido — antes de ir para seu novo refúgio de fim de semana, em Atoka”, a propriedade de doze hectares da família em Middleburg, Virgínia.¹²

Ela ficaria ali duas semanas, durante as quais o dr. John Walsh, seu obstetra, examinou-a e declarou que “ela já estava completamente recuperada”.¹³

* * *

O cruzeiro de Onassis chegara perigosamente perto de expor a licença de que Jackie vinha discretamente desfrutando desde seu caso com William Holden sete anos antes. (De acordo com Roswell Gilpatric, ela costumava receber “convites discretos” de admiradores que sabiam da atitude permissiva do presidente em relação a suas amizades com outros homens.)¹ E esse foi quase com certeza o motivo pelo qual ela e Bobby haviam mentido para William Manchester dizendo que ela tinha voltado da Grécia “com uma disposição muito maior do que pensara ser possível”.¹⁴

Na verdade, a atmosfera nas poucas horas que ela passou na Casa Branca antes de correr para Atoka foi, de acordo com Evelyn Lincoln, “desagradável, desagradável; eu diria que muito tensa”.¹⁵ A secretária particular de Jackie, Mary Gallagher, também parece ter tido pouca dúvida sobre a tensão no ar no dia em que ela voltou da Grécia. Gallagher ficou convencida pelos “sinais que viu”¹⁶ de que — em sua frase marcante — “um relacionamento significativo havia sido estabelecido” entre Jackie e Onassis durante o cruzeiro.¹⁷

Entretanto, no outono de 1963, Jackie tinha mais de um motivo para querer punir o marido. Primeiro, havia o caso dele com Marilyn Monroe, que, diria ela mais tarde a Onassis, ainda pairava no ar “como um perfume barato” muito depois da morte da atriz.¹⁸ Outra razão era a recusa dele a encerrar o romance com Mary Pinchot Meyer, que, sendo sua amiga e do mesmo meio social, representava afronta maior à autoestima de Jackie do que Marilyn, Judith Campbell ou qualquer das outras mulheres de Kennedy.

Mas o terceiro motivo era ainda mais íntimo, e era a decisão de Jack de levar Lee a Berlim para sua histórica viagem pela Europa em junho, quando Jackie estava grávida e impossibilitada de viajar. Talvez sem saber do dedo secreto de Bobby nesse assunto — de sua determinação de tirar Lee do iate de Onassis e pôr fim aos rumores sobre a ambição do grego de se tornar cunhado do presidente —, Jackie atribuiu o convite inteiramente ao egoísmo de Jack. Ele sabia quanto ela adorava viagens oficiais ao exterior, e a incapacidade dele de entender sua decepção — tornando tudo ainda mais insuportável ao escolher *Lee* para ser sua substituta (será que ele não entendia nada sobre rivalidade entre irmãs?) — simplesmente exacerbou o abismo entre os dois.

A iatista e fotógrafa Hélène Gaillet, de Nova York, lembra-se de ter estado em *Skorpios* com Onassis numa noite de 1974, quando o assunto do relacionamento de Jackie com a irmã veio à tona. Recordando o incidente em Berlim, Onassis disse que Jackie estava “preparada para deixar Lee tomar seu lugar na cama do marido, mas não seu lugar na história”.¹⁹

Mas qualquer que fosse a verdadeira situação do casamento do presidente àquela altura — ambivalente e complicada, como sempre fora — apenas o mais obtuso, ou indiferente, dos maridos não teria atentado para as consequências da pulseira de diamantes e rubis usada por Jackie ao retornar do cruzeiro. E, independentemente de quanto Jack pudesse ter perdido o rumo em outras áreas de seu casamento, ele com certeza não precisava de mais provas do que aquela joia para perceber quão bem “o grego” — cuja “total compreensão sobre as mulheres”, de acordo com Maria Callas, “vinha de um catálogo da Van Cleef and Arpels”²⁰ — já conhecia sua mulher.

No entanto, se por um lado o presidente conseguiu tolerar a situação — a pulseira, assim como o cruzeiro, preocupou-o apenas pela sua dimensão política, acreditava Lincoln —, por outro Bobby não podia ouvir o nome de Onassis sem perder a calma.²¹ Será que

isso se devia ao fato de Bobby saber de algo que o presidente desconhecia? Será que ele, como acreditava Onassis, tinha um espião no *Christina*?²² Não há prova alguma de que Bobby estivesse obtendo qualquer informação a mais sobre o que acontecia entre Jackie e Onassis a bordo do iate do que o que saía na imprensa. Entretanto, Onassis foi taxativo. "Ele sabe que eu fiquei com Jackie", disse ele a Gratsos.²³

Se isso era verdade, quem poderia ser o espião? Teria Roosevelt admitido seu fracasso em fazer a única coisa pela qual Bobby o enviara: manter Jackie fora das garras do "grego"?

Stas Radziwill era um notório fofoqueiro, mas como ele poderia ter contado sobre Jackie sem provocar a ira de Bobby? Sua proximidade com os Kennedy era tão valiosa para ele quanto seu falecido título. De qualquer modo, se Onassis falou a verdade, Jackie se rendeu aos seus encantos *depois* de Stas deixar o iate, em Istambul.

Poderia ter sido Lee? Ela não perdeu tempo em contar a Jack como o vento havia soprado no Egeu naquele outono. William Manchester mais tarde interpretaria o tom da carta como um "mau humor fingido", e sua reclamação de que Jackie ficara carregada de presentes de Onassis, enquanto ela própria recebera apenas "três pulseirinhas insignificantes que Caroline não usaria em sua festa de aniversário", como uma provocação de irmã.²⁴

Mas o mau humor estava longe de ser dissimulado. Sua raiva era demasiado humana. "*Não consigo aguentar isso*", escreveu ao presidente, angustiada quando começou a perceber as terríveis consequências da mudança no coração do amante.²⁵

Ainda assim, tudo isso teria permanecido em grande parte no terreno dos boatos e conjeturas se não fosse por Evelyn Lincoln. Embora fosse a menos glamourosa e mais modesta das damas de Camelot, Evelyn era um dos membros mais confiáveis do entourage da Casa Branca de Kennedy. Eles estiveram juntos desde o início da

carreira dele no Senado, em 1953, até 22 de novembro de 1963, quando ela seguia atrás de sua limusine em Dallas.

Não havia muita coisa sobre John Kennedy que Lincoln não soubesse. Após a morte dele, ela falava instintivamente do ponto de vista dele. E era quase certo que sua opinião de que Jackie iniciara o romance com Onassis "*antes de Dallas*" refletia as suspeitas do próprio presidente.²⁶

"Perto do fim", disse Evelyn com convicção em 1995, falando com uma energia e determinação que escondia a aproximação de sua morte, "Jackie via outros homens também. Você sabe, as altas rodas da sociedade, eles têm uma vida toda própria. Não acham nada de mais ter romances por fora — por fora de seus casamentos —, e Jackie era mais ou menos das altas rodas (...) Onassis se tornou mais do que apenas um amigo."²⁷

JFK, recordou ela, advertira Jackie antes do cruzeiro para a possibilidade de que, se ela aceitasse o convite de Onassis, as consequências poderiam ser incalculáveis. "Ele disse à sra. Kennedy que um homem como Onassis sempre queria algo. Falou que seria um erro terrível aceitar a hospitalidade de Onassis porque ele acabaria querendo algo em troca", contou-me Evelyn.²⁸

Jackie se recusou a ouvir, queria estar no cruzeiro e nada a impediria. "Quando a sra. Kennedy estava com esse tipo de disposição", explicou Evelyn, "ela esperava que o sol parasse para ela."²⁹

O fato de a força de Jackie provir diretamente da fraqueza do marido era um dos segredos mais bem guardados na Casa Branca. Contudo, se Dallas não tivesse acontecido, disse-me Evelyn, "o cruzeiro teria sido visto como uma guinada errada catastrófica (...) teria exposto tudo".³⁰ O casamento dos Kennedy chegara a um ponto, contou ela ao escritor Laurence Learner, que se o presidente tivesse sobrevivido e vencido a eleição em novembro provavelmente teria havido "o primeiro divórcio na Casa Branca".³¹

* * *

Um sinal de que pelo menos os parâmetros de um acordo tinham sido elaborados por Jackie e Onassis veio durante um almoço no Hotel de Paris, em Monte Carlo, logo depois de ele voltar do cruzeiro.

Com Onassis estavam Costa Gratsos, Yannis Georgakis, Roberto "Tito" Arias (o advogado que, segundo Onassis, "leu a cópia final e inventou as brechas" para suas corporações panamenhas),³² o cunhado de Onassis e médico Theodore Garofalides e o onipresente Johnny Meyer.

Embora Mônaco e o príncipe continuassem a ser uma irritação ("seu marido faz com que eu me sinta como um *gauleiter* controlando um posto avançado problemático de meu império", dissera ele à princesa Grace)³³ e o projeto Haiti estivesse indo devagar demais para seu gosto, Onassis estava animado. Perguntou a Meyer se ele já havia feito amor com uma princesa. Quando Meyer lhe respondeu que apenas com as judias, ele deu uma gargalhada estrondosa e disse: "Johnny, vou lhe contar, você não perdeu nada."³⁴

"Eu soube, quando ele fez esse comentário, que já não planejava se casar com Lee", contou Gratsos mais tarde a Georgakis.³⁵

E o único motivo pelo qual desistira de Lee, Gratsos estava convencido, era que ele decidira, em vez disso, casar-se com a irmã dela.

* * *

Em Washington, Jackie mudara seu tom, depois do mau humor da temporada em Atoka. Tornara-se muito mais complacente e agradável. Embora achasse futebol entediante, de acordo com William Manchester, ela cogitava ir ao jogo entre o Exército e a

Marinha com o presidente, depois do Dia de Ação de Graças. “Vamos apenas fazer campanha”, disse ela a Jack, segundo Manchester. “Farei campanha com você onde você quiser.”³⁶

— Talvez você venha conosco ao Texas, no mês que vem — informou Jack mais tarde à esposa, num jantar com Ben e Toni Bradlee.

— Claro que vou, Jack — respondeu ela, muito atenta.³⁷

I Gilpatric diria mais tarde a amigos que ele próprio enviara a Jackie um desses “convites discretos” junto com um livro de poemas de amor. Não está claro se ele foi bem-sucedido dessa vez. A carta “íntima, graciosa” dela lhe agradecendo pelo livro também zombava da ideia de que um presente com aquela rara sensibilidade poderia ter sido enviado por “Antonio Celebrezze ou Dean Rusk” (David Halberstam, *The Best and the Brightest*. Londres: Barrie & Jenkins, 1972, p. 36).

TREZE

O CAMINHO GREGO

Alto demais pode ser o preço pago pela riqueza.

—ST. MARC GIRARDIN, 1801-1873

Na sexta-feira, 22 de novembro de 1963, a notícia vinda de Dallas chegou como o estrondo de um trovão reverberando pelo mundo. Num coquetel em Hamburgo em comemoração ao lançamento de seu novo petroleiro, o *Olympic Chivalry*, Onassis soube do acontecido apenas minutos depois de Bobby Kennedy — que almoçava em sua casa na Virgínia — ser informado por J. Edgar Hoover.

O assassinato de um presidente é um dos atos mais traumáticos — exceto uma guerra — que podem ser feitos contra a psique do povo americano. Mas o assassinato de John F. Kennedy, um homem que muitos acreditavam ser o maior presidente dos Estados Unidos de seu século, chocou e comoveu o mundo inteiro. A juventude — ou aparência de juventude —, o vigor, o carisma, a jovem e bela esposa e os filhos pequenos eram parte de seu charme e popularidade. Redes de rádio e televisão de todo o planeta interromperam sua programação normal e cancelaram anúncios comerciais para a cobertura ao vivo da tragédia, de uma saturação sem precedentes — nos Estados Unidos, foram quatro dias e noites seguidos.

Sem conseguir entrar em contato com Jackie — foram tantas as pessoas fazendo ligações ao ouvirem os primeiros boletins que quase todas as grandes centrais telefônicas de Washington pararam¹

—, Onassis acabou falando com Lee, em Londres, tarde da noite. Lee lhe pediu que fosse com ela e Stas a Washington para o funeral. Ele lembrou-lhe que fora advertido a não pôr os pés nos Estados Unidos durante pelo menos um ano. “Não acho que isso tenha muita importância agora”, retrucou ela.²

Lee era esperta demais para fazer tal convite por iniciativa própria. Truman Capote — que naquela época ainda era um de seus amigos mais queridos¹ e um confidente com o qual ela podia discutir “as coisas mais sérias da vida e questões emocionais”³ — contou mais tarde a Joe Fox (nosso editor na Random House) que, na verdade, o convite tinha sido ideia de Jackie.

A primeira-dama sabia que não podia ela própria convidar “o grego”, afirmou Capote. Porém, ao persuadir Lee a incluí-lo em seu grupo, fez com que ele automaticamente recebesse um dos convites da família para se hospedar na Casa Branca. “Lee estava perdidamente apaixonada pelo Grego de Ouro, mas era uma imbecil; fez direitinho o jogo de Jackie”, disse Capote a Fox.⁴

Embora Onassis tenha sido uma das únicas seis pessoas de fora da família a ter a honra de se hospedar na Casa Branca, sua presença quase não foi notada nos dias de choque e luto que tomaram conta da nação. Na noite de domingo, Rose Kennedy jantou no andar de cima com Stas Radziwill; Jackie e Lee foram servidas na sala de estar, com Bobby. Onassis, assim como os outros convidados da casa, comeu com o restante dos Kennedy na sala de jantar da família. Por volta das dez da noite, Bobby Kennedy se juntou a eles para um café.⁵

Foi a primeira vez que ele ficou cara a cara com “o grego” naquele fim de semana. Não ficou claro se Jackie contara-lhe que Onassis estava na lista de convidados da família, mas Bobby com certeza sabia que o convite não poderia ter sido feito sem a aprovação dela. Seria a presença de Onassis uma maneira de Jackie dizer aos Kennedy que ela já não esperava ser tratada como “apenas

uma coisa, apenas uma espécie de bem, como Rhode Island”)?⁶ Ou, o que é mais significativo, talvez seria uma maneira de lembrar a Bobby que agora ela tinha a chave de seu destino político?

Em 1960, quando estava grávida, Jackie tivera uma participação pequena na campanha presidencial do marido. “Ocupar o trono combinava mais com ela do que lutar para conquistá-lo”, observa Barbara Kellerman em seu livro *All the President’s Kin*.⁷ Porém, o estilo distante de Jackie — que alguns confundiam com uma espécie de espiritualidade — tornou-se um dos bens mais poderosos de John Kennedy. No entanto, aqueles que a conheciam bem sabiam que por trás dessa imagem havia algo mais. De acordo com Stanley Tretick, o fotógrafo favorito de Kennedy, da *Look*, ela tinha um jeito que “parece lançar um terror em seu coração”.⁸

Foi esse lado de Jackie que deve ter levado Bobby a dar um tempo naquela ocasião, porque, apesar de sua autoridade como procurador-geral, de suas prerrogativas como irmão mais próximo de Jack e herdeiro político, de sua raiva e de o que quer que o protocolo e o bom-tom pareciam exigir, ele sabia que não havia como tirar Onassis do grupo de luto na Casa Branca sem se indispor com ela.

O mito de Camelot ainda não tinha sido criado, é claro. Mas a ideia estava palpável no ar.^{II} Sem dúvida estava evidente para Bobby que parte de seu futuro apelo presidencial dependia do poder da legenda do irmão — e do papel de Jackie nela. Bobby sabia muito bem quais eram suas chances. Apanhado no centro das atenções do sofrimento e da ambição, seu oportunismo não o abandonou: permitir que Jackie levasse o amante para o funeral do marido era um preço pequeno a ser pago pelo futuro apoio político dela.

* * *

De fato, embora alguns tenham notado que seus olhos não eram os olhos sorridentes cantados pelos irlandeses, o comedimento de Bobby ao encontrar “o grego” naquela noite de domingo na Casa Branca poderia ter sido uma aula e tanto para políticos em formação que não querem ser inibidos pela consciência moral. Entretanto, à medida que a bebida fluía, ele começou a insultar Onassis por sua riqueza e pela origem desta, seu iate, sua companhia aérea, seu principado, seu passado.

Onassis sabia que, quando não gostavam dele, as pessoas nunca deixavam de perguntar sobre seu passado. De acordo com o relato oficial de William Manchester, Bobby “importunou-o impiedosamente sobre sua (...) aura de Homem Misterioso” e então, de repente, deixou a sala e retornou com um contrato “estipulando que Onassis daria metade de sua riqueza para ajudar os pobres da América Latina”. O documento era “absurdo (e, obviamente, não poderia ter valor algum)”, e o milionário grego o assinou em grego.⁹

Assim como Manchester havia interpretado de forma equivocada a raiva de Lee Radziwill pelo presente “insignificante” dado por Onassis no fim do cruzeiro como decorrente de uma simples rivalidade entre irmãs, o escriba dos Kennedy também relatou o incidente erroneamente. Caracterizou-o como nada mais do que uma gozação afetuosa entre amigos com a intenção de “proporcionar algum tipo de alívio cômico”¹⁰ e como parte da “loucura (que) se insinuava nos preparativos do funeral”.¹¹

Não era assim que Onassis se lembrava do episódio. Bobby foi tomado pela mais profunda dor vinda da vergonha, raiva e frustração por ter que entreter o homem que havia chifrado seu irmão. E o que quer que os outros presentes naquela noite tenham achado — ou fingido achar, ou simplesmente estavam bêbados ou dopados demais para entender — Onassis sabia que Bobby não o provocava apenas para aliviar a tensão do momento. A gozação dele escondia um ódio muito mais profundo. “Bobby fez tudo o que podia para me humilhar esta noite, mas não caí na armadilha (...) quanto

mais eu sorria, mais louco ele ficava”, contou Onassis a Gratsos ao telefone mais tarde.¹²

* * *

Em 3 de dezembro, Onassis estava de volta a Paris para a festa de aniversário de quarenta anos de Maria Callas. A frieza e os espasmos de desprezo que Maria sentia por ele desde sua exclusão do cruzeiro de Jackie, em outubro, pareciam ter sido esquecidos quando os dois se sentaram à sua mesa favorita no Maxim’s, cercados de velhos amigos. Embora um convidado achasse que Onassis se comportava como “um cafetão ao cuidar de sua mulher”, foi uma façanha de Callas tê-lo de volta para um acontecimento tão comentado na imprensa da cidade onde moravam.

Numa conversa ao telefone no dia seguinte, Jackie disse a Onassis que, como o relacionamento dos dois não iria “escapar da atenção mais maldosa de nossos amigos”¹³ — Onassis suspeitou que ela estivesse se referindo a Lee, bem como a Bobby e o restante dos Kennedy —, ela achava que seria melhor não serem vistos juntos até que terminasse seu período oficial de luto, no verão. Onassis concordou satisfeito com isso. Ele precisava voltar a se concentrar nos negócios e nos problemas de Mônaco.

O principado havia despertado a ira do presidente francês, Charles de Gaulle, que desejava conter milhares de empresas francesas que tinham se registrado ali para escapar dos impostos na França. Rumores de que ele planejava acabar com a independência do principado haviam desencadeado uma queda no boom de investimentos em propriedades e, como resultado, Rainier pressionava Onassis a investir seus lucros com a SBM em novos hotéis.

A surpreendente beneficiária dessa disputa foi Callas. Com o tempo de Onassis dividido agora entre Paris e o sul da França, e Jackie ainda morando em Washington, foi a Callas que ele voltou a

recorrer em busca de conforto. Amigos esperavam que ele enfim percebesse quanto precisava dela, alguns também estavam espantados com quanto de si ela ainda se dispunha a sacrificar por ele. Deve ter sido uma violação de tudo o que havia em sua natureza voar até Porto Príncipe e cantar para “Papa Doc” Duvalier no palácio presidencial, quando ele começava a prevaricar em seu acordo de desenvolvimento com Onassis.

À sua maneira perversa, Onassis gostava de Papa Doc, que acreditava não ser capaz de “ousar ultrapassar os limites razoáveis da traição comigo”.^{III} O ódio em comum de ambos por Washington, pela CIA e sobretudo pelos Kennedy também era uma espécie de laço. Onassis chegou a participar de uma cerimônia de vodu no palácio do ditador para lançar um feitiço sobre os Kennedy — mas só depois de Jackie lhe dizer que Bobby comprara um boneco de vodu de Onassis que ele furava com agulhas.^{IV}

Na cerimônia no palácio, um frasco com ar, um pouquinho de terra e pedaços de flores do túmulo do presidente Kennedy foram usados para lançar um feitiço contra a família.¹⁴ Seis semanas depois, Teddy Kennedy sofreu um acidente em seu avião durante uma tempestade — o piloto e um assistente morreram; já Teddy ficou gravemente ferido. Quando Jackie lhe contou isso, Onassis telefonou para Gratsos e disse: “Esse negócio de vodu funciona de verdade, mas pegaram o Kennedy errado!”¹⁵

Enquanto isso, embora a retirada da ajuda americana ao Haiti pelo presidente Kennedy tivesse deixado o país necessitando desesperadamente de capital estrangeiro, “Papa Doc” se mantinha firme no poder e forçou o presidente Johnson a reavaliar as relações dos Estados Unidos com sua ditadura. Nas comemorações do Dia do Trabalho, seis meses depois do assassinato de Kennedy, o embaixador americano participou de uma missa solene em louvor ao regime de Duvalier.

“Papa Doc logo percebeu que estava sendo confrontado por dois interesses que de modo algum eram compatíveis”, recordou mais

tarde Georgakis, referindo-se ao dilema de Duvalier ao se ver atraído de volta aos braços dos Estados Unidos exatamente quando estava prestes a fechar negócio com talvez o único homem do mundo cujo nome tinha tão pouco crédito em Washington quanto o dele próprio.¹⁶

* * *

Nesse meio-tempo, Jackie nunca esteve longe dos pensamentos de Onassis. Eles se falavam por telefone várias vezes por semana, ele lhe enviava presentes discretos, buquês anônimos, livros (incluindo *The Greek Way* [O caminho grego], de Edith Hamilton) e quantias de dinheiro regulares. “Era como um romance em tempo de guerra”, comentou Costa Gratsos.¹⁷ E, assim como num romance em tempo de guerra em que dois parceiros amadurecem e mudam na ausência um do outro, Jackie aos poucos se metamorfoseou na Viúva Sagrada. Sua presença pungente no funeral de JFK, vista ao vivo pela televisão via satélite em mais lares e países do qualquer outro acontecimento histórico, transformara-a num ícone americano. Seu rosto agora era conhecido não apenas nas capitais mundiais, mas também nas vilas mais pobres, de Punjab ao vale do Eufrates.

Ao inventar Camelot, ela fizera de si mesma a mais importante de todos os Kennedy. Mais do que aquela que mantinha a chama acesa, ela se tornara a própria encarnação do mito dos Kennedy, do qual dependia o destino político da família. Também se tornara o que sonhara ser a vida inteira: uma celebridade.

Ela ia a bailes de caridade, protestava contra construções que faziam sombra sobre o Central Park, participava de inaugurações de galerias. No entanto, isso por si só não era suficiente para lhe dar algum contentamento. Para combater surtos de depressão, ela passou a tomar injeções de vitaminas com estimulantes, prescritas

pelo antigo médico de John Kennedy em Nova York, Max Jacobson, vulgo “dr. Feelgood”.^v

Onassis disse a Georgakis (um dos poucos que sabiam quanto ele e Jackie continuavam próximos e quanto tal amizade estava lhe custando): “Ela está um caos. Não sabe o que quer. Bobby está fodendo com a cabeça dela assim como fodeu com a de Monroe.” A amargura no seu tom surpreendeu Georgakis. Ele sabia que Onassis não gostava de Bobby. Sabia que Ari se ressentia com a maneira como Bobby aproveitara a chance de ridicularizá-lo no velório do irmão, cercado de amigos e ciente de que Onassis não podia se defender sem fazer uma cena. Aquele tinha sido um ataque covarde, e Onassis saíra dele com dignidade. Mas o comentário sobre Bobby fazendo jogos mentais com Marilyn deixou Georgakis intrigado. O que aquilo tinha a ver?, perguntou. Onassis ficou chocado com sua obtusidade. Bobby usara Marilyn Monroe para destruir Spyros Skouras, amigo deles. “Agora ele está voltando Jackie contra mim”, acusou, num tom sério.¹⁸

Para complicar ainda mais as coisas, ao mitificar seu casamento para adequá-lo à lenda de Camelot criada por ela e Bobby, Jackie não apenas dera nova vida a um relacionamento que estava a ponto de um colapso total semanas antes de Dallas, como também se apaixonara pelo marido que inventara para se encaixar à fantasia.

Contudo, o fato de ela se entristecer por um passado que nunca existiu não significava que sua tristeza não era genuína. Era tão real quanto a de Bobby, que não pronunciava as palavras *assassinato* ou *Dallas*, referindo-se apenas aos “acontecimentos de 22 de novembro”.¹⁹ Embora fosse um católico mais devoto do que os irmãos, Bobby não tinha a fé que sua mulher dedicava à igreja e recorreu à literatura e à filosofia em busca de consolo: “no fim da tarde, diante da lareira na sala de estar de Jacqueline Kennedy em Georgetown, em suas leituras — agora mais intensas do que antes, como se cada página pudesse conter um sinal — ele lutava contra aquela perplexidade fundamental: se havia, afinal de contas, algum

sentido no universo”, escreveu seu amigo e biógrafo Arthur Schlesinger.²⁰

Jackie lhe deu o exemplar de *The Greek Way*, de Edith Hamilton, que ganhara de Onassis. Bobby o devorou, fazendo anotações nas margens e marcando versos de Ésquilo e Heródoto²¹ — temas que, nas palavras de Schlesinger, falavam à sua angústia.²²

I A amizade terminou em lágrimas quando Lee testemunhou em favor de Gore Vidal em sua ação contra Capote por calúnia. Capote afirmara que o político tinha sido expulso de uma festa de Kennedy na Casa Branca por estar bêbado. Lee revelou a Liz Smith que estava “cansada de Truman se agarrando à minha saia para ter fama”. De qualquer modo, que diferença isso fazia, já que eles eram “apenas duas bichas” (*New York Daily News*, 23 de setembro de 1984, p. 3).

II T.H. White se lembraria de quando tentou escrever um epitáfio do governo Kennedy, uma semana após o assassinato, na presença da viúva do presidente: “Às duas da manhã, eu estava na cozinha dos Kennedy ditando a notícia para dois dos meus editores favoritos (...) que, como bons editores, apesar das crescentes horas extras na conta da impressão, tentavam editar e mudar as frases que eu ditava. Maness [um dos editores] observou que talvez houvesse ‘Camelot’ demais no texto. A sra. Kennedy chegou naquela hora. Ela balançou a cabeça. Queria Camelot no título do texto. Camelot, heróis, contos de fadas, lendas, história era isso. Maness captou o tom em minha resposta enquanto eu insistia que tinha que ser como Camelot (...) Então o epitáfio do governo Kennedy se tornou Camelot: um momento mágico na história americana (...) o que, é claro, é uma leitura equivocada da história. O Camelot mágico de John F. Kennedy nunca existiu” (Theodore H. White, *In Search of History: A Personal Adventure*. Nova York: Harper & Row, 1978, p. 524).

III Tal confiança se mostrou infundada. Os problemas de Onassis no Haiti começaram quando outro *player* se infiltrou no país: o xeque Mohamed Fayed (hoje mais conhecido como sr. Mohamed Al Fayed, presidente da loja Harrods, em Londres, e dono do hotel Ritz em Paris). Supostamente oriundo do Kuwait, Al Fayed era, segundo rumores, primo do emir e estava cheio de dinheiro de petróleo. Papa Doc continuou a enrolar Onassis enquanto descobria o que o emissário do Kuwait tinha a oferecer. De acordo com um relato, Fayed foi “mantido isolado para impedir que inimigos do regime tentassem afastá-lo do trabalho que lhe fora confiado, que era fazer os milhões do emir choverem sobre o país”. Apesar dessas precauções, Onassis descobriu sobre Fayed e exigiu uma explicação. Disseram-lhe que Fayed estava financiando um esquema de seguro de automóveis

do Estado. Isso era verdade, até certo ponto. Mas, mesmo com Duvalier lhe garantindo que não havia nada com o que se preocupar, o texto de um decreto aprovando um acordo entre o governo do Haiti e a recém-criada Haitian Petroleum Development Company S.A., do xeque Mohamed Fayed — idêntico ao acordo negociado com Onassis —, foi promulgado numa edição secreta da gazeta oficial haitiana, *Le Moniteur*. De acordo com o embaixador americano Timmons, foram publicados apenas quatro exemplares dessa edição do *Le Moniteur*. As negociações foram concluídas numa velocidade e num sigilo tão grandes que só um mês depois da promulgação secreta do *Le Moniteur* Timmons se inteirou do que ocorrera: “Apreciaria qualquer informação disponível sobre Mohamed Fayed, que recentemente visitou o Haiti alegando ser homem de negócios rico (há rumores também de que seja na verdade egípcio)”, telegrafou ao Departamento de Estado em 26 de setembro. É difícil entender como um homem tão profundamente perspicaz em sua compreensão sobre ambições e trapanças quanto Onassis não tenha descoberto as mentiras de Papa Doc. Entretanto, apesar dos rumores sobre seus sócios ricos no Kuwait, Fayed parecia enfrentar problemas para levantar capital para financiar o plano. Em 14 de fevereiro de 1965, o *New York Times* publicou uma notícia curta numa página interna, vinda de Santo Domingo: “Mohammed (sic) Fayed, um empreendedor estrangeiro que recebeu concessões do governo haitiano, estaria desaparecido. De acordo com o presidente François Duvalier, o sr. Fayed levou uma grande quantia de dinheiro do Haiti. O presidente Duvalier disse que o sr. Fayed está sendo procurado em todo o mundo, especialmente no Kuwait, de onde chegou em junho passado.” Em 7 de fevereiro, sete dias antes de anunciar que o ex-sócio estava “sendo procurado em todo o mundo”, o *Le Nouveau Monde*, pró-Duvalier, publicara um editorial isentando o governo de qualquer culpa. Relatava que Fayed fora vítima de uma “conspiração interna e internacional” com o objetivo de destruir um acordo que só poderia fortalecer a economia haitiana e dizia que Fayed era a “presa de uma verdadeira caçada de homens de negócios do Haiti e dos Estados Unidos”. De acordo com Onassis, a caçada era da CIA. A agência tinha decidido destruir seu acordo com o Haiti, assim como fizera com o acordo de Jidá, e depois o expulsaria de Mônaco, afirmaria ele mais tarde. Com certeza, Fayed seria o tolo perfeito para arruinar o acordo de Onassis com o Haiti, considerando seus antecedentes confusos, sua família e suas fortes ligações de negócios com o bilionário saudita

pró-Estados Unidos Adnan Khashoggi — de codinome “Dinastia”. Khashoggi era um dos mais valiosos “indivíduos particulares bem informados” da CIA, expressão usada pela agência para descrever uma fonte de informações secretas particularmente importante. Segundo Miles Copeland, ex-chefe de um posto da agência, os relatórios de “Dinastia” Khashoggi sobre a importância estratégica da península Árabe e do golfo Pérsico “eram tão perceptivos (...) [que] analistas da CIA suspeitaram serem escritos por algum gênio de uma das grandes empresas de petróleo”. Contudo, se Fayed estava sendo “guiado” pela CIA, talvez até sem saber — era possível financiar um proprietário sem o representante saber quem investia na operação, de acordo com Copeland —, por que a agência permitira que seus homens levassem a culpa? “Por que a expressão ‘matar dois coelhos com uma cajadada só’ vem à mente?”, disse Copeland. Ele, que se tornou consultor e confidente de Khashoggi, afirmou que depois de Fayed deixar a empresa de Adnan Khashoggi e se divorciar de uma de suas irmãs, Samira, “não havia mais nenhum sentimento entre esses dois homens (...) eles eram a versão Oriente Médio de Onassis e Niarchos”. Não seria difícil imaginar um cenário em que a CIA tenha contratado Fayed para sabotar o grande acordo de Onassis no Haiti, bem como para causar o máximo de perda a Duvalier, e depois tenha puxado o tapete dele. “Teria sido uma maneira limpa de agradecer a Khashoggi por seus antigos favores e também — com o acordo de Fayed fracassado e Onassis tendo sido tirado de cena — forçar Duvalier a negociar com os americanos, o que ele fez. Usávamos uns aos outros o tempo todo — muitas vezes com apenas um ou o outro de nós ciente disso”, contou Copeland.

IV Embora essa história pareça bizarra demais para merecer crédito, de acordo com a revista *Life* (18 de novembro de 1966), duas semanas antes do assassinato de JFK Bobby adquiriu um boneco de vodu de Lyndon Johnson. Segundo Peter Collier e David Horowitz (*The Kennedys: An American Drama*. Nova York: Summit Books, 1984, p. 319), o boneco foi fonte de “uma alegria interminável, todo mundo o espetava”.

V Só mais tarde surgiu nos círculos médicos a preocupação com os possíveis efeitos colaterais, que incluíam dependência e complicações psiquiátricas (*New York Times*, 4 de dezembro de 1972). Jacobson perdeu sua licença médica em 1975.

CATORZE

O CORAÇÃO E A MENTE DE UMA COCOTE DE CLASSE

Não se deve julgar os homens pelo que não sabem,
mas pelo que sabem e pela maneira como sabem.

—VAUVENARGUES, 1715-1747

Jackie se mudou para Nova York em 1964. Bobby fez o mesmo pouco depois — ele planejava lançar sua campanha para senador democrata por Nova York, o primeiro passo em direção à candidatura à presidência.

Sempre desconfiado, Onassis estava convencido de que o caso dos dois se tornara mais do que um romance por correspondência. Os tabloides e a sociedade de Washington estavam repletos de histórias sobre o romance que florescia. “Jackie e Bobby estavam o mais próximos que duas pessoas podem estar. O que quero dizer com isso? Entenda como quiser”, provocou Charles Spalding, um amigo dos Kennedy.¹

Mas, independentemente de quanto as vidas de Jackie e Bobby tinham se entrelaçado, e mesmo numa sociedade em que a duplicidade com frequência faz parte do jogo, para ela seria uma loucura dormir com dois homens arrogantes cujo ódio um pelo outro sem dúvida fervia.

Segundo Johnny Meyer, “Ari ficou irritado quando descobriu que Bobby tinha ido para Nova York atrás de Jackie. Onassis disse: ‘Bobby vai trepar com ela, pode ter certeza. Jack trepava com a

irmãzinha dela, Jackie vai trepar com o irmãozinho dele.”² Gore Vidal tinha a mesma opinião que Onassis, embora a tenha manifestado com mais elegância: “Suspeito que a única pessoa que [Jackie] já amou, se de fato ela foi capaz de ter uma emoção assim, foi Bobby Kennedy. Como Lee fora para a cama com Jack, a simetria exigiu que ela fizesse o mesmo com Bobby.”³

No entanto, Onassis podia viver com isso, como quer que fosse expresso: ele já tinha compartilhado mulheres — preferia as experientes e as atraídas pelo cheiro da libertinagem num homem. Levava Tina a festas de bacanal em Paris, às vezes buscando desconhecidos ricos no Bois de Boulogne. À medida que envelhecia, Ari dependia cada vez mais de coisas bizarras para se excitar. Assim, quando se convenceu de que Jackie transava com Bobby, ficou com raiva, mas também excitado. “Ela não é melhor do que Tina”, disse a Yannis Georgakis, referindo-se ao fato de a ex-mulher ter tido um caso com seu cunhado Stavros Niarchos.⁴

* * *

Contudo, se a intimidade de Jackie com Bobby e Onassis aproximou mais os destinos dos três, outros fatos também contribuíram para isso.

De acordo com o historiador Arthur Schlesinger, *The Greek Way*, o livrinho que Jackie ganhara de Onassis e passara a Bobby, ajudou este a superar a crise moral que o acometera depois de Dallas e levou-o ao encontro de sua grande ambição: a presidência dos Estados Unidos. Schlesinger afirmou que a obra abriu sua mente para “um mundo onde o destino do homem era enfrentar os deuses e, mesmo sabendo da inutilidade dessa busca, seguir em frente para encontrar seu destino trágico”.⁵

Porém, mesmo nessa fase, o romance de Bobby com Jackie, consumado ou não, poderia ter sido interrompido subitamente. Mas

aqueles que acreditam na traição deles parecem ter preferido desviar a atenção do que ocorria em Nova York, onde, de acordo com um relato, Jackie e Bobby eram “vistos com frequência de mãos dadas e cochichando pelos cantos escuros de (...) casas noturnas românticas e restaurantes”.⁶

Quando Eunice falou “Bem, o que você vai fazer a respeito? Ele está passando um tempo enorme com a viúva” e Ethel nada respondeu, o silêncio disse tudo.⁷ Não que ela evitasse as consequências de reconhecer o fato ou que estivesse simplesmente se tornando mais uma esposa Kennedy, vivendo na falsa ignorância em relação ao seu marido. Ethel não era ingênua. No entanto, com todos os seus filhos, o catolicismo de Bobby e a coerção do legado dos Kennedy, ela sabia que seu casamento era inatacável. E, de fato, talvez mais do que o próprio marido, Ethel queria que ele concorresse à presidência em 1968. Por mais irritada que pudesse estar com o que eles faziam em Nova York, Jackie ainda era a melhor arma política de Bobby. Se o romance era o preço que Ethel tinha de pagar pela lealdade de Jackie, que assim fosse.

* * *

Além da pensão de viúva de presidente de 10 mil dólares anuais e dos cerca de 100 mil dólares por ano obtidos com os juros do fundo fiduciário de seus filhos, Jackie recebia 50 mil dólares por ano de Bobby. Mas isso não era nem de longe a renda de que precisava, e, por volta do outono de 1964, Onassis havia começado a lhe enviar doações regulares para permitir que ela mantivesse um estilo de vida à altura de sua posição de futura sra. Aristóteles Onassis.

Ela trocou o brilhante, porém nacional, estilista Oleg Cassini por Valentino e a nata dos estilistas europeus. As joias emprestadas pela Tiffany’s para eventos oficiais⁸ foram substituídas por peças de sua própria coleção da Van Cleef and Arpels, à qual Onassis dera início

com muita generosidade ao celebrar — como ele explicaria mais tarde de maneira indelicada — “nossa primeira trepada”.⁹

De acordo com o advogado Roy Cohn, Onassis lhe contou que Jackie o excitara naqueles primeiros tempos porque ele sempre gostara de prostitutas — e Jackie tinha “o coração e a mente de uma cocote de classe”.¹⁰ (Como muitos gregos ricos, Onassis tinha furor por sexo, mas pouco interesse genuíno por mulheres — lidava com esse dilema recorrendo a garotas de programa. “A melhor garota é aquela que você nunca tem que ver de novo”, disse-me certa vez.) Dificilmente ele se incomodava por Jackie transar com Bobby, contou-me Cohn. “Ele nunca cometeu o erro de se apaixonar por Jackie, nunca teve ciúmes dos relacionamentos dela com outros homens. Mas era um sujeito complexo. Podia aceitar o fato de ela dormir com Bobby Kennedy, mas não perdoar Bobby Kennedy por dormir com ela. Acho que isso é muito grego.”¹¹

Segundo Onassis, em vez ficar na defensiva sobre seu romance com Bobby, Jackie lhe contava histórias que sabia que “atizariam sua curiosidade lasciva”, revelou Georgakis. Quando Onassis reclamava de Bobby, chamando-o de “pequeno idiota”, ela sorria e dizia que ele estava errado! Entretanto, quando Bunny Mellon deu a Jackie uma cama antiga para seu novo apartamento de 200 mil dólares, com catorze quartos, na Quinta Avenida,^I Onassis suspeitou que o presente fosse de Bobby e a obrigou a se livrar do móvel — mas só depois de eles terem passado uma noite fazendo sexo ali.

* * *

É improvável que Maria Callas soubesse até que ponto Onassis se envolvera em um triângulo amoroso com Jackie e Bobby, mas, no início da primavera de 1965, ela sabia que não estava tudo bem em seu relacionamento com ele. Onassis a acompanhou a Nova York para duas apresentações de *Tosca* no Met. Na verdade, foi

simplesmente uma oportunidade para ele passar algum tempo com Jackie. A presença desta na estreia da ópera, à qual compareceu — com um de seus vários “acompanhantes” homossexuais — magnificamente vestida de pele de marta branca e diamantes, deu um ar de realeza ao evento.

Ofuscada, com os nervos em frangalhos devido à atmosfera carregada da ocasião, Callas não estava em sua melhor forma. Suas notas altas soaram estridentes e dolorosamente inseguras, e um crítico afirmou que ela “apoiou-se quase totalmente no brilho dramático, e não vocal, para ir até o fim”.¹² Mais do que nunca ela precisava do conforto de Onassis, mas voltou para Paris sozinha.

* * *

A mudança de Jackie para Nova York fora ideia tanto de Onassis quanto dela e de Bobby. Washington não era a cidade favorita do grego, ali ele não tinha como chegar e sair sem ser notado. Nova York era mais conveniente, mais fácil para se esconder. No fim do inverno de 1965, ele passava tantos fins de semana lá quanto em Paris.

Jackie era ainda mais interessante para a mídia agora do que quando era primeira-dama. Fãs, bem como *paparazzi*, acampavam em frente ao seu apartamento. Os “vigias”, como ela os chamava, deixavam-na nervosa, e Onassis — irritado por não poder visitá-la no apartamento para o qual contribuía generosamente — alugou outro, na rua 64 leste, para os seus encontros. “Meu vigor a impressiona”, contou a Georgakis. Pela primeira vez na vida, disse Onassis, ela estava nas mãos de um especialista — e ávida para aprender.¹³

* * *

Nesse meio-tempo, as tentativas de Jackie de censurar trechos do livro de William Manchester *Morte de um presidente* — a história do assassinato do presidente John F. Kennedy autorizada por ela — haviam se tornado manchetes de primeira página.

Assegurada por Bobby de que não haveria problema algum em manipular o historiador,¹⁴ ela falara com ele com a habitual candura, mas não sem uma advertência: a não ser que ela fugisse com Eddie Fisher,^{II} ninguém que a contradissesse sobreviveria, dissera Jackie, ainda irradiando bondade e confiante de seu lugar no coração do povo americano.¹⁵

À medida que a *Look* se preparava para publicar o livro em capítulos, e as exigências de Jackie de mais e mais cortes aumentavam, até mesmo Manchester começou a reclamar. Inevitavelmente, detalhes das histórias que ela queria retirar vazaram para a imprensa — não poderia haver qualquer menção ao fato de ela fumar sem parar, nem uma pista sobre seu hábito de beber, que se tornara visível, nem sobre seu acordo com o presidente de dormirem em quartos separados na última noite no Texas — e foram expostos não apenas a dimensão de sua vaidade como também, nas palavras contundentes de Kitty Kelley, “a imperiosidade por trás daquele véu preto”.¹⁶

No entanto, uma das exigências mais veementes de Jackie quase não foi noticiada. Era a de que Manchester destruísse cada página das transcrições de cartas que ela enviara ao marido quando estava no iate de Onassis, semanas antes do assassinato.^{III} Como elas deviam revelar certa duplicidade, bem como uma ambiguidade moral, no cerne de seu caráter, sua ansiedade para destruí-las era compreensível.

Para Manchester, isso foi quase a gota d’água. À beira de um colapso nervoso e com ideias suicidas, ele disse a seu agente: “Cheguei a um ponto no qual, se a integridade de meu original for violada, não tenho vontade alguma de continuar vivo.”¹⁷

Foi nessa hora que Jackie recorreu a Onassis. Ele poderia ajudá-la a impedir a publicação do livro em capítulos? Ele lhe respondeu que a única maneira de fazer isso era comprando de volta os direitos do livro, pelos quais a revista *Look* pagara 665 mil dólares. É claro, observou, que ela teria que dar um pouco mais de dinheiro.¹⁸ Aparentemente com a impressão de que Onassis se oferecera para fornecer essa quantia, ela chamou Mike Cowles, *publisher* da *Look*, para se encontrar com ela em Hyannis Port. “Simplesmente não entendo por que você tem que prosseguir com a publicação se não quero que faça isso”, disse ela, numa arenga muito arrogante, antes de fazer sua proposta: “Se é dinheiro, eu lhe pago 1 milhão de dólares.”¹⁹

Não era uma questão de dinheiro. *Morte de um presidente* era um livro importante, que não podia simplesmente ser retirado do mercado mediante um pagamento, explicou Cowles, impressionado por ela, ao que parecia, compreender tão pouco o significado histórico da obra.

Cada vez mais histérica,²⁰ e instigada por Onassis, Jackie voltou sua ira contra Bobby, a quem acusou de estar mais preocupado em escapar daquilo que se tornara um fracasso político para ele do que com o que uma dificuldade particular podia causar a ela. Ela não estava disposta a livrar a cara de Bobby por ele ser seu amante. “Meus espiões dizem que Jacqueline já está culpando Bobby por seus problemas (...) À medida que cada vez mais trechos cortados vazam para a imprensa, a briga aumenta”, informou o assessor presidencial John Roche — que considerava Bobby “um merdinha demoníaco” e um “babaquinha arrogante” — ao presidente Johnson, que, a essa altura, detestava Bobby e não confiava nele por seus próprios motivos, assim como Onassis tinha os dele.²¹

Bobby ficou tão ansioso com a reação pública contra ele, bem como com os danos que Jackie causava à própria imagem — uma imagem que, provavelmente, importava mais para as aspirações políticas dele do que para a autoestima da Viúva Sagrada —, que

insistiu para que ela abrisse mão publicamente da verba federal destinada à manutenção de seu escritório após o assassinato do presidente.

Mais uma vez, Jackie recorreu a Onassis. Tranquilizada por ele assumir suas despesas, concordou com a declaração concisa, quase irritada, que a equipe do senador Edward Kennedy redigiu para ela: "Agora que o trabalho em meu escritório, embora ainda considerável, diminuiu o bastante, de modo que posso assumir pessoalmente o fardo de meus negócios oficiais, já não desejo uma verba do governo para esse objetivo."

Quando Gardner Cowles enfim rejeitou a oferta de 1 milhão de dólares feita por Jackie para cancelar a publicação na *Look*, Onassis a incentivou a abrir um processo contra a editora de Manchester, a Harper & Row. "Meu Deus", disse Frank Mankiewicz, assessor de Bobby, ao saber o que ela planejava fazer, "acho que isso é um erro terrível." Bobby, que sabia, ou com certeza supunha, de quem tinha sido a ideia e que pouco poderia fazer sobre aquilo, reagiu com frieza: "Sim, é um erro terrível, mas não há nada a fazer."²²

Não está claro quanto Jackie custava a Onassis no fim de 1966. Georgakis me disse que era algo entre 80 mil e 100 mil dólares por ano; outros achavam que podia ser mais. "Quem sabe quantos envelopes [cheios de dinheiro] Jackie recebeu [de Onassis]", escreveu Christina a um amigo em Londres em 1987. "Pagar por sexo sempre foi a fraqueza de um Onassis", acrescentou ela, referindo-se discretamente ao seu próprio hábito de pagar pelos amantes.²³

Entretanto, qualquer que fosse o valor, Jackie custava claramente caro e nunca teve medo de pedir mais. E, embora irritasse Onassis com algumas de suas exigências, ele considerava sua ambição mais uma oportunidade de provocar Bobby — e sempre pagou.

"Se Ari tivesse conseguido dizer 'Foda-se, Bobby' e deixar para lá, sua vida teria sido muito mais feliz, muito mais simples — e bem menos cara. Porém, ele não conseguia fazer isso", contaria Johnny

Meyer mais tarde a Brian Wells. “Ele ouvia os passos de Bobby atrás de si o tempo todo.”²⁴

* * *

Quer esses passos fossem reais ou imaginários, a hostilidade de Onassis em relação a Bobby — iniciada num coquetel em Nova York uma década antes — tornara-se patológica no início de 1967, quando David Karr começou a abrir caminho na hierarquia de Ari em Paris.

Morando agora na França, Karr, ex-repórter assistente do colunista Drew Pearson, tornara-se um considerável negociante por mérito próprio. Nascido David Katz^{IV} no Brooklyn, em 1918, Karr teve uma ascensão profissional itinerante e incomum: foi vendedor de escovas, despachante e repórter de um jornal do partido comunista, o *Daily Worker* (no qual, declarou ele mais tarde, espionava seus colegas para o FBI).^V Em 1942, depois de um período como editor de um boletim semanal do American Council Against Nazi Propaganda [Conselho Americano contra a Propaganda Nazista], tornou-se assistente-chefe da divisão de língua estrangeira do Escritório de Informação de Guerra dos Estados Unidos, em Nova York. Um ano depois, aos 25 anos, conheceu Drew Pearson.

Com a tarefa de descobrir sujeiras para a coluna de Pearson no *Washington Post*, Karr parecia enfim ter encontrado seu verdadeiro *métier*. “David não achava nada de mais saquear gavetas e arquivos de escritórios não vigiados”, recordou um ex-membro da equipe de Pearson.²⁵

Isso também deu a Karr um gosto pela chantagem: “Digamos que ele sabia como tirar o melhor proveito do que sabia”, contou-me Ronnie Driver, seu ex-sócio em Londres. “Pode ser um pouco duro classificar isso como chantagem, mas essa sem dúvida era uma área

na qual ele atuava. Ele podia destruir pessoas da noite para o dia com as informações que tinha.”²⁶

Muito provavelmente, Karr conheceu Onassis em Nova York, em 1956, quando administrava uma empresa de relações-públicas que cuidava de brigas por controles corporativos. Em 1965, Onassis lhe emprestou 27 mil dólares^{VI} para comprar os direitos de filmagem de *O homem com a morte nos olhos*, de E.L. Doctorow, cuja produção nos estúdios da MGM em Culver City teve início no ano seguinte. O dinheiro foi entregue em espécie, e aparentemente com pouca expectativa por parte de Onassis de algum dia recuperá-lo — exceto na forma de favores.²⁷

E David Karr já provara ser capaz de fazer o tipo de favor de que Onassis mais gostava. Tinha sido ele quem plantara na coluna de Pearson a notícia do caso de Onassis com Lee Radziwill, que tanto incomodara Bobby em 1963. Pearson não precisava de incentivo algum para publicar notícias anti-Bobby^{VII} — de acordo com o comentarista político Milton Viorst, ele ia repetidamente “além dos fatos reais” para atacar Bobby Kennedy: “Como um metrônomo, Pearson voltava e voltava de novo a denunciar Bobby no último ano de sua vida.”²⁸

Onassis ficou encantado por ter uma ligação com Pearson e costumava ligar para Karr para contar a última sujeira de Bobby. Em janeiro de 1967, Karr lhe contou uma história que mudou tudo.

I O apartamento foi vendido logo após a morte de Jackie, em 1994, por mais de 10 milhões de dólares. De acordo com Christina Onassis, seu pai comprou o apartamento na Quinta Avenida para Jackie na primavera de 1964. Ari me disse que contribuíra para a compra: "Ajudei um pouco (...) Bunny Mellon (esposa de Paul Mellon, filantropo e amigo dos Kennedy) também." Em seu íntimo, ele havia ficado menos sereno em relação ao negócio. "Não era segredo na família que com frequência ele enviava a Jackie envelopes cheios de dinheiro vivo. Ele achava que havia pagado o dobro do preço pelo apartamento. Ficou furioso quando descobriu que Jackie também aceitara dinheiro de outras pessoas para isso", declarou Yannis Georgakis. Não era uma questão de propriedade ou direito de posse. "Ari queria sentir que o apartamento era algo particular deles, e não compartilhado com meia dúzia de outros benfeitores."

II Ator de Hollywood e cantor, Fisher protagonizou um escândalo ao trocar sua esposa, a atriz Debbie Reynolds, por Elizabeth Taylor. As duas eram muito amigas. (N. do T.)

III Embora, no fim das contas, menos de cinco mil palavras tenham sido cortadas do livro, como resultado da intervenção dos Kennedy, "algumas poderiam ter feito muita diferença", conforme a *Time* (7 de abril de 1967) observou.

IV Ele nunca mudou de nome oficialmente. "Assumi o nome Karr em 1937, 1938, por motivos profissionais, como jornalista", declarou ao Committee on Un-American Activities [Comissão Especial para Atividades Não Americanas] da Câmara dos Representantes, em 1943, um ano antes de se tornar repórter assistente de Pearson.

V Em seu depoimento à comissão, Karr declarou que durante sua permanência no *Daily Worker* enviara relatórios regulares ao FBI. Mais tarde, o escritório de J. Edgar Hoover disse ao investigador-chefe da comissão que, embora Karr tivesse visitado suas dependências "uma ou duas vezes, ele não fazia serviço algum" para eles e eles "não tinham qualquer relação com Karr, de um modo ou de outro, como informante".

VI Os números variam. Karr me disse que Onassis fez "um pequeno investimento" em sua empresa de produção: "talvez 15 mil dólares"; Onassis alegou que foram

50 mil dólares; Georgakis e Johnny Meyer chegaram separadamente à quantia de 27 mil dólares.

VII Pearson nunca perdoara os Kennedy por processá-lo pela afirmação de que John Kennedy não era o verdadeiro autor de *Retratos de coragem*, ganhador do Prêmio Pulitzer (Walter Isaacson e Evan Thomas, *The Wise Men*. Londres: Faber, 1986, p. 591).

QUINZE

TOUT PASSE

Nada é tão pesado de se carregar quanto um segredo.

—PROVÉRBIO FRANCÊS

David Karr adorava se gabar de seus contatos e das coisas que sabia, e Onassis adorava ouvir fofocas sobre gente que se achava muito importante. Algumas semanas antes, disse Karr com seu jeito determinado quando Onassis atendeu ao telefone, Drew Pearson recebeu uma pista de um cliente do advogado Edwin Morgan, de Washington, afirmando que, pouco depois do fracasso da baía dos Porcos, fora contratado pela CIA e pelo procurador-geral Robert Kennedy para matar Fidel Castro. A fonte era confiável o suficiente para convencer Pearson a levar a história ao presidente da Suprema Corte, Earl Warren. Mas, quando Warren entregou a informação ao Serviço Secreto, que a passou ao FBI, temendo que desaparecesse nos arquivos de J. Edgar Hoover, Pearson também a levou diretamente ao presidente Lyndon Johnson.

Johnson achava que o presidente Kennedy tinha sido assassinado em represália às tentativas de Bobby Kennedy de se livrar de Fidel, e esse seria o motivo pelo qual o “baixinho exibicionista”¹ não queria que o assassinato do irmão fosse investigado;¹ então Johnson engoliu a história de Pearson. Os Kennedy pareciam estar “operando uma maldita empresa de assassinatos no Caribe”, disse ele a Leo Janis, da *Time*,² enquanto espalhava uma série de insinuações e fofocas, acendendo discretamente um estopim que ele esperava que

“fizesse Bobby cair fora”³ antes mesmo de a campanha para a eleição presidencial começar.

Dois meses depois, Karr enviou a Onassis alguns recortes de jornais. O primeiro deles era de uma coluna de Pearson na qual ele enfim dava a notícia: “O presidente Johnson está sentado sobre uma bomba H política: um relatório não confirmado de que o senador Robert Kennedy pode ter aprovado um plano de assassinato que, possivelmente, saiu pela culatra e atingiu seu irmão.”⁴

O segundo recorte afirmava que Bobby também estava envolvido na morte de Marilyn Monroe. Onassis enviou este a seu velho amigo Rupert Allan, ex-assessor de imprensa de Marilyn.

“Foi tirado de um desses boletins internos. O título era algo como *A morte misteriosa de Marilyn Monroe*”, contou-me Allan.^{II} “Mais ou menos vinte minutos depois da entrega, por meio de um mensageiro, Onassis telefonou: ‘Você acha que isso é verdade, Rupert?’ A resposta honesta naquele momento teria sido ‘Eu não sei’”, revelou Allan, embora alguns achassem que ele próprio havia ajudado no encobrimento e sua história sobre o que aconteceu na noite em que Marilyn morreu tenha tido mudanças sutis ao longo dos anos.^{III}

Mas a antipatia de Allan por Bobby era inabalável. “Bobby Kennedy era uma pessoa terrível. Ele e seu irmão trataram Marilyn como merda, portanto eu disse: ‘Sim, acho que sim. Acho que Bobby estava envolvido.’ Ari retrucou: ‘Sim, é o que eu acho também, Rupert.’ Ele estava muito interessado na morte de Marilyn. Nunca a conhecera, mas oferecera o iate emprestado quando ela foi demitida e parecia se importar bastante com o que lhe acontecera. Mas não tive notícias dele de novo, nem descobri se havia encontrado as fitas [de Bernard Spindel, supostamente gravadas na noite em que Marilyn morreu] que me pedira para conseguir.”⁵

Porém, a essa altura Onassis tinha outra coisa em mente.

* * *

Seis meses antes, o príncipe Rainier havia criado seiscentas mil ações da SBM não transferíveis em nome do principado. De um só golpe, isso reduziu de 52% para menos de um terço o controle de Onassis sobre a empresa dona de Mônaco.

A lição, disse Onassis a Johnny Meyer, era: "Nunca convide membros da realeza para seu iate se este for maior do que o deles."⁶ Era uma boa piada, mas Meyer sabia quanto a manobra de Rainier irritara Onassis profundamente. Além disso, embora muita gente achasse que a determinação de Onassis de se agarrar a Mônaco tinha mais a ver com orgulho do que com um bom senso para os negócios, ele precisava do principado mais do que nunca: Mônaco definia sua riqueza e era sua garantia e base de poder social desde os anos 1950. Em sua festa de aniversário no Hotel de Paris, em janeiro, ele dissera a Christina e Alexander, agora dois jovens adultos: "Estou com 61 anos. Não vou deixar que um príncipezinho convencido roube as pérolas das ostras no meu prato."⁷

A idade o estava preocupando muito. Na verdade, ele fizera 67 anos em janeiro, não 61, e claramente sentia o peso de uma mentira cada vez mais difícil de sustentar.

Depois de Ari sofrer uma dor lancinante no peito certa noite em Skorpios, Callas chamou um cardiologista do American Hospital em Paris. Uma angiografia revelou que suas artérias estavam em boas condições para a idade; já o colesterol estava alto e foi detectada uma arritmia cardíaca. Ordenaram que parasse de fumar e bebesse menos, mas ele simplesmente aumentou a dose de pentobarbital.⁸

Enquanto isso, a astúcia da ofensiva de Rainier com as ações convencera Onassis de que os americanos estavam por trás de tudo, e ele estava determinado a não ser trapaceado por Mônaco como fora pela Arábia Saudita uma década antes. Essa experiência era sentida mais como uma ferida aberta do que como uma lembrança.

Quando pensava em Jidá, disse Georgakis, Onassis pensava em Bobby, cujo discurso sobre “comércio de sangue” usado contra os armadores gregos que negociavam com a China Vermelha durante a Guerra da Coreia era, ele acreditava, a origem de seus problemas com os Estados Unidos. A acusação era tão inevitável quanto injusta, mas a essa altura sua suspeita havia se degenerado numa fobia ao poder de Bobby e numa perseguição contra ele.

Para complicar tudo ainda mais, havia o fato de que, embora Ari afirmasse que Jackie concordara em se casar com ele, ela continuava enrolando. O problema, alegava ela, era como dar a notícia à família Kennedy — e com isso queria dizer Bobby, é claro. Jackie deixara de ter contato próximo com o resto do clã, visitando Palm Beach apenas no Natal e Hyannis Port por um breve período no verão — não queria que os filhos crescessem sob o domínio do *éthos* dos Kennedy, confessou a amigos.⁹ “Jackie ainda se encontrava com outros homens, companheiros como David Ormsby-Gore [lorde Harlech, ex-embaixador britânico nos Estados Unidos e um velho amigo dos Kennedy] eram considerados seus verdadeiros pretendentes, mas nunca houve qualquer dúvida de que ela acabaria se casando com Ari”, revelou-me Artemis Garofalides, irmã de Onassis.

Entretanto, Jackie pressionava Ari a mudar seu comportamento — com um casamento à vista, a última coisa que ela queria era outro grande confronto entre ele e Washington. Mas Onassis sabia que, se os americanos estivessem apoiando Rainier, uma luta era inevitável. Sabia que a manobra de criação das ações havia posto o tesouro de Rainier no vermelho, e seu instinto era atingi-lo com uma contraofensiva cara por meio de um representante — e que David Karr, especialista em disputas por controle acionário, estava ansioso para gerenciar. “Isso significará sangue nos muros do palácio. Não será coisa para medrosos. Será uma briga do tipo que Ari adora”, previu um banqueiro francês.¹⁰

* * *

Ainda pressionado por Jackie a confiar na lei, Onassis hesitava. Foi nesse momento que ele recebeu um telefonema de uma figura do passado: o barão George de Mohrenschildt, com o qual quase fizera negócio cinco anos antes, no Haiti.^{IV} Engenheiro de petróleo por profissão, De Mohrenschildt agora lecionava francês numa pequena faculdade só para negros em Dallas.

O reaparecimento de um velho amigo não deveria ser um problema para Onassis: uma ajuda discreta, uma sinecura em alguma de suas empresas, poderia resolver o assunto depressa. Entretanto, De Mohrenschildt surgira como um personagem mais sombrio e complexo do que o vistoso aventureiro-playboy que Onassis conhecera na casa de seu advogado Tito Arias, na Cidade do Panamá, em 1961.

Onassis estava acostumado a conhecer pessoas obscuras nas festas de Tito; a maior paixão de seu advogado era a política, e a política no Panamá era ainda mais corrupta do que na maioria dos lugares. A esposa de Tito, a primeira bailarina inglesa Margot Fonteyn, que seria presa e deportada por colaborar em um de seus planos para um golpe de Estado, gostava da companhia de negociantes de armas, espões e outros personagens de índole duvidosa que se misturavam em suas reuniões na elegante avenida Balboa, na Cidade do Panamá. Circulavam até rumores de que Tito gostava de compartilhá-la com outros homens, e Onassis havia imaginado que De Mohrenschildt — “um homem excitante de se olhar”, de acordo com uma mulher que o conheceu¹¹ — fora convidado para a festa para dar prazer a Margot.

“Tito gostava de assistir”, afirmou Onassis, que tinha visto a maioria dos lados e combinações da natureza humana a bordo de seu iate.¹² E, quer fosse isso verdade ou não, o casal claramente gostava de chocar. Anthony Montague Browne, secretário particular de Sir Winston Churchill, recorda uma ocasião em que estava

passando pela cabine deles no *Christina*. Tito “abriu a porta e a graciosa Margot estava totalmente nua, deitada na cama. Nenhum dos dois ficou constrangido. Ela deu uma risadinha e Tito disse: ‘Anthony, você não acha que nossa garota às vezes parece uma alga marinha molhada?’”¹³

Mas, a despeito de outro objetivo que pudesse ter na festa de Arias naquela noite de 1961, De Mohrenschildt pediu à bailarina que fosse a um espetáculo de gala organizado por ele para levantar dinheiro para uma instituição de caridade dedicada à fibrose cística. Ele disse a Fonteyn que Jacqueline Kennedy era sua amiga, assim como o presidente honorário da National Foundation for Cystic Fibrosis, fundada por ele depois de o filho morrer da doença, em 1960. “Respondi que, se a minha agenda permitisse, ficaria feliz em comparecer”, contou Fonteyn ao autor. “Mas nunca mais ouvi falar dele.”

Mais tarde, a amizade de De Mohrenschildt com Jackie Kennedy causou furor quando se descobriu que ele era o amigo mais próximo de Lee Harvey Oswald em Dallas nos meses que precederam o assassinato de John Kennedy. Embora a Comissão Warren não tenha encontrado “qualquer prova ligando De Mohrenschildt de algum modo ao assassinato”,¹⁴ e apesar da forte possibilidade de que ele estivesse vigiando Oswald para a CIA, a suspeita nunca desapareceu.

Jackie deixara claro para ele que nunca mais queria vê-lo,^v e por isso Onassis suspeitou quando De Mohrenschildt lhe telefonou na primavera de 1967 dizendo que tinha algo muito importante para contar. Ele se recusou a ser mais específico ao telefone e pediu a Onassis que lhe enviasse uma passagem aérea para Paris. Compreensivelmente, Onassis não queria De Mohrenschildt a menos de 1.500 quilômetros de distância.

Com a suspeita de que os americanos apoiavam Rainier, e consciente de que De Mohrenschildt tinha boas ligações com a CIA,¹⁵ Onassis também estava ansioso para descobrir o que ele

sabia. Como também lhe devia um favor (por não envolver seu nome no testemunho à Comissão Warren)^{VI} e supunha que mais cedo ou mais tarde De Mohrenschildt chegaria à mesma conclusão, Onassis enviou Johnny Meyer a Dallas com uma sacola cheia de dólares para descobrir exatamente o que ele sabia.¹⁶

A história contada por Meyer ao voltar foi mais perturbadora do que Onassis poderia imaginar: um dos homens-chave por trás da campanha de Rainier para recuperar Mônaco era Robert Aime Maheu, que uma década antes organizara o plano da CIA para destruir o acordo de Onassis com os sauditas. A participação de Maheu nessa operação tornara-o uma lenda na agência, bem como a primeira opção para pôr em prática um plano da CIA para matar Fidel¹⁷ — que De Mohrenschildt gentilmente desencavara, por trás de camadas de obscuridade e encobrimento, através de agentes da CIA, senhores da máfia e exilados cubanos e levava à mesa do procurador-geral Bobby Kennedy.^{VII}

De Mohrenschildt não poderia ter contado a Meyer uma história melhor para exacerbar a paranoia de Onassis, é claro.^{VIII} E, para aumentar o sofrimento do milionário, e sua raiva, ele também alegara que Stavros Niarchos — que permanecera próximo à CIA depois de ajudar a acabar com o acordo saudita de Onassis — fazia parte do time que apoiava a tentativa de Rainier de se livrar de Onassis.^{IX} Pelo menos uma de suas empresas (a Niarchos London Ltd.) era propriedade da CIA,^X tendo à frente Al Ulmer, ex-chefe do posto da agência em Atenas.

Onassis ficou estupefato. Claramente, tudo estava interligado: a CIA, Niarchos, Maheu, Bobby Kennedy, um labirinto de inimigos, interesses, agências, intrincadamente conectados numa conspiração para destruí-lo. Só podia ser isso! Para a mente cada vez mais paranoica de Onassis, tudo era óbvio demais.

No entanto, ninguém jamais saberá que jogo De Mohrenschildt fazia, ou para quem. Nas palavras de Norman Mailer, ele possuía

“um ecletismo que o fazia deliciar-se em se apresentar como de direita, de esquerda, moralista, imoralista, aristocrata, niilista, esnobe, ateu, republicano, amante dos Kennedy, desagregador, íntimo dos magnatas do petróleo, boêmio, socialite e ainda um antigo apologista do nazismo uma vez por ano”.¹⁸ Qualquer que fosse o lado de que De Mohrenschildt estava dessa vez, sua intervenção foi decisiva. “Aquilo foi um choque para Ari (...) todas aquelas forças alinhadas contra ele, Ari pensou que não tinha chances”, disse Georgakis, que achava que Onassis teria lutado muito mais por Mônaco se De Mohrenschildt não tivesse intervindo.

19

Nesse ínterim, os maus pressentimentos de Onassis aumentavam enquanto sua petição para impedir o plano de criação de ações de Rainier progredia lentamente pela Suprema Corte de Mônaco. Em março, o tribunal decidiu em favor do príncipe. “Joguei de acordo com as regras e perdi. Jamais cometerei esse erro de novo”, disse Onassis a seu velho amigo Rico Zermeno.²⁰

Durante mais de uma década, ele fora o homem mais poderoso do principado, mas, agora que era apenas mais um apostador rico, vendeu sua holding de volta a Rainier por 9,5 milhões de dólares. Em sua última noite em Monte Carlo, Onassis jantou no terraço de seu querido Hotel de Paris com os filhos, Alexander e Christina, e alguns velhos amigos. Ele sabia que era parte do show quando bebia um Taittinger Comtes de Champagne vintage, com seu belo iate esperando no porto abaixo para conduzi-lo como um rei de partida.

Foi um desempenho maravilhoso. Doía profundamente saber que nunca mais ele poderia apreciar o principado como fazia quando este lhe pertencia. Jidá fora seu maior fracasso nos negócios, porém perder Mônaco doía muito mais, pois dilacerava o cerne de sua autoestima.

“Todo mundo sabia que ele havia sofrido uma derrota humilhante, mas Onassis queria que o mundo soubesse que ele achava que não valia a pena se preocupar com nada na vida”, lembrou Georgakis.

“Ele disse: ‘Yannis, dez anos atrás isso teria importância, mas agora’ — sempre me lembrarei da maneira como ele levantou os óculos — ‘*Tout passe.*’”²¹

I Johnson revelou ao jornalista de televisão Howard K. Smith: “O presidente Kennedy estava tentando pegar Castro, mas Castro o pegou primeiro.” (*New York Times*, 25 de junho de 1976.) Mas, mesmo que tenha dito “o presidente Kennedy”, como observa Jeff Shesol em seu incisivo estudo sobre os dois líderes, Johnson sabia que era Bobby Kennedy quem havia tentado “pegar Castro” (*Mutual Contempt*, p. 132).

II Provavelmente era “A estranha morte de Marilyn Monroe”, de acordo com Peter Collier e David Horowitz (*The Kennedys: An American Drama*. Nova York: Summit Book, 1984, p. 323). Tratava-se de um panfleto de direita publicado internamente que “declarava que Bobby tinha um caso com a atriz de cinema e, quando ela ameaçou expor algumas de suas transações para acabar com o regime de Castro, mandou matarem-na”.

III De acordo com o jornalista investigativo Matthew Smith, Allan participou de uma “reunião de estratégia” realizada no escritório do produtor Arthur Jacobs algumas horas depois da morte de Marilyn, na qual “foram traçados planos para conter a situação e fornecer proteção a Robert Kennedy”. Smith cita Allan afirmando que o encobrimento foi “feito com cuidado e belamente executado” (*The Men Who Murdered Marilyn*. Londres: Bloomsbury, 1996).

IV Onassis afirmou que desistiu do negócio ao ver os termos do contrato que De Mohrenschildt assinara com “Papa Doc” Duvalier. “Se tivéssemos encontrado petróleo, não teríamos sequer uma porcentagem para o explorador”, disse ele. Em seu testemunho à Comissão Warren, De Mohrenschildt declarou que em 13 de março de 1963 fechou um contrato com o governo haitiano que lhe garantia o recebimento de 285 mil dólares por uma pesquisa geológica no país para prospectar o petróleo e os recursos geológicos da ilha: 20 mil dólares seriam pagos em dinheiro e o restante numa concessão de dez anos para uma plantação de sisal (Relatório da Committee on Assassinations [Comissão para Assassinatos] da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, 95o Congresso, Segunda

Sessão, março de 1979, p. 55).

V Ao fim de seu testemunho à Comissão Warren, De Mohrenschildt recebeu um convite extraordinário — conforme ele explica no livro que escrevia na época de sua morte, em 1977 — “da mãe de Jacqueline Kennedy e do padrasto dela, o sr. Hugh Auchincloss” para jantar na casa deles, em Georgetown. Exceto pelos Auchincloss e a esposa de De Mohrenschildt, Jeanne, o único convidado conhecido era Allen Dulles, ex-chefe da CIA. Eles conversaram sobre o assassinato e, em determinado momento, Janet Auchincloss chorou e abraçou Jeanne de Mohrenschildt. Mais tarde, Dulles fez a De Mohrenschildt “algumas perguntas astutas sobre Lee (Harvey Oswald)”. Mas, quando ele se preparava para ir embora, Janet deixou de lado seu charme de anfitriã e lhe disse com frieza: “A propósito, minha filha Jacqueline não quer vê-lo nunca mais, pois o senhor era próximo do assassino do marido dela” (George de Mohrenschildt, “I Am a Patsy!”, HSCA vol. XII, Apêndice, p. 225-228).

VI Essa foi uma descrição que De Mohrenschildt não repetiria em sua autobiografia inacabada, “I Am a Patsy!”. “Se você, caro leitor, está interessado não em [simples] assassinatos, mas em assassinatos organizados para obter lucro”, escreveu, iniciando uma reflexão estranhamente digressiva sobre como Onassis fizera e consolidara sua fortuna. “Alguns dirão que a introdução do falecido Aristóteles Onassis nestes capítulos pode ser de mau gosto — outros poderão encontrar uma relevância interessante e significativa (...) Se você acredita em castigo justo, a alma podre de Aristóteles permanecerá para sempre no inferno grego-ortodoxo”, concluiu ele de modo obscuro, pouco antes de explodir a própria cabeça, com um tiro de uma .20 na boca, em Palm Beach, em 1977 (George de Mohrenschildt, “I Am a Patsy!”, HSCA vol. XII, Apêndice, p. 225-228).

VII “Isso tem que ser armado de modo que o Tio Sam não seja envolvido — nunca”, recordaria mais tarde Maheu sobre suas instruções precisas ao mafioso de Las Vegas John Rosselli para providenciar o assassinato de Fidel para a agência. “Se alguém ligar você ao governo dos Estados Unidos, vou negar’, avisei. ‘Se você contar que Bob Maheu pôs você nisso, que eu era o seu contato, vou dizer que você está louco, que está mentindo e que está tentando salvar sua pele. Vou jurar por tudo que é sagrado que não sei do que diabos você está falando” (Robert Maheu e Richard Hack, *Next to Hughes*. Nova York: HarperPaperback, 1993, p. 139.)

VIII Quando repeti para Robert Maheu, em Las Vegas, em 1995 a história de De Mohrenschildt sobre sua participação no plano para tirar Onassis de Mônaco, ele negou com veemência. Parecendo uma espécie de banqueiro do Vaticano que mantém uma amante cara na Via Sistina, ele disse serenamente: “Eu não estava em Mônaco em 1967. Não estava envolvido nesse negócio.” Retruquei que Johnny Meyer alegava tê-lo visto saindo de carro do Hotel Hermitage acompanhado do inglês Alan Campbell-Johnson, consultor de relações-públicas de Stavros Niarchos (uma afirmação que o inglês não contestou, mas não quis explicar quando lhe perguntei sobre isso em Londres, em 1997). “Johnny Meyer viu outra pessoa (...) as pessoas com frequência acham que me viram onde não estou. Creio que isso faz parte do meu mistério”, rebateu Maheu, sorrindo como um anjo, como se não esperasse que eu acreditasse, mas ele era rico e velho demais para deixar que isso ainda o preocupasse.

IX Contudo, mesmo o bem informado De Mohrenschildt parecia não saber que Ulmer e Maheu já haviam trabalhado juntos: Ulmer era o chefe da divisão para o Extremo Oriente da CIA, com a missão de derrubar o presidente da Indonésia, Sukarno — um líder nacionalista gastador que jogava os americanos contra os russos. Na ocasião, Maheu fez seu famoso filme pornográfico da CIA com um sócio de Sukarno brincando com uma loura num quarto do Kremlin, para desacreditar o líder indonésio (Relatório do Assassinato, p. 74n; Burkholder Smith, *Portrait of a Cold Warrior*. Nova York: Putnam’s Sons, 1976, p. 240-242).

X Propriedade da CIA: “Essas são, na aparência, instituições e negócios particulares, mas na verdade são financiados e controlados pela CIA. Por trás de suas fachadas comerciais e às vezes sem fins lucrativos, a agência consegue realizar inúmeras atividades clandestinas — em geral operações secretas” (Victor Machetti e John D. Marks, *The CIA and the Cult of Intelligence*. Londres: Jonathan Cape, 1974, p. 134).

DEZESSEIS

DANDO VIDA NOVA A VELHOS BOATOS

Se sou pressionada a dizer por que o amava, sinto que isso só pode ser explicado respondendo: "Porque era ele, porque era eu."

—MICHEL EYQUEM DE MONTAIGNE, 1533-1592 (ENSAIO, 1580)

Agora que o "problema Mônaco" fora "resolvido" (ninguém próximo a Onassis mencionou uma disputa, ninguém falou em derrota), Callas rezava para que as dificuldades entre eles também pudessem ser superadas. Ela estava casada com Onassis, ainda que não oficialmente, havia cinco anos. Adorava a vida de luxo que Ari lhe proporcionava e sentiria falta de Monte Carlo quase tanto quanto ele, mas aquele fracasso aumentara sua estima por ele.

Porém, o romance pelo qual ela sacrificara a carreira, o casamento e o orgulho já havia acabado para Onassis. Callas lhe abria portas e lhe dera uma aura de classe, mas, em 1967, ela já tinha servido ao seu propósito. Com Jackie esperando às escondidas, o romance teria terminado com a saída de Onassis de Mônaco — se eles não estivessem amarrados a uma ação num tribunal inglês.

* * *

Três anos antes, Callas tinha adquirido uma participação de 25% num graneleiro chamado *Artemision II*. Seu velho amigo Panaghis Vergottis também possuía 25% e Onassis, 50% — dos quais

presenteou Callas com 26%, dando a ela o controle sobre o navio, que seria administrado por Vergottis. Mas, em sua primeira viagem, o navio-tanque teve problemas no motor. Nervosa, Callas aceitou a oferta de Vergottis de transformar seu investimento num empréstimo. Isso foi feito com o entendimento, conforme ela acreditava, de que se mudasse de ideia (isto é, se o navio se tornasse lucrativo) poderia comprar sua parte de volta. Todavia, logo depois disso, ela brigou com Vergottis e, ao tentar reverter o acordo ao original, ele a rejeitou.

Na irônica natureza das relações humanas, Jackie dessa vez implorou a Onassis para *não* recorrer à Justiça. Não era preciso muita presciência para ver que um caso judicial em Londres se tornaria um circo da mídia, é claro, e isso no devido tempo se tornaria o pior dos pesadelos para Jackie.

Com um vestido comprido vermelho, um turbante branco estilo anos 1920 e o rosto com maquiagem carregada, Callas chegou ao primeiro dia do julgamento agarrada ao braço de Onassis, como se eles estivessem indo a uma elegante noite de estreia. Com acusações de fraude, traição e criminalidade no ar, e fortes insinuações de sexo e ciúme nas raízes da ação, o advogado de Vergottis foi incisivo ao determinar a natureza íntima e espetacular do relacionamento entre Onassis e Callas.

Houve muitos diálogos como este:

— Depois de o senhor conhecer madame Callas, o senhor se separou de sua esposa e a madame Callas se separou do marido dela?

— Sim, senhor. Nada a ver com o fato de nos conhecermos. Apenas coincidência.

— O senhor considera que ela está numa posição equivalente à de sua esposa, se ela fosse livre?

— Não. Se esse fosse o caso, eu não teria problema algum em me casar com ela, nem ela em se casar comigo.

— O senhor sente alguma obrigação em relação a ela que não seja a de simples amizade?

— Nenhuma, seja o que for.

Isso dificilmente seria um consolo para Jackie, que estava furiosa com a maneira como achava que Callas manipulara e levara Onassis ao papel de colitigante. E ainda menos para Callas, que, embora compreendesse a conveniência das respostas de Onassis, sabia que negar todas as obrigações para com ela era algo que ia além das necessidades legais: aquilo apagava o passado, era uma declaração pública de intenção.

Vergottis conhecia Onassis desde os anos 1930 — e pode até ter sido seu amante.¹ “Ouvi tantas coisas [sobre Onassis] que fariam seu cabelo ficar em pé”, disse ele ao juiz. “As coisas que ele fez e como começou. Fui à Grécia e investiguei muitas coisas. *Ele tem o coração negro.*”¹

Explosões como essa deram nova vida a velhos rumores sobre o passado de Onassis, que Jackie queria tanto que fosse esquecido. Toda noite, ela telefonava de Nova York e lhe contava como a história repercutia nos Estados Unidos e como era doloroso ler sobre aquilo.

* * *

No início da manhã de sexta-feira, 21 de abril, o quarto dia de julgamento, o telefone tocou na suíte de Onassis no Claridges, acordando-o de um sono profundo. Era Georgakis ligando de Atenas para lhe contar que os coronéis tinham dado um golpe de Estado.

Os dois sabiam que um golpe militar com certeza impediria o que ameaçava ser uma vitória retumbante do partido liberal União do Centro, de George Papandreou, nas eleições de maio. O rei Constantine depusera o governo de Papandreou em 1965, e um grupo de generais monarquistas estava determinado a impedir sua volta. No entanto, o maior ponto fraco do golpe era o fato de um

grande número de pessoas saberem dele. E agora os coronéis haviam se adiantado aos próprios generais.

Onassis não tinha qualquer agenda ideológica, embora costumasse ter pelo menos dois ou três membros do gabinete no bolso a despeito do governo no poder. (*Suborno* não é uma palavra que diplomatas gostem de usar, e o Foreign Office britânico se referiu apenas a seu “considerável grau de influência política” e seus “interesses econômicos” quando levantou a possibilidade de recrutá-lo como agente em 1964, depois de um relatório da inteligência revelar sua proximidade com o primeiro-ministro Papandreou.)^{II}

Contudo, o golpe dos coronéis embaralhou todas as cartas. Onassis sabia que teria de agir com cuidado até descobrir como Washington avaliava os coronéis e que papel o rei desempenharia em seus planos.^{III} Pois, embora a junta militar oferecesse muitas oportunidades para um homem como Onassis, o rei era um homem de Stavros, e Stavros era um espião da CIA, e os próximos meses seriam extremamente difíceis para ele.

I Callas insinuara isso a amigos, e esse foi o motivo pelo qual um de seus advogados ingleses disse mais tarde ao autor que “foi uma espécie de catarse, um caso sexual no fim das contas”.

II Um alto oficial da Otan a caminho de Atenas para conversas urgentes com o governo sobre a crescente beligerância entre a Grécia e a Turquia ficou incomodado ao saber que teria “apenas meia hora com o ministro das Relações Exteriores e quinze minutos com o primeiro-ministro ao fim de sua visita de dois dias”. Ao manifestar sua preocupação a Onassis, seu companheiro de voo no avião para Atenas, este lhe disse para “ignorar o programa oficial (...) ir para o hotel e esperar quinze minutos. Dez minutos depois, o sr. Onassis lhe telefonou para dizer que eles jantariam com o primeiro-ministro e o ministro das Relações Exteriores naquela noite. E nesse jantar o sr. Onassis atacou violenta e obstinadamente o sr. Papandreou por incompetência, teimosia etc. etc. Eles chegaram a chamar o jovem [ministro do governo Andreas] Papandreou, que foi repreendido por

Onassis em termos semelhantes". Embora tenha concordado que "mesmo no mais alto nível [Onassis] pode ajeitar as coisas em cima da hora", o primeiro-secretário da embaixada, Richard Skyes (que quase com certeza também era agente do MI6 e mais tarde seria assassinado pelo IRA), respondeu que achava que "podia ser perigoso tentar fazer qualquer coisa *abertamente* dessa maneira" (Memorando confidencial do Foreign Office para a Embaixada Britânica, Atenas, 8 de julho de 1964; documento do Foreign Office de 16 de julho de 1964. Public Records Office, Londres: FO371 / 174IC4389).

Mas teriam os britânicos usado Onassis em segredo? "Onassis sempre fora considerado por nós um grego britânico, assim como Niarchos era nosso grego", revelou-me Miles Copeland, da CIA, logo depois da publicação de *Ari*, em 1986.

III Dois líderes da junta — o coronel George Papadopoulos e o coronel Nicholaos Makarezos — tinham postos-chave no KYP, o serviço de inteligência grego, que tinha relações próximas com a agência americana.

DEZESSETE

UMA MULHER MAIS VELHA

Não existe mulher mais velha. Qualquer mulher, de qualquer idade, quando ama, quando é boa, dá ao homem uma sensação de infinito.

—JULES MICHELET, 1798-1874

Foi nesse hiato que Onassis voltou sua atenção para um assunto familiar que o preocupava havia algum tempo, e que deixava sua ex-mulher, Tina, agora marquesa de Blandford,¹ cada vez mais histérica. Embora raramente concordassem em algo, nisso eles eram unânimes: o filho deles, Alexander, de dezenove anos, herdeiro de duas grandes fortunas do ramo dos transportes, era a presa do ano, e Fiona Thyssen, de 35, mãe divorciada de dois filhos pequenos, estava arruinando sua vida.

Não se fazia mistério algum sobre a fascinação de Alexander por mulheres mais velhas. Quando o menino tinha catorze anos, um dos assistentes do pai no negócio dos transportes, que cuidava de Alexander durante as frequentes ausências de Onassis e Tina, apresentou-o a suas amigas, a maioria delas na casa dos trinta anos. Jacinto Rosa, motorista de Onassis, que conhecia Alexander desde que ele tinha doze anos e lhe ensinara a dirigir, ficou preocupado com o interesse precoce do jovem Onassis por sexo. “Ele me pediu muitas vezes para levá-lo ao Bois de Boulogne, onde gostava de espionar as prostitutas trabalharem para seus clientes nos carros”, revelou.¹

Alexander tinha dezesseis anos quando começou a trabalhar no escritório do pai em Mônaco, tendo sido reprovado nos exames

escolares após voltar vários dias atrasado de um encontro amoroso com Odile Rodin, viúva do playboy Porfirio Rubirosa. Embora demonstrasse um interesse entusiasmado pelas aventuras sexuais do filho (“filho de peixe peixinho é”), Onassis se recusava a “desperdiçar um bom dinheiro num garoto preguiçoso”.² Alexander suspeitava que, na verdade, “o velho não queria que eu tivesse uma educação melhor que a dele”.³

Entretanto, não faltavam habilidades a Alexander — ainda que talvez fossem as de qualquer jovem à espera de herdar uma fortuna: ele falava francês com excelência, seu inglês era coloquialmente perfeito, com sotaque parisiense, e sabia um pouco de italiano (seu grego, assim como o da irmã, não era tão bom); era um bom jogador de tênis, um hábil esquiador, jogava gamão como um profissional, dirigia bem carros velozes e estava aprendendo a pilotar o próprio avião.

Mais tarde, ele me revelou que não passava um dia sem ser “intimidado pela riqueza do velho”.⁴ E, embora Alexander reconhecesse o milagre feito pelo pai ao criar sua extraordinária fortuna, seu descontentamento estava se tornando hostilidade na época em que se apaixonou pela baronesa Thyssen-Bornemisza.

De início, Onassis considerou o romance uma aventura passageira: mulheres como a baronesa são parte obrigatória da educação, disse a amigos.

Ela era uma mulher complexa e bonita. Como Fiona Campbell-Walter, fora uma modelo internacional famosa e tinha apenas 23 anos quando abandonou a carreira, em 1956, para se casar com o barão Heinrich Thyssen-Bornemisza, um industrial alemão multimilionário e colecionador de arte. Alexander a conhecera aos doze anos. Descendo de um carro esportivo em St. Moritz, no meio de uma tempestade de neve, com um casaco de couro comprido, o longo cabelo ruivo sob o capuz de chinchila, sua pele devia ser o sonho dos velhos cultivadores de orquídeas. Alexander a achou a mulher mais excitante que já tinha visto.

Seis anos depois, ao ser convidado por sua mãe para um jantar, disse que só iria se Fiona Thyssen também fosse convidada. Naquela noite, para a surpresa de Thyssen, e com um sentimento de culpa nada pequeno — “como ele tinha dezesseis anos, eu não sabia se me via como uma substituta da figura da mãe ou qualquer coisa assim” —, eles foram para a cama. Fiona considerou aquilo uma transa casual. Alexander queria um *compromisso*.⁵

Divorciada de um dos homens mais ricos do mundo, ainda uma mulher jovem, com dinheiro e posição social, Fiona queria se casar de novo — mas não com Alexander. Ele era jovem demais para ela, e ela era independente demais para ele. De todo modo, Fiona Thyssen conhecia o bastante a política das dinastias gregas para saber que a noiva de Alexander teria que ser uma virgem rica de uma linhagem do ramo dos transportes aprovada.

Ela fez o possível para terminar o caso. Ele se recusava a deixá-la. Logo ficou bastante claro para os dois que eles haviam embarcado num romance muito perigoso. Por fim, aceitaram que “tínhamos nos tornado indispensáveis um para o outro e deveríamos tentar sobreviver juntos diariamente e, quer aquilo durasse uma semana, um mês ou um ano, devíamos aproveitar e sermos gratos”, afirmou Fiona.⁶

* * *

“Acho que minha mãe foi uma das últimas a saber sobre o caso”, contou-me Christina Onassis. “Ela ficou simplesmente furiosa com Fiona por seduzir seu filho. ‘Ele ainda é uma criança’, disse, o que, é claro, de modo algum era verdade. Meu irmão transava com mulheres desde os catorze anos.”⁷

Fiona Thyssen era três anos mais nova do que Tina Blandford. Elas iam aos mesmos jantares, participavam dos mesmos bailes e dançavam com os mesmos homens ricos. “Tina não ligava a mínima

se Fiona era boa ou não para Alexander”, revelou uma amiga em comum. “Estava pensando em si mesma, e a perspectiva de Fiona se tornar sua nora era insuportável demais para considerar! Ela fez coisas extraordinárias para acabar com aquilo.”

Fiona Thyssen fora garota de programa, alegou Tina. Ela conhecia um homem que lhe pagara 50 libras para levá-la para a cama quando ela tinha dezessete anos; agora sua tarifa era um relógio Patek-Philippe, embora o rei Farouk já tivesse pagado 100 mil dólares por uma noite com ela no Badrutt’s Palace Hotel, em St. Moritz... As histórias de Tina ficavam cada vez mais obscenas à medida que se tornavam mais difamatórias.^{II} Alexander e Fiona brincavam de tentar adivinhar qual seria sua próxima calúnia. “Nunca chegávamos nem perto. Ela sempre nos surpreendia”, contou-me Fiona.⁸

Tina começou a pressionar Onassis para resolver o problema. Sabia que ele tinha uma profunda inveja do sucesso de Alexander com Fiona Thyssen. Ela era o tipo de troféu que o próprio Onassis esperaria seduzir, e ele se ressentia desse relacionamento tanto quanto Tina. Mas, com tantas outras coisas na cabeça, esperava que o caso acabasse por si só.

A perda de Mônaco, as crescentes dificuldades financeiras de sua empresa aérea, o caso judicial não resolvido em Londres (ele e Callas ganharam o primeiro round, mas um novo julgamento fora marcado devido a uma apelação), as complicações de sua vida privada — talvez até um peso na consciência pelo que estava prestes a fazer com Callas — deixavam-no estressado. “Jackie, Maria, Tina, todas queriam algo”, disse Georgakis. “Ele terminava a ligação com Maria e Jackie estava na linha. Acabava de falar com Jackie e Tina telefonava. Aquilo nos fazia rir, mas começava a aborrecê-lo (...) ele estava com o pavio muito curto.”⁹

“Ele é grego. Quando perde a cabeça, o inferno inteiro vem abaixo”, advertira Tina certa vez a Nigel Neilson, um relações-públicas de Londres contratado para melhorar a imagem de

Onassis.¹⁰ Ela sabia, portanto, que estava mexendo numa crise de dimensões explosivas já em fermentação por seu filho e a amante dele.

Mas haveria outro motivo para Tina fazer tanto estardalhaço em torno do romance do filho? Seria, como Christina Onassis suspeitaria mais tarde, para desviar a atenção de Onassis do caso cada vez mais sério que ela mantinha com o cunhado, Stavros Niarchos?

* * *

Em dezembro de 1967, o contragolpe do rei grego fracassou pouco depois de iniciado, e ele fugiu com a família para Roma. (Onassis enviou um telegrama para Niarchos: "VEJO SEU NOBRE AMIGO AGORA COMO SIMPLES SR. COSTA P. GLUCKSBURG, PLEBEU SEM MORADIA FIXA.")¹¹ Washington, que manifestara um reconhecimento cauteloso da junta — desde que esta permanecesse leal à Otan, não maltratasse prisioneiros políticos e evoluísse para a democracia —, agora a apoiava.

O coronel Papadopoulos e seus companheiros conspiradores não eram burros, mas "suas ideias políticas eram rudes e ingênuas",¹² e eles foram manipulados facilmente por Onassis. Por meio de uma rede de favores e bajulações, muitos deles logo se viram em grande dívida com ele: uma garota de madame Claude para um coronel, um jovem bonito para outro, e caviar de beluga para os futuros generais.

Mas Papadopoulos recebeu o que havia de melhor: cruzeiros no *Christina*; a mansão de Onassis na exclusiva Lagonissi colocada à sua disposição; e, quando ele encomendou quarenta vestidos de alta-costura, cada um custando 1.000 dólares, para a esposa, Onassis pagou a conta.¹³ No início, Ari disse-lhe em seu próprio interesse: "Coronel, nós dois usamos pessoas, então vamos fazer o que fazemos melhor e ver o que acontece."¹⁴

À medida que a amizade deles florescia, os planos de Onassis se tornaram mais ambiciosos. Sob o codinome Omega, ele começou a articular o que mais tarde chamaria de “o maior negócio da história da Grécia”.^{III} Pediu a David Karr para sondar os soviéticos sobre a possibilidade de estes fornecerem petróleo bruto a uma refinaria que ele planejava construir perto de Atenas.^{IV}

“Eu falei: ‘Imagino que os americanos possam ter uma ou duas coisas a dizer sobre isso, Ari’”, afirmou Sir John Russell, ex-diplomata britânico que agora era presidente da Elf Oil, ao se lembrar de sua reação quando Onassis lhe contou sobre Omega. “Ele estava falando sobre adquirir os direitos para trabalhar com o petróleo do começo ao fim: refiná-lo em sua própria refinaria, transportá-lo em seus petroleiros, vendê-lo por meio de sua rede de distribuição, Deus sabe o que mais além disso.”¹⁵

Embora soubesse que o que Onassis dizia muitas vezes era exagerado e nunca muito preciso (“com Ari tinha-se sempre de lutar para chegar à verdade”, alegou), o inglês ficou impressionado com a audácia do negócio. “Era Jidá novamente, de muitas maneiras. Eu disse: ‘Isso vai sacudir as estruturas em Washington, não vai, Ari?’ Ele então fez uma observação interessante: ‘Um casamento de interesses pode resolver muitos problemas, meu caro amigo.’ Não entendi o significado na época, só percebi quando ele se casou com Jackie Kennedy.”¹⁶

Quase tudo o que Onassis fez na vida tinha raízes em alguma experiência anterior. Nos anos 1940, havia passado a perna na organização do transporte grego em Nova York, que era hostil a ele e a suas ideias, ao casar-se com a princesa deles — Tina, a filha do poderoso Stavros Livanos.^V E, embora fosse um exagero pensar que poderia dar um xeque-mate em Washington com a mesma tática, Onassis achava que os americanos estariam menos dispostos a interferir quando ele se envolvesse com os soviéticos no Omega se estivesse casado com a princesa deles.

* * *

Não está claro exatamente quando Callas descobriu o que estava acontecendo. No entanto, sua determinação de exibir elegância sob pressão lhe deu uma pungência rara em seu relacionamento tempestuoso com Onassis. Um amigo lembrou-se de entreouvir uma triste conversa em Skorpios no fim do verão de 1967: “Maria disse: ‘Com uma mulher como ela’ — referindo-se à sra. Kennedy — ‘e um homem como você (...) começar algo é fácil, Aristo. Mas como se para isso?’”¹⁷

Na noite anterior à sua volta a Paris, no fim daquele verão — e à de Onassis a Atenas e aos coronéis com os quais se envolvera —, eles conversaram como se soubessem que tinham passado seu último verão juntos. Onassis disse: “As únicas pessoas livres são as que não amam ninguém.” Ela achou que era “um preço alto demais para se pagar” pela liberdade. Ele perguntou o que ela mais queria para si mesma, recordou mais tarde um dos poucos convidados para o jantar naquela noite. “Eu só quero ficar bem comigo mesma”, respondeu ela.

Nos meses seguintes, eles se viram pouco. Ela passou semanas sem sair de seu apartamento na avenida Georges-Mandel, disse a amigos que estava satisfeita por sair do turbilhão de Onassis, que não sentia falta de seus jantares de improviso, das rodadas de bebida a noite inteira nas boates, não sentia falta das brigas.

Mas, quando falava do passado, nunca conseguia disfarçar muito bem a melancolia.

I Ela se casara em 1961 com o marquês de Blandford, filho do duque de Marlborough e parente de Winston Churchill.

II Em parte por causa das histórias de Tina Blandford, surgiram rumores de que Fiona serviu de inspiração — com o cabelo ruivo-claro de um entardecer de

inverno e olhos verdes como esmeraldas, casada com o homem mais rico da Alemanha, talvez de toda a Europa — para a bela Kate McCloud, heroína de Truman Capote em *Súplicas atendidas* (Porto Alegre: L&PM, 2009), um *roman à clef* da alta sociedade. Outras suspeitas de serem a inspiração do autor eram Lee Radziwill e Pamela Churchill Harriman.

III Esse acabou se tornando um pacote de investimentos de 400 milhões de dólares (4 bilhões de dólares em valores atuais), incluindo a construção de uma refinaria de petróleo e alumina, uma fundição de alumínio, uma usina de energia, estaleiros e um terminal aéreo.

IV Embora em outra ocasião Karr tenha atribuído a Armand Hammer a ajuda para Onassis a fim de estabelecer as primeiras ligações soviéticas cerca de três anos depois dessa data, Ronnie Driver, seu sócio em Londres, afirma que “provavelmente David tinha alguns motivos válidos e muito bons” para não querer admitir suas primeiras incursões à União Soviética para Onassis.

V Em 1946, quando o Congresso disponibilizou os navios da U.S. Liberty às operadoras dos Aliados, o governo grego autorizara o sindicato dos armadores gregos em Nova York a atuar como seu agente. Oferecidos por 550 mil dólares — 125 mil dólares de entrada, podendo o restante ser pago ao longo de sete anos a uma taxa de juros de 3% —, os navios eram um roubo. No entanto, dominado pelos proprietários ricos e poderosos que haviam se mudado para Nova York no início da guerra, o sindicato decidiu que cem navios seriam suficientes para suas necessidades. Porém, quando Onassis pediu treze, foi informado de que nenhum deles estava disponível. Seu futuro sogro, Stavros Livanos, recebera os doze que queria, assim como os outros gregos importantes de Nova York. Onassis, eles deixaram muito claro, não era um deles e nunca estivera sequer no páreo. Ironicamente, um dos presentes de casamento de Livanos para ele foi um navio da Liberty — com uma hipoteca de 400 mil dólares ainda atrelada.

DEZOITO

UM TERRORISTA COM OUTRO NOME QUALQUER

Só um grego deve compartilhar os segredos do coração de um grego.

—CONSTANTINE GRATSOS, 1905-1981

Numa noite de janeiro de 1968, David Karr e Johnny Meyer se encontraram para tomar alguns drinques no Plaza-Athenée, em Paris. Karr estava acompanhado de um homem que apresentou como dr. Michel Hassner, consultor de investimentos do Arab Bank. Mais tarde, juntou-se a eles Paul Bougenaux, o porteiro do hotel, cuja boa aparência sombria e cujos ternos escuros lhe conferiam um “ar de médico para abortos da sociedade”.¹

De início, Meyer imaginou que Hassner estivesse ali por conta de seu envolvimento num negócio imobiliário que Bougenaux e Karr estavam fazendo (eles planejavam adquirir os hotéis Plaza-Athenée, Georges V e La Trémoille para o magnata de hotéis britânico Sir Charles — hoje lorde — Forte).¹ Porém, depois que Bougenaux foi embora, Karr se dirigiu a Meyer: “Johnny, o dr. Hassner aqui é o homem que pode salvar a pele de Ari.”²

Não exatamente a pele do sr. Onassis, brincou Hassner. Mas ele poderia salvar sua empresa aérea. Era especializado, afirmou, em finanças do mercado de aviação e tinha algumas ideias sobre como Onassis poderia reestruturar a dívida e ao mesmo tempo expandir a frota da Olympic. Será que Meyer poderia lhe arranjar um encontro com o sr. Onassis? Não era segredo algum que a Olympic Airways

enfrentava problemas e precisava de injeções regulares de capital operacional. Não era preciso muita imaginação para perceber que Karr não estava ali simplesmente para fazer a intermediação, e Meyer desconfiou que estava sendo atraído para uma de suas intrigas. Sabia exatamente por que Karr não queria marcar ele mesmo o encontro: se os gregos em torno de Onassis suspeitassem que Hassner era um dos homens de Karr, se oporiam a tudo o que ele sugerisse.

Gratsos não confiava em Karr. “Que merda ele sabe sobre petróleo, Ari?”, reclamara, quando Onassis lhe contou que planejava pedir a Karr para sondar os russos sobre o fornecimento de petróleo bruto soviético à refinaria do Omega. “David sabe sobre os *homens*”, respondeu Onassis.³ Karr conseguira algo extraordinário ao se aproximar de Onassis — nenhum outro não grego jamais havia penetrado tão fundo na organização. “Só um grego deve compartilhar os segredos do coração de um grego”, disse Gratsos.⁴ Esse pensamento profundo era compartilhado por Georgakis — mas provavelmente porque ele tinha “uma forte sensação de que Karr estava de olho em seu emprego na Olympic Airways”, afirmou o maldoso Nigel Neilson, relações-públicas de Onassis em Londres.⁵

Mas, qualquer que fosse o receio que Meyer tivesse de se tornar um boi de piranha de Karr, ele tinha orgulho de seu acesso a Onassis. E, lisonjeado, se não enganado, pela afirmação de Karr de que ele era o único homem que poderia levar o dr. Hassner à avenue Foch, concordou em marcar um encontro quando Onassis voltasse de Atenas.

* * *

O nome verdadeiro do dr. Michel Hassner era Mahmoud Hamshari, e, se a história tivesse sido mais bondosa, provavelmente ele teria vivido e morrido como agricultor de laranjas na vila de Um Khaled,

perto de Jaffa, onde nasceu em 1939. Em vez disso, ele se tornou membro do grupo guerrilheiro palestino Fatah. Em junho de 1967, depois da humilhante derrota na Guerra dos Seis Dias — quando Israel ocupou toda a península do Sinai, incluindo Jerusalém Oriental, o coração do nacionalismo palestino —, a Fatah se desorganizou e sua liderança ficou dividida. Seu líder militar, Yasser Arafat, queria lançar uma contraofensiva imediatamente, com ataques de unidades de assalto e uma escalada de atividades de guerrilha nos territórios ocupados. Contudo, seus críticos na organização achavam que sua política agressiva (“Ele queria ir atrás dos judeus com tudo”, disse um deles)⁶ simplesmente provocaria uma retaliação israelense maciça no momento em que eles estavam mais fracos e desmoralizados do que nunca.

A facção conservadora, liderada por Khaled Hassan, pressionou ainda mais para que afastassem Arafat. Embora a falta de entusiasmo de Hassan por um rápido ataque em retaliação tivesse sido considerada uma falta de espírito de luta pelo pessoal de Arafat — conhecido como “os loucos”⁷ —, não há nada que prove isso, e um número cada vez maior de membros de baixo escalão adotava o ponto de vista mais prático de Hassan. Abu Iyad (nome de guerra de Salah Khalef), chefe da inteligência da Fatah e homem de Arafat, temendo que eles estivessem perdendo a disputa e correndo o risco de dividir irrevogavelmente a organização, convocou uma reunião secreta entre os líderes das facções para tentar resolver o impasse.

Além de Abu Iyad, participaram da reunião, realizada numa sala do terceiro andar de um hotel num subúrbio no leste de Damasco: Arafat; seu subcomandante militar, Abu Jihad (Khalil al-Wazir); Ali Hassan Saleme, homem de confiança de Arafat; Kamal Adwan, uma figura-chave da Fatah que mais tarde se tornaria membro fundador da organização Setembro Negro; e Mahmoud Hamshari. Esses eram, segundo um participante, “o suprassumo dos loucos entre os loucos”. Em oposição a eles estavam Khaled Hassan, o pragmático moderado que falava pela maioria dos que se opunham

ao estilo de liderança autocrático de Arafat, e vários de seus aliados, incluindo Issam Sartawi, um ex-cirurgião cardíaco que estudava nos Estados Unidos, e Mohammed Ibrahim, um veterano agente da inteligência da Fatah.^{II}

Embora Hamshari fosse o mais jovem do lado de Arafat, havia nele certa determinação e, quando ele falou, não apoiou diretamente ou tentou defender a política linha-dura de Arafat contra os israelenses, mas iniciou, em vez disso, uma crítica violenta aos Estados Unidos. Citando fatos e números, ele condenou o Pentágono por sua assistência operacional aos israelenses na Guerra dos Seis Dias, atacou o apoio diplomático de Washington a Israel nas Nações Unidas, manifestou desprezo por políticos americanos e outros que defendiam Israel ou enviavam dinheiro a esse país. Os Estados Unidos eram inimigos deles tanto quanto Israel. Sim, mas o que eles podiam fazer a respeito daquilo?

Foi nesse momento que Hamshari propôs que eles “matassem um americano importante em solo americano” — algo relativamente simples num país tão sem consciência de segurança como os Estados Unidos, segundo ele — para fazer Washington “pensar duas vezes antes de apoiar os judeus”.⁸

A sugestão parecia tão radical que os moderados de Hassan suspeitaram que fosse uma tentativa de irritá-los ou levá-los a algum tipo de armadilha. Assassinatos para eliminar inimigos políticos, ou pessoas que causavam problemas, aconteciam, é claro, mas pensar em matar aleatoriamente algum americano famoso nos Estados Unidos *pour encourager les autres* era loucura.

Surpreendentemente, talvez, até mesmo “os loucos” pareciam não ter comprado a ideia, e Hamshari passou para sua segunda proposta: estender as atividades de levantamento de fundos até os próprios Estados Unidos. Washington e o lobby dos judeus eram seus verdadeiros inimigos — repetiu ele num tom mais conciliatório —, e não o povo americano. “A ironia de conseguir americanos para nos ajudar a lutar contra aqueles que os americanos pagavam para

nos combater, acho que isso resume à perfeição a mente inteligente de Hamshari”, disse-me uma fonte da Fatah.⁹

* * *

Com que nome e com que passaporte Hamshari começou a visitar os Estados Unidos e a França no fim do verão ou início do outono de 1967 são segredos que provavelmente morreram com Abu Jihad, membro da Fatah especialista em forjar passaportes e identidades.^{III}

Lorde Forte se lembra de encontrar Hamshari — que na época se metamorfoseara em dr. Hassner — com David Karr e Paul Bougenaux no Plaza-Athenée logo depois de Karr abordá-lo sobre a aquisição dos hotéis em Paris. “Ele esteve ali em várias ocasiões, sempre em segundo plano. Não sei o que fazia. Havia sempre algo que ele não queria que se soubesse quando se estava negociando com David Karr”, contou-me lorde Forte. Mas Hassner com certeza tinha um propósito, disse ele, pois “David não andava com pessoas sem utilidade para ele”.¹⁰

Hamshari ficava à vontade na Paris dos hotéis finos, restaurantes caros e mulheres atraentes e disponíveis. Para alguém que vivera a maior parte da vida adulta com terroristas e entre refugiados, era uma experiência estimulante, e parece que ele se adaptou com impressionante facilidade.

Cerca de dez dias depois de se conhecerem no Plaza-Athenée, Johnny Meyer convidou o “dr. Hassner” para encontrar Onassis na avenue Foch. No entanto, pouco antes do encontro Onassis foi chamado para ir a Atenas pelo primeiro-ministro Papadopoulos. Karr falou ao telefone com Meyer numa ligação ruim e lhe informou que Onassis queria que Gratsos fosse ao encontro. Meyer não questionou a mensagem de Karr, embora soubesse que era Georgakis quem deveria ser solicitado a negociar com o banqueiro na ausência de

Onassis.^{IV} Georgakis era presidente da companhia aérea e, como ele mesmo me disse mais tarde: “O protocolo por si só exigia isso.”¹¹

Ele achou que Karr havia tentado deliberadamente exacerbar a tensão existente entre os gregos na avenue Foch. Ninguém podia ensinar a Karr — um especialista em gerenciar disputas por controle acionário de empresas^V — coisa alguma sobre a arte de dividir e conquistar, refletiu, lamentando, o presidente da Olympic. “Karr percebeu um vácuo na organização e estava determinado a preenchê-lo”, disse Georgakis.¹²

* * *

Prematuramente calvo, de olhos pretos, pálpebras pesadas e com um bigode preto e grande recém-cultivado, Mahmoud Hamshari parecia muito mais velho do que realmente era. Tinha o hábito de dar um breve sorriso antes de falar — sem ele, seu rosto era imperturbável. Era um homem que simulava modos europeus, o fanatismo que o definia e o ódio que o moldava eram mantidos cuidadosamente disfarçados numa sociedade educada. Nada em seu rosto teria indicado o que deve ter se passado em sua mente enquanto ele estimava o valor do apartamento de Onassis e analisava as possibilidades da oportunidade diante de si.

De acordo com Meyer, que esteve presente durante todo o primeiro encontro na avenue Foch, o clima era de negócios, porém relaxado. Gratsos, que sabia um pouco sobre o modo como os árabes gostavam de fazer negócios, esperou que ele dissesse o objetivo de sua visita. O objetivo, porém, não era o que Hassner indicara anteriormente a Meyer no Plaza-Athenée.

Por fim, Hassner começou a dizer — com um ar de homem que deplorava o fanatismo — que fora procurado por um grupo terrorista de *fedayeen*^{VI} que exigia o pagamento de 350 mil dólares (cerca de 3,5 milhões de dólares em valores atuais) para não pôr uma bomba

a bordo de um avião da Olympic. Ele agia como um corretor honesto, um facilitador, e não sabia a identidade dos terroristas que o haviam contactado por meio do Fundo Nacional Palestino, que cuidava das finanças de vários grupos terroristas e cujos oficiais haviam lhe assegurado da determinação e eficácia dos homens que agora representava.

A jogada de Hamshari não foi uma surpresa para Gratsos. “Éramos chantageados o tempo todo”, diz Miltiadis Yiannakopoulos, assessor de segurança de Onassis. “Pagávamos pelos aviões, pagávamos pelos navios. Era impossível operar sem ter que pagar a alguém. Ninguém chamava isso de chantagem. Eram negócios. Era assim que as coisas funcionavam naquele mundo.”¹³

Portanto, não foi novidade alguma quando o palestino exigiu dinheiro de Ari. “Mas fiquei surpreso porque Ari estava do lado dos palestinos”, contou-me Yiannakopoulos. “Ele já tinha dado dinheiro a eles. O acordo foi feito em Paris, eu estava em Atenas e não me envolvi. Fiquei com raiva quando soube muito mais tarde. Quando mencionei isso a Ari, ele deu de ombros. Não queria falar sobre o assunto. Sempre achei que talvez ele tivesse pagado demais.”^{VII}

Trezentos e cinquenta mil dólares americanos, repetiu Hamshari, como se a modesta exigência fosse um sinal de sua própria generosidade. Não era uma quantia exorbitante considerando o que estava em jogo: a vida dos passageiros, a reputação da companhia aérea, os negócios que seriam perdidos se um dos aviões explodisse no céu.

Hamshari era um profissional, alguém que tinha feito o dever de casa, e Gratsos o respeitava por isso. Ele disse, de um homem de negócios para outro, que informaria ao sr. Onassis sobre a conversa. Hamshari abriu seu breve sorriso. Ele manteria contato, afirmou.^{VIII}

* * *

Apesar de toda a bondade de Onassis, os coronéis estavam lhe causando dificuldades em Atenas.

As rivalidades mortais entre eles atrapalhavam a finalização do Omega, e ele estava cansado e de mau humor quando voltou a Paris e ouviu o relato sobre o encontro de Gratsos com Hassner. Onassis não considerava o uso de coerção completamente inapropriado nos negócios e aprendera a conviver com o tipo de poder de gângster por trás da proposta do palestino. Mas a quantia exigida era excessiva. "Não podemos pagar a essa gente com uma promessa, mas sem ter o dinheiro", disse a Gratsos. E ele também não pagaria o valor que primeiro viera à cabeça do palestino.

A verdadeira identidade de Hassner logo foi descoberta. Como ele dizia ser consultor de investimentos do Arab Bank e Onassis era amigo de Abdul Hameed Shoman, ex-vendedor de miudezas de armarinho e dono do banco e cujo filho, Abdul Majeed Shoman, dirigia o Fundo Nacional Palestino, alguns telefonemas revelaram a Onassis tudo o que ele queria saber sobre o palestino.

Onassis ordenou a Meyer: "Traga o merdinha de volta aqui rápido."¹⁴

* * *

Assim como Joe Kennedy, Onassis era, no mínimo, um antissemita casual. "Cuidado com os judeus", escrevera a Ingeborg Dedichen nos anos 1930, "para não levar um pontapé."¹⁵ Ele nunca fora persuadido pelo sionismo de Winston Churchill e achava que os palestinos vinham recebendo um tratamento injusto, primeiro dos britânicos e agora dos americanos. E, quase de imediato, gostou de Hamshari. Gostou de seu humor astuto ("Se eu não estivesse tão profundamente envolvido na política, sr. Onassis", disse-lhe Hamshari, "provavelmente seria um milionário como o senhor")¹⁶ e da ausência de retórica revolucionária.

Os dois haviam sobrevivido a massacres na juventude. O exílio e um sentimento de vingança os tinham moldado, e não há laço mais forte do que aquele que tem por base um sentimento de perseguição compartilhado. Os Estados Unidos haviam obrigado os dois a cair cedo na vida e a não contar com a justiça. Eles concordavam em muitas coisas, e não demorou para que passassem a gostar um do outro.

Nem Gratsos, nem Meyer, nem Karr participaram desse primeiro encontro na avenue Foch, e eles também não souberam o que foi discutido, além da chantagem. Mas ali foram estabelecidas as bases de um acordo que mudaria a vida de todos eles.

I O problema que Karr e Bougenaux tinham de resolver era o seguinte: o presidente De Gaulle havia declarado que os três hotéis faziam parte do patrimônio da França e que nunca se permitiria que caíssem nas mãos de estrangeiros. Portanto, limitada pelo patriotismo de um lado e acossada por sérios problemas sindicais do outro, a proprietária dos hotéis, madame François Dupré, estava presa ao que logo se tornava um trio de elefantes brancos. No entanto, além de porteiro veterano, Bougenaux era também o líder sindical do grupo. Isso era uma fonte de poder considerável e, após fazer as objeções sindicais à venda para estrangeiros desaparecerem discretamente, assim como as medidas restritivas que haviam desencorajado outros potenciais compradores, Karr levou o negócio a Forte. Logo depois de Forte adquirir os hotéis, Bougenaux tornou-se gerente-geral do grupo de Paris. David Karr recebeu honorários substanciais como intermediário, além de uma diretoria que lhe rendia 100 mil dólares por ano — “um pequeno *douceur*”, disse ele, com seu crescente gosto pela refinada obscuridade da língua francesa.

II Mohammed Ibrahim é o pseudônimo de um ex-membro da Fatah cujos detalhes pessoais alterei para proteger sua identidade, como me pediu.

III Em 1964, Abu Jihad havia acompanhado Yasser Arafat até Pequim. Eles viajaram com os respectivos pseudônimos de Galal Mohammed e Mohammed Rifaat.

IV Teria havido de fato um mal-entendido por causa da ligação telefônica ruim? Meyer disse mais tarde a Georgakis que, se tivesse sido um grego quem lhe transmitiu a mensagem, ele poderia ter lhe pedido para que a repetisse, mas não tinha problema algum para entender outro americano, mesmo numa ligação ruim.

V Em 1956, Karr se tornou de uma hora para outra uma autoridade em aquisição de controle acionário de empresas com a publicação de um livro intitulado *Fight for Control*. Grande parte da *expertise* contida na obra vinha do veterano especialista em disputas por controle acionário Leopold Silberstein, presidente da Penn-Texas Corp., para o qual Karr trabalhara e a quem ele ajudara a assumir o controle de uma empresa chamada Niles-Bernard-Pond. "Foi uma lição que o professor se arrependeria amargamente de ter dado, porque, em 1959, Karr se juntou a Alfons Landa, especulador responsável por aquisições de controle agressivas, e articulou a tomada da empresa de Silberstein, que se tornou Fairbanks Whitney, mais tarde rebatizada de Colt Industries." (Roy Rowan, "The Death of Dave Karr and Other Mysteries", *Fortune*, 3 de dezembro de 1979.)

VI Combatentes da liberdade: literalmente, "homens de sacrifício".

VII Yiannakopoulos também me contou sobre sua primeira experiência com a tática de negócios de Ari. Interessado em entrar nos negócios de transportes, ele comprou dois petroleiros de Onassis por 1 milhão de dólares. "Dois dias depois [de fechar o negócio], ele me telefona e diz que o acordo será por volta de 1,1 milhão de dólares. Eu lhe perguntei por que o extra. Ele respondeu: 'Ah, bem, vamos lá, qual é a diferença entre 1 milhão e 1,1 milhão?' Então fechei o negócio por 1,1 milhão de dólares."

VIII A princípio, uma cronologia simples parecia contradizer a afirmação de Johnny Meyer de que o primeiro encontro entre Hamshari e Gratsos na avenue Foch aconteceu em janeiro ou no início de fevereiro de 1968. "Sabemos que Hamshari estava em Paris solicitando fundos para a Fatah naquela época, e um dos vários nomes que usara era Michel Hassner", diz um ex-agente da contrainteligência do Mossad entrevistado para este livro. (Outro nome usado por ele na França era professor Maurice Hafez.) Se Onassis deu dinheiro a Hamshari antes de julho de 1968, foi porque "Onassis *queria* contribuir" para a causa, e não porque a companhia aérea estava sendo ameaçada. Havia três motivos para o raciocínio do Mossad: (1) Eles sabiam que Onassis era "antissemita e simpático aos árabes". (2) O sequestro de aviões era uma especialidade da FPLP (Frente Popular para

Libertação da Palestina), e não da Fatah. (3) O primeiro sequestro aéreo só aconteceu em *22 de julho* (quando um Boeing 707 da El Al que voava de Roma para Tel Aviv foi sequestrado e levado para Argel). Portanto, Hamshari não podia saber em *janeiro* o que a FPLP planejava fazer mais de seis meses depois. Embora não descarte a história de Meyer, o Mossad questiona as datas, porque, para Hamshari poder usar os planos da FPLP para chantagear Onassis, o Mossad acredita que o encontro na avenue Foch descrito por Meyer tenha acontecido depois, ou muito mais perto, do primeiro sequestro aéreo, em julho.

Contudo, numa entrevista para este livro, Bassam Abu-Sharif, que estava profundamente envolvido na campanha de terror da FPLP (um dos maiores alvos na lista do Mossad, ele abandonou sua lealdade à FPLP de Habash para se tornar uma importante voz moderada na OLP de Arafat depois de quase ser morto, em 1972, por um pacote-bomba do Mossad), explicou a aparente discrepância na história de Meyer. Os preparativos para o primeiro sequestro aéreo, disse ele, tiveram início em novembro de 1967. "Foi ideia de Wadi Haddad. Foi impressionante. A maneira como apenas alguns homens conseguiram assumir o poder contra muitos. Foi sensacional. Mas havíamos penetrado na segurança da Fatah, e sabíamos que eles tinham se infiltrado em nossa organização. Teria sido um milagre se eles não soubessem o que planejávamos", admitiu Abu-Sharif. De acordo com Patrick Seale (*Abu Nidal: The World's Most Notorious Terrorist*. Londres: Arrow Books, 1993, p. 95), a FPLP acabou tão infiltrada por facções rivais e agências de inteligência estrangeiras que a maioria de seus planos teve que ser abortada.

DEZENOVE

UMA FRAQUEZA DE FAMÍLIA

A política não é a arte do possível. Consiste em escolher entre o desastroso e o intragável.

—J.K. GALBRAITH, 1908-2006

Hamshari e Onassis se deram bem no nível pessoal, mas o palestino só queria saber de negócios. O ramo do terrorismo era o ideal para ele naquele momento. O pessoal de Arafat ainda estava se recuperando lentamente da derrota na Guerra dos Seis Dias. A Fatah era faccional, indisciplinada, confusa e perfeita para alguém como ele, de olho numa boa oportunidade. Entretanto, as exigências de Hamshari eram o menor dos problemas de Onassis naquele momento.

Os contratos do Omega continuavam sem assinaturas, e rumores de que Papadopoulos transferiria o apoio da junta para Niarchos se proliferavam em Atenas. Também não havia muito consolo na vida privada de Onassis: o caso de Tina com Niarchos; a recusa de Alexander a desistir de Fiona Thyssen, uma mulher com a qual o próprio Onassis estava mais do que um pouco encantado; a relutância teimosa de Jackie em marcar a data do casamento, enquanto continuava a ser vista com uma série de homens atraentes, incluindo Roswell Gilpatric, David Harlech, o fotógrafo Peter Beard e o arquiteto Carl Warnecke — tudo isso aumentava a pressão sobre ele.

“Embora Ari pretendesse se casar com Jackie, o fato de que Tina estava dormindo com Stavros o incomodava tremendamente”, disse

Sir John Russell, que também achava que o ego sexual estava no cerne de sua objeção ao romance de Fiona Thyssen com Alexander.¹

Fiona também tinha consciência disso. “Não era porque eu tinha dezesseis anos a mais que seu filho. Não tinha nada a ver com o fato de que eu não era uma herdeira grega dos transportes. O problema era que, pela primeira vez na vida de Ari, Alexander tinha algo que ele queria — e Ari sabia que nunca poderia ter”, revelou-me ela. Assim como tinha dignidade demais para se incomodar com as mentiras de Tina, tinha também classe demais para ser seduzida pela riqueza de Onassis. Mas seu romance com Alexander a entristecia tanto quando enfurecia Onassis, porque, embora o relacionamento não se adequasse à imagem que Fiona tinha de si mesma, ou ao que ela queria para sua vida, quanto mais ela tentava ir embora, mais determinado Alexander ficava a não deixá-la ir. E, quanto mais a batalha de vontades se prolongava, mais difícil se tornava negar seu amor por ele. “Eu gostava de ser necessária. Gostava de ensinar Alexander a pensar e enfrentar a tirania de seu pai”, admitiu.²

Presença calma e sã em meio à confusão emocional da família Onassis, Thyssen assistia com satisfação à percepção de Alexander sobre seu pai começando a mudar lentamente. “Nesse nível, eu sabia que representava uma ameaça para Ari”, disse-me ela.³

Logo depois de uma briga particularmente feia com Alexander, Onassis almoçou com Nigel Neilson no Savoy Hotel, em Londres. Neilson havia sido apresentado a Onassis por Sir Winston Churchill, um velho amigo de seu pai. Herói de guerra que recebera a Cruz Militar britânica por bravura, bem como a Légion d’Honneur e a Croix de Guerre (avec Palme) por sua coragem na luta com o SAS francês depois do desembarque dos Aliados, Neilson estava com Onassis desde 1953 e era seu confidente, bem como seu relações-públicas. Onassis lhe contou que Alexander o estava pressionando a comprar um helicóptero para substituir o Piaggio, que era o principal

veículo da empresa de táxi aéreo da Olympic Aviation que atendia às ilhas gregas.

“Ari sabia que o anfíbio estava chegando ao fim de sua vida comercial, mas suspeitava de que era ideia de Fiona substituí-lo por um helicóptero. Era só disso que ele precisava para discordar. Naquela época, você não podia mencionar o nome de Fiona sem que ele ficasse colérico”, disse Neilson, que considerava isso um assunto de família no qual não queria se envolver e esperava que o ódio de Onassis por Fiona passasse com o tempo.

“Ele queria mandar quebrarem-lhe as pernas, arruinarem sua aparência, esmagarem seu rosto. Ele podia manifestar as características mais antissociais quando tinha um de seus ataques”, relatou-me Neilson. Mas até mesmo o fleumático Neilson ficava “momentaneamente nervoso” com a crueldade do discurso de Onassis contra a amante de seu filho.⁴

* * *

Enquanto isso, em Atenas, não apenas os coronéis brigavam entre si pelos espólios de seu golpe de Estado, como a chegada tardia de Niarchos ao mercado dera uma aparência ainda mais clara de avareza e expectativa aos seus olhos militares afiados. Agindo às pressas para recuperar o tempo perdido, Niarchos se apegara ao coronel Makarezos, vice de Papadopoulos, seu ambicioso rival e o mais duro crítico do Omega na junta.

Atuando à sua maneira — subornando aqueles que se metiam em seu caminho, de burocratas a reis do deserto; negociando com aqueles que não podia subornar de maneiras que não suscitassem investigações —, nada jamais era simples para Onassis. A intriga e a corrupção eram condições de cada grande negócio que ele já fizera. E, embora ainda contasse com algum apoio dos coronéis, ele sabia que Niarchos estava ganhando terreno rapidamente. Alguns

comentários de seu ex-cunhado deixavam claro também que ele sabia muitos segredos do Omega.

Os temores de Onassis eram compreensíveis. Quase nada dera certo com o Omega, e havia um crescente mal-estar com o projeto na equipe que o desenvolvia. “Financeiramente, Ari estava na posição mais vulnerável possível”, admitiu Georgakis.

* * *

Por causa dos relacionamentos próximos, quase incestuosos, que caracterizavam a alta sociedade nos anos 1960, Tina Blandford — uma grega que estudava na Inglaterra, fora criada nos Estados Unidos e na época era casada com um aristocrata inglês — tinha por Fiona Thyssen — uma escocesa orgulhosa e independente, ex-mulher de um bilionário alemão — um profundo sentimento de rivalidade fraterna.

Não era, portanto, uma preocupação maternal que impelia Tina a buscar o rompimento do caso de Alexander com Fiona, mas sim o ciúme. O fato de uma mulher apenas três anos mais nova que ela — uma mulher que já namorara, disputara e possivelmente dormira com os mesmos homens do meio minúsculo em que elas circulavam — ser a amante de seu filho era uma afronta intolerável ao seu *amour propre*.

Mas o que Tina fez em seguida teria consequências que ela nunca poderia ter imaginado. Conforme Georgakis contou, ela ligou para Onassis em Paris e lhe disse que Niarchos estava pagando “enormes quantias” a Fiona para ela dormir com Alexander e descobrir os segredos do Omega.⁵

Onassis sabia que Tina tinha imaginação fértil e o talento de um Livanos para intrigas. Mas dessa vez acreditou nela, provavelmente porque sabia que ela estava dormindo com Niarchos e estaria muito bem informada sobre esses assuntos, mas também porque era nisso que ele queria acreditar.

Pois isso finalmente explicava por que Fiona Thyssen parecia preferir Alexander a ele!

* * *

“Tina era uma vadia”, debocha Miltiadis Yiannakopoulos, ex-chefe da segurança de Onassis, que ficava intrigado com a consideração de Onassis pela ex-esposa.⁶ Onassis não podia ter ilusão alguma sobre a lealdade de Tina, e talvez até tenha incentivado suas infidelidades, porque isso fora motivo de entusiasmo durante o casamento deles. (O escritor inglês Alan Brien relembrou um episódio ocorrido quando era hóspede na casa de Onassis no sul da França, nos anos 1950. Sem conseguir dormir, ele saiu em busca de um livro para ler e ouviu Onassis gritando com Tina: “*Sua vadia! Sua vadia!*” A porta da suíte deles estava entreaberta; Brian viu sombras de “um homem batendo e uma mulher se protegendo”. No momento em que decidiu intervir, “eles começaram a se beijar apaixonadamente e se retiraram para o quarto, obviamente para trepar”.⁷

Mas, se Onassis dera a Tina um gosto pela traição, bem como um pouco de masoquismo em suas relações sexuais, parece ter valido a pena. Logo depois de ela alegar que Fiona estava trabalhando para seu amante, Niarchos, não havia um escritório, casa, local de encontros amorosos, iate ou carro de Niarchos onde Onassis não tivesse posto uma escuta eletrônica, tampouco um telefone dele que não estivesse grampeado.⁸ “Se soubéssemos que Niarchos estava à procura de uma nova empregada, ela era nossa antes de chegar”, revelou Yiannakopoulos a um repórter. “Não custaria muito, mas seria uma quantia com a qual ela nunca teria sonhado.”⁹

Onassis chamou o filho a Paris, confrontou-o com as acusações da mãe e ordenou que ele deixasse Fiona — “ou então eu vou me livrar dela para você”, gritou.¹⁰

O grito de despedida do pai preocupou Alexander. “O velho nunca faz ameaças em vão”, disse o rapaz a Fiona, pedindo que ela tomasse cuidado especial quando ele estivesse fora. (Embora passassem todos os fins de semana juntos, eles nunca moraram juntos; ele trabalhava em Monte Carlo e ela mantinha sua casa em Morges, perto de Lausanne.)

“Eu sabia que Ari era uma pessoa extremamente perigosa; nada o impedia de conseguir o que queria. Havia algo horrível no ar. As pessoas hesitavam em chamar isso de diabólico, mas é o que era, algo bastante diabólico”, diria Fiona Tyssen mais tarde.¹¹

* * *

Em Paris, Onassis continuava a lidar pessoalmente com Mahmoud Hamshari. Eles se encontravam na avenue Foch e às vezes num café na Place de la Sorbonne, uma pracinha cercada de cafés e livrarias, perto de uma entrada lateral da Sorbonne. Quando os encontros eram no café, Meyer esperava num bar do outro lado da praça até que Onassis fizesse sinal para ele trazer o carro.

Um dos motivos pelos quais as conversas se prolongavam era que às vezes Hamshari simplesmente desaparecia. O fato de que estava passando algum tempo em Los Angeles tornou-se aparente apenas quando ele reclamou que a neblina da cidade atacava seriamente sua sinusite, causando dores de cabeça terríveis. Karr o encaminhou a um médico que conhecia em Los Angeles chamado William Joseph Bryan Jr.

Bryan, que Karr conhecera em seus tempos de produtor da Metro-Goldwyn-Mayer, tinha um consultório médico e de hipnoterapia chamado American Institute of Hypnosis, no Sunset Boulevard. Com a hipnose, ele conseguira tratar a dependência química de drogas e álcool de muitas estrelas de Hollywood. Durante as filmagens de *O homem com a morte nos olhos*, Karr levava Aldo Ray ao seu consultório para livrar o ator das bebidas. Bryan também havia sido

consultor técnico nas filmagens de *Sob o domínio do mal*, um clássico de suspense da Guerra Fria, de Richard Condon.

Karr deu a Hamshari o telefone de Bryan e não pensou mais no assunto.

* * *

O dia 16 de março era um sábado, e Onassis conversava com Karr e Meyer no bar do hotel Georges V, em Paris, quando eles ouviram a notícia de que Bobby Kennedy anunciara sua candidatura à presidência. A ideia de outro Kennedy na Casa Branca preocupava Onassis muito mais do que uma possível vitória de Nixon. “Se Bob vencer”, afirmou, “vai querer destruir os coronéis só para me foder.”¹²

Ele estava bebendo desde a hora do almoço e não podia estar completamente sóbrio quando, mais tarde, naquela noite, telefonou para Jackie no México e lhe disse que queria antecipar a data do casamento.¹

Embora Jackie provavelmente não gostasse mais de Onassis do que de seus vários outros amantes na época, a ferocidade pura de sua ambição a excitava de uma maneira que o amor por si só provavelmente não conseguiria. Se ela sentia algum amor — exceto o que nutria por seus filhos —, era pelo dinheiro. Ansiava pelo estilo de vida que Onassis lhe ofereceria e pela segurança que prometia. Ele era um homem mais velho, e ela adorava homens mais velhos. Além disso, ele possuía um dos fluxos de caixa livres de impostos mais impressionantes dos anais da plutocracia, e Jackie amava isso mais do que tudo.

“Na verdade, ela estava muito mais entusiasmada com a ideia (do casamento) do que Ari”, disse Lilly Lawrence, filha do dr. Reza Fallah, presidente do Sindicato do Petróleo iraniano, e uma das poucas pessoas a quem Onassis confidenciou que planejava se casar com

Jackie. “A sra. Kennedy teria feito qualquer coisa para não perdê-lo.”¹³

Entretanto, Onassis estava irremediavelmente maculado aos olhos dos americanos, e o casamento incomodaria muita gente. Em novembro, a morte de John Kennedy faria cinco anos. Também em novembro, havia uma perspectiva real de que outro Kennedy estivesse na Casa Branca para suavizar a prolongada sensação de perda nacional, e provavelmente não haveria momento melhor do que aquele para ela tirar seu manto de Viúva Sagrada.

Mas primeiro Jackie precisava dar a notícia ao próprio Bobby, e sua apreensão não era infundada. Ainda seu amante ocasional (do qual ela continuava a receber proveitosos 50 mil dólares por ano), cunhado e — desde o derrame de Joseph Kennedy quatro anos antes — chefe do clã dos Kennedy, Bobby não era um homem que ela gostaria de contrariar.

Entretanto, ela agora estava com 38 anos. Num piscar de olhos, estaria à beira da meia-idade. “Psicologicamente, será difícil para Jackie ver Ethel na Casa Branca como outra sra. Kennedy”, disse o escritor francês Paul Mathias, amigo da família Kennedy. “O que ela será, então? A rainha-mãe?”¹⁴ A pergunta estava no cerne do dilema de Jackie. Durante cinco anos, sua viuvez havia sido o assunto central de sua vida. Encarnação da tristeza da nação, ela desempenhara perfeitamente seu papel de Viúva Sagrada (exceto pelo incidente da biografia autorizada de Manchester). Tivera amantes — mais do que qualquer um jamais suspeitou —, mas, à possível exceção de Bobby, nunca se apaixonara.

“Quando a morte põe fim a um relacionamento querido, com frequência cria outro ainda mais terno”, escrevera ela a Onassis numa tentativa anterior de explicar por que sempre se dedicara a Bobby. Ele sempre seria mais do que o irmão de seu marido. Houve um tempo, escreveu ela com franqueza comovente, mas bastante econômica, em que “Bobby era mais para mim do que a própria vida”.^{II}

A verdade era que Bobby ainda exercia um poder extraordinário sobre ela. Somente ele poderia tê-la convencido a “vestir minha roupa de luto, ir até o escritório de LBJ e pedir coisas tremendas”, revelara a um amigo.¹⁵ Ela poria sua “mão no fogo por ele”, disse Jackie.¹⁶ Sabia que ele não deixaria que sua viuvez carismática — a maior arma política que ele tinha — lhe escapasse pelos dedos no momento em que ele mais precisava.

Mas, enquanto Jackie se lamuriava e protelava, Onassis tomou a iniciativa. Convocou David Karr.

* * *

Karr escreveu ao presidente Lyndon Johnson em 26 de março e lhe informou que faria uma de suas “raras viagens de volta para casa” e ficaria hospedado com velhos amigos, Drew e Luvie Pearson. “Se o senhor puder dispor de alguns momentos, gostaria de passar por aí e lhe fazer uma visita. Como o senhor talvez saiba, tenho ido muito bem trabalhando no ramo de bancos de investimentos. Talvez eu possa acrescentar uma nota positiva em seu vasto fundo de conhecimentos sobre nossos problemas recorrentes na área de finanças internacionais.”¹⁷

Johnson concordou em se encontrar com Karr e Drew Pearson em 13 de abril.

Antes de Karr sair de Paris, Onassis lhe ofereceu uma pequena festa no hotel Trémouille. Entre os convidados estava o lúgubre Paul Bougenaux (que sorria apenas em funerais, de acordo com um de seus gerentes), Johnny Meyer, eu e algumas garotas de madame Claude.

Foi nessa reunião que Onassis fez a mim seu hoje famoso comentário sobre Jackie precisar de “um pequeno escândalo para se animar. Um pecadilho, uma indiscrição”.

O mundo, disse ele, adorava uma grandeza decadente.¹⁸

* * *

De acordo com o registro da Casa Branca, David Karr e Drew Pearson entraram no Salão Oval às 13h56 de quarta-feira, 3 de abril, e ficaram ali durante cinquenta minutos. Nenhuma anotação foi feita sobre esse encontro confidencial. Mas, o que quer que Karr tenha dito a Lyndon Johnson naquele dia, foi importante o bastante para detê-lo por quase uma hora num dos dias mais longos e críticos de sua presidência.^{III}

No auge da Guerra Fria, as revelações sobre o Omega e os planos de Onassis de comprar petróleo bruto dos soviéticos, bem como o fato de que ele estava negociando com terroristas palestinos para salvar sua empresa aérea, certamente teriam prendido a atenção do presidente. Mas Karr teria optado por deixar sua fofoca mais saborosa, e o principal objetivo de sua visita — por “deixar o gato sair do saco em meio aos pombos”, nas palavras de Costa Gratsos —, para o último momento:

Aristóteles Onassis e Jackie Kennedy iriam se casar.

Aquilo teria sido um prato cheio para Johnson. Três dias antes, ele anunciara que não disputaria outro mandato, e ainda estava enfurecido pela calúnia promovida pelo grupo de Kennedy de que o desafio de Bobby o fizera recuar para o rancho.

Provavelmente nunca saberemos quando Johnson planejava jogar sua carta. Mas, logo depois da visita de Karr ao Salão Oval, Eugene McCarthy se encontrou com ele e, quando tocou no assunto da corrida presidencial de Bobby, “o presidente não disse nada: em vez disso, passou um dedo pelo pescoço, em silêncio, como se estivesse cortando a garganta”.¹⁹

* * *

Não fazia sentido que Jackie continuasse fingindo ser uma viúva dedicada pelo resto da vida. Mas seu senso de classe, que fizera John Kennedy parecer tão bom aos olhos do público, não valeria um centavo para Bobby se ela já não pudesse ser apresentada como a viúva de seu irmão, e sim apenas como a sra. Aristóteles Sócrates Onassis, esposa do escroque que o próprio Bobby banira dos Estados Unidos quando era procurador-geral.

Entretanto, Jackie e Bobby haviam tido tempo para refletir e conseguiram conversar com calma quando, por fim, se encontraram no apartamento dela em Nova York para discutir a situação. Embora tenha ficado estarecido com a avaliação dela, Bobby não podia se permitir perder a paciência com a mulher que criara a lenda de Camelot, o mito no qual agora se baseava grande parte de suas esperanças. Então, em vez de ficar com raiva, ele foi afetuoso e conciliatório; em vez de galanteá-la, foi astuto e prático. O casamento não era necessariamente iminente, disse ela, mas era uma forte possibilidade em sua cabeça. Ela não amava Onassis, o amor não fazia parte daquilo, porém cada um dos dois tinha algo de que o outro necessitava. E, depois de cinco anos de viuvez, ela precisava decidir o que fazer com o resto de sua vida.

Ainda sem saber da bomba-relógio escondida na parte do cérebro de Lyndon Johnson em que ele armazenava pendências e rancores, Bobby pediu que ela entendesse o constrangimento que aquilo causaria se a notícia do romance vazasse no meio de sua campanha. “Pelo amor de Deus, Jackie, isso poderia me custar cinco estados”, disse a ela. E, fazendo alusão ao romance anterior de Onassis com Lee, acrescentou: “Suponho que isso seja uma fraqueza de família.”²⁰

Mas o que ele queria que ela fizesse?

Se ela concordasse em não fazer nada que prejudicasse sua mensagem política, ele prometia que tentaria se adaptar à ideia do “grego” após a eleição. Especialista em doutrina Kennedy — qualquer que seja o objetivo do momento, tudo tem que servir a ele

—, Jackie sabia que aquela era a melhor proposta que conseguiria obter e concordou em suspender seu afastamento da vida pública para fazer campanha para ele. Prometeu também esperar novembro passar antes de fazer qualquer anúncio público sobre seu futuro.

Naquela noite, ela informou a proposta de Bobby a Onassis em Paris. Conforme Georgakis se lembrou, “Ari sabia que Kennedy estava enrolando os dois. Sabia que em novembro Bobby teria todas as cartas. ‘Ele vai me descartar do baralho quando estiver na Casa Branca’, disse”.²¹

Johnny Meyer discordou. Ele acreditava que Jackie deixaria de ter utilidade para Bobby em novembro. “Bobby não se importará nem um pouco com o que ela fizer depois que os votos forem contados”, afirmou ele mais tarde a Brian Wells.²²

Onassis sempre conseguira o que quisera na vida e, pela primeira vez, deparava-se com um homem mais jovem que era tão implacável quanto ele. Bobby o via como “o idiota rico avançando sobre a viúva de seu irmão”, conforme ele definiu o problema de forma bruta, mas precisa.²³

Meyer se manteve firme. Em novembro — quer Bobby ganhasse ou perdesse, quer Bobby gostasse ou não —, Jackie seria uma mulher livre e capaz de fazer suas próprias escolhas.

E em novembro, falou Onassis com ódio, Bobby ainda seria “o mesmo filho da puta pelo qual ela disse que poria sua mão no fogo”.²⁴

* * *

Nesse meio-tempo, Jackie revelou a Onassis temer que a sorte de Bobby estivesse acabando. Onassis achou que ela queria dizer que ele talvez não conseguisse a indicação do partido democrata para disputar a presidência. “Ele disse: ‘Ela não sabe o que está falando’”,

afirmou Georgakis, recordando a atitude de Onassis. "Ari achava que só Deus poderia impedir Bobby."²⁵

Entretanto, à medida que a campanha de Bobby prosseguia, Jackie começou a manifestar suas dúvidas mais abertamente e com mais veemência. Num jantar em Nova York, ela comentou com Arthur Schlesinger: "Você sabe o que eu acho que vai acontecer com Bobby? O mesmo que aconteceu com Jack (...) Há tanto ódio nesse país, e mais pessoas odeiam Bobby do que odiavam Jack (...) Falei isso a Bobby, mas ele não é fatalista como eu."²⁶

I Onassis informou ao autor que telefonou para Jackie logo depois de saber que Bobby anunciara sua candidatura, mas Jack Newfield (*Robert Kennedy: A Memoir*, Nova York: E. P. Dutton, 1969, p. 229) alega que, quando Bobby desfilou na Parada do Dia de São Patrício, em Nova York, naquela mesma tarde, Jackie mandou um beijo para ele de uma janela aberta.

II Ninguém jamais saberá quantas cartas Jackie escreveu para Onassis entre 1963 e a morte dele, em 1975. De acordo com Artemis, irmã dele que leu para o autor o trecho aqui citado, foram "muitas (...) centenas". Algumas, afirmou ela, continham não mais do que poucas linhas de afeição, pensamentos particulares ou simplesmente detalhes sobre assuntos domésticos. Acredita-se que Christina tenha destruído todas elas logo depois da morte de seu pai, em 1975.

III Mais cedo, naquela manhã, onze meses depois de LBJ intensificar a Guerra do Vietnã, a rádio Hanói anunciara: "Hanói está pronta para o diálogo." A notícia precipitou uma série de reuniões e conferências com os assessores mais importantes de Lyndon Johnson, que prosseguiram ininterruptamente pelo resto do dia e da noite. De acordo com a agenda da Casa Branca, o primeiro encontro do presidente foi às 8h e a última reunião só terminou às 0h45. Às 23h09, sua filha Lucy telefonou "perguntando a seu pai se ele queria que lhe mandassem o jantar". Ele recusou.

VINTE

PEÇAS FALTANDO

Quem é o culpado? Aquele que encomenda o trabalho
ou aquele que o executa?

—FRIEDRICH DURRENMATT (*JUSTIÇA*), 1921-1990

No fim de março de 1968, numa manhã de sol fraco de primavera, Johnny Meyer acompanhou Onassis ao café na Place de la Sorbonne para mais um encontro com Mahmoud Hamshari. Em seguida, atravessou a praça para se sentar a uma mesa do lado de fora de um bar e esperar. Sua exclusão da conversa magoou profundamente o homem que gostava de chamar a si próprio de Falstaff de Onassis. Mas Hamshari cultivara um distanciamento que o incomodava. Meyer suspeitava que Hamshari não confiava nele por achar que era judeu, o que ele negava ser.¹

Acomodando-se para mais uma longa espera, Meyer abriu um exemplar do *New York Herald-Tribune* e começou a marcar notícias que lhe interessavam ou que diziam respeito a conhecidos seus. Mais tarde, recortaria aquelas que achava que interessariam a Onassis e as entregaria, com comentários anotados nas margens. Sentar-se num café ao ar livre, ao sol primaveril de Paris, era uma maneira nada ruim de ganhar a vida, e toda manhã ele agradecia a Deus por conduzi-lo a um trabalho tão gratificante. Mas naquela manhã ele estava inquieto. Desde o momento em que conhecera Hamshari no bar do Plaza-Athenée, em janeiro, a ideia de deixar o trabalho lhe passava pela cabeça. Ele era um homem rico, não talvez para os padrões de Onassis, mas já tivera sucesso no Wyoming e

transformara um investimento de 35 mil dólares em 1 milhão. Tinha uma propriedade em Nova York, uma casa e uma esposa atraente na Flórida, além de um apartamento e uma amante em Paris. E, em dias como aquele, a tentação de jogar tudo para o alto era quase irresistível. Conhecera muita gente desagradável quando trabalhara para Howard Hughes, mas nunca conhecera alguém de quem desconfiasse mais do que Hamshari, diria ele mais tarde a Ernie Anderson, seu velho amigo de Hollywood e vizinho em Palm Beach.

“Johnny estava chateadíssimo com a maneira como Dave Karr o induzira a apresentar o sujeito árabe [Hamshari] a Ari, para depois acabar sendo excluído. Aquilo feriu seu orgulho”, disse Anderson, que, assim como Meyer, tinha uma fama lendária como relações-públicas cínico.¹

Mas, além das naturezas conspiratórias de Onassis e Hamshari — cuja vida, assim como a de Ari, era cheia de lacunas —, havia um motivo muito bom para Meyer ser deixado de fora. Além de, por temperamento, terem atração por tramas, muitas vezes palestinos e gregos são grandes jogadores; e, quando os dois homens se encontraram no café da Place de la Sorbonne naquela manhã — pretensamente para discutir a chantagem de um com o outro —, um limite foi cruzado. Eles iniciaram o que deve ter sido o jogo de suas vidas.

Eles continuaram suas discussões a portas fechadas na avenue Foch. Passaram a tarde e a noite conversando, até as primeiras horas da manhã seguinte. Meyer sempre admirara a maneira como Onassis conseguia esticar e confundir um negócio em proveito próprio. “Ari conseguia foder com um cortejo fúnebre de dois carros se fosse para obter uma vantagem”, disse ele.² Mas sua experiência lhe dizia que chantagem não era assunto para debates intermináveis, e ele não conseguia entender por que a conversa se arrastara por tanto tempo.

* * *

Aqui precisamos retroceder algumas semanas, até um ataque israelense a um campo de guerrilheiros em Karameh, na Jordânia, onde os palestinos haviam forçado uma retirada israelense, mesmo estando em menor contingente e mal equipados. Como isso foi considerado uma vitória heroica, choveu dinheiro vindo de simpatizantes palestinos de todo o mundo em tamanha velocidade que foi preciso recrutar um batalhão de caixas de banco para contá-lo. De repente, a guerra se tornara um grande negócio; o retrato de Arafat apareceu na capa da *Time*; cinco mil voluntários incharam as fileiras da Fatah.

Viajando entre Paris e Los Angeles sob vários codinomes,^{II} Hamshari aparentemente foi deixado de lado na organização, e sua missão, um espetáculo secundário esquecido em comparação aos verdadeiros negócios em Damasco. Entretanto, ele estava aproveitando a autonomia que recebera do chefe da inteligência da Fatah, Abu Iyad — logo depois de sua proposta em junho de que a Fatah “matasse um americano importante em solo americano” —, para realizar a primeira operação ocidental secreta do grupo. E, adaptado à boa vida do Ocidente, ele parecia não ter pressa alguma de retornar a Damasco.

Provavelmente jamais venhamos a saber, até que os arquivos da Fatah sejam abertos ao público — e talvez nem mesmo assim —, se o que aconteceu em seguida foi uma operação autorizada ou se Hamshari agiu por conta própria (o terrorismo sempre será uma caixinha de surpresas cheia de oportunidades para quem é esperto ou ousado o bastante para aproveitá-las). Porém, os detalhes circunstanciais e os fatos conhecidos provam, acima de quase qualquer dúvida, que ele estabeleceu uma parceria com Onassis para executar sua proposta — apresentada e aparentemente desconsiderada na reunião da Fatah em Damasco, em meio ao choque que se seguiu à Guerra dos Seis Dias — de assassinar um americano importante em solo americano.

Agora, Hamshari dera nome a seu alvo:

Robert F. Kennedy.

Alguns poderão considerar a aparente surpresa e raiva dos líderes da Fatah — e a represália que eles fariam a Hamshari ao saberem mais tarde da dimensão de seu golpe e quanto Onassis lhe pagara por seus serviços — uma resposta cínica de colaboradores dispostos a anular uma testemunha de sua cumplicidade. Mas não há prova alguma para pensar isso; conforme descobriremos, muito pelo contrário.

* * *

A revolta estudantil de maio de 1968 em Paris estava se aproximando, e havia certa inquietação no ar. “É por isso que eu amo tanto Paris”, disse Onassis a Meyer quando eles passaram pela tropa de choque da polícia de prontidão em vans estacionadas numa rua lateral, preparada para interromper uma passeata dos estudantes contra a guerra no Vietnã. “Os franceses entendem que um pouco de violência aplicada no momento certo pode resolver um bocado de problemas.”³

Surpreendentemente, ninguém ainda contara ao diretor executivo da Olympic Airways, Yannis Georgakis, sobre a ameaça de Hamshari à empresa. Na verdade, a primeira vez que Georgakis ouviu o nome do palestino foi de um amigo na embaixada israelense, que também lhe informou que Hamshari estava sendo vigiado pelo Mossad desde que chegara a Paris e que ele vinha se encontrando com Onassis.^{III} “Eu disse: ‘Ari está nos negócios de petróleo, ele encontra muitos árabes’”, relataria Georgakis mais tarde, lembrando a conversa. “Meu amigo israelense falou: ‘Esse árabe não é um homem do petróleo. É um terrorista palestino muito importante. Um sujeito bastante perigoso.’”⁴

Embora com raiva por não ter sido informado, Georgakis contou que não era nem um pouco fora do comum que Onassis estivesse se

encontrando com um palestino — mesmo que fosse um terrorista. Sua simpatia pelos palestinos era compreensível: eles haviam sido expulsos de sua terra natal, assim como Onassis e sua família haviam sido expulsos de Esmirna em 1922. Georgakis disse ao homem da embaixada que Hamshari provavelmente havia solicitado fundos a Onassis, e o assunto morreu.

Entretanto, a explicação de Georgakis foi como uma reação automática de um advogado de defesa alegando que a acusação não tinha bases. Na verdade, ele ficou profundamente preocupado com a história do israelense e, embora ainda não tivesse motivo algum para associar os encontros entre Hamshari e Onassis à empresa aérea, sentiu, assim como Meyer, um mal-estar por ter sido excluído.

Onassis tinha uma incapacidade quase congênita de fazer qualquer coisa de um jeito simples, quando havia uma maneira tortuosa de fazê-la. Georgakis afirmou que, na primavera de 1968, o no 88 da avenue Foch estava começando a parecer “um tribunal balcânico do século passado (...) espionagens, intrigas e acusações” eram abundantes, disse ele ao repórter americano L.J. Davis.⁵ Isso era um exagero, provavelmente fomentado por suas descobertas posteriores sobre o que estava sendo tramado por Onassis e Hamshari na época.

Foi nessa atmosfera que ele tomou sua decisão extraordinária de não advertir Onassis sobre o interesse dos israelenses em Hamshari e sobre o fato de que ele era um terrorista.

* * *

Mais ou menos uma semana depois de Georgakis se encontrar com seu contato israelense em Paris, Onassis o levou para almoçar no Hotel Grande Bretagne, em Atenas, onde finalmente lhe contou sobre a ameaça do palestino de explodir um avião da Olympic. Mas Georgakis não precisava se preocupar porque ele próprio cuidara do

problema, garantiu Onassis. Porém, precisava de 200 mil dólares, em espécie, dos cofres da Olympic para pagar “a primeira parcela” do dinheiro de proteção.⁶ Pagamentos futuros seriam feitos “por fora”, por meio de suas corporações no Panamá, assegurou ele ao perplexo Georgakis.

Informalidades como essa eram aceitáveis nos anos 1950, quando Onassis dirigia a companhia aérea “entre drinques no Maxim’s”⁷ e seu cunhado — o bom médico Theodore Garofalides —, que era o presidente da empresa, lidava com o fundo de caixa com a mesma liberdade com que distribuía suas receitas. Mas Georgakis gostava de fazer as coisas conforme as regras; fora contratado para resolver as dificuldades administrativas e pôr a empresa nos trilhos, e não estava disposto, disse a Onassis, a presidir uma empresa conduzida de modo “*per incuriam*”.⁸

De acordo com Onassis, Hamshari queria 1,2 milhão de dólares para garantir a segurança da empresa aérea.^{IV} Embora Georgakis não soubesse na época, esse valor era mais de três vezes superior àquele que Hamshari pedira no encontro com Gratsos na avenue Foch dois meses antes. “Eu disse: ‘Quanto as outras companhias aéreas estão pagando, Ari? Você não acha que deveríamos descobrir?’”, contou mais tarde Georgakis, lembrando a conversa.⁹

Nenhuma das outras empresas aéreas admitiria estar sendo chantageada, afirmou-lhe Onassis — nem poderiam. “Admitir que estamos pagando dinheiro de proteção levantaria questões sobre a segurança da Olympic, e isso seria ruim para os negócios, e é claro que ele tinha razão”, concordou Georgakis. Embora achasse que Onassis havia se comportado mal por não ter lhe confidenciado até então, ele aceitou providenciar os 200 mil dólares iniciais, com a condição de que no futuro tivesse permissão para negociar diretamente com Hamshari.¹⁰

“Ari disse: ‘Para quê? O negócio está feito. Não haverá próxima vez’”, recordou Georgakis, que queria responder que já não confiava

na avaliação de Onassis — ele agora “fazia uma bagunça em tudo” que tocava.¹¹

* * *

Onassis voou para Nova York, onde entregou os 200 mil dólares em dinheiro — dentro de envelopes marrons postos numa sacola de compras da Saks — a seu chofer, Roosevelt S. Zanders, e lhe pediu para levar o dinheiro a um apartamento na United Nations Plaza, na esquina da Primeira Avenida com a rua 49, um endereço popular entre diplomatas da ONU e políticos.^V

“Eu e o sr. Onassis estávamos juntos havia muito tempo. Levei a primeira sra. Onassis ao hospital quando ela estava esperando Christina”, contou-me Zanders, lembrando com orgulho a confiança que Onassis depositava nele. “Ele me deu uma sacola da Saks. Disse: ‘Sr. Zanders, há 200 mil dólares nesta sacola.^{VI} Não a deixe com o chefe da recepção. Leve-a ao apartamento pessoalmente.’ Ele falou que não me dariam um recibo. ‘Mas sei que posso confiar no senhor.’

“Eu disse: ‘Duzentos mil é um bocado de dinheiro, sr. O. Espero não perdê-los.’ Ele respondeu: ‘Se perder eu mato você!’”¹²

Naquela noite, Joan Thring, amiga de Jackie (e em breve amante de Ari) ofereceu um pequeno jantar para Onassis e Jackie em Nova York. Havia sido ideia de Jackie jantar no apartamento dela. Uma das poucas pessoas de fora das duas famílias que sabiam que Jackie finalmente contara a Bobby e à família que planejava se casar com Ari e ciente da necessidade de discrição, Joan pedira que Jackie fizesse a lista de convidados. Jackie quis apenas mais três pessoas no jantar: sua mãe, Janet Auchincloss, e Bobby e Ethel Kennedy. Lee não foi convidada, o que é compreensível. Mas, se Jackie tinha esperança de que Bobby e Ethel aprendessem a aceitar Onassis — agora que ela concordara com os termos de Bobby para o

casamento —, Joan pensava que não era uma expectativa racional. “É óbvio que ninguém estava satisfeito com o que estava acontecendo”, disse-me ela.¹³

Janet Auchincloss fora uma hábil alpinista social na juventude e provavelmente entendia a determinação de Onassis em se elevar acima dos simples mortais e ocupar uma posição de destaque na história casando-se com a viúva do presidente. E, por mais que desaprovasse Onassis como ser humano, por mais que seu charme lhe desse nos nervos, por outro lado, talvez ela estivesse orgulhosa por sua filha mais velha, pela segunda vez na vida, seguir meticulosamente seu conselho de se casar com o dinheiro. Entretanto, como mãe, Janet não poderia perdoar Onassis por descartar sua caçula, Lee, quando a irmã mais valiosa se tornou disponível, e mal conseguia pronunciar seu nome sem fazer uma careta.^{VII}

Ethel passou a noite num rigor de contenção glacial, e as poucas palavras trocadas entre Bobby e Onassis também não foram mais do que friamente educadas. Bobby sabia o que “o grego” reservava para ele, é claro. Não teria esquecido a resposta de Onassis quando ele tentara impedi-lo de ver Lee Radziwill cinco anos antes: “Bobby, você e Jack trepam com sua rainha do cinema, e eu vou trepar com a minha princesa.”

Havia tanta história entre eles, tanto ódio e vingança acumulados, que nenhum dos dois ousou relaxar.

Joan Thring sentiu pena de Jackie; sentia pena de qualquer pessoa com o azar de se envolver com os Kennedy. “Eles eram todos bastante amedrontadores, assustadores, todos eles, absolutamente implacáveis”, disse ela, horrorizada com “a maneira como eles estavam lutando para manter o controle sobre Jackie”.¹⁴

Mas a causa deles estava perdida.

Os 200 mil dólares em espécie que Roosevelt S. Zanders entregara naquela tarde num apartamento da United Nations Plaza

— pelos quais nenhum recibo foi pedido ou dado — já haviam resolvido o assunto.

I Meyer fazia questão de explicar que seu nome era Meyer, e não Meyers, que é um nome judeu mais comum. No entanto, de acordo com uma cópia autenticada de sua certidão de nascimento do órgão municipal oficial de Fall River, em Massachusetts, ele nasceu em 18 de julho de 1906, filho de William Nathan Meyers, um publicitário de Cleveland, Ohio, e Ella Meyers (nascida Ella L. Holmes).

II De acordo com uma fonte confiável da inteligência da OLP, Hamshari usou pelo menos quatro codinomes e vários disfarces de profissão em Los Angeles e Paris antes de assumir sua identidade mais tarde, quando se tornou o representante palestino oficial na França.

III Embora Georgakis tenha se recusado a dizer o nome de seu contato israelense, provavelmente era Walter Eyton, que ele conhecia havia alguns anos.

IV De acordo com Johnny Meyer, o valor era de 3,2 milhões de dólares. Porém, considerando um exagero de Meyer e a inflação mundial, o valor de Georgakis é o que mantenho. De maneira significativa, porém, nas duas contas aparecem os 200 mil.

V Bobby Kennedy e Truman Capote também tinham apartamentos ali.

VI Sem saber do objetivo secreto, Zanders nunca esqueceu a pequena fortuna que Onassis lhe entregou naquele dia. "Aristóteles Onassis me confiou 200 mil dólares. Talvez eu devesse ter isso em meu epitáfio", disse ele ao autor. Em seu obituário no *New York Times* (25 de maio de 1995), Robert McG. Thomas Jr. relatou: "Ele fez uma entrega de 200 mil dólares em dinheiro para Aristóteles Onassis."

VII Hospedada no Claridge's alguns anos antes, Janet foi informada de que Lee estava visitando Onassis no hotel. Querendo falar com a filha, ela foi até a suíte dele, sendo recebida por Onassis de roupão. "Ela ficou chocada com seus trajes numa hora em que um cavalheiro decente estaria saboreando um martíni antes do almoço", contaria mais tarde um amigo. Ela pediu para falar com a filha. "E quem exatamente é sua filha, se me permite perguntar?" Informado de que era a princesa Radziwill, ele disse: "Neste caso, madame, ela acabou de sair."

VINTE E UM UM ESTOQUE INESGOTÁVEL DE EXCESSOS

Alguém vai tentar matar você.

—ROMAIN GARY PARA ROBERT KENNEDY

Na manhã seguinte, Onassis enviou rosas a Joan Thring, e junto foi um convite para encontrá-lo em seu iate no Caribe quando ele voltasse de Las Vegas, onde tinha uma reunião com o especulador corporativo Kirk Kerkorian. De acordo com David Karr, Kerkorian estava secretamente de olho na Metro-Goldwyn-Mayer e talvez precisasse se livrar às pressas de suas ações da Western Airlines para financiar uma tomada de controle acionário da enferma empresa de cinema. Para Onassis — que havia algum tempo tentava adquirir uma empresa aérea americana para ampliar as rotas da Olympic nos Estados Unidos —, seria uma oportunidade de fazer um excelente negócio.^I

Kerkorian adquiriu a MGM — muitos acreditam que com o apoio de Onassis;^{II} o grego, porém, nunca conseguiu a Western Airlines.^{III} Mas teria ele outro motivo para ir a Las Vegas, uma cidade que detestava — aliás, o desejo de Rainier de transformar Monte Carlo ao estilo Las Vegas havia sido o ponto de partida do desastroso racha entre os dois —, em maio de 1968?

* * *

Por que, por exemplo, ele visitou também William Joseph Bryan Jr., o hipnoterapeuta ao qual Karr enviara Mahmoud Hamshari para tratar suas enxaquecas em Los Angeles?

Rupert Allan soube da reunião dos dois no hotel Riviera, quando Meyer, sem conseguir encontrar Karr em Paris, telefonou-lhe e perguntou se ele tinha o número de Bryan, que não estava na lista telefônica. “Ele pensou que, como Bryan havia tratado de Marilyn (Monroe), talvez eu tivesse seu número”, recordou Allan.¹ Mas Marilyn consultara muitos médicos e Allan não sabia se Bryan tratara dela. Ele conseguiu o número na manhã seguinte com um contato na Fox e ligou para Meyer. “Eu disse: ‘Johnny, você me acorda no meio da noite, é melhor que Ari esteja muito doente.’ Ele respondeu: ‘Ele está com uma insônia séria, Rupert. Isso *me* faz passar noites em claro. Agora faz *você* passar noites em claro. É contagioso como o diabo.’”²

Outra especialidade de Bryan, porém, era o tratamento de disfunção sexual em homens de idade; sua capacidade de executar a apoteose definitiva atraía clientes do mundo inteiro. E, embora Onassis se gabasse de suas proezas sexuais, ele planejava se casar com uma mulher quase trinta anos mais nova, uma mulher em seu auge sexual e — se o testemunho do próprio Onassis era verdade — voraz na cama, e pode ter achado que precisava de toda a ajuda que pudesse obter.

Entretanto, esse episódio provavelmente seria esquecido se Allan não tivesse esbarrado com David Karr no Pierre Hotel, em Nova York, na primavera de 1977, como veremos.

* * *

Com um terno branco amassado que Meyer achou que o deixava parecendo um sorveteiro, Onassis deixou Las Vegas e voltou para Nova York com Johnny Meyer e o ator Cary Grant num jatinho pertencente à empresa de cosméticos Fabergé. Depois de apanhar

Joan Thring, eles continuaram até Miami, onde embarcaram no *Christina* e seguiram para o Caribe.

Os cruzeiros com celebridades faziam vir à tona o melhor de Onassis. Seus convidados ficavam enfeitiçados por seu charme, suas histórias, suas piadas indecentes e suas demonstrações de sabedoria onassisiana: “Eu trato toda mulher como uma amante em potencial (...) Mulheres bonitas não suportam moderação: precisam de um estoque inesgotável de excessos (...) Acordo cada dia de minha vida para conquistar.” Toda noite, um duo de piano e violino tocava serenatas para os convidados enquanto garçons com luvas brancas serviam o jantar, seguido de champanhe e dança no convés à luz de lanternas chinesas. Toda manhã, mais uma ilha os aguardava para uma visita. “Era mágico”, recorda Thring. “Era como se o mundo real não existisse.”³

* * *

No mundo real, porém, os dominós estavam caindo na direção de Bobby. Depois de sua vitória nas primárias em Nebraska, as pesquisas previam mais sucesso para ele no Oregon e na Califórnia.

Entretanto, um mau pressentimento parecia se aprofundar em torno dele. O escritor francês Romain Gary — que cometeria suicídio três anos mais tarde e, como muitos suicidas, tinha uma intuição para mortes iminentes — disse a Bobby, quando eles se encontraram logo depois do assassinato de Martin Luther King, em Memphis: “Alguém vai tentar matar você.” (Ele foi bem mais direto ao falar com Pierre Salinger, assessor de campanha de Bobby: “Seu candidato vai ser morto.”)⁴

Não havia garantia alguma contra assassinatos, respondeu Bobby; ou a sorte está com você ou não está. “Estou bem certo de que haverá um atentado contra minha vida mais cedo ou mais tarde. *Não tanto por motivos políticos...*”⁵ Algum dia, acreditava ele, as

peessoas já não poderiam mencionar “o assassinato de Kennedy” sem especificar a vítima,⁶ e repórteres que cobriam sua campanha tiveram a mesma premonição: ele tinha capacidade para ir até o fim, mas não conseguiria. “O motivo é que alguém vai atirar nele”, disse John Lindsay, da *Newsweek*, a Jimmy Breslin. “Eu sei disso e você sabe disso (...) Esse alguém está só esperando por ele.”⁷

Ninguém sentia isso mais profundamente do que Jackie. Obcecada com a quantidade de violência no mundo, ela se tornara mais pessimista diante do fato de que ninguém parecia sequer se importar. “É claro que as pessoas se sentem culpadas por um momento. Mas elas odeiam se sentir culpadas. Não aguentam por muito tempo. Então elas viram as costas”, dissera ela a Bobby depois de eles voltarem do funeral de Martin Luther King Jr., em abril.⁸

* * *

Na ilha caribenha de St. John, Cary Grant, Johnny Meyer e os outros convidados — à exceção de Joan Thring — deixaram o *Christina* e voaram de volta a Nova York. Jackie chegou na manhã seguinte. Foi recebida a bordo como se estivesse visitando a realeza. “Eu não tinha a menor ideia de que ela vinha. Ela não me dissera uma palavra sobre nos encontrar, nem Ari”, reclamou Joan mais tarde. “Fiquei incomodada porque suspeitei que eu fora levada junto para disfarçar. Havia sempre pequenos barcos passando em torno do *Christina*, e Ari estava apavorado que alguém tirasse uma foto dele sozinho com Jackie. Ele ficava me dizendo: ‘Pelo amor de Deus, fique por perto; não saia de perto dela’. Pensei que provavelmente ele estava com mais medo de que Maria descobrisse do que com o modo como os jornais interpretariam.”⁹

Mas já era tarde demais para impedir que o encontro dos amantes chegasse aos ouvidos de outra parte muitíssimo interessada. E, em 17 de maio, algumas horas depois de Jackie pisar

a bordo do *Christina*, o presidente Johnson finalmente agiu com base na pista de Karr de que a ex-primeira-dama planejava ser a segunda sra. Onassis: enviou um memorando a J. Edgar Hoover pedindo um relatório completo do FBI sobre o futuro noivo.¹⁰

* * *

Jackie permaneceu a bordo do *Christina* durante seis dias e seis noites. Toda tarde, escapulia para a cabine dele para fazer amor e discutir as questões embaraçosas que seu casamento levantaria. Onassis fazia a barba duas, às vezes três vezes por dia (provavelmente porque sua barba era grisalha, o que tornava difícil para ele manter a afirmação de que tinha apenas 62 anos; na verdade, faltavam dois anos para seu septuagésimo aniversário). À noite, Jackie incentivava as lembranças de seu amante, deixava que ele acendesse cigarros para ela e lhe confessava o que gostava e não gostava. “Você se importa que eu tire seus óculos?”, perguntou ela certa noite. “Óculos escuros são muito amedrontadores à noite.”

Jackie e Joan Thring se davam muito bem. “Eu era magra, Jackie estava sempre muito magra; nós duas prendíamos o cabelo para trás”, recordou Joan. “Ari adorava isso. Ele nos chamava de seus dois meninos adoráveis. Ele começou gostando de meninos, é claro. Devíamos parecer um estranho *ménage à trois*.”¹¹

Mas, embora o cruzeiro parecesse ter todos os elementos de um idílio, Jackie e Onassis navegavam em águas seriamente agitadas. Porque, o que quer que Bobby tivesse prometido a Jackie cara a cara, de acordo com Joan — que oferecera o tenso jantar *en famille* em Nova York e conhecia a situação verdadeira —, ele estava garantindo aos outros que “só por cima de seu cadáver ela se casaria com Onassis”.¹²

Entretanto, Joan — uma australiana atraente e franca, na época assistente pessoal de Rudolf Nureyev — sabia que “não havia a

menor chance de Ari deixar uma coisinha como Bobby se meter em seu caminho. Ele e Jackie desapareciam nas tardes — supostamente para discutir minúcias do contrato. Afinal de contas, era um acordo de negócios. Ari conseguiria o que queria, que era voltar para os Estados Unidos em grande estilo, e Jackie conseguiria rios de dinheiro”.¹³

Na noite em que Jackie voltou para Nova York, e em que o *Christina* iniciou sua lenta viagem de retorno à Europa, Onassis e Joan se tornaram amantes. Toda tarde eles faziam amor numa cabine diferente. Cerca de trinta anos mais nova que Onassis, Joan se perguntava de onde ele tirava sua energia. Depois de fazerem amor, ele voltava ao trabalho; mantendo contato por radiotelefone com seu pessoal na Europa, em Nova York e Buenos Aires; falando com os capitães de seus petroleiros no mar e com seus banqueiros em Zurique, no Panamá e nas Antilhas Holandesas, girando, negociando, movendo e escondendo seu dinheiro. Mas no jantar estava sempre disposto, preparado para a noite. A refeição começava invariavelmente com champanhe Cristal e caviar de beluga — uma combinação que ele dizia que o deixava extremamente excitado. Em algumas noites, ficava bêbado; em outras, não importava quanto consumisse, nada parecia afetá-lo.

Depois do jantar, eles se sentavam na popa, em sofás macios, e ouviam gravações de Maria Callas. Era extremamente comovente ouvir a bela voz da mulher que havia sido a dedicada amante de Onassis durante tantos anos através do oceano vazio na vasta escuridão. Mas, depois de cada ária, Onassis tirava o disco da vitrola, quebrava-o solenemente ao meio e jogava os pedaços no mar.

Ocorreu a Joan que aquela era sua maneira de romper com o passado.

Ou talvez ele estivesse enlouquecendo.

Mas, enquanto o *Christina* seguia lentamente de volta à Europa, e a intenção declarada de Onassis de fazer amor com ela em todas as

cabines antes de a viagem acabar era mantida conforme planejado, Joan tinha cada vez mais a impressão de que Onassis estava esperando que alguma coisa acontecesse — e de que ele estava determinado a estar em outro lugar quando ocorresse.

* * *

As primárias na Califórnia haviam sido uma grande vitória para Bobby.

Por volta da meia-noite de 5 de junho de 1968, no Salão Embaixada do Ambassador Hotel, em Los Angeles, ele agradeceu a seus aliados com uma mistura de humor e seriedade. “Somos um grande país, um país altruísta e um país compassivo (...) Acho que podemos pôr fim às divisões dentro dos Estados Unidos, à violência”, disse a eles com uma pungência que ainda era inimaginável.¹⁴

Cercado por um grupo de aliados, funcionários do hotel e jornalistas, com sua esposa, Ethel, poucos metros atrás e com a aclamação ainda soando em seus ouvidos, ele saiu para uma entrevista coletiva no Salão Colonial, do outro lado do hotel. O caminho que eles tomaram — do palco para uma antessala e dali para os corredores de serviço — levou-os diretamente a uma cozinha estreita que seria o lugar de sua execução.

Quando o senador se aproximou, um homem jovem, magro e moreno saiu de trás de um suporte de bandejas. “Kennedy, seu filho da puta”, berrou, enquanto erguia um revólver .22 à altura da cabeça do senador e apertava o gatilho.¹⁵ A primeira bala de ponta oca fatal explodiu no mastoide direito, desintegrando-se dentro do hemisfério direito do cérebro de Kennedy. Outros dois tiros atingiram sua axila direita quando ele caía no chão.¹⁶ O assassino continuou atirando, ferindo outras cinco pessoas enquanto os assessores de Kennedy o empurravam contra um balcão térmico a vapor, onde ele foi mantido até a polícia chegar.

“Fiz isso por meu país”, gritou o agressor.^{IV}

Onassis soube da notícia por volta das dez horas de quarta-feira, 5 de junho de 1968, quando tomava o café da manhã no meio do oceano Atlântico. Bobby não estava morto, mas a coisa parecia feia. Meyer contou-lhe de Nova York.

“Alguém ia dar um jeito naquele canalha mais cedo ou mais tarde”, comentou Onassis.¹⁷ Ele não era hipócrita, e a frieza de sua reação não surpreendeu Meyer. Onassis lhe disse para ligar assim que Kennedy morresse — “como se quisesse saber o resultado do páreo das quatro horas em Santa Anita”, disse Meyer tempos depois.¹⁸

Joan Thring se lembra da impassividade com que Onassis recebeu a notícia. “Ouvir uma coisa daquelas quando você está tão afastado da realidade tornou-a ainda mais chocante para mim. Eu não esperava que Ari ficasse transtornado; eu sabia que a morte de Bobby era muito conveniente para ele; mas sua reação foi (...) foi como se lhe tivessem dito algo que ele já sabia.”¹⁹

Interpretando seu próprio comentário mais tarde, Joan se perguntou se o motivo para a tranquilidade dele diante da notícia era que Jackie estava convencida de que Bobby seria morto. Em sua última noite antes de deixar o *Christina*, ela dissera aos dois que Bobby morreria se não se retirasse da campanha. “Ela foi bastante fatalista em relação a isso. Não falou que *talvez* ele fosse morto, ou que ele *poderia* ser morto. Afirmou que *seria* morto”, recordou Joan.²⁰ Foi mais como uma profecia do que uma premonição.

Onassis e Joan telefonaram para Jackie em Nova York.

“Bobby ainda estava resistindo naquele momento, mas ela falou sobre sua morte e sobre a morte de Jack, e os dois pareciam se fundir em sua mente: Bobby se tornou Jack, Jack era Bobby, ela estava revivendo Dallas e chorando por Bobby em Los Angeles. Estava muito abalada. Parecia que seu país e sua família estavam desmoronando (...) ela estava muito assustada”, recordou Joan.²¹

Onassis telefonou para Meyer, que monitorava as notícias da Califórnia no Pierre Hotel, em Nova York. "Ele não vai sair dessa, Ari", disse-lhe Meyer de novo. "Ligue no minuto em que acontecer", retrucou Onassis.

"Fiquei com a impressão de que ele não queria enviar flores", contou Meyer mais tarde a amigos, com ironia.²²

Quando o secretário de imprensa de Bobby, Frank Mankiewicz, anunciou na Califórnia, nas primeiras horas de 6 de junho, que Bobby estava morto, Onassis ligou para Costa Gratsos. "Ela está livre dos Kennedy. O último vínculo acaba de se romper", disse ele. Ele ainda não demonstrava o menor pesar, nenhum traço de surpresa, simplesmente "uma espécie de satisfação por sua maior dor de cabeça ter sido eliminada", relatou um assistente em Londres, para o qual Onassis também telefonara naquela manhã.

"Ari sempre conseguira o que queria, e pela primeira vez na vida enfrentara um homem jovem que era tão firme, competitivo e determinado quanto ele. E agora esse homem estava morto", afirmou Gratsos, sintetizando a relação dos dois e o significado da morte de Bobby para Ari quando lhe perguntei sobre o assunto enquanto trabalhava em minha biografia de Onassis.

Na noite em que enterraram Bobby à luz de velas ao lado de seu irmão, no cemitério de Arlington, Ari disse a Meyer: "Acho que esse garoto teve tudo, menos sorte." Foi o mais próximo que alguém o ouviu chegar de pronunciar uma palavra de piedade por Kennedy. Ninguém ficou surpreso quando o homem que havia sido hóspede da Casa Branca para o funeral de John F. Kennedy descobriu que seu nome estava distintamente ausente da lista dos convidados para o funeral de Bobby na St. Patrick's Cathedral em 8 de junho. "Naquelas circunstâncias, sua presença teria sido de muito mau gosto", observou mais tarde David Harlech, um dos dez que carregaram o caixão.

Mas talvez a reação mais estranha e enigmática de Onassis à morte de Bobby tenha sido na conversa que ele teve com sua irmã

Artemis algumas semanas depois do assassinato. "Eu perguntei a ele como Jackie estava lidando com a morte de Bobby. Ele respondeu: 'Ela está transtornada. Sente saudade dele; está culpando todo mundo.'" Artemis ficou intrigada quando ele em seguida comparou o luto de Jackie ao tique-taque do "relógio da morte", um som que os machos de algumas aranhas fazem e que supostamente pressagiam uma morte. Esse som, falou ele à irmã, era na verdade para atrair fêmeas. Jackie, segundo ele, sentia falta daquela serenata do relógio da morte. Se isso foi uma tentativa de humor negro, Artemis certamente não entendeu a piada. "Ele era meu irmão, mas era muito complexo; nem sempre eu o entendia", disse-me ela.

* * *

Enquanto isso, no *Christina*, depois de fazerem amor na última cabine, Joan Thring perguntou a Onassis como ele acumulara sua grande fortuna. Ele respondeu: "Tem uma coisa que você precisa entender sobre mim, minha querida: eu sou impiedoso pra cacete."²³

I Segundo Yannis Georgakis, esse era um exemplo perfeito de como Karr atuava. "David sabia que Kerkorian havia feito empréstimos pesados de seu estoque de ações da Western Airlines e ficaria apertado se não conseguisse obter o controle da MGM quando as ações começassem a subir. Ari queria uma empresa aérea americana, e juntá-lo a Kerkorian foi muito inteligente."

II Peter Bart, editor da *Variety*, que na época era um vice-presidente do estúdio, escreveu que Wall Street fervilhava de rumores sobre a fonte do financiamento de Kerkorian: "Foi dinheiro de Onassis, foi dinheiro árabe" (Peter Bart, *Fade Out: The Calamitous Final Days of MGM*, Nova York: Simon & Schuster, 1990, p. 31).

III "O que aconteceu em Las Vegas nunca ficou completamente claro para mim. Ari me falou que tínhamos conseguido a Western. Uma notícia maravilhosa. Poucos dias depois, já não era tão maravilhosa. Em seguida, não era nada maravilhosa: o negócio estava cancelado. Nada jamais era claro quando David

Karr estava envolvido. Ele sempre tinha outras prioridades”, disse Yannis Georgakis.

IV Embora Jesse Unruh, líder da campanha de Kennedy na Califórnia que acompanhou os dois policiais que prenderam Sirhan e estavam levando-o para a Divisão Rampart da polícia de Los Angeles, tenha afirmado inicialmente que essa foi a resposta de Sirhan a uma pergunta sua — Sirhan dera a mesma resposta antes, na cena do crime, de acordo com uma testemunha, o dr. Marcus McBroom, relatada pela United Press e a Associated Press —, os dois policiais negaram ter ouvido Sirhan fazer essa declaração, e Unruh disse mais tarde que não conseguia se lembrar disso. Mas quer Sirhan tenha feito ou não a afirmação em 5 de junho, como observaria mais tarde o cientista político James W. Clarke (*American Assassins: The Darker Side of Politics*, Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1982, p. 78), o registro mostra que ele apresentou a mesma explicação repetidamente nos meses que precederam seu julgamento e durante ele. Além disso, a explicação está implícita nos cadernos que Sirhan mantinha antes do assassinato. O registro, diz Clarke, “também revela que foi feita uma tentativa de apresentar os cadernos de Sirhan anteriores ao assassinato como prova de sua suposta paranoia, e não como uma expressão da ansiedade política racional, do ódio e da preparação para o seu ato, considerando os antecedentes do assassino, seus valores e sua percepção sobre a posição do senador Kennedy em relação à questão árabe-israelense”.

VINTE E DOIS

UM HOMEM COM RANCOR E NADA A PERDER

A mente tem grande influência sobre o corpo,
e as doenças com frequência têm origem ali.

—MICHEL DE MONTAIGNE, 1533-1592

O homenzinho de cabelo preto desgrenhado que foi preso após atirar contra Robert Kennedy parecia estranhamente distante. O escritor George Plimpton, que ajudou na luta para desarmá-lo, ficou espantado com seus olhos “castanho-escuros e imensamente pacíficos”.¹ Outra testemunha lembrou que ele parecia “muito tranquilo”.² Seu distanciamento parecia quase transcendental, como se ele tivesse uma vida interna sem qualquer relação com a histeria à sua volta.

Levado para a divisão de detetives Rampart da polícia de Los Angeles, onde foi registrado como “desconhecido” e acusado de violar a Seção 217 do Código Penal da Califórnia — ataque com a intenção de cometer homicídio —, ele não tinha qualquer identificação, e suas impressões digitais não revelaram qualquer ficha policial no estado da Califórnia. Ele tinha quatro notas de 100 dólares, uma de 5, quatro de 1 e moedas; e trazia um recorte de jornal com uma matéria intitulada “Paradoxical Bob” [Bob contraditório], de David Lawrence, da edição de 26 de maio de 1968 do *Independent Star-News*, de Pasadena, que atacava Kennedy por

sua incoerência ao se opor à Guerra do Vietnã enquanto defendia a ajuda militar a Israel.

O sargento William C. Jordan, comandante do turno da noite que havia prendido o assassino e conferido o inventário de objetos retirados dos bolsos da calça jeans dele,^I também ficou impressionado com sua curiosa serenidade. “Houve uma espécie de histeria coletiva naquela cozinha depois dos disparos. Foi uma situação muito exaltada”, disse Jordan,³ que temeu que o suspeito pudesse ser linchado antes que conseguissem levá-lo para a delegacia.^{II} Mas, de acordo com o resumo de relatório da polícia, o homem permaneceu menos agitado do que “indivíduos detidos por uma infração de trânsito”.⁴ Seu comportamento, junto com sua recusa a falar sobre os disparos, as notas de 100 dólares e seu anonimato aparentemente intencional, convenceu os policiais de que eles estavam lidando com um “matador de aluguel”.⁵

No entanto, ao meio-dia, o revólver Iver Johnson calibre .22 de cano curto usado no atentado revelou à polícia tudo o que seu principal suspeito não contaria. Comprado em agosto de 1965 por um homem idoso, em Alhambra, para proteção pessoal depois dos protestos em Watts, o revólver foi dado à sua filha, que, receosa de guardar uma arma em casa, perto de seus filhos pequenos, deu-a para um vizinho. O vizinho a vendeu a um homem chamado Joe, que trabalhava numa loja de departamentos em Pasadena. Joe vinha a ser o imigrante palestino Munir (“Joe”) Sirhan. Ele e seu irmão Adel Sirhan identificaram o prisioneiro como seu irmão: Sirhan Bishara Sirhan.

* * *

Sirhan nasceu em 1944, numa área de Jerusalém Ocidental que misturava palestinos e judeus.⁶ Aos quatro anos, dias depois da declaração de independência de Israel, sua família fugiu da casa em

que morava para iniciar uma vida de nove anos de exílio num único cômodo, sem mobília, iluminado por uma lamparina de querosene, na antiga parte murada da cidade.⁷ Ele tinha doze anos quando, em 1956, com a ajuda de missionários luteranos e da Relief and Works Agency (UNRWA), órgão da ONU dedicado a assistir refugiados palestinos, sua família se mudou para Pasadena, na Califórnia. Porém, antes do fim do ano, o pai foi para a Jordânia, o que acrescentou uma “sensação de abandono aos sentimentos de isolamento que a família já experimentava num ambiente totalmente novo e estranho”,⁸ escreveu James Clarke em seu excelente livro *American Assassins*. Eles ainda consideravam a Palestina o seu lar: seus amigos, seus interesses, estavam todos na Palestina. Eles continuavam a falar árabe, a ouvir música árabe, a ler jornais árabes e a seguir costumes árabes — tudo na esperança de algum dia voltar para sua terra natal.⁹

Entretanto, Sirhan parecia ter se adaptado bem à vida nos Estados Unidos. Em 1963, concluiu o ensino médio na John Muir High School em 558º lugar, numa turma de 829 alunos.¹⁰ Mas, por dentro, a violência e as injustiças de seu passado o alcançavam. Num livro escolar de história, ele sublinhou um trecho que descrevia o assassinato do presidente McKinley — “Depois de uma semana de sofrimento paciente, o presidente morreu, o terceiro desde a Guerra Civil que foi vítima da bala de um assassino” — e acrescentou na margem: “*Muitos outros virão.*”¹¹

Sirhan tornou-se bem informado sobre assuntos do Oriente Médio, interesse atestado por seu cartão da biblioteca.¹² Seu futuro, acreditava ele, estava lá — não nos Estados Unidos.¹³ Ele participava de encontros da Organização dos Estudantes Árabes, cujos membros evocavam seu forte nacionalismo árabe e seu ódio aos sionistas, que ele considerava piores que os nazistas.¹⁴

Expulso da Pasadena City College depois de apenas quatro semestres,¹⁵ ele conseguiu um emprego como cavaleiro no

hipódromo de Santa Anita. Ambicionava se tornar jóquei e tinha estrutura física para isso — media 1,65 metro e pesava aproximadamente 54 quilos. No verão seguinte, começou a treinar no rancho Graja Vista Del Rio, em Corona, Califórnia. Mas uma queda em pleno galope, numa manhã de neblina em 1966, deixou-o com a visão embaçada, o que pôs fim às suas aspirações. Não muito tempo depois, a Guerra dos Seis Dias deixou claro para ele que seu sonho de um dia voltar para seu país provavelmente também havia acabado. Ele manifestava suas frustrações em discussões políticas cada vez mais intensas. Contudo, mesmo os amigos que haviam visto sua raiva crescer por causa da questão palestina e do apoio dos americanos aos judeus ficaram chocados quando ele assassinou Bobby Kennedy.

* * *

O crime havia sido cometido em público. A culpa de Sirhan nunca foi questionada e, horas depois dos disparos, o prefeito de Los Angeles, Sam Yorty, revelou à imprensa sua identidade, sua origem palestina e o fato de que detetives haviam encontrado em seu quarto, na casa de sua família, cadernos incriminadores com ameaças à vida de Kennedy. “Parece”, disse Yorty aos repórteres, “que Sirhan Sirhan era um tipo solitário [que havia] indicado que RFK precisava ser assassinado antes de 5 de junho de 1968. Era uma anotação de 18 de maio num caderno de espiral.”

A revelação extraordinária de Yorty ainda não dava indicação alguma do conteúdo surpreendente dos cadernos de Sirhan. Numa das páginas, lia-se:

18 de maio 9h45 — 68

*Minha determinação de eliminar R.F.K está se tornando
cada vez mais uma obsessão inabalável...*

R.F.K. tem que morrer — R.F.K. tem que ser morto Robert

único homem. Geralmente, há organizações, não indivíduos, por trás de assassinatos dessa magnitude. Muito dinheiro e preparo haviam sido investidos para que Hamshari se estabelecesse [em Los Angeles e Paris]. Teria sido irônico se outra pessoa tivesse passado à sua frente [e matado um americano importante no país].”

A origem palestina de Sirhan rapidamente se tornou uma questão, e suspeitas recaíram sobre a Fatah. Na opinião editorial da revista *Life*, Sirhan “parecia formado nos moldes clássicos do assassino político — pequeno, orgulhoso, educado, reprimido e imbuído de um sentimento secreto, quase religioso com sua causa: o nacionalismo árabe”.

Bob Kaiser, repórter e colaborador do *Arizona Republic*, além de correspondente da revista *Time* em Roma, atuou como investigador para a equipe de defesa de Sirhan. Mais tarde, em seu influente livro sobre o julgamento, *R.F.K. Must Die!*, Kaiser afirmaria que a polícia foi pouco diligente ao investigar as supostas ligações de Sirhan com a Fatah. “Sirhan tinha amigos árabes, por exemplo, que haviam saído dos Estados Unidos e voltado para o Oriente Médio sem qualquer motivo aparente, mas nem a polícia nem o FBI tiveram interesse suficiente por eles para entrevistá-los lá”, escreveu. Um jovem visto em fotografias do último pronunciamento de Robert Kennedy, no palco do Salão Embaixada, foi reconhecido por um assessor da campanha de Kennedy como o mesmo homem que visitara a sede de Kennedy em meados de maio identificando-se como Ali Ahmand, funcionário da Microdot, em Pasadena. Quando os detetives foram à Microdot, três meses depois, relatou Kaiser, funcionários disseram que o homem havia deixado a empresa e voltado para sua terra natal, o Paquistão. E seu nome não era Ahmand de modo algum, mas sim Iqbal. Ao verificar boletins da polícia e registros da investigação do FBI arquivados no escritório do procurador-geral de Los Angeles, Kaiser descobriu que “nem a polícia nem o FBI haviam se dado ao trabalho de procurar Iqbal no Paquistão e perguntar por que ele dera um nome falso ao assessor

da campanha de Kennedy em meados de maio ou por que ele havia ido ao palco do Salão Embaixada”.¹⁸ (Quando perguntei a Ibrahim suas conclusões sobre esse lapso na investigação, ele respondeu: “Ele podia ser da Fatah, ou algum paquistanês inocente, ou podia ser o próprio Hamshari!”)

Mas, apesar dos rumores de que existia uma ligação com a Fatah, ainda não havia qualquer declaração da organização terrorista na Jordânia. Ibrahim chamou isso de “um caso de amnésia política coletiva”.

Na verdade, há três explicações possíveis para o silêncio. Primeiro, a popularidade de Arafat aumentara de maneira impressionante após a batalha de Karameh. Ele se tornara o “sr. Palestina”, a encarnação das aspirações de seu país, e, de repente, a liderança da OLP (Organização para Libertação da Palestina) — o órgão central de todos os grupos de resistência palestinos — estava ao seu alcance. Essa posição significaria sua ascensão de líder terrorista a político importante e ator no palco mundial. Com tanto dinheiro, poder e prestígio em jogo, aquele não era um bom momento para a Fatah assumir a responsabilidade pelo assassinato de um homem que muitos acreditavam que seria o próximo presidente dos Estados Unidos e líder do mundo livre.

Segundo, apenas um pequeno grupo formado pelas pessoas mais leais e confiáveis da Fatah ouvira a proposta de assassinato que Hamshari fizera num pequeno quarto de hotel nos dias desesperados que se seguiram à Guerra dos Seis Dias, e a proposta aparentemente fora rejeitada em favor da ideia mais conciliatória de buscar apoio americano. Menos pessoas ainda sabiam que ele fora para Los Angeles semanas depois e poderiam não ter ligado os pontos.

Terceiro, embora a ideia original possa ter sido de Hamshari, a operação — fosse para assassinar um americano proeminente ou simplesmente levantar fundos — foi quase com certeza controlada pelo chefe da inteligência da Fatah, Abu Iyad. “O reparador, o

homem das missões confidenciais, o guardião dos segredos da OLP”, descreveu Patrick Seale, o respeitado historiador da OLP. E Abu Iyad e o chefe militar da Fatah, Abu Jihad, “formavam seus grupos autônomos com aqueles que lhes eram leais, assim como os barões deviam fazer sob um rei medieval”.¹⁹ Portanto, embora possa parecer inconcebível que um assassinato dessa importância pudesse ter sido realizado sem o conhecimento de Arafat, mesmo que ele tivesse permanecido cuidadosamente alheio aos pormenores, é possível que Abu Iyad — para preservar a integridade do homem que era o mais próximo de um chefe de Estado que a Palestina tinha — tenha mantido o líder deliberadamente na ignorância. E continuar a mantê-lo na ignorância depois do assassinato de Kennedy tornou-se um potencial constrangimento para as esperanças de Arafat — e da Fatah — de assumir o controle da influente OLP.

O fato é que, de um jeito ou de outro — talvez porque ninguém soubesse a verdade, e talvez porque alguns temessem o pior —, a Fatah se fechou. (De acordo com Mohammed Ibrahim, quando ele tentou manifestar suas dúvidas a um proeminente conciliador da Fatah logo após o assassinato, este lhe pediu para esquecer o assunto — a não ser que quisesse ser “embrulhado num cobertor e jogado no Badiyat ash Sham [o deserto sírio]”).²⁰ III

* * *

Faz parte da natureza das conspirações que nunca nos digam toda a verdade, é claro. E se, como Patrick Seale afirma, é uma característica da estrutura da política palestina o fato de que “a mão de cada homem é erguida contra seu irmão”,²¹ o que fazer com a história de Ibrahim? Ex-conciliador da Fatah que, de acordo com suas próprias palavras, “deixou a reserva nos anos 1970”, será que ele é simplesmente um homem com uma pendência antiga para acertar?

É possível. Entretanto, sua história também repercute numa informação de uma fonte distinta da Fatah, que afirma ter dado a Hamshari, no outono ou fim do inverno de 1967, uma lista de imigrantes palestinos que moravam em Los Angeles. A lista foi obtida junto à UNRWA — uma das organizações que a mãe de Sirhan, Mary, procurara em busca de ajuda financeira para emigrar com a família para os Estados Unidos doze anos antes.

Embora as aparências às vezes enganem, uma coisa é certa: se Hamshari foi a Los Angeles para encontrar um assassino (e não para levantar fundos), ele certamente soube que encontrara o homem certo no momento em que conheceu Sirhan.^{IV} Com o discurso antiamericano e o fervor palestino, Sirhan era um homem com muito rancor e nada a perder.

* * *

A confiança de Onassis nas habilidades de Mahmoud Hamshari foi profundamente abalada quando a polícia apontou uma ligação com a Palestina com tamanha rapidez. De repente, ele era “um sujeito rico num iate com tempo livre demais”, disse Brian Wells sobre o modo como Onassis começou a bombardeá-lo de perguntas: Sirhan era um lunático qualquer? Um matador de aluguel? Qual era a história dele? “Eu respondi: ‘Quem é que ainda sabe por que alguém mata alguém, Ari? No mês passado, foi Martin Luther King. Este mês é Bobby Kennedy. No mês que vem, será algum outro pobre canalha’”, relatou Meyer, relembando sua resposta.²²

Bobby morreu nas primeiras horas de 6 de junho.

* * *

Em Atenas, uma pequena nuvem de apreensão começava a se formar na cabeça de Georgakis por conta da dimensão do acordo

com Hamshari. Ele sabia que tinha inimigos na empresa aérea e começou a temer se expor a acusações de gastos excessivos (o que, de fato, causaria sua queda no ano seguinte).^v Telefonou para Gratsos em Nova York e, sob o pretexto de discutir sua preocupação com a saúde de Onassis e as pressões que ele estava sofrendo por causa dos problemas com os coronéis, mencionou a quantia paga a Hamshari — 1,2 milhão de dólares, incluindo os 200 mil que ele próprio providenciara, em espécie, retirados dos cofres da Olympic — como um exemplo da avaliação questionável de Onassis.

O que Gratsos realmente fez com esse valor — mais que o triplo da quantia que Hamshari pedira no primeiro encontro na avenue Foch —, ninguém sabe. Mas, de acordo com Georgakis, Gratsos lhe disse para esquecer o assunto. O negócio estava feito, a empresa aérea estava a salvo, e era isso que importava. Chantagens não deixam muita margem para pechinchar, afirmou ele filosoficamente a Georgakis.

I Além de um pente e uma chave de carro, havia dois cartuchos de munição calibre .22 não utilizados; a cápsula de cobre de uma bala calibre .22 deflagrada; um folheto com a letra da música da campanha de Kennedy; e o recorte de um anúncio de jornal convidando os amigos de Robert Kennedy a participarem de um comício no Ambassador em 2 de junho.

II Mais tarde, Jordan recomendou uma condecoração aos dois policiais que o haviam acompanhado ao hotel e protegido Sirhan da multidão. “Eles fizeram um ótimo trabalho. Se não tivessem sido tão competentes, ainda estaríamos falando de outro suposto assassino morto no local por uma multidão enfurecida, e isso não ia parecer bom”, disse Jordan mais tarde ao autor.

III Fui apresentado a Mohammed Ibrahim por Yannis Georgakis no hotel Grande Bretagne, em Atenas, em 1992. Georgakis era embaixador itinerante da Grécia em países árabes produtores de petróleo e tinha um impressionante círculo de contatos interessantes, importantes e obscuros no Oriente Médio. Ibrahim era um dos muitos membros que tinham se desligado da Fatah em circunstâncias

questionáveis. “Acho que houve algum desentendimento por causa de fundos desaparecidos” — foi só isso o que Georgakis me disse sobre o incidente, embora assegurasse a boa-fé do palestino, ainda que não seu nome, que Ibrahim às vezes trocava por Hassan. Ao fim de nosso primeiro encontro, Ibrahim concordou em me receber de novo em Paris dentro de um mês; ele não me deu um número de contato nem um endereço. No segundo encontro, disse que, se eu quisesse voltar a entrar em contato, deveria pôr um anúncio nos classificados do *London Times* dizendo “Camille. Pour l’amour du Grec. Peter”, e ele me procuraria. Pus meu primeiro anúncio em 18 de maio de 1995, ele me telefonou na semana seguinte e combinamos outro encontro. Ibrahim respondeu às minhas perguntas, deu-me outras pistas e desapareceu. Só falei com ele novamente em 21 de setembro de 2001, uma sexta-feira. Ele me telefonou do hotel Savoy, em Londres, e sugeriu que nos encontrássemos naquela noite. Respondi que não seria possível. Minha irmã caçula havia morrido e eu estava partindo naquela tarde para seu funeral na ilha grega de Corfu, onde ela vivera vários anos. Ibrahim pareceu agitado quando eu lhe disse isso. Ele tinha algumas “informações secretas importantes” para mim e indicou que eu não estava sendo sensato ao me recusar a cancelar minha viagem para encontrá-lo naquela noite. Por fim, sugeriu que eu trocasse meu voo de volta a Londres para encontrá-lo no Grande Bretagne para um almoço na segunda-feira seguinte. Concordei. Ele não apareceu. Como não soube mais dele, em novembro pus outro anúncio no *Times*: “Hassan. A primeira ventania não derruba a árvore. Telefone urgente. PE.” Era uma frase que ele usava com frequência quando achava que eu estava sendo impaciente demais ou quando não queria responder minhas perguntas. Ele telefonou, pediu desculpas e disse que ligaria novamente para marcar um encontro assim que pudesse resolver sua “vida desesperada e triste”. Repetiu que tinha uma “informação secreta importante” para meu livro. Mas alguns dias depois, em 28 de novembro, recebi em minha casa, em Londres, a visita de dois agentes da divisão antiterrorista britânica da Scotland Yard. Pelas perguntas que eles fizeram, ficou evidente que estavam tão ávidos para falar com Mohammed Ibrahim quanto eu. Não tive notícias dele desde então.

IV É improvável que Sirhan tenha sido procurado como colaborador em potencial. Como não estava trabalhando, o máximo que poderia oferecer teria sido uma modesta contribuição extraída dos 1.705 dólares de uma indenização que ele

recebera, pouco tempo antes, da Argonaut Insurance Company por sua queda do cavalo no hipódromo em Corona (Testemunho em julgamento, Vol. 19, p. 5.427-5.455).

V De acordo com Miltiadis Yiannakopoulos, "Georgakis era muito bom, mas não tinha noção alguma de dinheiro. Certa vez, quando estava doente, pegou um avião para Nova York para se tratar. Em sua conta havia uma gorjeta de 4 mil dólares. Isso deixou Onassis furioso. Ele o demitiu, mas o manteve como consultor".

VINTE E TRÊS

UM CASAMENTO DE NEGÓCIOS

Eu me lembro de pensar:

“Isso é um casamento de negócios. Onde está o amor?”

—Constantine Haritakis,
sobre o casamento de Jackie e Onassis

“Odeio este país. Desprezo os Estados Unidos e não quero mais que meus filhos vivam aqui”, bradou Jackie depois do funeral de Bobby Kennedy. “Se estão matando os Kennedy, meus filhos são os principais alvos (...) Quero sair deste país e ficar longe de tudo!”¹

Ela sempre acreditara que nada na vida é mais precioso do que a privacidade, e ninguém era mais capaz de lhe dar isso do que Onassis: a bordo de seu iate, em sua ilha particular, dentro dos esplendores protegidos de suas casas em Paris e Atenas ou em uma das suítes permanentes que ele mantinha nos melhores hotéis, de Londres a Buenos Aires. Só os muito ricos, ela sabia, tinham casas onde se esconder. Agora que Bobby se fora, não havia motivo algum para adiar mais. Duas semanas depois do funeral, ela telefonou para a mãe e perguntou se podia levar um hóspede para o fim de semana em Hammersmith Farm.

“Mamãe disse: ‘Sim. Quem é?’ ‘Aristóteles Onassis’, respondeu Jackie. ‘Meu Deus, não. Jackie, você não pode estar falando sério’”, recordaria mais tarde Jamie Auchincloss, meio-irmão de Jackie, sobre a indisfarçada repugnância de sua mãe à ideia. “‘Você não pode estar falando sério.’”² Mas Jackie estava falando muito sério, e durante todo o verão — circulando entre Cape Cod, Newport e Palm

Beach — ela e Onassis empreenderam uma ofensiva de charme para conquistar as pessoas mais relevantes num mundo que ainda significava muito para o coração social de Jackie.

Por lealdade a ela, Onassis foi tolerado, mas não foi tratado com muita simpatia. Seu caso com Callas, sua aparência levantina e a complexidade suspeita de seu passado não eram credenciais favoráveis para se obter aceitação no Clambake Club. “Ele contava boas histórias, mas parecia esperar aplausos, como se fosse um artista de espetáculo”, disse-me um *habitué* de Cape.

Onassis enxergava através da *politesse* daquelas pessoas. “Eles odeiam minha coragem de grego”, afirmou a Gratsos.³ Ele achava isso não por um sentimento de perseguição, mas por experiência: o mundo deles nunca seria seu — ele olhava tudo de cima, como um *maître d’*, criticou um dos amigos gays de Jackie. Entretanto, o sutil ostracismo deles era motivo tanto de diversão como de raiva para Onassis. “Todo mundo sabe três coisas sobre Aristóteles Onassis”, respondeu ele quando Johnny Meyer lhe perguntou como estava lidando com o grupo de Jackie: “Estou comendo Maria Callas. Estou fodendo Jacqueline Kennedy. E estou cagando dinheiro.”⁴

Contudo, ele demonstrava lampejos ocasionais de irritação por “ser conduzido por Jackie como um touro premiado”.⁵ Quando uma matrona de Palm Beach perguntou o que ele achava que o tornava tão atraente para as mulheres, respondeu: “Francamente, minha querida, sou mais bem-dotado do que a maioria dos caras.”⁶ O pintor Rico Zermeno, que conhecia Jackie desde o primeiro ano dela na Sorbonne, em 1949, e se tornou uma das companhias favoritas de Onassis para rodar pelas boates do sul da França, não tinha dúvida alguma sobre a veracidade da declaração: “Você já viu a foto de Jackie e Ari nus? Ari tinha um pau enorme, e as moças com quem conversei diziam que ele sabia usá-lo.”⁷

Entretanto, enquanto Onassis continuava sendo exibido diante dos grupos seletos de amigos elegantes de Jackie, os amigos dele se perguntavam por que Onassis aceitava aquilo. O motivo para a

surpresa e confusão era que, semanas antes da morte de Bobby, Onassis começara a mudar a história que contava aos amigos americanos sobre seus sentimentos por Jackie: ele não queria se casar com Jackie; queria se casar com Maria Callas; era Bobby quem o estava obrigando a se casar com Jackie!

Emmet Whitlock, ex-chefe da International Petroleum Freight Exchange em Nova York e bem relacionado na sociedade de Palm Beach, disse que entendia completamente o dilema de Onassis. Entendia também por que Bobby dera o ultimato.

“Fazia bastante tempo que Onassis e Jacqueline Kennedy estavam dormindo juntos”, contou-me ele. “O caso deles existia havia anos. Eu e minha mulher fomos convidados a Nassau e Gloria se recusou a ir porque a sra. Kennedy seria a namorada de Ari no barco, e ela achava aquilo um golpe sujo contra Maria. Isso foi em 1964. Jacqueline e Ari estavam tendo um caso na época. Sim, estavam. Em 1964, menos de um ano depois de Dallas, eles já estavam tendo um caso. É claro que era tudo às escondidas. Mas Bobby estava preocupado. [Como chefe da proeminente família católica dos Estados Unidos e prestes a concorrer ao cargo público mais alto do país], ele não queria que a verdade sobre o caso de sua cunhada com Ari viesse a público perto da eleição. Isso não seria nada bom. Então exigiu que Jacqueline e Ari se casassem. O próprio Ari me disse isso.

“Agora, que tipo de controle Bobby Kennedy poderia ter sobre Onassis para lhe dizer que ele não podia se casar com Maria e tinha que se casar com Jackie?”, prosseguiu Whitlock, um homem bonito e esbelto de mais de oitenta anos. A resposta, acreditava ele, era a seguinte: “Onassis decidira que o futuro do ramo de navios-petroleiros estava nas embarcações de cem mil toneladas. No entanto, petroleiros de cem mil toneladas deslocam cerca de 27 metros de água. São a maneira mais barata de transportar petróleo, porém podem transportá-lo para muito poucos lugares do mundo por causa do calado. Mas Ari operava de maneira muito inteligente.

Criara seus filhos como cidadãos americanos e os usava para conseguir empréstimos do governo para construir seus petroleiros por meio da Comissão Marítima dos Estados Unidos.

“Então Bobby Kennedy pergunta para ele: ‘Você vai se casar com Jackie’. Ari responde: ‘Ah, não. Não vou.’ Bobby diz: ‘Ah, vai, sim, porque senão eu vou cortar você — seus empréstimos, seu acesso aos portos americanos em águas profundas.’ Ari tinha 7 milhões de dólares aplicados naquilo. E foi assim que Bobby Kennedy fez Ari Onassis se casar com Jackie. É a pura verdade.”⁸

Mas por que, então, Onassis continuou a fazer de tudo para agradar Jackie em Cape Cod, Newport e Palm Beach depois da morte de Bobby Kennedy? De acordo com outro proeminente morador de Palm Beach, William Carter, ex-embaixador do Vaticano na ONU, cavaleiro de Malta e durante muito tempo íntimo de Onassis — e ao qual Ari contara a mesma história sobre Bobby obrigá-lo a fazer de Jackie uma mulher respeitável antes da eleição presidencial —, é possível que a responsabilidade tivesse sido passada para Teddy Kennedy.

Porém, isso pressupõe em primeiro lugar que a união era forçada, refletiu Carter, com ceticismo. “Nunca engoli a história de Ari de que ele não queria se casar com Jackie. Ele estava desesperado para se casar com ela; foi negócios à primeira vista. Ele devia ter seus próprios bons motivos para mentir sobre a questão. Era muito estranho, mas as moléculas da verdade estavam enterradas bem no fundo da psique de Ari.”⁹

* * *

A essa altura, uma espécie de embalo havia se formado, e, enquanto o corpo de Bobby mal começava a esfriar no túmulo, Sirhan aguardava o julgamento em Los Angeles e a conexão palestina fora exposta, Onassis tinha bons motivos para ser cauteloso — e é por isso que sua história sobre o entusiasmo de Bobby pelo casamento

era tão importante. Porque pelo menos ela fazia a morte de Bobby parecer um pouco menos conveniente enquanto Jackie cuidava de abrir o caminho para seu casamento com o homem com o qual Bobby na verdade jurara que ela só se casaria por cima de seu cadáver.

Nem um único amigo achava que Jackie deveria se casar com Onassis. Mas, agora que Bobby se fora, não havia ninguém que pudesse impedi-la. “Ela conseguia afastar qualquer coisa desagradável quase no momento em que lhe acontecia. Em parte, era isso que a fazia parecer tão intocável e, é preciso dizer, bastante egoísta às vezes”, disse Billy Keating, um *marchand* americano que a conhecia desde 1956, quando ela voou para Londres depois de deixar John Kennedy.¹⁰

* * *

Em 28 de julho, Jackie passou seu aniversário de 39 anos em Hyannisport. A matriarcal Rose organizou um jantar em família para o qual Onassis não foi convidado. Naquela noite, Jackie disse a Ted Kennedy — o último irmão sobrevivente e, na prática, o chefe da família — que se casaria com “o grego” no outono.

O assassinato de Bobby afetara Ted ainda mais do que o de Jack, e, bebendo muito, ele realmente não tinha condição alguma de acrescentar os problemas de Jackie aos seus. Porém, mesmo em seu mais intenso estado de embriaguez, ele devia saber que ela nunca seria leal a Onassis como havia sido a Bobby e que havia um quê de vingança em sua decisão de fugir com um homem que corneara Jack e que Bobby morrera odiando. George Smathers, amigo dos Kennedy, disse que fugir com Onassis foi uma maneira de Jackie humilhar as mulheres Kennedy, que sempre haviam “ostentado seu dinheiro e poder”. Foi sua chance de dizer a elas: “Está bem, o que vocês vão dizer agora que posso comprar e vender vocês?”¹¹

Entretanto, uma intervenção dos Kennedy no assunto ainda se fazia necessária, e em agosto Ted ligou para Onassis e pediu um encontro. Onassis o convidou a ir a Skorpios.

Ted não era problema algum para Onassis, que mais tarde compararia seu papel ao de “um vigarista com jeito de padre vendendo indulgências”.¹² Onassis ouviu pacientemente enquanto Kennedy avisava que, para milhões de americanos, Jackie era um ícone e que causaria grande indignação um estrangeiro se tornar padrasto dos filhos do falecido presidente. Obstinadamente, Ted jogou todas as cartas de que dispunha: religião, filhos, política, lealdade à família. Mas, por mais que enfeitasse a situação, “Teddy estava negociando o corpo de Jackie”, nas palavras de Joan Thring.¹³

— Nós amamos Jackie — disse Ted, por fim, concluindo suas justificativas.

— Eu também e quero que ela tenha uma vida segura e feliz — rebateu Onassis.¹⁴

Porém ela perderia automaticamente os 150 mil dólares por ano que recebia do fundo dos Kennedy se voltasse a se casar, afirmou Kennedy. Até mesmo sua pensão de viúva presidencial seria cortada.

Eles haviam chegado ao xis da questão.

Os dois entendiam que a vergonha do mercado não está em ser vendido, mas em fazer um mau negócio. De acordo com Georgakis, Onassis ofereceu 3 milhões de dólares por Jackie, além de 1 milhão para cada um de seus filhos; ele seria responsável pelas despesas dela enquanto o casamento durasse e, depois de sua morte, ela receberia 150 mil dólares por ano pelo resto da vida, exatamente a mesma quantia que recebia do fundo dos Kennedy.

Joalheiro em Atenas, Costas Haritakis estava na sala quando Onassis redigiu o acordo de próprio punho. “Eu me lembro de pensar: *‘Isso é um casamento de negócios. Onde está o amor?’* Ari nunca demonstrou qualquer sinal de entusiasmo com o casamento. Estava simplesmente fechando um negócio.”¹⁵

Entretanto, os amigos de Jackie não ficaram nada satisfeitos com o acordo que Ted Kennedy fez em Skorpios. Ted não era ingênuo, nem desprovido de um tipo próprio de inteligência, mas parecia ter sido completamente derrotado por Onassis. “Ted Kennedy seria incapaz de negociar a compra de um pacote de camisinhas sem a ajuda de seus assessores”, desdenhou o escritor-socialite Taki Theodoracopulos,¹⁶ e certamente Jackie não escondeu sua decepção diante da mediocridade do acordo realizado. “Ela percebeu que Ted Kennedy havia sucumbido à personalidade de Ari — e talvez tivesse enchido a cara um pouco demais na ilha”, disse Nigel Neilson.¹⁷

Contudo, quaisquer que fossem as condições clínicas de Kennedy, estariam suas mãos atadas antes mesmo de Onassis começar a servir *ouzo* na festa que ofereceu na véspera da reunião?¹ De acordo com Georgakis, Onassis iniciou a conversa em Skorpios perfeitamente relaxado não porque achasse que Ted Kennedy não fosse páreo para ele, mas porque sabia que, quando o momento decisivo chegasse, ele teria as cartas mais altas. Conforme ele indicou a Georgakis e Nigel Neilson certa noite, tratava-se do fato de que ele já era amante de Jackie *antes* de John Kennedy morrer e de que depois de Dallas ele *a dividira com Bobby*.

“Com frequência, era difícil avaliar quão *racional* Ari era às vezes”, disse-me Neilson mais tarde. “Ele seria capaz de jogar essa carta, porque dispunha dela e porque detestava demais os Kennedy. Mas, se de fato a jogou, não tenho a menor ideia. Apenas dois homens estavam na sala [quando o acordo pré-nupcial de Jackie foi discutido], e foram Ari e Teddy Kennedy. E Ari nunca falou sobre isso depois, e não posso imaginar que Kennedy algum dia falará.”¹⁸

Mas, claro, Kennedy não teria subestimado a determinação de Onassis, e qualquer sugestão de a história ser noticiada teria abalado nitidamente sua determinação de fazer jogo duro em Skorpios. Porque, embora ele tenha recusado a disputa pela indicação como candidato democrata à presidência naquele ano — aquele era o “ano de Bobby”, dissera a assessores que achavam que

a candidatura seria sua se ele quisesse —,¹⁹ com certeza o momento de Ted chegaria, e a lembrança de Jack e Jackie, e do romance de Camelot, seria tão importante para ele quanto havia sido para Bobby. Ter uma lenda manchada por um escândalo sexual sórdido seria um estrago terrível.

* * *

Embora não esperasse que Jackie aceitasse sua primeira oferta, apresentada a ela por Ted Kennedy, Onassis ficou estarrecido com a “ambição desmedida” da contraproposta — 20 milhões de dólares, adiantados — feita pelo assessor financeiro dela, André Meyer, chefe da consultoria de investimentos de Lazard Frères (André “não achava que seria uma boa fusão”, zombou um conhecido).²⁰

“Sua cliente pode avaliar o preço dela no mercado”, disse Onassis de maneira grosseira ao confrontar Meyer na noite de 25 de setembro, no apartamento do banqueiro no Carlyle Hotel, em Nova York.²¹ O comentário deu início a uma longa e bastante desagradável sessão, na qual Meyer justificou repetidamente sua fama de homem que lutava com unhas e dentes pelo lance final. O acordo que se dizia que Meyer fez para Jackie foi, de fato, impressionante, mas, qualquer que fosse a verdade — um cálculo amplamente relatado na época foi de que Jackie receberia 100 milhões de dólares se Onassis morresse e eles ainda estivessem casados —, o contrato claramente não dizia isso, como veremos.

* * *

Em 15 de outubro de 1968, o *Boston Herald-Traveler* alçou os rumores que cresciam desde que Kennedy voltara de Skorprios a uma notícia de primeira página: *VIÚVA DE JOHN F. KENNEDY SE CASARÁ*

EM BREVE COM ARISTÓTELES ONASSIS. Steve Smith, genro de Kennedy, telefonou para Pierre Salinger em Washington.

— Temos que resolver que tipo de declaração a família fará — disse ele.

— Você tem alguma ideia do que quer dizer? — perguntou Salinger.

— Que tal “Que merda!”? — respondeu Smith, que se formara em filosofia em Georgetown.²²

* * *

Como Ted Kennedy estava inflexível em sua opinião de que o casamento não deveria ser nos Estados Unidos e Jackie manifestara o desejo de se casar em solo americano, Georgakis foi enviado à embaixada americana em Atenas para pedir permissão para a cerimônia ser realizada ali. O embaixador declinou ao ouvir o nome dos noivos. Desesperado, Georgakis sugeriu a capela em Skorpios. Ninguém esperava que Jackie concordasse, mas ela aceitou. Sua única condição era que encontrassem um padre que “entenda inglês e não se pareça com Rasputin”.²³

* * *

Christina chorou desconsolada ao ouvir a notícia. Alexander, que desaprovava Jackie com tanta intensidade quanto seu pai desaprovava Fiona, jurou que não iria ao casamento.^{II}

Encontrada em Paris, Maria Callas declarou aos jornalistas, enigmática: “Estou feliz por aqueles que estão felizes.”²⁴

Lee Radziwill, que, de acordo com Truman Capote, ainda “meio que tinha em mente que se casaria ela própria com o sr. Onassis”,²⁵ disse que estava “muito feliz por ter sido a origem desse casamento, que, tenho certeza, dará à minha irmã a felicidade que ela merece”.

Em particular, a história foi outra, mais triste. “*Como ela pôde fazer isso comigo?*”, gritou Lee para Capote ao telefone quando recebeu a notícia. “*Como ela pôde? Como isso pôde acontecer?*”²⁶

A declaração de Ted Kennedy desejando felicidades ao casal foi “de fria formalidade e brevidade”, observou a revista *Time*.

* * *

Uma tempestade terrível desabou sobre Skorprios em 19 de outubro, enquanto os convidados se reuniam na véspera do casamento. Jackie estava acompanhada dos filhos, da mãe, do padrasto, Hugh D. Auchincloss, e de Lee. Rose Kennedy se recusou a ir e enviou Pat Lawford e Jean Smith em seu lugar. Não foi uma reunião alegre. Aparentemente ainda se perguntando como Jackie podia ter feito aquilo com ela, Lee parecia decidida a afogar num bom champanhe a mágoa pela importância do que havia perdido.

Mais tarde naquela noite, ela encontraria outras maneiras de aliviar sua tristeza.

* * *

Ainda estava chovendo em Skorprios em 20 de outubro, mas agora era aquela chuva fina que vai e vem no outono das ilhas do mar Jônico. É um bom presságio, insistiu a irmã de Onassis, Artemis, embora intimamente estivesse irritada com o irmão por ele ter feito amor com Jackie à tarde, antes da cerimônia. Decerto ficou claro que Jackie não havia descansado a tarde inteira quando ela chegou ao convés do *Christina* pouco antes da cerimônia, às 17h15. “Notei que os três últimos botões de seu vestido não estavam fechados direito; estavam nos buracos errados”, recordou Costas Haritakis, padrinho de Onassis. “Ela usava um vestido Valentino que tinha pequenos botões de pérola do alto à cintura. Era um vestido bonito,

mas estava amassado, como se ela tivesse feito amor sem tirá-lo. Era essa a importância que ela dava ao casamento — ela não podia sequer se dar ao trabalho de mudar de roupa?”²⁷ Dizem que ver a noiva antes da cerimônia, no dia do casamento, dá azar; fazer amor com ela é provocar o destino, afirmou Artemis a seu irmão, com raiva.

Pelo mundo afora, as primeiras páginas dos jornais exibiram manchetes condenadoras: *Jack Kennedy morre hoje pela segunda vez*, informou o *Il Messagero*, em Roma. *A reação aqui é de raiva, choque e desalento*, proclamou o *New York Times*. Quando fontes do Vaticano sugeriram que, por ter violado as leis da Igreja, Jackie estava impedida de receber os sacramentos, seu conselheiro espiritual, o cardeal Cushing de Boston — que agora tratava de administrar crises para os Kennedy — ameaçou renunciar.²⁸

Mas Jackie tinha o bastante para aliviar sua dor.

Os convidados ficaram boquiabertos quando ela chegou à recepção a bordo do *Christina*.²⁹ Em sua mão esquerda, cintilava um enorme rubi em formato de coração cercado de diamantes. Dos lóbulos das orelhas pendiam dois rubis igualmente imensos, também envoltos em diamantes. Johnny Meyer disse que ela parecia 1 milhão de dólares. Haritakis, que vendera a Onassis algumas das pedras, sabia que era algo mais perto de 1,5 milhão.

Só Onassis sabia o custo verdadeiro.

* * *

Dois dias depois, Jackie deixou claro que tipo de esposa pretendia ser: não acompanharia Onassis a Atenas para se reunir com o primeiro-ministro George Papadopoulos, nem estaria presente quando eles anunciassem o Projeto Omega. Sua presença teria sido um golpe de relações-públicas desesperadamente necessário para a

junta, e Onassis ficou furioso. Ele a lembrou, irritado, que estava pedindo que ela fizesse apenas o que já fizera por John Kennedy.

Isso era verdade, claro, mas uma coisa é ser usada por seu marido quando ele é o presidente dos Estados Unidos e você é a primeira-dama, e outra, completamente distinta, é quando ele é um vigarista tentando se dar bem e você é apenas mais uma esposa-troféu. “Cometi alguns erros terríveis na vida, mas me casar com Jacqueline pode ter sido o maior deles”, admitiu ele a Georgakis quando, 48 horas depois do casamento, apareceu em Atenas sem ela. Quando Georgakis sugeriu que sua noiva talvez morresse de tédio em Skorpios sem ele, Onassis lhe respondeu, furioso: “Ela está ocupada escrevendo para todos os seus antigos amantes.”^{III} Georgakis se perguntou se Jackie tinha alguma ideia de que Onassis “já estava interceptando sua correspondência e grampeando seus telefones”.³⁰ (Jackie acabaria descobrindo, mas não se sabe como. “Abrindo minha correspondência! Quem ele pensou que era? Edgar Hoover?”, disse ela ao amigo Billy Keating.³¹)

Enquanto isso, contrariados pela ausência de Jackie na festa de anúncio do Omega, os coronéis começaram a duvidar do resto do acordo — principalmente depois de Niarchos aparecer com uma proposta ainda melhor, embora esta dependesse de ele conseguir a refinaria de petróleo que estava no cerne do acordo com Onassis.

Subornado até a alma por Onassis e confrontado por coronéis que haviam sido seduzidos de modo semelhante pelas benesses de Niarchos, Papadopoulos fez o que todos os políticos fazem quando estão em apuros: ordenou uma investigação sobre as duas propostas.

* * *

Haviam se passado cinco meses desde o assassinato de Bobby. Nem a polícia de Los Angeles nem o FBI tinham descoberto indícios de

conspiração, nenhum alarme havia sido disparado na CIA, e até os próprios advogados de Sirhan — que planejavam alegar desequilíbrio emocional e falta de premeditação, um argumento estranho para sustentar se o cliente deles estivera envolvido com outras pessoas — ficaram satisfeitos em concordar com a conclusão da polícia de que não tinha havido conspiração alguma. Infelizmente para Sirhan, essa linha também permitiu à acusação concentrar-se em seu principal objetivo: enviá-lo para uma câmara de gás sem ter que “se preocupar com as complexidades legais de uma conspiração”, como observou o professor Philip Melanson, diretor dos Arquivos do Assassinato de Robert Kennedy.³² IV

* * *

Onassis devia estar respirando mais aliviado.

Em 31 de outubro, onze dias depois das núpcias em Skorpios, e na noite em que ele foi visto jantando com Maria Callas no Maxim’s enquanto Jackie continuava a padecer em Skorpios, Onassis telefonou para Georgakis e lhe disse que mudara de ideia em relação aos pagamentos a Hamshari. Não daria mais nem um centavo. Foi a primeira vez que ele mencionou Hamshari a Georgakis desde que pedira os 200 mil dólares iniciais para levar para Nova York, e o amigo ficou surpreso que a questão fosse levantada novamente, já que achava que o assunto havia sido resolvido.

Entretanto, não é difícil imaginar o que levara Onassis a mudar de opinião. A ideia de que Bobby seria assassinado estava no ar antes mesmo de ele anunciar sua decisão de concorrer à presidência. Jackie estava convencida disso, o próprio Bobby teve uma premonição sobre isso, e até mesmo repórteres que cobriam sua campanha achavam que o assassino estava “só esperando por ele”.³³ Portanto, se Hamshari tivesse simplesmente apostado no fato de que Bobby seria assassinado — *por qualquer um* —, será que

Onassis interpretaria isso como o cumprimento do contrato entre eles?

Como nenhuma prova de conspiração foi encontrada em Los Angeles e até mesmo os advogados de Sirhan só podiam recorrer a uma alegação de desequilíbrio emocional e falta de premeditação, essa explicação deve ter sido irresistível para a mente maquiavélica de Onassis.

Nessa época, porém, os palestinos haviam sequestrado seu primeiro Boeing 707. Agências de inteligência haviam advertido empresas aéreas a esperar novos ataques, e, quando Georgakis relutou em trair Hamshari, Onassis respondeu que nenhuma das outras companhias aéreas pagara nem de perto a mesma quantia que eles, e Hamshari não receberia mais nada!

Na noite de 19 de dezembro, Georgakis estava jantando na residência de Onassis em Glyfada quando Ari recebeu um telefonema de sua secretária em Paris: um homem ligara para a linha particular dele e dissera que havia uma bomba a bordo do avião da Olympic que seguia do Aeroporto Internacional Kennedy para Atenas — um voo no qual Jackie, seus dois filhos e quatro amigos deveriam estar, voando para a Grécia para passar as festas de Natal.

A aeronave recebeu ordem para voltar no momento em que estava taxiando na pista de decolagem. O voo atrasou mais de quatro horas enquanto o esquadrão antibombas da polícia examinava o avião e cada bagagem.³⁴ Nenhuma bomba foi encontrada. Entretanto, como a presença de Jackie era um segredo bem guardado — até ela chegar à sala VIP, somente o pessoal do Serviço Secreto e o gerente de operações da Olympic sabiam que ela partiria de Nova York naquela noite —, o incidente expôs uma falha de segurança séria.

No início da manhã seguinte, Georgakis recebeu um telefonema de Hamshari. Se o dinheiro que Onassis lhe devia não estivesse depositado em sua conta na Suíça às três horas daquele dia, afirmou

ele, a próxima ameaça não seria um trote. Georgakis ligou para Onassis e lhe disse que todos os voos da Olympic ficariam em terra até que ele se entendesse com Hamshari. Claramente abalado, Onassis finalmente aceitou pagar.

Alguns dias depois, um Boeing 707 da El Al que estava esperando para decolar de Atenas para Nova York foi atacado por dois palestinos. Uma pessoa foi morta e várias outras ficaram gravemente feridas.^v Georgakis telefonou para Onassis. “Foi por muito pouco, Ari”, disse a ele, ainda irritado com a maneira negligente com que ele parecia ter tratado a ameaça.³⁵

I Um integrante da banda de bouzouki trazida de Atenas para a ocasião era o jornalista grego Nicos Mastorakis, cujas anotações dão uma ideia do clima naquela noite: “Teddy segura uma deusa loura (...) Teddy bebe *ouzo* sem parar, a música chega ao clímax e Teddy se levanta e tenta dançar (...) Teddy volta para seu *ouzo*.” Por fim, Mastorakis foi visto tirando fotos, e retiraram o filme de sua câmera. “Kennedy disse a ele, ‘Se você publicar uma palavra inadequada sobre isso, se você me prejudicar, vou foder com você’”, recordou Johnny Meyer. “Não sei o que ele achou que ia fazer, o senador de Massachusetts, com aquele garoto grego. Mas tinha razão em estar preocupado. Tinha enchido a cara, não havia sido exatamente um cavalheiro naquela noite.” Conforme revelei em *Ari*, Onassis usou sua influência com os coronéis e Mastorakis foi apanhado em Atenas. “Acho que puseram gente para amedrontá-lo, porque ele fez um artigo correto, embora mais tarde Ari tenha me mostrado uma cópia de sua reportagem original, que fora destruída pelos censores militares. Se não fosse por Jackie, Ari não teria dado a mínima. Ele não perdia muito tempo com Teddy”, disse Meyer.

II Fiona acabou convencendo-o a comparecer, em respeito a seu pai. “Bem, certamente é a combinação perfeita”, ele lhe disse com ironia. “O velho adora nomes conhecidos, e Jackie adora dinheiro.”

III “Queridíssimo Ros”, escreveu ela a Roswell Gilpatric, “eu teria contado a você antes de partir, mas tudo aconteceu muito mais rápido do que eu planejava. Vi em algum lugar o que você disse e fiquei comovida — querido Ros —, espero que

saiba tudo o que você foi, é e sempre será para mim — com meu amor, Jackie.” Embora mal passasse de um tipo de recado que no meio social de Jackie fosse considerado de boa educação, aquilo enfureceu Onassis; e a mulher de Gilpatric entrou com um processo de divórcio um dia depois de sua publicação, em 1970, quando a mensagem caiu nas mãos de um negociante de autógrafos em Nova York.

IV Southeastern Massachusetts University.

V Em 27 de julho de 1970, os dois terroristas presos e condenados à prisão perpétua por esse ataque (em 26 de dezembro de 1968) foram libertados quando um avião da Olympic Airways que voava para o Cairo foi sequestrado por seis palestinos. (E.F. Mickolus, *Transnational Terrorism: Chronicle of Events 1968-1979*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1980; e Christopher Dobson e Ronald Payne, *War Without End: The Terrorists: An Intelligence Dossier*, Londres: Harrap, 1986, p. 242.)

VINTE E QUATRO

A NEBLINA DE SIRHAN

Guerras começam quando você deseja,
mas não terminam quando lhe apraz.

—NICOLAU MAQUIAVEL, 1469-1527

Em 12 de fevereiro de 1969, depois de seis semanas de audiências preliminares e formação de júri, Sirhan Bishara Sirhan foi levado a julgamento no Tribunal Superior de Los Angeles, acusado de ter matado o senador Robert F. Kennedy. Não havia mistério sobre quem havia disparado o tiro: Kennedy fora baleado por Sirhan diante de inúmeras testemunhas, e a acusação retratou o palestino como um assassino frio, que caçara Kennedy e, “sozinho, e não em conluio com mais ninguém”, matara-o a sangue-frio.

Abrindo a defesa, Emile Zola Berman retratou seu cliente como “um jovem imaturo, emocionalmente perturbado e mentalmente enfermo”, incapaz de premeditação e que estava “num transe” quando matou Kennedy.¹ O fato de Sirhan ter se gabado de que matara Kennedy porque o senador era amigo dos sionistas e poderia ser o próximo presidente dos Estados Unidos foi ignorado por seus advogados. Apesar de sua raiva por ser retratado como doente mental, Sirhan sabia que aquela era sua melhor defesa. Se conseguisse evitar a pena de morte, achava que poderia acabar sendo repatriado para um país árabe amigo num acordo de troca de prisioneiros, como ele sussurrou para um membro de sua equipe de defesa no tribunal: “É melhor um cão vivo do que um leão morto.”²

por ordem de ⁶

Os cadernos revelaram com clareza a mente de uma pessoa seriamente perturbada, mas havia também o que um repórter chamou de “incongruências confusas” de Sirhan no banco dos réus. “Num minuto ele parece ingênuo; no minuto seguinte, assustador”, escreveu Lacey Fosburgh, do *New York Times*. “E, por esse motivo, uma das coisas curiosas nesse julgamento histórico é que há um mistério. Ninguém espera uma testemunha secreta ou a revelação do verdadeiro assassino. Mas um mistério sobre o próprio Sirhan está se desenvolvendo gradualmente a cada semana: Quem é ele? O que é ele?” E por que ele voltou sua raiva contra Robert Kennedy quando outros candidatos — Eugene McCarthy, Richard Nixon e Hubert Humphrey, para citar apenas três — manifestavam de maneira bem mais aberta seu apoio a Israel?

A mesma pergunta incomodava também Bob Kaiser, investigador da equipe da defesa que suspeitou que a resposta podia estar ligada às referências a dinheiro nos cadernos de Sirhan. Quanto mais ele pensava nisso, mais parecia que algum dinheiro havia mudado de mãos, ou havia sido prometido, e que Sirhan fora hipnotizado para esquecer o assunto. “Você escreveu certas coisas repetidas vezes”, disse ele, pressionando Sirhan. “E quando você escreveu sobre matar Kennedy, acrescentou a isso uma frase inexplicável: “Eu nunca ouvi Por favor pague por ordem de de de de.”⁷ Mas Sirhan não colaborou: ele não conseguia se lembrar. Insistiu que não conseguia se lembrar sequer dos cadernos.¹

“Sabemos menos de 1% do que realmente aconteceu na história, mas sabemos menos ainda sobre o que está acontecendo à nossa volta neste exato momento.” Essa foi a reclamação que Mohammed Ibrahim diz ter ouvido de Khaled Hassan em Damasco durante o julgamento de Sirhan.⁸ Oficial da inteligência, Ibrahim tinha a confiança dos conservadores mais graduados, bem como acesso a alguns dos linha-duras mais radicais da Fatah, e sabia quanto o

juízo estava inquietando as pessoas de ambos os lados que sabiam das visitas secretas de Mahmoud Hamshari a Los Angeles. Porque, embora os elementos individuais pudessem ser inconclusivos, e até mesmo um pouco ambíguos, quando reunidos — hora, localização, oportunidade e rumores, sem falar no pedido de Hamshari, feito no desolado período que se seguiu à Guerra dos Seis Dias, para que houvesse um assassinato de alto nível em solo americano — era difícil descartá-los por completo.

Para não incitar o que era claramente um potencial motivo de divisão ainda mais destrutivo, houve um raro consenso na Fatah de evitar comentários públicos sobre Sirhan, que se tornara o símbolo do terrorismo árabe no Ocidente. Ainda assim, Abu Iyad — cuja operação de inteligência continuava tendo peso de lei, e fora do alcance de qualquer supervisão da Fatah — considerou o juízo uma oportunidade para impulsionar a causa palestina. Contudo, distribuir dezenas de milhares de cartazes com o retrato de Sirhan sobre seu grito de guerra desafiador após atirar em Kennedy — “Fiz isso por meu país”⁹ — afirmando que ele era um herói nacional era insolência demais para muitos conservadores da Fatah.

Os rumores de que Sirhan era ligado à Fatah haviam se espalhado, e, embora as suspeitas tivessem se dissipado um pouco quando as duas equipes jurídicas em Los Angeles descartaram uma conspiração, os meses ausentes — a impenetrável “neblina” — na vida de Sirhan coincidiam, de maneira preocupante, com as viagens de Hamshari à Califórnia.

Entretanto, Abu Iyad negou repetidas vezes que o assassinato tivesse sido uma ação da Fatah, e, ainda que isso não signifique necessariamente que ele estivesse completamente dissociado de um ato perigoso armado por Hamshari, Ibrahim acha que há motivos para acreditar nele. “Abu Iyad era um profissional. Ele teria se certificado de que Sirhan não sobrevivesse para ser levado a juízo”, disse.

É verdade que, no momento em que o assassino aperta o gatilho, sua utilidade deixa de existir. E, pelo raciocínio mais simples, Sirhan deveria ter sido eliminado pelos policiais que protegiam Kennedy antes que pudesse dar um segundo tiro. Portanto, estaria Abu Iyad tão certo de que Sirhan seria abatido na hora que decidira não pôr um segundo atirador da Fatah para cuidar dele durante o pânico previsível que se seguiu ao ataque?

Se essa hipótese está certa, foi uma falta de sorte que, naquela noite, Kennedy tivesse dispensado sua escolta policial e que nenhum de seus guarda-costas estivesse armado. “De acordo com um segurança de Kennedy, Bobby não quis ninguém de nosso pessoal em torno dele porque seus eleitores eram basicamente negros e liberais, que não gostavam de policiais”, afirmou o detetive Bill Jordan, recordando a preocupação de Kennedy com o que era politicamente correto.¹⁰ É provável que isso tenha custado a sua vida e salvado a de seu assassino.

* * *

Enquanto isso, era a ferocidade da obsessão de Sirhan com o assassinato de Robert Kennedy — a prova escrita de seu próprio punho, repetidamente — que ganhava as manchetes. Mas uma frase em seus cadernos foi ignorada durante o julgamento. “Deus me ajude... por favor me ajude. Salvo Di De Salvo Morra S Salvo”¹¹ — uma aparente referência a Albert DiSalvo, que, ao assassinar treze mulheres entre 1962 e 1963, ganhou o epíteto de “o Estrangulador de Boston”.

Apesar de seu extraordinário *cri de coeur*, e embora isso tenha vindo à tona e os crimes de DiSalvo tenham sido discutidos, numa conversa gravada em sua cela na noite em que foi preso Sirhan afirmou que o nome DiSalvo não significava nada para ele.¹² Convencido de que os assassinatos tinham sido cometidos

“recentemente”, Sirhan ficou agitado quando lhe disseram que haviam acontecido cinco ou seis anos antes. “Não, não, não, não”, insistiu ele. “Foi, assim, no último... quase um ano.”¹³

Ao ouvir a fita de áudio mais tarde, o investigador da defesa Bob Kaiser achou que Sirhan havia “obviamente lido o bastante sobre o Estrangulador de Boston” para saber que DiSalvo cometera seus crimes “sob uma espécie de estado dissociativo”.¹⁴ Embora a relação não tenha sido investigada, ou não tenha sido investigada com cuidado suficiente, isso fez Kaiser se perguntar por que, se Sirhan havia se programado para matar Kennedy — como alegou o psiquiatra da defesa Bernard Diamond —, ele não tinha qualquer lembrança aparente de suas sessões de auto-hipnose.

Seria possível, perguntou-se Kaiser, que outra pessoa, talvez uma daquelas com as quais Sirhan estudara ocultismo — talvez alguém que ele conhecesse durante os meses daquela “neblina” na qual a polícia não conseguira penetrar —, tivesse programado Sirhan para matar Kennedy, “talvez sem o seu conhecimento?”.¹⁵

Antes disso, quando notou a rapidez com que Sirhan podia ser hipnotizado e percebeu que ele havia sido hipnotizado com frequência, Diamond o pôs num transe leve, deu-lhe um bloco de papel amarelo e lhe disse para escrever alguma coisa sobre Kennedy, Sirhan escreveu: “RFK RFK RFK RFK RFK.” Diamond lhe pediu para escrever algo além do nome de Kennedy, e ele escreveu: “Robert F. Kennedy, Robert F. Kennedy.” Kennedy o quê? Sirhan escreveu: “RFK RFK RFK RFK RFK tem que morrer RFK tem que morrer RFK tem que morrer” nove vezes, até Diamond lhe pedir para parar.

A experiência, testemunhada por Kaiser e pelo dr. Seymour Pollack, diretor do Instituto de Psiquiatria e Direito da Universidade do Sul da Califórnia, que representava a promotoria, prosseguiu durante algum tempo, seguindo esses parâmetros, até que Diamond perguntou se Sirhan achava que era “louco”.

“Não não não não”, escreveu Sirhan, ainda em transe. Se não era louco, por que estava escrevendo daquela maneira louca? “Prática prática prática prática”, escreveu Sirhan. Prática de quê? “Controle da mente controle da mente controle da mente.” Controle da mente para quê? “Aperfeiçoamento pessoal aperfeiçoamento pessoal”, escreveu Sirhan. Ele estava hipnotizado quando escreveu em seus cadernos? “Sim sim sim.” Quem o hipnotizou? “Espelho meu espelho”, escreveu Sirhan. “meu espelh meu espelho.” Quem o ensinara a fazer isso? Sirhan escreveu AMORC AMORC. Esse era o acrônimo da Antiga e Mística Ordem Rosacruz, a sociedade na qual ele ingressara depois de sair da “neblina”. Eles lhe mostraram como fazer isso? “Não”, escreveu Sirhan. Ele aprendeu a hipnotizar a si mesmo com um livro, então? “Sim sim sim.” Quem lhe deu os livros? “Eu comprei os livros eu comprei.”

Eles estavam andando em círculos. Mas estaria Kaiser no caminho certo quando se perguntou se o palestino havia sido programado — “*talvez sem seu conhecimento*” — para matar Kennedy? A ideia ainda lhe soava muito como *Sob o domínio do mal*, o filme de suspense da Guerra Fria de Richard Condon sobre um plano sino-soviético para transformar um soldado americano capturado na Coreia num assassino ativado por controle remoto e programado para matar o presidente dos Estados Unidos. Embora estivesse cético, Diamond iniciou uma experiência em que, por meio de hipnose, programaria o palestino para subir nas barras de sua cela como um macaco.

Certa manhã, durante o julgamento, ao se ver agarrado no alto das barras de sua cela, e sem qualquer lembrança de sua sessão com Diamond, Sirhan ficou “impressionado com a plausibilidade da ideia” de que havia sido programado para matar Kennedy.¹⁶ Embora a experiência não tenha ajudado em nada a esclarecer quem poderia ter sido o responsável por programá-lo, Kaiser continuou a suspeitar que “em algum lugar do passado de Sirhan havia uma figura misteriosa”.^{II}

Mais tarde, ele reclamou: “Com um pouco mais de empenho do que empregou, e bem mais informações secretas do que tinha, a polícia poderia ter estabelecido ligações entre Sirhan e a direita, entre Sirhan e a esquerda, *entre Sirhan e Al Fatah...*”¹⁷

* * *

Parece haver dois motivos pelos quais a teoria do Candidato Manchú [referência ao título original do filme, *The Manchurian Candidate*] não foi investigada com mais veemência na época. O primeiro é que a motivação política havia sido descartada tanto pela defesa quanto pela acusação. O segundo, claramente, é que era mais fácil acreditar que Sirhan era um homem solitário rancoroso com uma arma do que acreditar em assassinos políticos programados por hipnose.

Ainda assim, é lastimável que as referências de Sirhan a Albert DiSalvo em seus cadernos não tenham sido investigadas com mais rigor; caso contrário, talvez o motivo para o interesse incomum de Sirhan por um caso em que a hipnose tivera uma importância vital para a condenação de um assassino tivesse sido descoberto e pudesse ter levado aqueles que descartaram a teoria de Kaiser a repensar.

* * *

F. Lee Bailey, um advogado de Boston, foi o responsável pelo bem-sucedido processo contra o Estrangulador de Boston, Albert DiSalvo, com a assistência de um excelente médico hipnotizador de Los Angeles chamado dr. William Joseph Bryan Jr.

Astro da hipnose, poucos duvidaram da afirmação de Bryan de que ele trabalhara no MKULTRA, o programa de controle da mente da CIA.¹⁸ Um homem que conseguia fazer as pessoas sangrarem por insinuação¹⁹ — como fizera em uma palestra sobre hipnose para

advogados em São Francisco em 1961 — provavelmente não teria sido ignorado no que fora chamado de “guerra de cérebros” da CIA.²⁰

Entretanto, como esse era um projeto que a própria CIA admitia que não podia ser feito em condições éticas normais — e reconhecia que “os melhores cientistas do campo relutariam muito em assinar qualquer tipo de acordo”²¹ —, não havia contrato algum e era impossível verificar o papel de Bryan no MKULTRA.

Mas uma mulher que conhecia bem Bryan na época (havia sido sua amante e preferiu permanecer anônima) recordou que ele lhe dissera que trabalhava para a CIA, para um homem chamado Gottlieb, que acabou demitindo-o — porque, alegou Bryan, ele havia feito um bico como consultor técnico para o filme *Sob o domínio do mal*.

Gottlieb provavelmente era o dr. Sidney Gottlieb, que dirigia o programa MKULTRA e, em 1954, realizou — depois de um ano de desenvolvimento por uma equipe de pesquisadores sobre comportamento da CIA de codinome ARTICHOKE^{III} — a “mais moderna experiência em hipnose”:²² a criação de um assassino programado, o Candidato Manchu. Como a experiência não contou com a maioria dos controles internos da CIA e muitos de seus registros secretos foram destruídos, perdidos ou adulterados,^{IV} não se sabe se um Candidato Manchu foi criado ou testado com sucesso na época em que o projeto foi encerrado, em 1964 — doze meses depois de Bryan ser demitido do programa por Gottlieb.^V

“Estar perto de Bryan era uma experiência extrema”, disse sua ex-assistente Linda Gordon. Obsessivo, genial, gordo e de aparência impressionante, com a pele pálida de uma pessoa que raramente se aventura ao ar livre, “ele era uma bagunça como ser humano, mas ousava fazer qualquer coisa se seu ego fosse desafiado”, relatou-me Gordon.

É claro que Bryan foi o homem ao qual David Karr enviara Hamshari quando o palestino reclamou que a neblina em Los Angeles lhe dava enxaquecas; e o homem que Onassis visitou em Las Vegas para curar sua insônia — ou talvez sua potência pouco confiável — na véspera do cruzeiro pré-lua de mel com Jackie, na primavera de 1968. Era uma rede emaranhada, mas no meio dela, como um fio, passavam os nomes de Onassis, Karr e Bryan — e agora Sirhan Sirhan, cuja fascinação pela hipnose extrema, e pelo gênio de Bryan, finalmente podia ser compreendida.

* * *

Em 17 de abril de 1969, depois de 64 dias e noites isolados e dezesseis horas e 42 minutos de deliberação, o júri de sete homens e cinco mulheres considerou Sirhan Bishara Sirhan — “sozinho, e não em conluio com mais ninguém” — culpado de homicídio qualificado. Ele foi condenado à morte na câmara de gás.^{VI}

I Em determinado momento, Sirhan contou que concentrara sua raiva em Robert Kennedy por causa do apoio do senador à venda de cinquenta jatos Phantom a Israel. Mas Kennedy incitara o governo americano a enviar a Israel os “cinquenta jatos Phantom prometidos há muito tempo” num discurso no Templo Isaías, em Los Angeles, em *21 de maio*, e Sirhan escrevera sobre sua intenção de matá-lo em *18 de maio*. Em seu julgamento, Sirhan alegou que sua raiva fora causada por um documentário que ele havia visto na televisão “mais ou menos três semanas antes do assassinato”. O problema é que, assim como em sua explicação anterior, o documentário fora ao ar em 20 de maio — dois dias *depois* de sua anotação no caderno declarando que estava determinado a matar Kennedy. Depois, ele sugeriu uma terceira explicação: “Foi a notícia quente naquela estação KFVB, em que o locutor disse que Robert Kennedy estava num clube judeu em Beverly Hills, ou num clube sionista, ou qualquer que fosse; e ele se comprometera a dar ou enviar formalmente cinquenta jatos bombardeiros a Israel.” (Transcrição de julgamento,

p. 4.975-4.976). Contudo, a transmissão de rádio fora feita ainda depois do programa de televisão.

II Kaiser descobriu vários exemplos verídicos interessantes de “assassinato por procuração” por meio de hipnose, incluindo um caso em Copenhague, em 1952, no qual Bjorn Nielsen programara Palle Hardrup para roubar bancos e matar qualquer pessoa que tentasse impedi-lo, com o objetivo de conseguir dinheiro para um novo partido político que buscava a unificação da Escandinávia. Nielsen foi condenado à prisão perpétua por ter “planejado e instigado por influências de vários tipos, incluindo sugestões de natureza hipnótica”, a execução de assalto e assassinato por outro homem. (Paul J. Reiter, *Antisocial or Criminal Acts and Hypnosis*. Springfield, Illinois: Charles C. Thomas Co., 1958.)

III Em 19 de fevereiro de 1954, o pesquisador de comportamento Morse Allan, da CIA, depois de pôr uma secretária em transe profundo, hipnotizou uma segunda secretária e lhe disse que, se ela não conseguisse acordar sua amiga, “a raiva dela seria tão grande que a secretária não hesitaria em ‘matar’.” Embora antes tivesse manifestado ter medo de toda e qualquer arma de fogo, ela pegou uma pistola plantada por Allen e “atirou” na amiga que dormia. Depois de ser tirada do transe, a “assassina” teve uma aparente amnésia dos acontecimentos, negando que tivesse atirado em alguém (John Marks, p. 183, citando memorandos da CIA adquiridos por meio da FOIA).

IV Uma auditoria remanescente do projeto feita pela CIA em 1963 voltava a enfatizar a necessidade de sigilo: “É preciso tomar precauções não apenas para proteger as operações de uma exposição a forças inimigas, mas também para ocultar essas atividades do público americano em geral. O conhecimento de que a Agência está envolvida em atividades antiéticas e ilícitas teria repercussões sérias” (Citado em relatório da Comissão Church, FR1, p. 394).

V “Isso não pode ser feito por todo mundo, não pode ser feito sistematicamente, mas pode ser feito”, disse Milton Kline, ex-presidente da American Society for Clinical and Experimental Hypnosis e um dos especialistas particulares com os quais os cientistas de Gottlieb discutiram o projeto Candidato Manchu (Marks, p. 187).

VI Mais tarde, sua sentença foi reduzida para prisão perpétua, quando a Suprema Corte dos Estados Unidos declarou a pena de morte inconstitucional.

VINTE E CINCO

UM SUICÍDIO PRESTES A ACONTECER

Sabemos a verdade não apenas pela razão,
mas pelo coração.

—BLAISE PASCAL, 1623-1662

Em 1970, uma trágica subtrama foi revelada em Spetsapoula, a ilha particular de Stavros Niarchos.

Pouco depois das sete horas da manhã de uma segunda-feira, 4 de maio de 1970, Onassis recebeu um telefonema de seu chefe de segurança, Miltiadis Yiannakopoulos, dizendo que a esposa de Niarchos, Eugenie, havia morrido. A criada a encontrara inconsciente no chão de seu quarto, junto de um frasco vazio de Seconal.

Numa declaração divulgada à imprensa naquele dia, Niarchos explicou que sua mulher estava angustiada por ter ouvido uma conversa dele com a ex-mulher, Charlotte Ford, em Nova York, na qual Niarchos convidara a filha de quatro anos deles, Elena, para passar o verão com ele em Spetsapoula.¹

O clima estava tenso no casamento de Niarchos desde que ele voltara para a família, depois de seu breve casamento com a herdeira da Ford. Eugenie nunca fora uma mulher forte e ficara profundamente deprimida com a recusa de Niarchos a se casar de novo com ela (ele insistia que, aos olhos da Igreja Ortodoxa grega, seu casamento com Charlotte nunca acontecera). Havia meses amigos manifestavam preocupação com a fragilidade emocional de

Eugenie e seu hábito de ingerir barbitúricos. Ela era “um suicídio prestes a acontecer”, segundo um deles.

Entretanto, o comportamento de Niarchos entre 22h25 de 3 de maio, quando Eugenie foi encontrada inconsciente, e 0h25, quando foi declarada morta, levantaria suspeitas que perduram até hoje. Ele demorou mais de meia hora para chamar um médico — não, como seria de se esperar, o médico de Spetsapoula, que levaria dez minutos para chegar de lancha, mas o médico da empresa de Niarchos em Atenas, que chegou de helicóptero aproximadamente noventa minutos depois.

Todavia, a morte de Eugenie não foi de causa natural, e havia escoriações em seu corpo. Por causa disso, o médico da empresa se recusou a emitir um atestado de óbito, e o corpo foi enviado a Atenas para uma autópsia. Mais tarde, Niarchos tentaria explicar as escoriações ao promotor público de Pireus dizendo que sacudira e esbofeteara sua mulher ao tentar ressuscitá-la, que ela caíra várias vezes enquanto ele lutava para levá-la de volta à cama e que a puxara pelo pescoço para deixá-la ereta.

O relatório da autópsia citava uma escoriação de cinco centímetros no abdome com hemorragia interna e atrás do diafragma, na região da quarta e quinta vértebras; uma escoriação no olho esquerdo e um inchaço na têmpora esquerda; uma hemorragia elíptica no lado direito do pescoço; uma hemorragia à esquerda da laringe, com contusões acima da clavícula, no lado esquerdo do pescoço, no braço esquerdo, no tornozelo e na canela. E algumas reportagens afirmaram que ela também sofrera ruptura esplênica. Entretanto, depois de um puxão de orelha para Niarchos pela “inexplicável e indesculpável demora para chamar um médico”, concluiu-se que os ferimentos de Eugenie eram coerentes com vigorosas tentativas de ressuscitação e que a morte fora causada por uma overdose de barbitúricos.

Contudo, nem todo mundo ficou satisfeito com esse veredito, e uma segunda autópsia foi exigida por um juiz de instrução. Dessa

vez, foi determinado que o Seconal encontrado no corpo (dois miligramas de barbitúrico em cem centímetros cúbicos de sangue) não era uma dose letal — e que Eugenie morrera em decorrência dos ferimentos.

“Stavros estava com mais problemas do que nunca”, disse seu ex-relações-públicas Alan Campbell-Johnson, que fizera muito para ajudar Niarchos a destruir o acordo de Jidá, de Onassis, quinze anos antes. “Seria desleal de minha parte dizer que Stavros só teve o que merecia, mas muita gente achou isso.”¹

E havia coisas muito piores por vir.

* * *

Astutamente, Onassis tinha transcrições de todos os telefonemas feitos de e para Spetsapoula em 3 de maio e sabia que o relato feito por Niarchos sobre a noite em que Eugenie morreu era uma grande mentira. Pouco depois de ela ser enterrada no cemitério de Bois-de-Vaux, em Lausanne, ele chamou Georgakis à avenue Foch e, na presença de Johnny Meyer, reproduziu a conversa entre Niarchos e Charlotte Ford que ele alegava ter sido o motivo do suicídio de sua esposa.

Ficou claro para Georgakis que Niarchos havia bebido. Sua voz, que nunca fora exatamente suave — ele simulava um sotaque de classe alta inglesa que costumava soar estrangulado, como se tivesse um problema de dicção, o que as pessoas às vezes achavam que ele tinha mesmo —, estava incompreensível e sua conversa, repetitiva.

Onassis queria saber se Georgakis conseguia ouvir falarem de Elena, filha de Niarchos. Georgakis escutou a gravação duas vezes; o nome de Elena sequer era mencionado. (De acordo com a escritora Sally Bedell Smith, ao fim da conversa Charlotte Ford “*desligou, desconcertada*”).²

Onassis então reproduziu uma segunda gravação — que ele dizia ter sido feita no mesmo dia — com uma conversa entre Niarchos e sua cunhada, Tina. Ainda inconfundivelmente bêbado, e indiscretamente amoroso, Niarchos estava implorando a Tina — agora casada com o marquês de Blandford, herdeiro do duque de Marlborough — para passar o verão com ele em Spetsapoula.

Essa era a ligação que Eugenie escutara. Esse era o motivo pelo qual Eugenie quisera se matar, disse Onassis, triunfante, no silêncio atordoante que se seguiu ao fim da gravação: “Ela descobriu que Stavros estava trepando com sua irmãzinha!”³

Meyer não ficou surpreso por Onassis ter uma fita da conversa. “Nem um pardal caía em Spetsapoula sem que Onassis soubesse”, revelou ele mais tarde a Brian Wells.⁴ Mas Georgakis, que sempre achou que a amargura que existia entre Onassis e Niarchos só poderia ser resolvida “não pela justiça, não pela lei, mas pelo poder e pela vingança, por métodos inteiramente de acordo com o caráter deles”, sabia o que Onassis estava pensando e ficou pasmo.⁵

Alguns dias antes, depois da segunda autópsia incriminadora, o juiz de instrução em Atenas recomendara que Niarchos fosse acusado de “infligir ferimentos que levaram à morte” de Eugenie e julgado de acordo com o Artigo 311 do código penal grego: homicídio involuntário, que previa pena máxima de dezoito anos de prisão. O indiciamento fora encaminhado à Suprema Corte para aprovação.

“Eu disse: ‘Ari, se essa fita for divulgada, acabará com Stavros’”, contou Georgakis, recordando sua conversa com Onassis. “Mas prejudicará muito mais as crianças. Elas perderam a mãe. Você quer que percam o pai também?”⁶

As opiniões sobre o que aconteceu em seguida divergem. De acordo com Meyer, Onassis lhe disse para vazar as fitas para o *New York Post* assim mesmo⁷ e só mudou de ideia quando seu homem de segurança, Miltiadis Yiannakopoulos, advertiu-o de que eles perderiam uma fonte de informações secretas preciosa se Niarchos

descobrisse que seus telefones em Spetsapoula tinham sido grampeados.

Porém, segundo uma fonte da família Niarchos, Onassis recuou quando Stavros ameaçou retaliar com “alguma merda séria” que sabia dele. “Os dois tinham sujeira escondida embaixo do tapete. O fato de um ter provas contra o outro sempre foi o que preservou o equilíbrio de poder. Mas sempre achei que Stavros tinha muito mais contra Ari do que Ari algum dia tivera contra ele. E, quando você considera o que Ari tinha contra Stavros, tem que se perguntar como Stavros conseguiria superar aquilo”, disse minha fonte.^{II}

Enquanto isso, foi feita uma terceira autópsia. Dessa vez, o relatório — redigido por quatro médicos cujos vereditos já estavam em conflito, além de dois professores de anatomia patológica, e ainda dois patologistas indicados por Niarchos cujos talentos tinham mais a ver com habilidades diplomáticas do que exigências da medicina legal — livrou a cara de Niarchos.

Mas, embora ainda houvesse demasiadas perguntas sem respostas para que os rumores da culpabilidade de Niarchos se dissipassem, de súbito Onassis ficou estranhamente quieto em relação ao assunto, confirmando a suspeita daqueles que acreditavam que Niarchos tinha “alguma merda séria” contra ele.

* * *

Na primavera de 1971, Onassis decidiu que Christina deveria se casar com Peter Goulandris, cuja família tinha quatro empresas de frete e cuja mãe era membro da distinta família Lemos. Contudo, embora Christina até gostasse de Goulandris, um dia antes do anúncio do noivado ela fugiu para Monte Carlo, onde, junto à piscina do Hotel de Paris, conheceu Joseph Bolker.

Para Christina, a relação logo se aprofundou até o nível da dependência, mas para o americano de 48 anos era basicamente um relacionamento sexual, e Bolker não ficou nada feliz quando ela o

seguiu até Los Angeles. Seu apartamento no vigésimo andar do Century Towers West era perfeito para um solteiro, e ele não queria se prender a uma amante residente que não era bem-vinda, ainda que o pai dela fosse o homem mais rico do planeta e estivesse casado com a viúva do 35^o presidente dos Estados Unidos.

Tina piorou a situação declarando que não queria sua filha vivendo em pecado e que Christina tinha de voltar para a Europa de uma vez por todas — “ou legalizar isso”. Interpretando a relutância de seu amante em se casar com ela como resultado de sua incapacidade de se fazer desejada, Christina tomou uma overdose. Salva por um jovem médico que morava no mesmo andar, ela não manifestou arrependimento. “Vou continuar fazendo isso até você se casar comigo”, disse ela a Bolker.⁸

Em 28 de julho, Jackie comemorava seu aniversário de 42 anos em Skorpios quando Onassis soube que sua filha se casara com Bolker em Las Vegas na noite anterior.

Um dos paradoxos infelizes do caráter de Christina era que, embora quisesse ser independente, ela também era viciada num estilo de vida que só o dinheiro do papai podia bancar. Portanto, ela ficou arrasada quando ele logo reviu os termos de seu fundo fiduciário — Christina teria direito a receber 75 milhões de dólares em seu aniversário de 21 anos, em dezembro —, adiando por tempo indeterminado seu acesso à fortuna que a libertaria.

Dependente do marido — um homem que ela descreveu como um “milionário insignificante” em termos de posses —, ela sentiria falta da ilha particular do papai, dos jatinhos, das contas e das suítes permanentes nos melhores hotéis do mundo. Se o preço para viver com esses luxos era estar presa ao pai, o preço para viver sem eles era ainda mais insuportável.

Mas, em meio ao seu divórcio do marquês, Tina chamou a filha para Nova York. A fim de compensar pelo bloqueio do fundo fiduciário, ela deu a Christina 200 mil dólares (um presente extraordinariamente generoso de uma mulher conhecida por sua

parcimônia: “Fazer Tina estender uma nota de cinco libras era um baita milagre”, disse Fiona Thyssen)⁹ e lhe pediu para enfrentar o pai.

Contudo, o dinheiro, assim como o divórcio, não foi dado por puro altruísmo. E, quando, dezoito meses depois da morte de Eugenie em Spetsapoula, Tina e Niarchos se casaram em Paris, Christina suspeitou que sua mãe financiara sua rebelião simplesmente para desviar a atenção de Onassis.

Bolker disse que nunca tinha visto tamanha tragédia grega. “Como sua mãe pôde se casar com aquele homem que espancara a irmã dela até a morte e empurrara barbitúricos pela garganta dela para fazer parecer que tinha sido suicídio? Era nisso que Christina acreditava. Ela disse: “Você tem que entender, Joe, homens como Niarchos, e homens como meu pai, consideram-se acima da lei. O que os outros pensam ou querem não conta”, contou-me Bolker.¹⁰

As acusações de Christina se tornaram uma fofoca comum em Atenas e Paris. Um novo ritual de overdose confirmou a sinceridade de sua angústia. Tina disse a Bolker que ele precisava impedir Christina de “dizer essas mentiras monstruosas sobre meu marido”.¹¹

Aquelas pessoas eram diferentes de todas as outras que Bolker conhecera. “Aquelas famílias dividiam países entre si. Compravam juízes, promotores, políticos, policiais”, revelou ele, que se recusava a se envolver. “Perguntei: ‘Tina, se você não consegue impedir Christina de dizer essas coisas, por que acha que eu consigo?’”, disse ele mais tarde, lembrando seu dilema. Christina estava convencida de que Stavros matara Eugenie, e não havia nada que Bolker pudesse fazer em relação a isso. Se fosse apenas uma suspeita, explicou ele à sogra, eles poderiam tratar o assunto racionalmente. Mas não era uma suspeita. Era uma obsessão. E “ninguém pode discutir uma obsessão racionalmente”.¹²

Tina disse a ele que Onassis também fizera “coisas horríveis na vida. Coisas perversas, perversas”. Christina tinha que aprender a

ser discreta ou sofrer as consequências.¹³

Bolker já não se surpreendia com nada que Tina e a filha diziam. Onassis era “capaz de mandar matar pessoas”, Christina lhe confessara certa vez, ou, pelo menos — ela recuara um pouco ao ver o medo em seus olhos —, “mandar quebrarem suas pernas ou algo assim”.¹⁴

* * *

Quando Christina chegou à casa de Fiona Thyssen em Wilton Place depois de almoçar com a mãe no Claridges, em dezembro de 1971, seu rosto estava pálido, e ela se sentou tão trêmula que a amante do irmão achou que Christina fosse desmaiar. “Minha mãe parece gostar de encontrar novas maneiras de me magoar”, disse ela a Thyssen, arrasada.

Embora por natureza fosse falante e confiasse nas pessoas — “Christina era tagarela”, recordou um de seus amantes ingleses —, ela sabia que não podia confiar a ninguém a história que sua mãe lhe contara naquela tarde para fazê-la parar de dizer aquelas “mentiras monstruosas” sobre Stavros.

Ela não ousou contar sequer a Fiona. Jovem o bastante para ser divertida, mas velha o bastante para poder falar por experiência própria, a amante de seu irmão era sua amiga mais sábia. Christina admirava a maneira como Fiona lidara com seus próprios momentos difíceis e promovera sua reconciliação com o irmão, depois de anos de ciúmes e suspeitas mútuas. Ainda assim, a história que lhe fora contada naquela tarde a perturbara demais, a ponto de não confiá-la — e fazer um alerta — à mulher que ela amava como a uma irmã, e cuja vida se tornara tão desesperadamente misturada à deles.

Logo depois de chegar a Londres, no dia seguinte, Alexander teve uma conversa particular com a irmã, ainda abalada, em Wilton Place.

Embora a história de Tina pudesse ser considerada mais uma prova de sua loucura — insanidade era a única explicação que os filhos conseguiam encontrar para seu casamento com o assassino da irmã, o que eles acreditavam sem dúvida que Niarchos era —, nenhum dos dois subestimava a crueldade do pai ou podia ignorar a aparente prova irrefutável que a mãe dera a Christina durante o almoço no Claridges.

Era Alexander quem assumia agora o comando da situação. À parte a prova assustadora que Tina apresentara para sustentar sua história, resta apenas especular sobre o que ele pôs na pasta que acabou guardando num cofre do hotel Plaza-Athenée, em Paris.

“Alexander me disse que a pasta continha informações que iriam dissuadir seu pai de permitir que me fizessem mal”, recordou Fiona, que não cobrou detalhes. “Eu sabia que ele só me contaria se fosse seguro para mim”, disse ela.¹⁵

Pouco antes desse episódio, Fiona sem querer vira a transcrição de uma conversa entre dois “capangas” de Onassis que deixava claro que ele estava “determinado a causar algum mal a Joe [Bolker]. Ele queria prejudicar o rapaz, talvez não matá-lo, mas certamente causar-lhe um dano sério.”¹⁶

Ela sempre acreditara que havia uma veia de loucura em Onassis, o que fazia com que fosse perigoso contrariá-lo. “Nada o impedia de fazer o que queria (...) ele era capaz de qualquer coisa caso se sentisse ameaçado. Eu teria sido extremamente idiota se não tivesse percebido que as coisas que sabia sobre ele representavam um enorme perigo para mim”, revelou-me ela. “Alexander e eu tínhamos consciência de que acidentes podiam acontecer.”¹⁷

* * *

Enquanto isso, Christina continuava a se preocupar com a deterioração de seu casamento. “Ela tinha uma aparência

sensacional naquela época. Péssimos modos à mesa, como a maioria dos gregos, mas um rosto sensacional”, afirmou Fiona, que achava doloroso ver alguém tão jovem com tanto medo do futuro.¹⁸

Consciente de que Bolker levaria uma surra grave, e talvez algo pior, se Christina não agisse rápido, Fiona a exortou a acabar com o casamento o quanto antes. “Olhe, você não quer ficar casada com Joe. Ele não quer ficar casado com você. Volte para a Califórnia, diga a ele que você quer o divórcio e em algumas semanas tudo estará acabado e ninguém precisará ser envolvido, exceto você e Joe. Faça algo com dignidade, que é uma palavra que seu pai não faz ideia do que significa.”¹⁹

Em 9 de dezembro, Christina retornou à Califórnia para sua festa de aniversário de 21 anos, dois dias depois, no Bistro, em Beverly Hills. No dia seguinte, ela e Bolker concordaram em se divorciar. “Você nem imagina o alívio que eu senti por finalmente sair daquela família”, disse-me Bolker.

Alguns meses depois, Christina estava hospedada no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, quando o Learjet de seu pai, que estava indo buscá-lo em Nice, caiu no mar perto de Cap d’Antibes, matando os pilotos Dimitris e Giorgio Kouris.

Christina telefonou para Bolker: “Eles estão tentando matar meu pai, Joe.” Quando Bolker lhe perguntou quem eram “eles”, ela respondeu que seu pai já mandara matar uma pessoa — “alguém grande, ou alguém importante”, recordou Bolker — e que seu avião havia sido sabotado como forma de vingança. Antes, Christina já afirmara que seu pai era “capaz de mandar matar pessoas”.²⁰ Aquela era a primeira vez que ela afirmava que Onassis havia realmente mandado matar alguém. Assustado com as coisas que ela dizia pelo telefone e consciente de que geralmente havia alguma verdade em todas as suas histórias, Bolker encerrou rapidamente a conversa.^{III}

Embora o acidente — ocorrido quando o Learjet se aproximava do aeroporto de Nice à noite, poucas semanas depois de o iate de David Karr, o *Asmeda Hope*, explodir misteriosamente e afundar no

porto de Cannes — tenha sido atribuído a um erro humano, Onassis estava convencido de que, assim como no caso do *Asmeda*, alguém havia explodido o avião. Irmão dos pilotos, Grigoris Kouris também acreditava que Dimitris e Giorgio haviam sido assassinados num atentado contra a vida de Alexander. Se eles não tivessem atrasado quase uma hora para sair de Atenas para apanhar Alexander em Nice e levá-lo a Paris, “Alexandros estaria a bordo quando a bomba explodiu”, disse ele.²¹

Alexander, que era próximo dos irmãos Kouris — eles o haviam ensinado a pilotar e eram como irmãos para ele —, passou semanas com Fiona Thyssen no litoral francês à procura de vestígios dos destroços. Mas, quando os destroços enfim foram localizados no fundo do mar de Cap d’Antibes, Onassis se recusou a recuperá-los.

“Por que Ari não quis que o avião fosse resgatado?”, ponderou Thyssen mais tarde. “Por que ele não quis que os destroços fossem examinados pela perícia? Ele estava convencido de que o avião havia sido sabotado, mas não realizaria uma investigação. O que ele temia que encontrassem?”²²

* * *

Antes mesmo das acusações de Tina, Alexander sabia que seu pai era um homem seriamente desequilibrado. Como não havia comissões de supervisão para coibir seus excessos, e ninguém à sua volta com poder ou coragem suficiente para contradizê-lo, sua vasta riqueza lhe permitia tomar decisões que muitas vezes ultrapassavam os limites éticos normais. É compreensível que ele fosse um homem de muitos inimigos. Alexander crescera sabendo disso, assim como certamente sabia que nunca seria feliz se não se libertasse da tirania de Onassis. “É a única maneira de eu sobreviver. Não posso aceitar a dominação desse homem grotesco por muito mais tempo”, dissera ele a Fiona Thyssen.²³

E agora ele enfrentava a possibilidade de que dois de seus amigos mais queridos tivessem morrido numa tentativa fracassada de matá-lo para punir seu pai. Isso perturbou a consciência de Alexander mais do que nunca. Assim, não foi uma surpresa quando, semanas depois do acidente, ele confidenciou a história extraordinária de sua mãe a Yannis Georgakis e revelou o que acontecera entre Tina e Christina no Claridges:

Seu pai havia financiado o assassinato de Bobby Kennedy — e poderia ter encomendado a morte de Fiona Thyssen e Stavros Niarchos também!

Antes que Georgakis pudesse protestar, ou talvez rir, Alexander lhe entregou um envelope com fotocópias de páginas dos cadernos de Sirhan, que Tina havia passado a Christina no Claridges Hotel em dezembro.

Mesmo três anos depois, qualquer pessoa que tivesse acompanhado o julgamento de Sirhan nos jornais provavelmente teria reconhecido o discurso maníaco e os inquietantes fluxos de consciência — misturados a mantras políticos, informações sobre corridas de cavalo e lembretes de sua missão para matar Bobby Kennedy — encontrados nos cadernos que haviam ajudado a condená-lo.

Na primeira página, Sirhan escrevera no meio de um círculo, em meio a palavras em árabe, um único nome:

Fiona.

E em outra página:

2 Niarkos!

Numa terceira página, nas entrelinhas de *Cem mil Dólares e Dólares — Cem*, Sirhan escrevera, em árabe: *eles devem ser mortos*. E ao lado disso, um número:

Três.

Fiona, Niarchos e Kennedy. Os nomes impactavam pelo mero fato de estarem justapostos. Mas, como advogado, Georgakis era sempre cético: não acreditava em fatos impactantes, e indícios

circunstanciais o incomodavam. Mas três nomes e uma quantia de dinheiro escritos no caderno de um assassino — ele já havia visto provas mais frágeis levarem a uma condenação num tribunal. A verdade é que ele estava *arrasado* com a possibilidade muito real de que Onassis tivesse pagado pelas balas que mataram Bobby Kennedy, e não foi a primeira vez que ele se perguntou sobre a natureza do acordo de Onassis com Hamshari.

“Às vezes, sequências de circunstâncias incríveis podem ser atribuídas de maneira razoável a coincidências. Mas a certa altura a ligação é tão espantosa que é preciso admitir que aquilo só pode ter acontecido de propósito”, refletiria mais tarde Georgakis. “E, quando um nome irlandês-americano, um nome escocês e um nome grego — os nomes dos três inimigos mais odiados e incômodos de Onassis — são encontrados no caderno de um assassino palestino, escritos em Los Angeles pouco depois de Onassis dar 1 milhão de dólares a um terrorista palestino em Paris [muito mais do que o palestino havia exigido], e o primeiro nome da lista já foi morto, é preciso considerar seriamente a possibilidade de que chegou a esse ponto.”²⁴

I Elena fora concebida num estranho interlúdio em 1965, quando Niarchos se casou com a filha do magnata de automóveis Henry Ford num quarto de motel em Juárez 24 horas depois de Eugenie se divorciar dele na mesma cidade mexicana, por motivo de incompatibilidade de gênios. Mas, antes mesmo de Charlotte voltar a Juárez, menos de dois anos depois, para se divorciar dele tão sumariamente quanto se casara, Niarchos voltara para Eugenie e os quatro filhos que tinha com ela.

II O filho mais velho de Niarchos, Philippe, determinou que ninguém da família e nenhum de seus conhecidos poderia falar comigo ou me ajudar de qualquer forma, depois de descobrir uma carta que eu escrevera para Stavros, pouco antes da morte dele, esboçando a premissa deste livro e pedindo uma entrevista. Minha fonte, que falara comigo antes de a ordem ser dada, implorou-me para não

mencionar seu nome nem usar qualquer informação que pudesse identificá-la.

III Conheci Joseph Bolker em fevereiro de 1983, quando estava fazendo pesquisas para *Ari*. Naquela primeira entrevista, em sua casa, em Los Angeles, Bolker mencionou o comentário de Christina sobre o pai dela já ter mandado matar alguém — “alguém grande, ou alguém importante” —, porém, mais tarde, me pediu para não publicar a informação. Ele acabou concordando que eu escrevesse que Onassis era “capaz de encomendar assassinato”. Pouco antes de sua morte por câncer, aos 62 anos, em 1986, perguntei-lhe se ele sabia o nome do homem que Onassis supostamente havia mandado matar. “Christina nunca me disse o nome e, francamente, eu nunca quis saber. O que sei, e não tenho dúvida disso, é que ela estava falando a verdade. Onassis realmente mandou matar alguém importante. E, na minha opinião, todos os problemas de Christina e toda a tragédia que se abateu sobre aquela família começaram com esse assassinato.”

VINTE E SEIS

MAIS UM TRISTE VELHOTE NAMORADOR

O homem imagina que é a morte que ele teme;
mas o que ele teme é o inesperado...
O que o homem teme é a si mesmo, e não a morte.

—ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY, 1900-1944

Alexander jamais perdoaria seu pai pelo que ele fizera, embora também sentisse pena dele. O casamento de Onassis — que pelo menos em parte fora concebido como uma manobra de negócios, pela qual ele arriscara muito e pagara caro — não lhe trouxera nada além de sofrimento. Jackie não salvara o Omega para ele. Ela era geniosa, e, em vez de lhe dar um toque de classe e lhe abrir portas em Washington, o casamento o amaldiçoara pelo país inteiro. Na verdade, disse Alexander a um amigo de Paris, Jackie fizera seu pai parecer “mais um triste velhote namorado”.¹

Onassis sabia disso também. “Meu Deus, que trouxa eu fui”,² confessava ele a amigos quando lhe perguntavam sobre a mulher que ele certa vez comparara, liricamente, a um diamante — “fria e afiada por fora, ardente e quente por dentro”³ — e que agora considerava “frígida e superficial”.⁴ Ele já não se gabava da imaginação e do ardor de Jackie na cama, nem gostava de repetir as obscenidades que afirmava que ela dizia no auge do ato sexual. Entretanto, continuava a convocá-la de Nova York, como se ela fosse uma das garotas de madame Claude, e a dispensava quando estava

satisfeito ou entediado. Christina dizia a amigos que era a maneira dele de lembrar a Jackie “o que ela era”.

Ele cortara em um terço a mesada de 30 mil dólares de Jackie e transferira o controle das finanças de Nova York para sua sede em Monte Carlo, onde poderia monitorar melhor os gastos dela. Mas é difícil determinar se as extravagâncias dela eram a vingança de uma esposa que sabe que seus dias estão contados ou algo distinto. “Naquele casamento estava acontecendo uma espécie de batalha, à qual era maravilhoso assistir e na qual era extremamente fascinante pensar”, revelou o pintor Rico Zermeno, que conhecia Jackie desde 1949, quando ela iniciara seu ano de Sorbonne em Paris. Zermeno sabia que, apesar de Onassis humilhá-la, ela não ficaria de braços cruzados.⁵

Mas, apesar de não se importar que seu marido e Callas tivessem reatado o caso, Jackie não queria que ele namorasse a amante em público, disse ela a Billy Keating. Afinal de contas, ela era discreta — reiniciara seu caso com Roswell Gilpatric, mas em público costumava estar acompanhada de um gay conhecido — e esperava que seu marido demonstrasse a mesma consideração por ela.

Entretanto, Onassis tinha coisas demais na cabeça para se preocupar com os sentimentos mais refinados de Jackie. Depois de Moscou lhe oferecer “crédito praticamente ilimitado, equipamentos e know-how”⁶ para desenvolver o Omega, os coronéis — informados por Washington de que, se deixassem os soviéticos entrarem na Grécia pela porta dos fundos, poderiam dar adeus a qualquer outra ajuda americana ao seu regime — cancelaram o projeto inteiro.

Enquanto isso, Alexander transformava a Olympic Aviation, uma pequena ramificação da Olympic Airways, numa empreitada bastante lucrativa. Ao contrário de seu primo e irmão adotivo Constantine Niarchos, cujos excessos de rebelde eram o desespero da família, Alexander era um filho que deixaria qualquer pai normal orgulhoso. Mas Onassis não era um pai normal, e Alexander sabia que o conteúdo de seu cofre no hotel Plaza-Athenée, em Paris, estragara a

relação dos dois, provavelmente para sempre. Onassis passava horas destripando-o pelo telefone; seu desprezo e suas ameaças se tornaram um tormento diário. Incapaz de transmitir a Fiona a dimensão da ira do pai, Alexander começou a gravar as conversas com ele. "Ouça isso", dizia a ela. "São duas horas da tarde lá [em Nova York] e ele está completamente fora de si."⁷

Para eles, estava claro que não podiam construir um futuro juntos que fosse tão vulnerável à tirania de Onassis. Alexander precisava se libertar. Fiona comprou uma casa na Suíça e Alexander começou a fazer planos para um novo começo longe do alcance do pai. "O plano era que, assim que a casa estivesse pronta, ele informaria ao pai: 'Está bem, vou morar com Fiona; vou para a universidade; vou tirar um diploma e conseguir um emprego.' Ele realmente tinha coragem para fazer isso, para ir embora e ser totalmente deserdado", contou Fiona.⁸

* * *

No outono de 1972, Onassis intensificou seus planos para se livrar de Jackie. Ele sabia que não seria barato, disse a Roy Cohn, seu advogado em Nova York, mas queria se assegurar de não pagar a ela um centavo a mais do que o necessário.

"O sr. Onassis afirmou: 'Não devo nada àquela mulher'", recordou Cohn. "Ele havia concluído definitivamente que queria romper o casamento e estava consultando seus advogados gregos etc., e havia muitas complicações por lá. Mas estava preocupado principalmente por Jackie saber sobre certos assuntos relacionados a seus interesses privados e comerciais que ele não queria que viessem a público."⁹

Foi uma manobra esperta contratar Cohn, que não apenas tinha a fama de ser "o mais firme, o mais cruel, o mais vil e um dos mais brilhantes advogados dos Estados Unidos",¹⁰ como também odiava

os Kennedy, particularmente Bobby, que nunca o perdoara por vencê-lo na disputa pelo cargo de presidente da subcomissão de Joe McCarthy no Senado, em 1953. Cohn me disse que Onassis “sentia que estava sendo feito de trouxa”. Jackie estava “dormindo de novo com Ros Gilpatric e outros”, e ficou combinado que Johnny Meyer providenciaria vigilância constante para obter provas que pudessem ser usadas contra ela.¹¹

* * *

Na época, Mahmoud Hamshari havia abandonado seu passado obscuro e seus diversos nomes falsos para surgir como “embaixador” da OLP em Paris. Mas pau que nasce torto morre torto,^I e agentes da contrainteligência israelense continuavam a desconfiar dele, acreditando tratar-se de uma figura-chave do Setembro Negro, grupo dissidente da Fatah responsável pelo massacre em Munique, no qual onze membros da delegação olímpica de Israel foram mortos.

Enquanto a investigação do Mossad sobre seu envolvimento em Munique entrava na fase final, uma ameaça mais insidiosa a Hamshari crescia dentro da própria Fatah. De acordo com Mohammed Ibrahim, uma fonte em Paris que diziam ser “incontestável” alegava que Hamshari se apropriara indevidamente de doações feitas à Fatah por Aristóteles Onassis, entre outros.

Essas acusações não eram incomuns na irremediavelmente caótica Fatah, onde a contabilidade era frouxa e, muitas vezes, idiossincrática e sempre havia cismas a serem resolvidos. Mas, como era mais provável que essas acusações derivassem de personalidades e rivalidades do que de indícios, em geral elas eram investigadas e selecionadas por agentes da inteligência de médio escalão como assunto de rotina. Dessa vez, porém — talvez porque a fonte fosse considerada muito confiável, ou devido à grande quantia supostamente envolvida, ou talvez porque ele já soubesse a

verdade e precisasse de tempo para lidar com as consequências da revelação —, Abu Iyad cuidou pessoalmente da investigação.

Embora não haja meios de saber o que se passava pela cabeça do chefe da inteligência da Fatah quando ele começou a investigar Hamshari, estava claro que isso lhe exigiria um exercício de equilíbrio político se a fonte em Paris provasse estar correta. Porque, embora o valor de Hamshari para Abu Iyad fosse mais percebido do que compreendido dentro da Fatah, poucos tinham dúvidas de que o primeiro “embaixador” da OLP na França era — como sempre havia sido — um homem de Abu Iyad. Nesse sentido, sua inocência ou culpa poderia se tornar o estopim para uma mudança do equilíbrio de forças entre os falcões e as pombas da Fatah.

Na manhã de 7 de dezembro, várias semanas depois de Abu Iyad iniciar sua investigação, e pouco depois de o “embaixador” Hamshari deixar seu escritório no edifício da Liga Árabe, no boulevard Haussmann, dois agentes israelenses, passando-se por técnicos da companhia telefônica, entraram em seu apartamento na rue d’Alésia, no 14o *arrondissement*, onde instalaram um sofisticado explosivo embaixo de sua mesa. Na manhã seguinte, ele recebeu um telefonema de um homem pedindo para falar com o embaixador. “Sim, é ele”, respondeu Hamshari, reconhecendo seu título de cortesia, do qual sentia exagerado orgulho. O segundo som que ele ouviu foi o chiado de um sinal hipersônico detonando a bomba.¹² Embora terrivelmente ferido, ele sobreviveu à explosão e foi posto sob proteção policial no CTI do Hospital Cochin, na rue du Faubourg Saint-Jacques.

* * *

Há dúvidas — e provavelmente sempre haverá — sobre quanto Abu Iyad sabia a respeito do acordo de Hamshari com Onassis, pois, assim como muitos agentes, Hamshari se tornara incontrolável, um homem solitário cujos hábitos de segredos e mentiras o haviam

separado não apenas de seus inimigos, mas também de sua família e de seus companheiros mais próximos. Entretanto, mesmo que ele estivesse seguindo ordens ao pressionar Onassis em Paris, é inconcebível que isso fizesse parte de uma estratégia da Fatah para provocar os acontecimentos que levariam ao assassinato de Bobby Kennedy. Porque este só poderia ter sido resultado do destino, uma virada extraordinária na vida pessoal de Onassis que ninguém poderia ter previsto quando Hamshari propusera o assassinato de um americano proeminente logo depois da Guerra dos Seis Dias no verão anterior.

Embora essas incertezas possam parecer secundárias à suspeita de que Hamshari se apropriara indevidamente de fundos da Fatah, Abu Iyad sabia que não eram secundárias de modo algum. Mas nunca saberemos se ele simplesmente aproveitou a oportunidade para se livrar de um homem que sabia demais — para seu próprio conforto e também da Fatah. O que sabemos é que foi realizada uma corte marcial secreta na ausência inevitável de Hamshari, numa suíte no último andar do St. George Hotel, em Beirute. Diante das conclusões da investigação de Abu Iyad, o tribunal julgou Hamshari culpado de malversação de fundos da OLP, ao desviar donativos, sobretudo de Onassis, para contas bancárias pessoais na Suíça e em Luxemburgo.

Embora lealdade nunca seja garantia nas terríveis rivalidades da política revolucionária, Abu Iyad se sentiu profundamente traído. De acordo com Mohammed Ibrahim, um amigo que falou com ele logo depois do veredito da corte marcial o achou mais angustiado com a deslealdade pessoal de Hamshari para com ele do que com a malversação. Entretanto, mesmo com seu protegido entre a vida e a morte em Paris, sua assinatura foi a primeira na ordem de execução.^{II}

Mesmo sabendo que Abu Iyad tinha construído uma das melhores redes de inteligência do mundo árabe, a velocidade com que ele descobriu a ligação entre o dinheiro de Onassis e as contas de

Hamshari sugere algo mais do que um bom trabalho de detetive. Poderia, portanto, ter sido David Karr a “fonte incontestável” de Paris que havia facilitado o caminho para Hamshari? E, se foi Karr, estaria ele apenas cumprindo a vontade de Onassis, agora que Hamshari se tornara um estorvo? Infelizmente, considerando a reputação de Karr ligada a intrigas extremas e sua experiência em manipulação, ainda hoje não se sabe a resposta para essa pergunta.

As relações entre Karr e Hamshari haviam se deteriorado nos quatro anos desde que Karr conseguira apresentar o palestino a Onassis, em 1968. Karr suspeitava secretamente que Hamshari fora responsável pelo afundamento de seu iate e, talvez, também pela explosão do avião de Onassis. “Esses caras têm memória de elefante para insultos”, dissera ele a Georgakis quando se encontraram para jantar em Paris, no verão de 1972.¹³

A natureza da relação de Karr com Hamshari sempre fora obscura, mas o motivo que inspirou esse comentário — e por que agora os dois se odiavam — é um enigma, assim como tantas outras coisas na vida de Karr. Entretanto, dessa vez Karr havia iniciado mais uma de suas muitas carreiras: a de traficante de armas, cuja especialidade, de acordo com os israelenses, era vender armas soviéticas para a OLP.¹⁴ Era um jogo perigoso, principalmente da maneira como Karr escolhera jogar. “David é judeu, mas isso não o impede de vender armas [soviéticas] para a OLP. E ele ganha comissões dos dois lados (...) Eu não gostaria de imaginar aonde esse canalha desonroso vai parar!”, revelara a amigos o formidável magnata americano Armand Hammer, que já fora sócio de Karr.¹⁵

É provável que o afundamento do iate de Karr tenha sido a origem de sua desavença com Hamshari, e o motivo pelo qual ele pode ter decidido denunciar os rendimentos não declarados que o palestino obtivera com Onassis. Afinal de contas, ele tinha conhecimento, tinha motivo e tinha os contatos, e é difícil imaginar quem mais — além de Onassis — estava em posição de se beneficiar tanto do afastamento de Hamshari. Exceto, é claro, a própria Fatah.

“A verdade sobre a morte de Bobby Kennedy ainda era um mistério, talvez até mesmo na mente de Abu Iyad”, disse Mohammed Ibrahim, que acredita que o chefe da inteligência da Fatah ficou secretamente aliviado por enfim ter uma desculpa para afastar a origem daquela dúvida persistente.¹⁶

* * *

Em 9 de janeiro de 1973, 32 dias depois da explosão que o atingiu — e exatamente quando parecia estar se recuperando de maneira impressionante de seus ferimentos terríveis —, Hamshari teve uma febre misteriosa e, em 24 horas, morreu. Abu Iyad enviou uma equipe de medicina legal e cinco agentes de inteligência a Paris para investigar a morte. “Estou convencido de que foi um assassinato médico”, afirmou mais tarde um porta-voz da OLP a repórteres, pondo a culpa nos israelenses.¹⁷

“Com certeza foi um assassinato médico, mas os palestinos bancaram o Doutor Morte, não nós”, disse um agente do Mossad, que se admirou com a maneira como a Fatah até “se aproveitou do cadáver de Hamshari”,¹⁸ tratando-o como um herói de guerra.

* * *

Em 12 de janeiro de 1973, Alexander jantou com Onassis no Fouquet’s, na Champs Elysées. Depois, telefonou para Fiona e lhe contou que “o velho” estava em excelente forma; era como se “um grande peso tivesse sido tirado de seus ombros”.¹⁹

Onassis decidira terminar com Jackie e, para comemorar, prometeu comprar para o filho um helicóptero, um Puma, a fim de aposentar o Piaggio, um anfíbio envelhecido que havia meses Alexander dizia estar uma temeridade. De férias no México com o filhos, Francesca e Lorne, Fiona ouviu com receio o otimismo e a

confiança na voz de Alexander. Seu pai era tão traiçoeiro quanto as marés, dissera-lhe Alexander depois de Onassis voltar atrás num negócio que ele o fizera pôr por escrito. “Minha palavra não significa nada, seja escrita ou falada”, afirmara Onassis, rindo da ingenuidade do filho.²⁰ Por que Alexander achava agora que podia confiar nele? Mas essa era uma pergunta que Fiona não queria fazer ao telefone, pois não considerava seguro, e então mudou de assunto.

Mais tarde, naquela noite, Onassis ligou para Georgakis e lhe disse que finalmente se entendera com o filho. Dentro de dois anos, ele faria setenta anos (como sempre, ele diminuiu a idade: estava a uma semana de seu aniversário de 73 anos) — era hora de enterrar o passado, disse.

Haviam se passado quase cinco anos desde que Bobby Kennedy fora assassinado. Com Hamshari eliminado, Alexander apaziguado e Jackie indo embora, as coisas finalmente pareciam estar indo bem para Onassis de novo.

* * *

Em 22 de janeiro de 1973, pouco antes das 15h15, o avião SX-BDC Piaggio 136, da Olympic Airways, chegava à pista de taxiamento F do Aeroporto Internacional de Atenas para aguardar a autorização para decolar. Alexander Onassis estava sentado na poltrona da direita; Donald McCusker estava à sua esquerda. Donald McGregor, no assento de passageiro do meio, atrás deles. McCusker acabara de chegar de Ohio para substituir McGregor como piloto oficial de Onassis. Porém, nunca pilotara um Piaggio, e Alexander inventara um plano para agilizar seus voos de treinamento. McCusker seria tratado como cliente; Alexander verificaria suas habilidades como piloto e em seguida alugaria o avião a ele. Acompanhado de McGregor, McCusker iria então “voar furiosamente” durante uma semana para acumular horas antes de o avião ser enviado a Miami para ser vendido.²¹

Às 15h21, o Piaggio foi liberado para decolagem. Contudo, segundos depois de sair do chão, a asa direita desceu de repente e permaneceu baixa. Não houve qualquer guinada ou oscilação para indicar falha no motor, nem qualquer estremeamento para indicar perda de velocidade. O avião simplesmente pareceu perder o equilíbrio e se precipitou contra o chão.

* * *

Onassis estava prestes a sair para almoçar no P.J. Clarke's, em Nova York, quando recebeu a notícia. Tina — com quem Alexander se recusava a falar desde seu casamento com Niarchos — foi informada quando se arrumava para um jantar no Palace Hotel, em St. Moritz. Christina soube pelo rádio de um carro, no Brasil. Eram 18h30 em Londres, e Fiona estava se preparando para ir à festa de casamento de seu irmão Richard quando viu uma foto de Alexander no noticiário na televisão, seguida de uma imagem do avião destruído na pista do aeroporto em Atenas. Os últimos voos programados para a cidade naquela noite já haviam partido, e ela passou as três horas seguintes ao telefone, ligando para cada conhecido seu que tinha um avião particular (ninguém do escritório de Onassis lhe telefonou ou lhe disse que Onassis fretara um Trident da British Airways para levar o neurocirurgião inglês Alan Richardson a Atenas). “Tudo o que eu sabia era que Alexander estava vivo, e eu iria cuidar dele. Ele ficaria bem”, contou-me Fiona.²²

Ela chegou a Atenas às seis horas da manhã seguinte. Alexander estava respirando por aparelhos, depois de uma operação para retirar coágulos sanguíneos e aliviar a pressão em seu cérebro, e parecia incrivelmente ileso. (McCusker e McGregor haviam se ferido gravemente, mas não de modo crítico.) “São estranhas as coisas de que você se lembra”, recordaria Fiona Thyssen mais tarde. “Alexander tinha muito orgulho de seu nariz novo” — ela o convencera a fazer uma rinoplastia alguns meses antes — “e eu

pensei: graças a Deus que seu nariz está bem.” Parte de seu cabelo acima da têmpora direita havia sido raspado, mas, exceto por alguns arranhões nas mãos (“como se ele tivesse caído sobre brita”, pensou Fiona), ele parecia bem.²³

Parecia inconcebível quando Alan Richardson confirmou a opinião do cirurgião grego de que Alexander sofrera danos cerebrais irreversíveis. Onassis chamou um terceiro neurocirurgião, de Boston. Fiona se lembraria do silêncio das vidas paralisadas das pessoas à espera de alguém que lhes desse alguma esperança, enquanto se aglomeravam numa salinha em frente à UTI. Ela ficou grata quando Jackie chegou e se sentou ao seu lado. Sabia que Jackie — também uma estranha em meio ao desespero tribal da família — entenderia seus sentimentos melhor do que ninguém naquele momento.

Jackie tomou sua mão e sussurrou: “Fiona, tenho que falar com você.” Jackie sabia que Alexander lhe contava tudo, disse; sabia também que Onassis discutira seu divórcio com o filho. *Será que Fiona poderia lhe dizer a quantia que Onassis tinha em mente para o acordo com ela?*²⁴

Esperando e temendo compaixão (“quando você está vulnerável daquele jeito, não precisa de compaixão”), Fiona ficou chocada com a pergunta. Mas era exatamente o tipo de distração de que ela precisava naquele momento e, por mais surreal que pudesse parecer, ela lhe respondeu calmamente que aquela era uma pergunta que Jackie teria de fazer ao marido. Jackie concordou e deixou Fiona com sua tristeza.

À uma da tarde de 23 de janeiro, o especialista de Boston confirmou a opinião dos cirurgiões inglês e grego: Alexander sofrera contusão geral e edema no tecido cerebral; o lóbulo temporal direito fora destruído e a fossa frontal direita tinha uma fratura grave. Apenas os aparelhos o mantinham tecnicamente vivo. Onassis disse aos médicos que esperassem Christina chegar do Brasil para se despedir do irmão — “depois, não vamos torturá-lo mais”.²⁵

Foi a única coisa que ele fez na vida como pai pelo qual Fiona disse ter “algum respeito”.²⁶

Christina chegou naquela tarde e se sentou com o irmão por quinze minutos.

Às 18h55, os médicos desligaram os aparelhos.

* * *

A morte de um filho é um golpe terrível na psique de um pai amoroso, mas foi muito pior para Onassis. Cheio de remorso pela maneira como tratara o filho em sua vida breve e infeliz e já convencido de que sua morte não fora um acidente, mas incapaz de decidir qual de seus inimigos culpar, Onassis ficou devastado. Costas Haritakis se lembra de ter ido à casa dele na noite em que Alexander morreu. “Eu me ajoelhei diante dele e segurei seus joelhos. ‘Aristo, você sabe quantos milhões de pessoas no mundo estão fazendo o sinal da cruz neste momento e dizendo *graças a Deus que eu não sou Onassis?* Você compreende quantas pessoas estão rezando para que Deus lhe dê força para enfrentar essa coisa terrível?’ Ele respondeu: ‘*Eles mataram meu filho.*’ Foram estas as suas palavras: ‘*Eles mataram meu filho.*’”²⁷

Quem havia matado seu filho? Quem eram *eles*? Quem iria querer matar um menino tão encantador? Mas Haritakis disse apenas: “Aristo, Alexandros está entre os anjos.”²⁸

* * *

Trinta minutos depois de os aparelhos do hospital serem desligados, Johnny Meyer estava a caminho de Monte Carlo para “limpar” o apartamento de Alexander. Onassis, disse ele, “não queria deixar nada que seus inimigos pudessem usar contra ele”.²⁹ É claro que Onassis se referia ao que Georgakis chamaria mais tarde de “as

Jóias da Família Onassis”^{III} — as provas da participação que Alexander acreditava que seu pai tivera no assassinato de Bobby Kennedy. Não se sabe se essas provas iam além das fotocópias das páginas dos cadernos de Sirhan, embora Fiona estivesse convencida de que Alexander “sabia bem mais do que me disse. Quando me lembro daquilo, não acredito que tenha sido apenas o material de Sirhan que ele pôs no cofre”, revelou-me ela.

Onassis contratara Meyer em parte por sua habilidade para lidar com a imprensa e por ser uma boa companhia, mas sobretudo, suspeita-se, pela lealdade e confiança que o americano demonstrara ao trabalhar para Howard Hughes, um homem que tinha tanto a esconder quanto Onassis — e por sua disposição para fazer o que quer que seu mestre mandasse. Embora provavelmente achasse que havia sido enviado apenas para dissipar alguma fumaça, um trabalho que fizera muitas vezes para Onassis (e Hughes), Meyer não gostou do que estava fazendo na casa de um homem morto, em Mônaco. Passou três dias vasculhando o apartamento, mas, incapaz de usar a cama de Alexander, dormiu num sofá. “O garoto morto estava no apartamento comigo”, disse ele a Brian Wells.³⁰

Ele encontrou as gravações dos telefonemas acusadores, agressivos e embriagados de Onassis para Alexander escondidos num compartimento nos fundos de um armário;³¹ encontrou também várias escutas eletrônicas e indícios de grampo telefônico.^{IV} Até onde se sabe, porém, ele não achou as chaves para as Jóias da Família — que estavam trancadas, Alexander dissera ao pai, num cofre em Paris.

Convencido de que Alexander fora assassinado como forma de punição — “meus inimigos preferem me ver sofrendo do que me matar”, disse a Georgakis —, Onassis estava transtornado demais para ir ao funeral do filho em Skorpios, embora mais tarde, à noite, tenha passado horas sentado sozinho diante do túmulo. “Fiquei muito preocupada ao vê-lo voltar para casa, comer sozinho duas

sardinhas e tomar um uísque à uma da manhã”, disse sua empregada Georgia Veta, recordando a cena melancólica.³²

Mas a morte de Alexander causou raiva e tristeza entre aqueles que suspeitavam que ele morrera pelo mesmo motivo que os pilotos de Onassis, Dimitris e Giorgio Kouris, haviam morrido onze meses antes — para castigar Onassis. Na residência de Glyfada, um dia depois do funeral em Skorpios, Fiona Thyssen entreouviu Gratsos e Georgakis discutindo a tragédia em termos que a deixaram horrorizada. “Era como se finalmente Ari estivesse pagando por todas as coisas terríveis que fizera”, disse ela, recordando o frio sentimento de *schadenfreude* dos dois velhos amigos. “Aquilo me assustou: o ódio absoluto àquele homem sentido por duas pessoas que não poderiam ser mais próximas dele. Ele não assoava o nariz sem que um deles estivesse ali com um lenço de papel, e eles o *desprezavam*. Pensei: ‘Meu Deus, esse homem é pior do que até mesmo eu imaginava.’”

I Acreditava-se que Hamshari tivesse envolvimento na tentativa de assassinato de Ben-Gurion em Copenhague, em 1969, e também que fosse responsável pela explosão a bordo de um avião da Swissair que matou 47 pessoas em 1970.

II Os outros signatários foram Muhammad Yusif Najjar (chefe de operações do Setembro Negro, que seria morto quatro meses depois por israelenses) e o vice de Arafat e chefe da ala militar da OLP, Abu Jihad. De acordo com a constituição da OLP, nenhum palestino pode ser executado sem uma ordem por escrito assinada pelo presidente. O homem com a responsabilidade executiva por preparar as ordens de execução e submetê-las ao presidente para aprovação era Abu Iyad. Não está claro se nessa ocasião a fórmula foi seguida a rigor. Quando o historiador Alan Hart perguntou quantas dessas ordens ele apresentara a Arafat para assinar desde 1967, Abu Iyad disse: “A quantidade exata não posso lhe dizer, porque realmente não me lembro. Mas digamos, para fins de registro, que a resposta para sua pergunta é muitas” (Alan Hart, *Arafat*, Londres: Sidgwick & Jackson, 1994, p. 20).

III Referência a um relatório secreto que revelara o envolvimento da CIA em planos para assassinar líderes estrangeiros e que ficara conhecido como “as Joias da Família”.

IV Fiona Thyssen advertira a Alexander que Niarchos, bem como seu pai, estavam grampeando seu telefone. Suas suspeitas surgiram quando, pouco depois de enviar a Alexander um telegrama da África — onde ela estava fazendo um safári com Stavros e Eugenie Niarchos —, Stavros fez um comentário que revelou que ele sabia exatamente o que ela escrevera. “Ele não poderia ter interceptado o telegrama onde eu estava. Só poderia ter adquirido a informação em Mônaco”, disse-me Thyssen. Nos anos 1970, era comum ler a mensagem de um telegrama pelo telefone para o destinatário e depois confirmá-la numa cópia impressa.

VINTE E SETE

DROGA É DINHEIRO

Só quando estão doentes é que os ricos
sentem a impotência da riqueza.

—CHARLES CALEB COLTON, 1780-1832

Horas depois da conclusão do relatório da Força Aérea grega sobre a investigação secreta do acidente, na manhã de 20 de abril, Yannis Georgakis entregou uma cópia do documento a Onassis: 37 páginas explicando por que o avião caíra numa tarde de inverno perfeita.

Onassis segurou a pasta como se fosse algo sagrado. Parecia relutante em abri-la, como se tivesse medo de descobrir o conteúdo. Leu a primeira página, depois leu novamente, tentando absorver os detalhes técnicos de uma perda insuportável. Após alguns instantes, jogou o relatório na mesa. “Para que isso, Yannis? Nada vai trazer meu filho de volta.”¹

O relatório concluiu que o acidente acontecera porque os cabos do aileron haviam sido invertidos durante a instalação de uma nova alavanca de comando: assim, quando Alexander tentou virar à esquerda na decolagem, conforme fora instruído pelo controle de tráfego aéreo, o avião teria inclinado para a direita; quanto mais ele puxava o manche, mais o avião inclinava para a direita.

Os cabos haviam sido invertidos em algum momento entre a noite de 15 de novembro, quando um engenheiro da Olympic retirou a alavanca de comando do Piaggio, e o voo fatal na tarde de 22 de janeiro. Uma nova alavanca havia sido instalada por um segundo engenheiro da Olympic em 25 de novembro. Em 18 de janeiro,

fiscais da autoridade de aviação civil grega e da Olympic aprovaram a aeronavegabilidade do avião, sujeita à formalidade de um voo de teste (que Alexander decidira juntar com o voo de avaliação de McCusker).

Só havia duas explicações possíveis para os cabos invertidos: ou o engenheiro da Olympic havia cometido um erro sério ao instalar o novo sistema de controle — e tanto os fiscais da Olympic quanto os da autoridade de aviação civil grega não haviam visto a falha fatal —, ou a segurança da Olympic era tão furada que alguém conseguira entrar no hangar e sabotar o avião entre a inspeção de 18 de janeiro e o voo mortal, quatro dias depois.

Os engenheiros da Olympic contestaram as conclusões da Força Aérea. Alegaram que, na realidade, as marcações em cores, que costumam ser feitas nas conexões antes de elas serem desligadas (para determinar o que estava ligado a que no momento de um acidente) haviam sido feitas *depois* da desconexão — lançando dúvidas sobre a teoria da inversão dos cabos. Uma segunda análise, conduzida por Alan Hunter, um dos mais experientes investigadores da Inglaterra especializados em acidentes aéreos, foi contratada em segredo pela empresa aérea. Contudo, Hunter apenas confirmou as revelações do relatório da Força Aérea, concluindo que havia “provas incontestáveis de que os controles do aileron de fato foram invertidos”.² Mas isso não convenceu Onassis, que ofereceu 1 milhão de dólares por informações que levassem à condenação dos assassinos.

Muitos acusaram Onassis de paranoia, mas a descoberta de Meyer de que o apartamento de Alexander tinha escutas eletrônicas, instaladas por outras pessoas além de seu pai — fato que foi mantido em segredo — dava algum crédito às suspeitas de Onassis. A Força Aérea argumentara que, como Alexander só decidira testar o novo piloto na noite anterior ao acidente, não teria havido tempo para que ninguém “fizesse o trabalho demorado de sabotagem clandestina e invertesse as conexões do aileron”.³

A descoberta das escutas eletrônicas por Meyer derrubou essa teoria. Na verdade, Alexander fizera seus planos pelo menos 48 horas antes. Ele conversou com Fiona Thyssen sobre isso na noite de quinta-feira, 18 de janeiro, quando ligou para ela em Morges e lhe disse que não poderia ir ao casamento do irmão dela em Londres porque pretendia voar.⁴ Portanto, quem quer que tivesse grampeado seu telefone teria bastante tempo para trocar os cabos do aileron para o voo de teste quatro dias depois.

Entretanto, o que começara como uma tragédia pessoal para Onassis se tornara uma crise corporativa para a Olympic Airways, que ficou sob suspeita de que seus engenheiros haviam executado mal o reparo. Apesar da compaixão pela perda de Onassis, executivos estavam perdendo a paciência com sua obsessão de que o filho havia sido assassinado. Ari queria justiça, mas a última coisa que a empresa desejava era a publicidade de um julgamento. Era um momento ruim para o ramo das linhas aéreas: a campanha terrorista palestina se encontrava no auge, e surgiam perguntas difíceis sobre a segurança dos voos. Num comentário descuidado que circulou na época, um alto executivo da Olympic falou que não dava a mínima para quem havia matado Alexander, que não se importava se o crânio dele havia sido esmagado com um martelo,^I ou se a CIA, os coronéis, Niarchos ou um bando de palestinos eram os responsáveis, mas eles não podiam dirigir uma empresa como se fosse uma conspiração internacional. "Ele é seu amigo. Cale a boca do homem, ou então a tagarelice dele vai tirar esta empresa do espaço aéreo e jogar no esgoto", disse o executivo a Georgakis. Mas calar a boca de Onassis não era fácil. "Em momentos de tragédia", comentou Georgakis numa tentativa de minimizar o comportamento de Onassis, "um caráter volátil entra em dimensões imprevistas de falta de lógica."⁵

* * *

Enquanto isso, Onassis continuava a entreter velhos amigos a bordo do *Christina*. As pessoas ainda vinham se hospedar na ilha, ele ainda bebia seu uísque Black Label favorito e cantava suas baladas gregas favoritas à noite, mas ninguém mais ficava extasiado com ele. A bordo do iate, depois de os outros irem dormir, ele caminhava de um lado para o outro no convés até o amanhecer, “como se tivesse medo de dormir no escuro”.⁶ Na ilha, insone, ele ficava agachado, como um camponês, ao lado do túmulo de Alexander.

Enquanto isso, seu empreendimento no ramo de petroleiros prosperava. As taxas de transporte não subiam tanto desde o episódio do Suez; os VLCC e os ULCC (navios com capacidade para transportar mais de quatrocentas mil toneladas de petróleo bruto) obtinham lucros de 4 milhões de dólares numa única viagem do Kuwait para a Europa; e, com o consumo de petróleo no mundo crescendo mais de 8% ao ano, ele encomendou mais quatro navios de duzentas mil toneladas do Japão e dois ULCC da França. Porém, em 6 de outubro de 1973, os árabes lançaram o ataque do Yom Kippur a Israel e o mercado quebrou. Semanas depois, mais de um terço da tonelagem de Onassis estava ocioso. Ele foi obrigado a cancelar os ULCC da França, com prejuízo de 12,5 milhões de dólares. Muitos acharam que os soviéticos estavam por trás da ofensiva árabe, e Onassis culpou David Karr por não avisá-lo.^{II} “Se você é tão próximo dos russos, por que não ficou sabendo disso?”, gritou com ele ao telefone, na manhã do ataque.⁷ Onassis ganhara uma fortuna quando Randolph Churchill o alertara sobre os planos anglo-franceses de ocupar o canal de Suez, dezessete anos antes. “Karr não é nenhum Randolph”, disse ele a Sir John Russell.⁸ Mas sua raiva, suspeitou o inglês, não era por Karr não ser Randolph, e sim porque ele sabia que estava descrevendo sua própria tragédia: “*Onassis já não era mais nenhum Onassis.*”

A saúde de Onassis estava se deteriorando. Ele bebia mais do que nunca e não lidava muito bem com isso. No banheiro masculino do Crazy Horse Saloon, em Paris, pôs o pênis sobre o pires onde os

clientes deixavam moedas para o atendente. “Isso diz tudo: sexo e dinheiro, o segredo de meu sucesso”, berrou, convidando um *paparazzo* para tirar uma foto. Apesar de tudo isso, Onassis estava determinado a continuar sendo uma peça importante no jogo.

Mas, quando outro de seus planos — uma tentativa de construir uma refinaria de petróleo em Durham Point, um pontal coberto de mato sobre a Great Bay, no litoral atlântico de New Hampshire — sofreu forte oposição local, ficou evidente que ele não tinha nem vigor nem disposição para lutar. Sua irmã Artemis o instou a se aposentar. “Ele havia apanhado tanto que eu tinha muito medo. Ele prosperara sob pressão quando jovem, mas já não era jovem”, explicou.⁹

Ele oscilava entre acessos de tristeza e autopiedade e cenas de raiva assustadoras; era capaz de explodir a troco de nada, principalmente se dizia respeito à sua esposa. Certa noite, quando Jackie disse a Georgakis que o livro que estava lendo alegava que Cristo era uma invenção dos apóstolos e perguntou se ele achava possível que Sócrates fosse uma invenção de Platão, Onassis a atacou com tamanho desprezo que ela fugiu da casa usando apenas um robe de seda fino. “Era uma noite assustadora: caíam pedras de granizo do tamanho de bolas de golfe (...) ninguém deixaria sequer um cachorro sair assim. Yiannakopoulos e eu tentamos impedi-la”, lembrou Georgakis. “Yiannakopoulos disse que ela podia morrer.” Com sua grosseria típica, e o hábito de brincar com a verdade, “Onassis disse que isso lhe pouparia uma fortuna. ‘A única coisa que ela me deu foi a gonorreia dos Kennedy!’”.¹⁰

Essa não era a primeira vez que Georgakis ouvia Onassis reclamar que Jackie tinha uma doença venérea herdada do primeiro marido.^{III} Mas, como Ari ainda dormia com outras mulheres — muitas vezes mulheres cujos gritos profissionais de êxtase ele ainda preferia a uma relação legítima —, culpar Jackie por uma doença era injusto e cruel.

Até que ponto Jackie estava disposta a suportar humilhações dele? Emmet Whitlock recordou um incidente num jantar em Nova York: “Eu estava conversando com Ari e André Meyer, o diretor da Lazard Frères, e Jackie tentou participar da conversa. Ari levantou o cotovelo e simplesmente a empurrou. Sim, sim, ele fez isso. Ele não a suportava. Não suportava. Não aguentava nem olhar para ela”, revelou Whitlock.¹¹

Alguns achavam que Jackie nunca conseguira se recuperar do choque cultural de se casar com Onassis, mas ensinara a si mesma a parecer alheia ao tratamento grosseiro que ele lhe dispensava. Por que ela não ia embora? Estaria ela, como sugeriu cruelmente um amigo, “resistindo por causa de sua pensão de viúva”?

Sem dúvida era evidente que Onassis não se encontrava bem. Na realidade, ele tinha se convencido de que estava morrendo. Não uma morte rápida, como ele esperava antes, mas aos poucos, músculo após músculo, remorso após remorso, como se, nas palavras de Georgakis, “fosse uma retribuição terrível em curso”.¹²

Costa Gratsos ficou chocado com a aparência de Ari quando eles se encontraram em Nova York alguns meses depois do funeral de Alexander; Ari parecia “uma fortaleza sitiada desmoronando de dentro para fora”, disse Gratsos a amigos. E foi em parte para tirá-lo da tristeza que ele reapresentou a Onassis o plano para o Haiti. Gratsos nunca perdera a esperança de transformar aquele “bananal desolado” num Mônaco caribenho. Embora Papa Doc tivesse morrido em 1971, a infraestrutura de corrupção estava convidativa como sempre. Seria mais fácil fazer negócio com o novo presidente vitalício, Jean-Claude (“Baby Doc”) Duvalier — um playboy obeso que herdara a cobiça do pai, mas poucas de suas habilidades —, do que com o astuto Papa Doc, e Onassis concordou em dar mais uma olhada nos planos que eles haviam feito uma década antes.

Enquanto isso, apesar da promessa que fizera a Alexander de pôr fim ao casamento com Jackie (um juramento sagrado naquelas circunstâncias, pensou Georgakis), Onassis alegava que a Guerra do

Yom Kippur lhe custara demais para ele começar tão cedo uma dispendiosa batalha de divórcio. Ele disse a Rico Zermeno que Jackie queria 20 milhões de dólares. “Perguntei se ele ia pagar. Ele respondeu: ‘Meu querido Rico, quando você passa dez anos dormindo com uma mulher, ela tem que ser realmente muito estúpida para não saber pelo menos uma coisa que pode acabar com você’”, contou Zermeno.¹³

Foi mais ou menos nessa época que Georgakis tomou café da manhã com David Karr no Traveller’s Club, em Paris. Eles não eram amigos próximos, mas tinham em comum o que Karr chamava de “vício louco”¹⁴ de trabalhar para Onassis e de vez em quando se encontravam para trocar experiências. Quando o assunto do Haiti surgiu, Georgakis disse não achar que aquilo aconteceria; o custo seria alto demais e, no clima financeiro prevalecente, até mesmo Onassis poderia achar difícil reunir o dinheiro para um plano tão ambicioso.

“As finanças não serão problema”, afirmou Karr, de acordo com Georgakis. Karr, que parecia cauteloso para se envolver diretamente no assunto, explicou que apresentara Onassis a um banqueiro e advogado americano que encontraria “todo o dinheiro de que Ari precisa para pagar pelo Haiti — e cuidar também da pensão de Jackie”.¹⁵

O homem que ele apresentara a Onassis era Paul E. Helliwell. Uma funcionária de sua firma em Miami — Helliwell, Melrose and DeWolf — recorda que Onassis e outro grego (Costa Gratsos) foram ao escritório na avenida Brickell certa noite, já tarde, no outono de 1973. Compromissos depois do expediente não eram incomuns na HMD. “Tínhamos muitos clientes famosos que queriam manter segredo sobre seus negócios com Helliwell”, disse ela, e havia reuniões a qualquer hora.¹⁶

“Paul adorava intrigas”, confirmou Bill Losner, assistente de Helliwell. “Ele vivia no fio da navalha. Eram inacreditáveis os

subornos. Eram inacreditáveis as celebridades que eu vi com figuras do crime quando trabalhei para ele!”¹⁷

Mas o que ficou na lembrança da funcionária foi o aspecto de Onassis. “Ele parecia um caco. Como Jackie conseguia ir para a cama com aquele sujeito *velho*? Ele parecia ter noventa anos.” Sua primeira suposição foi de que ele “queria lavar alguns de seus milhões”, mas, quando outro cliente de Helliwell — Mitchell Livingston WerBell III — chegou logo em seguida, ela achou que o encontro era sobre “algo um pouco mais pesado” do que lavagem de dinheiro.¹⁸

Nunca saberemos precisamente o que foi dito naquela noite na avenida Brickell,^{IV} mas é possível especular sobre os parâmetros do acordo que deve ter sido feito com base nos acontecimentos que se seguiram — e na natureza dos dois americanos com os quais Onassis e Gratsos haviam ido se encontrar.

Chefe da OSS na China durante a Segunda Guerra Mundial, Paul E. Helliwell ficara conhecido por ter comercializado ópio em troca de informações.¹⁹ Depois da guerra, sua Sea Supply Corporation, uma fachada da CIA, enviou armas e drogas a mercenários laosianos e tailandeses anticomunistas, que eram atores importantes no comércio de heroína da máfia.²⁰ No fim dos anos 1950, ele se mudou para Miami e Bahamas, onde seu Castle Bank (que, dizem, fora criado com o propósito de direcionar fundos para operações contra Fidel)²¹ se tornara uma ponte caribenha “entre os campos de papoula da Tailândia e o crime organizado nos Estados Unidos”.²²

Amigo de Helliwell desde os tempos da OSS na Indochina, Mitchell WerBell era não apenas um traficante de armas internacional, mas também um proeminente especialista “nas artes do assassinato e do *coup d'état* freelance”, de acordo com Jim Hougan, agente de inteligência em Washington.²³

Embora seu papel em acontecimentos subsequentes fosse permanecer enigmático, a presença de WerBell daria algum crédito à

afirmação posterior de Karr de que, qualquer que tenha sido o assunto entre Onassis e Helliwell naquela noite, Karr havia apenas promovido um encontro para levantar dinheiro a fim de organizar um golpe de Estado particular no Haiti — e para acertar as contas com Jackie.^v

* * *

A primeira indicação de que um grande e novo traficante de heroína havia entrado em cena surgiu em Houston, Texas, no início de 1974. “Era coisa de alta qualidade, mais potente, mais mortal do que a heroína turca, e estava chegando muita coisa”, relembra Basil “Beau” Abbott, ex-agente da Drug Enforcement Administration (DEA), a agência americana de combate às drogas.²⁴

Devido ao seu conhecimento específico sobre rotas de contrabando no exterior e ao seu entusiasmo por operações secretas, Abbott — que tinha fama de ser um agente “inteligente, engenhoso e corajoso”²⁵ — recebeu ordens para se infiltrar na nova linha de abastecimento. Sob disfarce, ele foi enviado para Houston, o porto fluvial mais movimentado dos Estados Unidos e montou uma exportadora-importadora de motocicletas na zona portuária. Constituindo uma atividade paralela para vender heroína para gangues de motociclistas, logo ele se tornou um dos traficantes mais ativos da cidade e alguém com quem os fornecedores queriam trabalhar.

“Eu realmente fiz um trabalho excelente. Descobri os navios nos quais a coisa chegava; às vezes, até ajudava a descarregar”, disse-me Abbott. “O caso estava aumentando e aumentando; eu ia reunindo um bocado de indícios. Parecia que agora íamos pegar os grandões.” Mas então a CIA interveio. “Eles disseram: ‘Chega, seu babaca, estamos cancelando tudo’”, contou Abbott, lembrando a ordem ríspida vinda de Washington.²⁶

Embora sua profissão o tivesse ensinado a encarar com tranquilidade a maioria das coisas, ele não conseguiu esconder a raiva e a frustração. Seu supervisor, Ron Gospadarek, disse-lhe que ele havia causado problemas em Washington e que deveria desistir. Aquilo aguçou sua curiosidade. Pela experiência que tinha, os casos eram arquivados somente quando “alguém muito grande, muito rico ou ligado a pessoas importantes” estava sendo protegido.²⁷ E, se alguém muito grande, muito rico ou ligado a pessoas importantes estava sendo protegido, ele queria saber pelo menos o nome. Ligou para um velho amigo da CIA e, algumas semanas depois, recebeu um telefonema a partir de um telefone público em Washington.

“*Ele me deu dois nomes*”, recordou Abbott. “*Ari Onassis e seu sócio, alguém chamado Costa*” (Abbot escreveu “Kostas” na época). Assim como seu supervisor na DEA, o homem da CIA o aconselhou a esquecer o assunto, agora que satisfizera sua curiosidade. “Lembre com quem Onassis é casado”, disse ele.²⁸

Aquela não era uma questão moral para Abbott. Ele sabia como o mundo funcionava: entendia que às vezes tinha que haver acordos e trocas de favores; talvez até houvesse alguma coisa da CIA que poderia ser comprometida pela DEA. Mas ele também sabia que um esquema de tráfico de heroína daquelas proporções não poderia ter continuado sem a cumplicidade de gente com influência em Washington^{VI} — pessoas como Paul Helliwell e Mitchell WerBell, por exemplo.^{VII} E o que realmente o irritava era a possibilidade de a operação de Houston ter sido abortada simplesmente para poupar Jackie Onassis de constrangimento, ou porque alguém achou que a ligação com a família poderia prejudicar a esperada disputa de Ted Kennedy pela indicação como candidato democrata à presidência em 1976.

No entanto, qualquer que tenha sido o motivo, “o caso foi esmagado como uma fruta passada”, afirmou um agente que trabalhou com Abbott no Panamá e em Belize (onde Abbott fora elogiado por arriscar a vida a fim de frustrar um plano para

assassinar quatro colegas da DEA). Esse agente acredita que foi o cinismo com que o caso foi encerrado que levou à queda do próprio Abbott (em 1990, ele foi condenado a cinco anos de prisão, com quinze anos de liberdade condicional, por formação de quadrilha e tráfico de drogas).²⁹ “Há muito mais na história do sr. Abbott do que aparece à superfície ou do que está registrado em documentos oficiais”, admitiu Bill Coller, ex-supervisor de Abbott na DEA ao entrar com recurso contra sua condenação em depoimento juramentado em 1997.³⁰

Aparentemente, Onassis percebeu que seria perigoso demais continuar e pôs fim à sua breve, mas lucrativa, aventura no tráfico de narcóticos mais ou menos na mesma época em que a operação de Basil Abbott foi encerrada de repente. “Uma frase ficou na minha cabeça”, disse Abbott. “Quando perguntei por que a operação de Houston havia sido interrompida justamente quando estávamos prestes a pegar Onassis, um sujeito muito importante na DEA me disse: ‘Droga é dinheiro e dinheiro é poder.’”³¹

* * *

Pouco antes de morrer, em 1993, Yannis Georgakis me deu o nome de um homem com o qual eu deveria conversar em Palm Beach: William Carter. Carter conhecia Onassis desde que viera de Londres para Nova York nos anos 1940. Ele fazia parte do meio social de Nova York que Onassis tanto admirava e no qual decidiu entrar de penetra. Nos fins de semana, Carter se tornou um hóspede regular na casa de campo que Onassis dividia com sua amante norueguesa, Ingeborg Dedichen, em Center Island, ao norte de Long Island. “Ari era um bom companheiro, muito divertido. Saíamos juntos com frequência — o Stork Club, o ‘21’, o Elmo’s [El Morocco], o Colony e um lugar na rua 50 Leste de que ele gostava, chamado Versailles. Ele devia ser quinze, vinte anos mais velho do que eu, mas

continuava firme depois de eu me recolher. Quanta energia aquele sujeito tinha! Quando eu lhe disse que estava indo para a Inglaterra para servir no Exército, ele perguntou: 'Com quem diabos vou me divertir agora?'"

Georgakis me falou para perguntar a Carter sobre a investida de Onassis no narcotráfico. Carter, disse ele, sabia de tudo o que acontecia na Flórida. Na primavera de 1995, visitei Carter em sua casa em West Palm Beach. Ex-embaixador do Vaticano nas Nações Unidas, Cavaleiro de Malta e socialite em Palm Beach, ele estava claramente com vontade de falar quando se esticou numa espreguiçadeira na sala de estar, com vista para um jardim murado repleto de rosas e buganvílias. A sala era cheia de livros, mesinhas repletas de lembranças e objetos de decoração. Numa pequena mesa de armar ao seu lado havia garrafas de vidro lapidado com vinho madeira e bebidas destiladas. Ele usava calça cáqui, mocassins Gucci sem meia e uma camisa polo branca de manga curta. Alto, magro, com uma aparência de aristocrata inglês arruinado (ele nasceu em Derby, na Inglaterra, em 1918), Carter comentou alegremente: "Você me pegou na hora certa. Imagino que não tenho mais muito tempo neste mundo." Tinha um câncer de próstata, disse. "O que posso falar?" Durante uma tarde, ele relembrou o passado e divagou, e esta é a história que acabou me contando:

No outono de 1973, seu velho amigo Johnny Meyer o convidou para jantar no hotel Colony, em Palm Beach. Eles se conheciam desde 1946, e a amizade entre os dois se fortaleceu com as aventuras partilhadas. Eles haviam investido juntos em imóveis em West Hollywood e chegaram até a compartilhar uma amante, que instalaram num apartamento em Beverly Hills. "Johnny disse: 'Bill, se podemos compartilhar uma mulher bonita sem querer matar um ao outro, podemos compartilhar qualquer coisa.'" O que eles mais compartilhavam eram segredos. "Éramos como irmãos. Podíamos contar qualquer coisa um ao outro e sabíamos que aquilo não iria adiante."

Durante o jantar naquele outono, Meyer lhe confessou que, embora ainda fosse bastante rico, Onassis estava com um problema de liquidez temporário. “Ele disse: ‘Ari tem uns planos grandes para desenvolver o Haiti e quer largar Jackie, e quer fazer as duas coisas logo. Vai custar uma quantidade absurda de dinheiro, que Ari não tem neste momento.’ Eu respondi: ‘Bem, não sei muito sobre o Haiti, mas conheço Jackie desde que ela era uma Bouvier e fui à sua festa de debutante no Clambake Club, em Newport, em 1947. E uma coisa que sei sobre Jackie é que ela sabe quanto vale e não vai baratear.’ Johnny concordou. Disse que era por isso que Onassis estava em Miami naquele momento falando com Paul Helliwell no Castle Bank. Bem, Helliwell e o Castle Bank significavam apenas uma coisa para mim: tráfico de drogas.”

“Perguntei a Johnny se Ari estava pensando em fazer alguma maluquice”, prosseguiu Carter. “Ele disse: ‘Ari está em Miami. Eu estou aqui com você. O que posso saber?’” Mas Meyer não parecia feliz, e Carter diz que não insistiu no assunto, embora tivesse suas suspeitas. Na verdade, Meyer dissera certa vez a Carter que Ari lhe confessara que nos anos 1930 ganhara “um dinheirinho” traficando drogas entre a Argentina e a Europa. Só parou quando os italianos começaram a ficar desconfiados ao descobrirem um esquema fraudulento de seguros dele e prenderem um de seus primos.³²

“Ari estava apenas voltando ao negócio no qual começara. Você acha realmente que ele ganhou sua primeira fortuna despachando tabaco? *Ele* começou traficando drogas e terminou traficando drogas. Não sei se algum dia ele admitiu [os rumores sobre seus tempos no narcotráfico, que Carter disse que o acompanhavam em Nova York nos anos 1940], mas também não me lembro de ouvi-lo negá-los. Ele era um aventureiro implacável, mas eu gostava dele.”^{VIII}

Qualquer que seja o serviço que WerBell tenha prestado a Onassis — fosse ajudá-lo a se orientar pelas águas do tráfico de heroína ou assessorá-lo em sua proposta de golpe de Estado no

Haiti^{IX} —, Onassis ficou claramente satisfeito com os resultados. Numa comovente troca de presentes, ele apresentou a WerBell políticos e autoridades responsáveis por reequipar as forças armadas gregas depois da queda dos coronéis,^X e WerBell lhe enviou o protótipo de uma máquina que analisava modulações de voz ao telefone para determinar se a pessoa estava mentindo.

Christina Onassis, lembrando que o pai costumava ligar para Jackie e perguntar o que ela andava fazendo quando ele não estava por perto, comentou com amigos que aquele era o brinquedo mais útil de Ari Onassis.

I Esse foi um dos muitos rumores que circularam na época e a explicação favorita sobre o motivo para Alexander ter sido o único a bordo com ferimentos fatais. McGregor teve uma fratura por compressão na coluna vertebral, concussão e ferimentos na perna; McCusker, com ferimentos físicos menos graves, sofria de amnésia.

II O ataque árabe pegara a todos de surpresa; 24 horas antes, a CIA considerara as atividades militares no Egito manobras anuais (*Memoirs of Richard Nixon*, Nova York: Grosset & Dunlap, 1978, p. 920).

III De acordo com seu biógrafo Nigel Hamilton, John F. Kennedy se tratava desde 1940 de uma série de doenças venéreas, incluindo uma doença bacteriana transmitida sexualmente chamada uretrite pós-gonocócica, geralmente contraída junto com a gonorreia, “que nem mesmo a penicilina, quando passou a existir, podia curar”. (*JFK: Reckless Youth*, Nova York: Random House, 1992, p. 342.) Em seu livro de 1997, *The Dark Side of Camelot*, p. 232 (no Brasil, *O lado negro de Camelot: sexo e corrupção na era Kennedy*. Porto Alegre: L&PM, 1998), Seymour Hersh relata que a doença venérea de Kennedy é conhecida hoje como infecção clamidial, que é “facilmente transmissível para mulheres e acarreta riscos especiais para elas”.

IV De acordo com minha fonte, foi uma reunião “sem papel”, o que significa que nenhum registro foi feito, nem mesmo uma anotação na agenda.

V Georgakis estava inclinado a acreditar em Karr nessa questão. Karr também lhe

dissera que fora encaminhado a Helliwell por James Rowe, advogado em Washington e ex-agente estrangeiro da Haitian American Sugar Company, de Porto Príncipe, e pelo lobista Tommy "The Cork" Corcoran, que, a pedido da United Fruit's, havia, de acordo com Penny Lernoux, "ajudado a desencadear" a derrocada, pela CIA, do governo de Arbenz na Guatemala em 1954.

VI Essa opinião cínica foi endossada por uma testemunha especialista nas audiências do senador Henry Jackson sobre a máfia dos narcóticos em 1975. Ela depôs que, sem os contatos certos, sem a cumplicidade e a colaboração de autoridades policiais e da justiça penal em todos os níveis do governo, "o tráfico de heroína não podia continuar a existir em escala significativa" (Chip Berlet, "Inside the DEA", *High Times*, dezembro / janeiro de 1976).

VII Um dos amigos mais próximos de WerBell era o coronel Lucien "Lou" Conein, ex-companheiro na CIA e chefe da recém-criada Divisão de Operações Especiais da DEA. Sem tempo algum para as operações secretas contra o tráfico de drogas que estavam prendendo apenas pequenos traficantes, Conein queria resolver o problema das drogas nos Estados Unidos por meio do que um de seus conhecidos descreveu como "processo de eliminação" e George Crile, do *Washington Post* ("A Soldier's Drug War", 13 de junho de 1976) chamou de "programa de assassinatos". O homem do qual Conein propôs adquirir as armas para sua "agência de assassinatos" era WerBell, com o qual ele dividia um abrigo da DEA em Washington. A "agência de assassinatos" de Conein foi encerrada em janeiro de 1975, depois de o senador Lowell Weicker (republicano de Connecticut) revelar que Conein estava negociando a compra (com uma empresa de WerBell) de uma remessa de armas para assassinatos cuja "única aplicação concebível eram assassinatos anônimos" (*Washington Post*, 13 de junho de 1976).

VIII Arthur William Carter morreu em 30 de outubro de 1995.

IX Depois da morte de Onassis, Gratsos investiu sua parte nos lucros com a heroína numa última tentativa de conquistar o prêmio que passara tanto tempo longe do alcance dele e de Onassis: o Haiti. Em 1978, mais uma vez contratando os serviços de Mitchel WerBell e contando com Clemard Charles, um banqueiro haitiano exilado que já trabalhara recolhendo dinheiro para Papa Doc, ele ressuscitou os planos de golpe de Estado. Charles afirmou que tinha um exército de 150 homens na selva do Haiti preparados para se juntar a um grupo de ex-soldados das Forças Especiais a fim de saltar de paraquedas sobre Porto Príncipe,

tomar o palácio e prender Baby Doc. Bill Jordan — que era o comandante da divisão Rampart da polícia de Los Angeles na noite em que Robert Kennedy foi baleado, e que foi o primeiro policial a interrogar Sirhan Sirhan — disse-me que sua empresa de segurança havia sido contratada para lidar com o policiamento da ilha depois da tomada de poder. Sua equipe passou por treinamento no acampamento de WerBell em Powder Springs. “Era um grupo incrível. Todos eram egressos das Forças Especiais. Eu tinha um tenente-coronel e meia dúzia de coronéis. Íamos esperar na República Dominicana e, quando eles anunciassem que haviam tomado o poder, voaríamos na hora para Porto Príncipe”, recordou Jordan. “Eu levaria alguns administradores da polícia, uns sujeitos realmente espertos, e montaria uma academia de treinamento para torná-los policiais de verdade. Acho que Gratsos não dava a mínima para os haitianos. Ele tinha elaborado todo um programa de investimentos, grandes planos de desenvolvimento, acordos de isenção de impostos para empresas internacionais, a promessa de mão de obra barata. “Eu fiquei realmente envolvido naquela coisa. Os pobres haitianos são o povo mais oprimido do mundo. Não são inteligentes, não têm qualquer educação. Eu não tinha problema algum em ajudá-los a se livrar de um imbecil como Baby Doc. Não íamos saquear um país inocente e derrubar pessoas boas. Era isso o que redimia a coisa toda. Seria bom para o povo. Meu Deus, não havia como ficar pior para eles.” Porém, quanto mais Jordan examinava os planos, menos ele gostava. “O problema era Clemard Charles. Primeiro, ele me deu uma lista de nomes. ‘São pessoas muito ruins, precisam ser eliminadas’, disse. Toda vez que eu o via ele me dava outra lista. Aquilo estava começando a parecer o catálogo telefônico do Haiti. Eu basicamente jogava aquilo no lixo. Mas sabia que, se o negócio desse certo, Gratsos poderia concordar com uma lista de nomes. Sabia também que, quando um sujeito como Clemard Charles está no esquema, você pode acabar pensando que o presidente Papa Doc era maravilhoso e que Baby Doc era um sujeito maravilhoso em comparação com aquele carniceiro.” Por fim, Jordan soube que a afirmação de Charles de que ele tinha 150 homens prontos para participar da força de invasão era pura mentira. Sem pelo menos a aparência de uma rebelião popular de cidadãos haitianos, a invasão seria um desastre de relações públicas e um banho de sangue para a pequena força invasora. “Eu gostava de Gratsos e acho que ele me respeitava. Eu sabia que ele já havia gastado uma fortuna na operação, mas de maneira alguma poderia deixá-

lo ir adiante com um plano que enviaria homens para a morte certa. Eu lhe disse para sair. Aquilo não daria em nada. Foi o fim da história.”

X Não se sabe ao certo quantos negócios WerBell fez na Grécia, embora houvesse potencial considerável e os contatos de Onassis valessem ouro. “Eles têm uma situação engraçada lá”, disse o traficante de armas a amigos ao voltar de Atenas, no outono de 1974. “O regime passado recebeu muita ajuda em munição, mas a vendeu a outros países. Agora, o exército grego quase não tem armas adequadas.” (“‘We’re Very Loyal Americans’ — WerBell”, *Atlantic Constitution*, 14 de outubro de 1974).

VINTE E OITO

CASTIGO DE DEUS

Nosso remorso não é bem um arrependimento pelo mal que fizemos,
mas um temor do que pode acontecer conosco por causa disso.

—FRANÇOIS DE LA ROCHEFOUCAULD, 1613-1680

Havia meses Onassis sofria surtos de fraqueza extrema. Em uma ou duas ocasiões, ele não conseguia se levantar da cadeira, ou sequer abrir os olhos. Em março de 1974, seus médicos diagnosticaram miastenia grave, um distúrbio do sistema imunológico do corpo. Como geralmente isso acomete homens na casa dos quarenta anos, Onassis brincava dizendo que era uma prova de que seu corpo estava em excelente forma! No entanto, inchado devido às injeções de cortisona prescritas para combater uma disfunção da glândula suprarrenal, seu rosto desmentia as tentativas de disfarçar seu estado, e, em momentos mais sérios, ele comentava com amigos: “Provavelmente é a maneira de Deus me castigar.”

Ele perdera seu único filho; o Omega estava em ruínas; seu projeto de refinaria na Nova Inglaterra havia ido por água abaixo. Na Grécia, Papadopoulos estava preso, à espera de julgamento acusado de alta traição, e o novo primeiro-ministro, Constantine Karamanlis, forçado a agir severamente contra os colaboradores da junta, recusava-se a atender seus telefonemas. Em Nova York, apesar de uma campanha publicitária cara, apenas 35 dos 250 apartamentos de seu edifício Olympic Tower, na Quinta Avenida, haviam sido vendidos. “O risco era algo que fazia parte da natureza de Onassis”, disse Georgakis, que tentara dissuadi-lo de realizar o

empreendimento numa época de inflação e recessão cada vez maior.¹

Mas, se tudo aquilo realmente era castigo de Deus, outros também seriam prejudicados pelos danos colaterais.

Os primeiros sinais preocupantes no comportamento de Christina surgiram certa manhã, alguns meses depois da morte de Alexander, em 1973, quando ela perguntou pelo irmão de repente, como se tivesse acabado de perceber a ausência dele. “Cadê meu irmão?”, perguntou, interrompendo uma conversa com Harry Gatzionis, que havia sido encarregado de cuidar de seu progresso na Victory Carriers, em Nova York,^I onde ela estava tentando aprender os negócios do pai. Chocado, Gatzionis respondeu com delicadeza: “Ele está no céu, ele se foi. Agora você precisa aprender.”²

Controlar as emoções nunca havia sido o forte de Christina, e, como Alexander já não estava ali para dividir o peso do legado de Onassis, a pressão estava se tornando evidente. No início de agosto, ela voltou para Londres e durante doze dias não saiu de sua casa em Reeves Mews, Mayfair. Recusava-se a escovar os dentes (um velho ato infantil de rebeldia e talvez de autodepreciação) e até mesmo a sair da cama. Nas primeiras horas do dia 16, sua empregada, Eleni Syros, percebendo que Christina estava entrando num coma, chamou uma ambulância.

No Middlesex Hospital, Christina foi submetida a uma lavagem estomacal e passou 24 horas na UTI antes de ser transferida para uma enfermaria pública sob o nome de C. Danai. Devido à sua própria saúde deficiente, Onassis não foi informado. A mãe dela, porém, voltou às pressas do sul da França e, durante 48 horas, não saiu da cabeceira da cama de Christina.

A dedicação materna era um dom que poucos associavam a Tina, e sua vigília deixou perplexos aqueles que a conheciam bem. Mas, temerosa do que sua filha poderia revelar em seu estado de desorientação, seria a relutância de Tina em sair do lado da cama de Christina algo mais próximo de vigília do que vigília?

Mais tarde, ela disse a amigos que Christina tentara se matar porque seu caso com o herdeiro do ramo de transportes Peter Goulandris — de quem se tornara noiva não oficial em diversas ocasiões — havia acabado. “Peter diz que nunca poderá se casar comigo”, foi o que Tina afirma ter ouvido da filha. “Não quero viver.”³ Mas essa explicação não parecia verdadeira. O relacionamento dos dois sempre havia sido mais uma questão pragmática do que passional, e, de acordo com um dos amigos de Goulandris, “Christina o tratava como merda”.⁴

Eram tempos difíceis também para Tina. Seu casamento com Niarchos não lhe trouxera a satisfação que ela esperava. Seu marido continuava a ter amantes (“ele era um mulherengo, e o que se pode fazer?”, suspirou uma amiga),⁵ e Tina se consolava com champanhe e seus próprios amantes. Sua beleza ia fenecendo, em parte devido à sua habitual dependência de barbitúricos (“ela ficava tão dopada de manhã que não conseguia falar”, disse outra amiga)⁶ e em parte devido à bebida.

Seus amigos já temiam por sua sanidade, e alguns por sua vida.

I A empresa foi criada como parte do acordo do litígio criminal dos anos 1950 aberto contra Onassis pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos e era dirigida por Constantine Gratsos.

VINTE E NOVE

UM BOM LUGAR PARA CONFISSÕES

É triste ser apanhado.

—HORÁCIO

“Destino”, dizia Aristóteles Onassis quando algo dava terrivelmente errado em sua vida (e amigos o ouviam dizer isso com frequência desde que a ex-primeira-dama se tornara a segunda sra. Onassis), “o destino acontece.” E, se o campeão mundial de boxe peso-pesado George Foreman não tivesse cortado o olho em um treinamento no outono de 1974, a verdade sobre o casamento de Onassis com Jackie Kennedy talvez tivesse continuado a ser o último e mais profundo de todos os segredos de Onassis. Mas, como leitor apaixonado de clássicos gregos, ele devia saber, quando estava passando uma temporada em Skorpios, que, quando o destino acontece, quase sempre foi determinado em algum outro lugar.

* * *

Em Paris, Hélène Gaillet se sentou no terraço do restaurante Fouquet’s, na Champs-Élysées, e refletia sobre os problemas que enfrentava por causa dos danos no olho do campeão, que haviam causado o adiamento da defesa de seu título contra Muhammad Ali em Kinshasa, Zaire (atual República Democrática do Congo). Hélène era uma fotógrafa de Nova York que cobria a disputa para a agência

Gamma-Liaison e chegou à França, a caminho da África, na manhã em que o adiamento fora anunciado nos jornais de Paris. A situação parecia ruim independentemente de que ângulo ela olhasse: passear em Paris durante um mês podia ser mais interessante do que se arrastar de volta a Nova York, mas reduziria muito sua margem de lucro com o trabalho. No dia seguinte, a caminho da agência da PanAm para comprar uma passagem de volta a Nova York, ela teve uma ideia.

Ela era amante de Felix Rohatyn, banqueiro de investimentos e uma celebridade em Wall Street.¹ Embora sempre fosse discreto, Rohatyn era um homem poderoso, com amigos ainda mais poderosos, e no ano anterior apresentara Hélène a Onassis num jantar em Nova York. Aos 34 anos, uma mulher esguia, com olhos esverdeados expressivos, maçãs do rosto salientes e uma boca finamente esculpida, Hélène Gaillet tinha inteligência e *savoir-vivre*. Nascida na França e capaz de conversar tranquilamente em francês, inglês, espanhol e italiano, estava acostumada à companhia de homens bem-sucedidos, e homens bem-sucedidos se sentiam atraídos por ela. Onassis não foi exceção. Embora se gabasse de tratar toda mulher bonita como uma amante em potencial, ele não deu em cima dela, como fazia cada vez mais com esposas e amantes de amigos agora que seu casamento com Jackie se tornara insatisfatório para ele e seu desespero aumentava.

Porém Hélène, que fora morar nos Estados Unidos ainda criança, pouco depois da Segunda Guerra Mundial, continuava tendo uma alma parisiense e conhecia o bastante homens como Onassis para entender que o controle dele provavelmente era tanto uma artimanha de sedução quanto um indicador do respeito que ele tinha por seu amante. Ela não ficou surpresa, portanto, quando, pouco depois de se conhecerem, Onassis a pôs ao seu lado num jantar que ofereceu no Coach House, um de seus restaurantes favoritos em Nova York. Mas como se estivesse implicitamente estabelecendo suas regras — Gaillet ouvira rumores sobre seu sadismo com as

mulheres — ele a ignorou durante a maior parte da noite. “Ari e Felix estavam conversando sobre negócios. Quando homens como eles discutem negócios, a concentração é total. Eu só ouvia. Eu era uma boa ouvinte; às vezes você pode ser útil simplesmente não falando nada”, disse ela, com a confiança de uma mulher que sabe que, por mais que eles pareçam se comportar mal, ela sempre será um desafio para homens assim. Como previsto, no fim da noite, Onassis ergueu as palmas das mãos dela até seus lábios e lhe falou que da próxima vez que ela estivesse em Paris e precisasse de um lugar para ficar, telefonasse para ele. “Ainda me lembro do brilho em seus olhos”, me contaria ela mais tarde, lembrando o convite.

Portanto, presa em Paris, ela ligou para Felix em Nova York e perguntou-lhe se deveria dar esse telefonema. Seu amante lhe disse para ir em frente: Ari adoraria saber dela, respondeu. Mas, quando ela discou o número de Onassis em Paris, foi informada de que ele estava fora do país e não voltaria tão cedo. Ela sabia que ele podia desaparecer melhor do que ninguém quando era caçado por repórteres, amantes ou — cada vez mais nos últimos tempos — sua mulher. Entretanto, mesmo assim deixou seu nome e o número de seu telefone no hotel. E quinze minutos depois ele lhe telefonou de volta.

“Eu lhe contei sobre a luta adiada e minha frustração, e ele disse com aquela voz rouca: ‘Você quer vir aqui? Estou na minha ilha.’ Respondi: ‘Sim, eu adoraria.’”

E assim teve início uma cadeia de acontecimentos que, há mais de 25 anos, levou-a a Skorprios no último outono da vida de Onassis.

* * *

Eu encontrara Hélène Gaillet pela última vez em Nova York, no outono de 1983, quando estava escrevendo minha biografia de Onassis. Ela fora uma fonte valiosa: fazia parte do meio social, tinha um bom ouvido para as nuances de fofocas e era observadora,

espirituosa, inteligente e generosa com suas reflexões pessoais. Eu sabia que ela havia sido discreta em relação a algumas coisas em 1983 — não revelou, por exemplo, o nome de seu amante, Felix Rohatyn, que a apresentara a Onassis, e insistiu que não havia dormido com o magnata grego em Skorpios. Mas contou-me coisas que confirmaram e esclareceram vários pontos importantes. Só depois da publicação de *Ari* descobri como algumas de suas descrições eram significativas. Pouco antes de sua morte, em 1993, Yannis Georgakis — que sabia de muitos podres e me mostrou onde encontrá-los — insistiu que eu falasse com Héléne de novo: “Ela é importante. Peça para ela lhe contar *toda* a história de sua visita a Skorpios”, disse ele.

Mas eu perdera o contato com ela depois da publicação de *Ari*. Terminado seu longo caso com Felix Rohatyn — e após uma separação que ela admite tê-la destruído emocionalmente durante vários anos —, ela se casou outra vez em 1990. Como levava uma vida totalmente diferente e bastante reservada, frequentando um novo ambiente social, entre amigos e vizinhos que sabiam pouco ou nada sobre sua vida anterior, não foi fácil localizá-la. Finalmente a encontrei no outono de 2002.

Agora, com pouco mais de sessenta anos, ainda incrivelmente atraente, com um cabelo louro-caramelo na altura do ombro e um corpo ainda esbelto e em forma graças à paixão por velejar, Héléne Gaillet de Neergaard — como ela agora se chamava, esposa de um químico bem-sucedido e aposentado, William Field de Neergaard — a princípio relutou em conversar sobre os tempos em que, com dois telefonemas, conseguia um convite para a ilha particular de um bilionário. “Quando eu vivia naquele nível, aceitava coisas, sabia coisas e fazia coisas que hoje francamente me espantam”, admitiu ela ao me encontrar para almoçar num elegante iate clube em Naples, um pequeno balneário na Costa do Golfo, na Flórida. Embora eu lhe tenha feito perguntas sobre assuntos nos quais ela disse não pensar havia muito tempo, ela não esquecera de nada:

Onassis enviara sua limusine (assim como uma camareira e *valet de pied* pessoal) para levá-la a Le Bourget, de onde seu avião particular a levaria a Atenas; e, depois de uma breve estada em sua casa em Glyfada, com a irmã Artemis e a filha Christina, esperando o tempo melhorar, seu helicóptero a levava para o encontro com ele em Skorpios.

Ela encontrara Christina meia dúzia de vezes em Nova York, para onde a herdeira fora enviada depois da morte do irmão, Alexander, para “pegar o jeito” dos negócios de petroleiros do pai. “Ela era muito sombria, muito magra, uma personalidade forte”, contara-me Hélène em 1983. “Eu a achava fascinante, embora ela tivesse uma aura subjacente de (...) não quero dizer ruína, mas é quase ruína.” Christina estava, na verdade, aos cuidados de Artemis e de seu marido médico, o dr. Theodore Garofalides, depois de uma tentativa de suicídio séria em Londres.¹ Embora não soubesse disso na época, Hélène achou que havia “algo nela que dava a entender que estava saindo do controle, algo em seus olhos”.

A casa em Glyfada era a mais modesta e menos impressionante das muitas residências de Onassis no mundo — ficava na rota dos aviões para o Aeroporto Internacional de Atenas. Mas era a casa na qual a família se sentia mais à vontade, e de certa forma mais livre, recebendo apenas os amigos mais confiáveis. A decoração era moderna, quase minimalista, exceto por alguns móveis pesados e escuros, uma mesa de madeira trabalhada incrustada de madrepérolas e um divã coberto por um tapete curdo, resgatado da casa da família em Esmirna, depois de esta fugir para a Grécia, após o massacre turco de 1922.

Ao fim do jantar, Artemis se retirou — os Garofalides tinham uma casa quase idêntica ao lado — e as duas mulheres jovens continuaram a conversar. Quando Hélène perguntou se Jackie iria para a ilha durante sua estada, Christina respondeu, amarga, que um dos motivos pelos quais seu pai estava em Skorpios era para ficar o mais longe possível da esposa. “Ela disse algo como ‘quanto

mais rápido ele se livrar dela, melhor”, recordou Hélène.² Não era segredo algum que Christina mal conseguia ficar no mesmo cômodo que a madrasta, mas Hélène ficou surpresa com a veemência de seu rompante. Embora suspeitasse que o casamento tivesse acabado para Onassis, ela achou graça quando Christina o considerou um *mariage blanc*.

— Christina, não é possível que você acredite mesmo que o casamento nunca foi consumado — dissera Hélène.

— Ah, tenho certeza de que meu pai fez seu dinheiro valer neste aspecto, ele se asseguraria disso, e acho que Jackie é muito boa nisso, uma puta no quarto e tudo mais. Mas ele se cansa de todas as suas mulheres mais cedo ou mais tarde.³

“Christina se ressentia particularmente por Jackie não ter feito esforço algum para confortar Onassis quando ele estava passando por uma fase difícil”, acrescentou Gaillet. “Ela não era o tipo de mulher que chegava, sentava, segurava a mão dele e dizia: ‘Ah, meu pobre querido, vamos sair e nos divertir um pouco juntos, vamos à ópera, vamos ao teatro, vamos viajar para algum lugar’ — Jackie adorava fazer tudo isso, mas não com o marido.”

Christina se tornara muito protetora em relação ao pai desde que a saúde dele começara a se deteriorar, depois da morte de Alexander. Embora ela tenha dito que o pai aguardava ansiosamente a visita de Hélène, ele estava adoentado e com uma aparência horrível, então ela fez Gaillet prometer que não tiraria fotos dele na ilha. Onassis estava com problemas nos negócios e “não seria bom se seus inimigos vissem fotos dele em seu estado atual”, disse-lhe Christina.⁴

Quando o tempo finalmente melhorou, Hélène voou para Skorpios. A ilha era o ápice da exclusividade, fazendo os Hamptons parecerem um parque de diversões em alta temporada. Onassis falara muitas vezes com orgulho sobre a beleza da ilha em formato de escorpião, e ela não ficou decepcionada. “Mas, ah, meu querido,

pobre Ari, parecia que ele tinha apenas mais uma hora de vida”, contou ela.

Hélène era a única hóspede, mas, mesmo assim, Onassis cuidara para que ela dormisse em seu iate, o *Christina*; ele ficaria na casa. “Aqui nós vivemos de acordo com o calendário, e não de acordo com o relógio”, disse ele, explicando a rotina da ilha. Na primeira noite, jantaram a bordo do iate. Ele havia tirado um cochilo durante a tarde e, barbeado e revigorado, quase se parecia com o Onassis que ela conhecera em Nova York. Mas ela suspeitou que estava olhando para um homem que dizia “foda-se” para a própria dor.⁵

“Quando eu era jovem”, comentou ele como se adivinhasse seus pensamentos, e com um vestígio de sua antiga sensualidade mundana, “eu tinha certeza de que teria vigor na velhice. Agora que já não sou jovem, não tenho certeza de nada, exceto de que todos nós nascemos e morremos. Mas neste momento, aqui com você, Hélène, fico muito feliz por estar vivo.”⁶

No dia seguinte, ele telefonou e perguntou o que ela estava fazendo. “O que estou fazendo? Estou lendo livros, está tudo divino”, respondeu-lhe Hélène. Ele sugeriu que fossem passear. “Ele passeou comigo pela ilha inteira em seu jipe, mostrou-me os pomares, os animais de criação, as flores. A ilha era como um território medieval (...) produzia seu próprio leite, pão, carne, figos; somente a água doce tinha que ser trazida e guardada em reservatórios.” Por fim, ele lhe mostrou onde o filho estava enterrado. Embora o sentimento de perda fosse perceptível, não foi uma visita triste. “Ari falava como se esperasse que Alexander fosse se juntar a nós a qualquer momento. Ele disse: ‘Alexander está tão vivo para mim quanto você. Ele vem até mim com frequência. Infelizmente, até eu morrer não poderei ir até ele’”, recordou Hélène, que também soube, por uma empregada, que à noite ele muitas vezes ficava diante da porta do quarto de Alexander, pedindo o perdão do filho.^{II}

Nos dias que se seguiram, com sua energia temporariamente revigorada graças à presença de Hélène, a vida na ilha seguiu o

mesmo padrão relaxado. Às vezes, Onassis almoçava com ela a bordo do *Christina*, outros dias nem aparecia. Ela sempre deixava que ele ditasse a agenda: prever seu humor era um esforço em vão. Certa tarde, eles passearam de carro até o outro lado da ilha. Despiram-se e entraram no mar. Apesar da tentação de estar com uma bela mulher nua numa praia deserta, Onassis não deu em cima dela naquele momento. Mesmo considerando que sua doença, sua idade (ele estava a dois meses de seu aniversário de 75 anos, mas dizia ter cinco anos a menos) e sua libido inconstante pudessem ter alguma coisa a ver com seu bom comportamento, Hélène também achou que ele “gostava um pouco da ideia de que ali estava uma mulher inacessível”, como escrevi em *Ari*.

Ela ficou impressionada com a aura de poder dele. Viu, como muitos não viram, que, embora ele fosse um empreendedor rico e implacável, não era só um empreendedor rico e implacável. Ele podia ser manipulador, irascível, vingativo, uma figura monstruosa — não poupava ninguém, nem mesmo os membros da própria família, que ameaçasse se meter em seu caminho —, mas também podia ser amável, sentimental, articulado, rir de si mesmo e ser extremamente generoso. “Ele era incessantemente fascinante”, disse Hélène. “Eu adorava a forma como ele pensava. Era um homem que nunca se mantinha na zona de conforto. Ninguém suspirava de tédio perto de Ari. Como você poderia não se perder numa pessoa como aquela? Houve momentos intermináveis em que pensei: ‘Eu realmente poderia me envolver com esse homem incrível.’ Eu sabia que ele, com certeza, fizera aquilo com cem mil mulheres em sua vida, provavelmente alguns meninos também, mas nós nos conectamos em outro nível completamente. Estávamos nos divertindo. Por que fazer sexo?”, contou-me ela em 1983. Eles conversaram sem parar sobre a vida, os relacionamentos, sobre o fracasso do casamento com Jackie, que era amiga dela também. “Conversamos sobre tudo; realmente entramos um na cabeça do outro. Ele me contou sobre sua vida. Ia de uma parte de seu passado a outra — sua infância em

Esmirna, os romances que tivera em Buenos Aires nos anos 1920 e 1930, suas aventuras em Nova York e Hollywood durante a Segunda Guerra Mundial.”

“Skorprios”, disse ela, “era um bom lugar para confissões.”

Mas no verão de 2003, em sua casa localizada acima de uma enseada em North Shore — a Costa Dourada — em Long Island, Hélène fez sua própria confissão: afirmou que, embora não tivesse mentido para mim em 1983, havia sido econômica com a verdade. “Quando eu soube que você viria me ver de novo, pensei: ‘Ah, meu Deus, vou contar aquela história ou não?’ Porque sou uma pessoa reservada, não falo sobre coisas que fiz. Então, pensei: ‘Bem, quer saber? Acho que é o momento certo para eu contar essa história. Este é o momento certo.’”

Ela começou dizendo que sempre me dissera a verdade, às vezes não *toda* a verdade, mas *somente* a verdade. “Felix sabia que minha boca era um túmulo, a despeito de qualquer coisa. Minha boca tem sido um túmulo há quase trinta anos. Mas agora que muitos desses personagens se foram ou sumiram, e que não estou ficando mais nova, sinto que toda a verdade deve ser dita. Muita gente está revisando a história, acho que o que aconteceu realmente deve ser registrado por um historiador, para que daqui a cem anos as pessoas saibam a verdade sobre pelo menos uma parte de nossa história.”

Ela começou com um comentário pessoal: Onassis *dera* em cima dela — e ela respondera avidamente — quando eles nadaram nus juntos no mar. “Nós fizemos amor. Foi muito físico, um momento extraordinário. Ambos sabíamos, quando a brincadeira começou na água, que nenhum dos dois resistiria. Eu não diria não e ele não iria parar. Não me lembro de uma palavra trocada entre nós. A tarde estava caindo, eu me lembro do sol descendo sobre o promontório e lançando uma sombra na praia. Ari jogou uma toalha na areia, me empurrou para baixo e fez amor comigo de novo. Não me coagiu a nada. Está brincando? Eu estava no sétimo céu. Estava encantada. Mas foi puramente uma paixão sexual momentânea. Ele nunca mais

tentou fazer amor comigo. Nunca mais deu em cima de mim. Foi um encontro com um homem extraordinário, num momento extraordinário que nunca poderia se repetir. Ambos sabíamos disso. Sabíamos que, se ele tivesse me dito de novo na casa 'Vamos, vamos fazer outra vez', nunca teria sido a mesma coisa. Talvez por isso tenhamos nos dado tão bem: tínhamos um profundo entendimento um do outro. Por isso éramos grandes amigos. Ele não havia me convidado para a ilha para trepar comigo. Nem ele nem eu tínhamos a menor ideia de que aquele momento aconteceria. Não foi premeditado, ou planejado, ou calculado. Foi simplesmente um momento. Eu conhecia a mulher dele, eu estava apaixonada por Felix, mas nem por um segundo hesitei ou me senti culpada, e imagino que foi assim para Ari também. O que realmente demonstramos foi muita confiança mútua. Ambos tínhamos muito a perder. O fato de quase trinta anos depois eu estar falando sobre isso pela primeira vez para quem quer que seja prova isso. Nem mesmo eu e Ari falamos sobre isso depois. Nunca voltamos a tocar no assunto."

* * *

A descoberta de que Hélène Gaillet estava sozinha com Onassis em Skorprios foi um choque para Costa Gratsos, a figura mais influente na vida de Onassis e seu amigo mais antigo e mais próximo. Eles se conheceram nos anos 1920, em Buenos Aires, onde Onassis ganhou sua primeira fortuna enviando tabaco oriental do negócio de seu pai na Grécia para produzir seus próprios cigarros, o que incluía uma marca que ele chamou de Bis — um empreendimento que acabou abruptamente quando ele foi processado pelos proprietários de uma marca muito popular, também chamada Bis. Onassis alegou que nunca ouvira falar da outra Bis, o que era tão plausível quanto Frank Sinatra negar que conhecia Jack Daniel's, e fez um acordo fora do tribunal. "Costa sabe de todos os crimes que cometi", foi como

Onassis me apresentou a Gratsos no Maxim's, em Paris, no outono de 1967.

“Costa me telefonou de Nova York assim que soube que Ari estava entretendo uma mulher em Skorpios”, contou-me mais tarde Yannis Georgakis. Nos trinta anos que o conhecia, Georgakis nunca vira Gratsos tão irritado. “Ele disse: ‘Você sabe quem é essa mulher? Como ela chegou lá?’ Eu não tinha a menor ideia. Eu lhe disse para telefonar para Christina, mas ele não queria fazer isso. Christina deveria estar ajudando ele, e a relação dos dois era ‘bastante difícil’”, recordou Georgakis.

Georgakis gostava de pensar em si mesmo como a *eminence grise* de Onassis e certamente tinha as qualificações para esse papel. Ingressara na Faculdade de Direito da Universidade de Atenas aos quinze anos, formara-se aos vinte e continuara seus estudos nas universidades de Munique, Heidelberg e Leipzig, onde obteve seu doutorado em direito penal em 1938. Um homem genial, com um gosto epiceno para roupas, olhos empapuçados e uma aparência de querubim em ruínas, ele trabalhara como assessor jurídico do arcebispo Damaskinos, o primaz ortodoxo da Grécia. Tornou-se chefe do escritório político de Damaskinos, quando, seguido da libertação da Grécia, após a Segunda Guerra Mundial, o arcebispo ganhou o título de regente, aguardando um referendo sobre a restauração da monarquia. Mais tarde, Georgakis foi nomeado subsecretário com mandato especial para as ilhas Jônicas, e também foi o primeiro governador-geral do Dodecaneso, uma possessão italiana cedida à Grécia em 1947. Mais recentemente, tornara-se embaixador itinerante para os países árabes produtores de petróleo, nomeação que alguns achavam que buscara mais pelos interesses de Onassis do que pelos dele próprio. Mas, se seus verdadeiros motivos eram muitas vezes insondáveis, há poucas dúvidas de que depois de uma vida ocupando cargos políticos menores, porém convenientes, Georgakis desenvolvera um gosto pela influência e pela intriga, em vez de um poder pessoal.

“Todos os gênios do mal precisam de um porta-voz inteligente”, dissera-lhe Onassis no início da relação dos dois, e Georgakis gostava de contar histórias sobre as trapanças de Onassis.⁷ O primeiro presente que Onassis lhe deu foi um exemplar de *Eumênides*, de Ésquilo, a história de como os chamados princípios de vingança foram substituídos pelas regras da lei na Grécia antiga. Fez isso para lembrá-lo de que não era um homem civilizado: uma vez que ele entendesse isso, disse-lhe Onassis, os dois se dariam bem. Certa vez, quando perguntei a Georgakis por que ele se associara a um mau-caráter tão óbvio, ele disse que como advogado era seu dever defender o culpado, acrescentando, de maneira travessa: “As pessoas desejam isso, a lei permite isso e Ari me paga um bom dinheiro para assegurar que a prática continue.”

De acordo com o conde Flamburiari, que conhecia Georgakis socialmente, e cuja família é uma das mais tradicionais e aristocráticas da Grécia, era essa atitude pragmática que permitia a Georgakis saber “o que havia embaixo de cada pedra antes que ela fosse levantada”.⁸ E, embora tenha dito a um amigo que nunca pretendeu se aproximar de Onassis mais do que a relação profissional deles exigia, Georgakis estava perto o bastante para saber exatamente por que a presença de Hélène Gaillet em Skorpios no outono de 1974 preocupava tanto Costa Gratsos.

* * *

Algumas semanas antes, internado em um hospital de Nova York sob o nome de Mr. Phillips para fazer novos exames e tratar de seu estado cada vez mais crítico, Onassis tivera o que Georgakis descreveu como “um episódio”.⁹ Foi uma época estressante e infeliz para Onassis. O colapso de seu plano de construir uma refinaria em New Hampshire, a tentativa suicídio de Christina em Londres e a determinação do governo grego de comprar sua emblemática

empresa aérea o haviam levado a uma espiral descendente de desespero.

O “episódio” (provavelmente uma forma moderada de derrame conhecida como ataque isquêmico transitório) durou talvez menos de um minuto. Onassis, fortemente medicado, dormia sentado em uma poltrona quando Gratsos chegou. Embora os médicos tivessem falado de maneira otimista com Christina, que ainda acreditava que era só uma questão de tempo até seu pai ficar bem de novo — “de todo modo, bem o suficiente para se divorciar de Jackie”, dissera ela a seu primeiro ex-marido, Joseph Bolker¹⁰ —, Gratsos recebera um prognóstico mais realista, e muito mais sinistro.

Perdido em seus pensamentos, Gratsos de início não prestou atenção quando ouviu Onassis começar a resmungar. Só quando percebeu que ele estava se dirigindo a outra pessoa na sala — alguém que aparentemente só Onassis podia ver — foi que Gratsos começou a entender o que ele estava dizendo. E o que ele falava era realmente preocupante.

“Costa me telefonou do quarto. Eu estava em Atenas. Foi a única vez que ouvi um pânico verdadeiro em sua voz (...) ele disse que Ari estava confessando tudo”, contou-me Georgakis. Eles não tinham a menor ideia se aquele era o primeiro ou mais um de muitos “episódios” semelhantes, ou se era resultado da medicação que Onassis estava tomando para a doença, que lenta e sistematicamente destruía seu sistema imunológico. Mas o risco de aquilo acontecer de novo, quando outras pessoas pudessem ouvir, existia. Georgakis perguntou a Gratsos quanto tempo ele achava que Onassis tinha de vida. A estimativa mais pessimista havia sido de seis meses, a mais otimista de um ano. Georgakis disse que seis meses era muito tempo para esperar manter Onassis “fora de perigo”. “Ninguém jamais manterá Ari fora de perigo”, disse-lhe Gratsos, sombrio.¹¹

A rápida deterioração da saúde de Onassis foi abafada, mas a suposição de Gratsos e Georgakis de que ele continuaria o

tratamento em Nova York foi por água abaixo quando, alguns dias depois, ele deu alta a si próprio no hospital e voou para Skorpios, onde logo depois receberia Hélène como hóspede.

* * *

Ainda esperando que o olho machucado de George Foreman fosse curado, Hélène estava feliz em Skorpios. “Eu estava me divertindo muito”, disse ela no verão de 2003, quando decidiu me contar toda a história daquela visita. Única hóspede na ilha, paparicada por um séquito de empregados e tendo um dos homens mais ricos e fascinantes do mundo só para ela, a vida não podia ficar muito melhor do que estava. Ela se sentia embevecida por Onassis mostrar-se tão à vontade com ela.

Johnny Meyer soube da presença de Hélène na ilha num telefonema de Onassis. “Ela é um colírio para os olhos e tem uma cabeça esperta sobre os ombros”, afirmou ele a seu relações-públicas, um antigo companheiro de copo. Sabendo da amizade de Hélène com Jackie Onassis e os Kennedy, Meyer o aconselhou a ser discreto. Onassis disse: “Você não tem que se preocupar com Gaillet. Ela é a garota de Rohatyn... sabe manter a boca fechada.”¹²

Entretanto, o alarme começou a soar em Paris e Nova York. Poucos dias depois, Gratsos e Georgakis, acompanhados por Meyer, chegaram à ilha. Foram seguidos de perto por David Karr. Ainda que esses quatro homens não pudessem ser mais diferentes entre si como seres humanos, cada um tinha seus próprios motivos para querer manter Onassis longe de estranhos enquanto ele estivesse propenso àquelas indiscrições preocupantes.

A associação que David Karr já tivera com o jornal comunista *Daily Worker*, bem como com o *Washington Post*, os rumores de uma relação com a KGB, sua proximidade a banqueiros de investimentos e as ligações com políticos de Washington tornavam mais difícil do que nunca saber ao certo de que lado ele estava, ou

qual era seu verdadeiro objetivo. De acordo com Ronnie Driver, seu sócio em Londres, quando um amante estava causando problemas a Christina, Karr lhe disse: "Vou me livrar dele se é o que você quer, é só falar." Driver continuou: "Se David dizia que se livraria de alguém, era exatamente o que ele queria dizer: *ele se livraria dele*."¹³ Desde os tempos em que fixara residência em Paris, em 1967, Karr lidava diretamente com Onassis, e não por intermédio de Gratsos ou Georgakis. Era uma intimidade que não agradava aos dois gregos, principalmente quando Karr se tornou vizinho de Onassis na avenue Foch.

Hélène não conhecia nenhum dos dois gregos nem David Karr — que ela achou que parecia o tipo de homem que "sempre queria ter certeza de que continuaria de pé quando a fumaça se dissipasse". Mas ela conhecera Meyer nos anos 1960, durante uma festa de fim de semana numa casa no sul da França, quando ambos foram convidados de Daniel Wildenstein, um milionário francês negociante de arte e criador de cavalos de corrida. "Eu me lembro de não conseguir entender como Johnny se encaixava no grupo de Wildenstein. Quando perguntei a uma amiga quem era ele, ela disse: 'Você não o conhece? Johnny é um *racolleur*.' Esta é uma palavra francesa que significa homem que junta as pessoas, encontrando mulheres para homens, conseguindo homens para mulheres. Acho que há outra palavra para isso, mas *racolleur* soa melhor."

No momento em que Meyer e seus acompanhantes chegaram a Skorpios (todos eles vestidos de maneira inapropriada, de terno e gravata, como banqueiros visitantes), Hélène sentiu a atmosfera mudar. Seriam aquelas as pessoas que realmente cuidavam das coisas para Onassis?, perguntou-se ela. Estava claro que eles tinham ido até lá para uma espécie de reunião de cúpula, e que havia algum tipo de crise. Hélène não imaginou nem por um momento que aquilo poderia ter alguma relação com ela. No dia anterior, Onassis lhe confiara que estava negociando com um grupo do Oriente

Médio a venda de sua parte na Olympic Tower, na Quinta Avenida — “Estou *sempre* precisando de dinheiro”, resmungou, quando ela caçoou dele por ter pouco dinheiro trocado no bolso. “Tenho uma mulher com gostos *muito* caros.” Ela suspeitou que a chegada daqueles homens estivesse ligada ao negócio.

Na primeira noite, Hélène foi convidada para jantar na casa com Onassis e os recém-chegados. Mas ficou evidente para ela que sua presença deixava os visitantes desconfortáveis; que ela estava inibindo a conversa e que entrara num mundo de segredos e ambiguidade, bem como de machismo. Era difícil dizer se eles estavam confabulando contra Onassis ou tentando protegê-lo. Talvez a questão fosse dinheiro. A questão geralmente é dinheiro, pensou. Às vezes, os gregos falavam com Onassis em grego, mas mesmo quando usavam o inglês falavam num tom baixo conspiratório que a excluía flagrantemente da conversa. Hélène pôde notar que eles eram mais do que uma dupla de gregos xenofóbicos que se comportava mal com as mulheres. Conseguiu perceber raiva e censura no tom de voz e na linguagem corporal deles; o processo era brutal e o que quer que estivessem discutindo era algo sério, desagradável e que Onassis tinha dificuldade para lidar.

Somente Karr permaneceu afastado. “Seja lá o que fosse que ele fazia, você podia notar que era um especialista naquilo”, recordou Hélène. Karr era o tipo de sujeito que nunca levantava suspeitas; era um ouvinte, um coletor de informações. “David podia destruir as pessoas de um dia para o outro com as coisas que sabia”, diria Ronnie Driver mais tarde.¹⁴ Hélène disse que, apesar de não conseguir se lembrar de uma palavra sequer que ele tenha dito naquela noite, “você *sentia* a presença dele, assim como sente um calafrio quando a morte passa por perto”. Mas *todos* eles lhe pareceram homens assustados. “Foi essa a impressão que tive: eles estavam assustados e culpavam Ari pelo que os deixava assustados”, contou ela.

Mas o temor deles parecia depreciar Onassis também, e isso a deixou com raiva.

“Eu já havia visto a maneira como até mesmo os homens mais bem-sucedidos, os homens mais ilustres e mais glamourosos do planeta, comportavam-se diante de Ari em Nova York. Ele tinha um poder quase místico sobre as pessoas, era um gigante. Mas aqueles dois gregos pareciam... *desprezá-lo*, esta é a única palavra em que consigo pensar: eles o *desprezavam*.”

No jantar, Hélène continuou a tentar entender o que exatamente estava acontecendo entre os gregos enquanto eles discutiam em sua própria língua. “Karr estava meio quieto, era difícil decifrá-lo. Mas os dois gregos com certeza temiam alguma coisa, e estavam, sem dúvida, zangados, e ficou claro que Ari não estava ganhando a briga. Não estava revidando. Não estava preparado para quaisquer que fossem... as acusações deles? Ele havia roubado dinheiro deles? Deixara-os fora de um grande negócio? Seriam eles da Máfia grega? Não sei. Foi horrível ver Ari tão pressionado. Ele envelhecera terrivelmente. Era como estar com uma pessoa totalmente diferente daquela do dia anterior, quando havíamos feito amor na praia.”

Por fim, ela se cansou e saiu. Somente Onassis e Meyer se levantaram e lhe desejaram boa-noite.

* * *

No dia seguinte, Hélène permaneceu no iate. À noite, enquanto Onassis jantava na casa com os gregos e Karr, Johnny Meyer jantou com ela no *Christina*. Casado pelo menos três vezes, Meyer preferia realmente a vida de solteiro e vivia para aperfeiçoar maneiras de se tornar indispensável para homens como Onassis. Antigo relações-públicas de Hollywood, tinha um dom extraordinário de conseguir articular — muitas vezes com exagero — o que atores e produtores sentiam, mas não conseguiam expressar em palavras. Por fora, parecia um personagem sinistro, mas a cara de beberrão, o olhar

travesso e o nariz de batata escondiam uma mente astuta e curiosa. Ele sempre se lembrava das indiscrições dos outros e era uma fonte de informações valiosa, bem como de fofocas lascivas para Onassis. Era um contador de histórias nato e uma companhia maravilhosa.

Entretanto, ficou claro para Hélène que ele não estava jantando com ela simplesmente para distraí-la ou porque estivesse cansado da companhia dos homens da casa. Queria descobrir se ela estava tendo um caso com Onassis. “Ele disse coisas como ‘Na noite passada, parecia que você dois tinham um segredo que mal conseguiam segurar.’” Ela negou que estivesse dormindo com Onassis, mas ele insistiu na proximidade dos dois. “Ele dizia: ‘Sobre o que vocês dois conversam completamente sozinhos aqui?’” Quando ela voltou do banheiro, viu-o fazendo anotações furiosamente num guardanapo estampado da mesa. “Eu não achei que tivesse falado algo *tão* interessante assim”, disse ela.

Mas, se Meyer estava louco para descobrir por que ela estava na ilha, e quanto Onassis lhe contara, Hélène estava igualmente curiosa em relação à sua visita e ao que havia irritado tanto os gregos. “Ambos sabíamos que estávamos sondando um ao outro. Eu estava tentando fazer Johnny falar sobre o que ele estava fazendo ali com os gregos e aquele Karr: por que eles haviam aparecido na ilha sem avisar; por que Ari estava tão aflito.” Por fim, Meyer propôs uma trégua: ele pararia de interrogá-la se ela parasse de fazer o mesmo. “Ele disse: ‘Ari fez algo ruim e os gregos não estão felizes com ele. São pessoas instáveis, eles perdem a cabeça. Mas são apenas negócios. E ponto final. Agora vamos nos divertir.’” Hélène sabia que ninguém ficava tão rico quanto Onassis sem fazer coisas que não fossem exatamente honestas — “não há inocentes na política e nos negócios, coisas ruins são feitas o tempo todo”, disse ela — e ficou feliz por parar de brincar de gato e rato com Meyer.

Eles conversaram sobre outras coisas. Ela ficou comovida com o afeto e a ternura na voz de Meyer quando ele lhe falou dos golpes que Onassis sofrera nos últimos dois anos. Tudo o que podia dar

errado dera errado em sua vida: seu casamento, sua empresa aérea e seus investimentos estavam em declínio. Seus negócios com petroleiros — ainda a base principal de sua fortuna — estavam em decadência. Mas nada atingira Onassis mais do que a morte de Alexander e sua convicção de que seus inimigos haviam assassinado o filho para punir o pai. Isso tudo era muito grego, disse Meyer. Mas era doloroso ver um homem que viera da pobreza para uma riqueza tão grande desintegrar-se aos poucos diante de seus olhos. Ele havia visto a mesma coisa acontecer com seu antigo chefe, o excêntrico bilionário Howard Hughes. Mas o declínio de Onassis era mais reservado e mais pungente do que a deterioração amplamente noticiada de Hughes.

Sua mente estava conturbada e com frequência ele conversava com o filho morto, via pessoas que não estavam ali, dizia coisas perturbadoras. “Ari diz coisas que podem ser problemáticas se qualquer pessoa as repetir”, comentou Meyer. Consciente de que o luto pode afetar as pessoas de maneiras diferentes, de início ela não prestou muita atenção a esse comentário. Porém, quando Meyer perguntou se Onassis lhe dissera alguma coisa que a preocupava, ela percebeu que ele a sondava novamente. Sentiu-se insultada não pela pergunta em si, mas pela insinuação de que poderia repetir alguma coisa que Onassis lhe contara quando estavam sozinhos.

Ela me disse: “Homens como Ari, Felix, André Meyer e Jimmy [Sir James] Goldsmith, todos realmente poderosos, quando se dão bem, quando se entusiasmam demais com os negócios, as mulheres em torno deles deixam de existir. Eles ignoram a sua presença porque o mundo gira em torno da confiança mútua e da confiança na integridade um do outro, e quando você ganha a confiança deles, prova sua lealdade, eles conseguem relaxar completamente. Bella Meyer [esposa do guru financeiro de Jackie, André Meyer], Madeleine Malraux [esposa de André Malraux, o assessor mais próximo do presidente Charles de Gaulle], ouvimos muitos segredos porque confiavam em nós; obtivemos muitas informações jantando

no apartamento de André Meyer no Carlyle [Hotel em Nova York]. Eu me orgulhava de minha discricão. Agir de maneira diferente teria sido muito estúpido. E eu nunca fui estúpida.”

No fim daquele encontro, Meyer disse que voltaria a Paris no dia seguinte e pressionou H  l  ne a ir com ele. Conforme ela se lembrou da conversa, ele disse: “Os gregos não confiam em você, H  l  ne. Querem você fora daqui.” Ela lhe disse: “Se Ari quiser que eu v   embora, eu irei. Mas preferiria que ele próprio me dissesse isso. Mas ele não fará isso, Johnny, porque Ari sabe que pode confiar em mim completamente.”

Ari sabe que pode confiar em mim completamente...

Se tivesse parado para pensar, H  l  ne Gaillet não poderia ter dito nada mais calculado para perturbar a paz de espírito de Johnny Meyer do que essas oito palavras.

Quatro anos depois, num bar chamado Ta-boo, na Worth Avenue, em Palm Beach, Meyer contaria a Brian Wells sua versão de como, logo depois de dar alta a si próprio no hospital em Nova York, em 1974, Onassis “contrabandeou aquela garota incrível”, H  l  ne Gaillet, para Skorpios. “Ari tinha uma fraqueza por damas com pedigree, e Gaillet fazia sua temperatura subir, o que deixou os gregos assustados para moussaka”. Onassis, disse ele, “estava morrendo aos poucos”, tinha a “mente perturbada”, e “os gregos não queriam ninguém se aproximando demais dele caso ele pusesse na cabeça que faria uma confissão em seu leito de morte”.¹⁵

Mas, mesmo bêbado, Meyer era perito na arte das revela  es calibradas e se recusou, por hora, a falar o que essa “confissão em leito de morte” poderia ser, ou por que a mente de Onassis estava tão perturbada.

Contudo, se Meyer sabia instigar, Wells sabia ser paciente. Ex-repórter londrino experiente, bem relacionado e bastante obstinado, ninguém tinha um instinto melhor para notícias ou para identificar uma história no menor fragmento de informa  o. Agora editor executivo do *National Enquirer*, o maior tabloide semanal dos

Estados Unidos, ele sabia que Meyer passara a vida salvando a pele de homens como Errol Flynn, Howard Hughes e Onassis. “Ele mentira por eles, alcovitara para eles, arranjara suítes de hotéis e álibis para eles. Quando ele me disse que tinha uma história sobre Onassis, Jackie e Bobby Kennedy que valia ‘no mínimo 1 milhão de dólares’, não duvidei nem por um segundo”, me contou Wells.

A casa de Wells de frente para o mar, em Ocean Ridge, ficava a poucos quilômetros do apartamento de Meyer em South Palm Beach, seguindo pelo litoral, e eles haviam se tornado bons amigos e companheiros regulares de copo, bem como parceiros intencionais nas “memórias de 1 milhão de dólares” de Meyer. Enquanto isso, Wells começara a trabalhar no tom do livro. Repórter acostumado a ir direto ao ponto e seguir em frente, ele ficou frustrado com a atitude de Meyer de procrastinar a revelação que prometera que iria “chocar o mundo”.

Wells sabia que Christina continuava a pagar uma comissão generosa a Meyer e pagava suas contas médicas na Mayo Clinic, onde ele se tratava de um câncer de próstata; e sabia que ele também conservava seu cartão de viagem de primeira classe da Olympic Airways. Eram benefícios que não podiam ser ignorados. Aos 72 anos, ele tinha um estilo de vida que lhe satisfazia — uma celebridade menor entre pessoas das quais gostava — e estava surpreendentemente satisfeito. Ainda assim, se abrisse mão de seu segredo, o único problema de Meyer teria sido o que fazer com o dinheiro.

Wells me disse: “Foi uma época frustrante. Eu sabia que Johnny estava segurando uma grande história. Quer dizer, uma *grande história*. Pensei que eu apenas tinha que ser paciente e ele me contaria tudo. Mas logo percebi que não seria tão simples. Ele queria me contar. Ainda falava com entusiasmo sobre o livro, o impacto que teria. Mas durante anos ele desempenhara o papel-chave de manter Onassis longe de problemas, era bom nisso, era o melhor, e é difícil deixar antigos hábitos de lado, suponho.”

Entretanto, Meyer deixara algumas pistas vazarem, aqui e ali; o suficiente para Wells concluir que a grande revelação dizia respeito a um escândalo envolvendo Onassis, Jackie e Bobby Kennedy — e que ainda era preocupante o suficiente para afligir Meyer três anos depois da morte de Onassis e uma década inteira depois do assassinato de Bobby em Los Angeles.

* * *

Por fim, Wells disse a Meyer: “Olhe, Johnny, se este livro vai atrair muitos dólares com sua publicação, você tem que me dar as histórias boas.”

Meyer disse: “As histórias boas são o que leva você a ser assassinado, garoto.”

* * *

Um dia depois de Gratsos, Georgakis, Karr e Johnny Meyer deixarem a ilha, Onassis convidou Hélène para jantar com ele na casa de praia. “Eu estava com a sensação de que tinha que fazer algo realmente especial para aquecer o coração de Ari, porque ele estava inconsolável; eu podia ouvir isso em sua voz”, recordaria ela mais tarde. Embora viajasse com pouca bagagem, ela levara para a ilha um vestido de noite Ossie Clarke, de chiffon. “Era de um verde extremamente escuro e marrom, de corte enviesado com um cinto na cintura que amarrava nas costas, que ficavam completamente nuas. Dois cortes nas mangas longas também revelavam a pele. Era incrivelmente sexy, e eu nunca usava nada por baixo. Eu sabia que aquilo o animaria.”

Ao vê-la tão glamorosa, Onassis trocou de roupa. Pôs um paletó de smoking branco e gravata borboleta preta. Foi o maior elogio que poderia ter feito a ela, recordou Hélène. Entretanto, o traje a rigor

apenas enfatizou quanto ele estava abatido, e quanto as últimas 24 horas o haviam consumido.

Ele pediu desculpas pela maneira como seus amigos a haviam tratado. “Hélène, eles estavam irritados *comigo*. Acharam que eu não devia estar recebendo você sem um acompanhante.”

Hélène entendeu a preocupação. Sabia que ele estava planejando se divorciar de Jackie — Christina deixara isso perfeitamente claro — e não foi difícil imaginar como aquilo poderia passar a mensagem errada, o problema que Jackie poderia causar e os milhões que aquilo poderia acrescentar ao acordo com ela, caso descobrisse sobre a presença de Hélène, sozinha com seu marido, na ilha. Com certeza, aquilo levantaria suspeitas de promiscuidade, e Gaillet — muito apaixonada por Felix Rohatyn — não queria se ver envolvida em um divórcio complicado. Ainda assim, ela achava estranho que tivessem sido necessários “quatro sujeitos muito astutos” para apontar esses perigos para “um sujeito ainda mais astuto”.

Eles jantaram a uma mesa montada no terraço, as lanternas cintilando nas lentes escuras dos óculos de Onassis. Garçons de luvas brancas serviram Don Perignon e caviar beluga. “Aquilo fazia você se sentir completamente fora da realidade”, contou Hélène. Mesmo para pessoas para as quais a riqueza já não era novidade, aquilo era outro nível de luxo. Ela disse a Onassis quanto gostava do modo como o perfume dos eucaliptos se misturava ao cheiro de sal do mar. Ele comentou que o nome eucalipto vinha do grego e significava bem coberto. “Sempre me sinto bem coberto aqui, bem protegido. É aqui que venho lamber minhas feridas”, disse ele. Onassis plantara pessoalmente muitas árvores da ilha, todas as árvores e arbustos da Bíblia; o eucalipto era sua favorita. Eles conversaram sobre religião, na qual Hélène encontrava consolo e inspiração. Ela tivera uma criação católica, assim como Jackie, e ele a questionou sobre sua fé.

Ele estava muito interessado na confissão como um ato religioso, disse ela, ou talvez mais precisamente na ideia de absolvição. “Ele

quis saber se um padre perdoaria seus pecados caso se confessasse. Acho que a ideia de admitir seus pecados, rezar dez pais-nossos e cinco ave-marias e sair novo em folha realmente lhe agradava. Ele perguntava sobre *tudo*. E sempre conseguia extrair respostas das pessoas. Adorava que eu lhe contasse histórias da minha vida: eu havia sido rica; eu havia sido pobre. Eu havia sido uma condessa;^{III} eu havia sido uma sem-teto. Nada era íntimo demais ou pessoal demais para conversarmos.”

Maldosamente, ele lhe contou que seu ex-cunhado e rival Stravos Niarchos mantinha dois amantes para sua amante — um homem e uma mulher — e gostava de ver os três fazendo amor; e que Greta Garbo (uma ex-amante, afirmou) achava o cheiro dos charutos Montecristo tão excitante que sempre viajava com um estoque para poder oferecer a um provável amante sempre que queria ficar com disposição para o amor. “Hemingway entendia isso bem”, disse a ela. “Ou as mulheres partem seu coração, ou lhe passam gonorreia.” Sabendo de sua fobia aos Kennedy — “e podia ser muito entediante se você não conseguisse fazê-lo mudar de assunto rápido” —, ela perguntou se ele também concordava com o comentário de Hemingway de que a única diferença entre os ricos e as outras pessoas é que os ricos têm muito dinheiro. “Ele respondeu: ‘Os ricos fazem mais sexo, eu sei disso (...) até mesmo aquele desprezível Bobby Kennedy fazia mais sexo.’”

O ódio por Bobby tomava conta de Onassis, disse Hélène. “Ele e Bobby tinham uma história muito antes de Jackie, mas Bobby morrera seis anos antes e Ari ainda o odiava (...) era como se Bobby ainda fosse uma ameaça para ele. Era muito estranho.”

Em algum momento, por volta das duas da madrugada, Onassis a acompanhou até a praia, onde um marinheiro a aguardava numa lancha para levá-la de volta ao *Christina*. Eles haviam ficado realmente íntimos naquela noite. Hélène lhe contara coisas que não contara a mais ninguém, nem mesmo a seu padre. Ele lhe contara coisas que ela tinha certeza que também não eram fáceis para ele

falar. Ela teve a sensação de que Onassis não queria que ela fosse embora. Ele ficou olhando para o oceano, as luzes de seu iate brilhando na água escura. Como estava de costas para ela, Hélène demorou alguns instantes até perceber que ele estava falando, “como alguém rezando, na verdade... essa é a única maneira que consigo descrever aquilo”. Quando ela se esforçava para entender suas palavras, ele se virou e disse, sem rodeios: “*Sabe, Hélène, eu providenciei o dinheiro para o assassinato de Bobby Kennedy.*”

Ditas como uma simples declaração do fato, as palavras não continham qualquer consciência de delito, qualquer receio ou sentimento de culpa. Talvez porque Meyer a tivesse prevenido astuciosamente para a possibilidade de Onassis dizer algo chocante, algo que poderia causar muitos problemas se qualquer pessoa repetisse, ela não ficou de todo surpresa. “Eu disse algo como: ‘Bobby Kennedy? Ai, Ari.’ Ele deu de ombros de leve, daquele jeito levantino, como se dissesse *e daí?*”, disse Hélène, recordando o gesto familiar que transmitia sua atitude perante a vida.

Parte dela queria acreditar que a confissão de Onassis era uma fantasia de macho; um delírio paranoico de que ele tramara pessoalmente a morte de Bobby Kennedy; ela queria acreditar que era só isso. Mas, como dissera a Meyer algumas noites antes, ela também acreditava que não havia inocentes na política e nos negócios — “coisas ruins são feitas o tempo todo”. Além do mais, sabia que Onassis era um homem que sempre corria o risco máximo para conseguir o que queria.

“Eu fiquei em estado de choque, claro, embora não tenha percebido isso na hora”, contou ela mais tarde. Onassis havia realmente confessado sua cumplicidade no assassinato de Bobby Kennedy e, no fundo, ela temia acreditar. “Na verdade, quanto mais eu pensava naquilo, mais ficava convencida de que ele estava falando a verdade”, disse ela. “Parte do charme de Ari era depositar em você uma extrema confiança. Talvez fosse sua maneira de prender você mais para perto dele.”

A morte de Bobby na noite de sua vitória nas primárias presidenciais democratas na Califórnia havia removido o último obstáculo para o casamento de Onassis com Jackie, e a vida, ela sabia, raramente é perfeita ou conveniente dessa maneira. Seria preciso outro livro para descrever a angústia que ela viveu tentando decidir o que fazer, ou com quem poderia ou deveria falar, diria Hélène mais tarde ao me explicar seu dilema. Não era uma questão de consciência ou algum princípio moral; Bobby estava morto e Ari estava morrendo; o que ela fizesse ou dissesse naquele momento não mudaria esses fatos. Então ela decidiu “nunca falar sobre isso com ninguém, nem mesmo com Felix”. E durante trinta anos isso continuou sendo um dos segredos que ela planejava guardar para sempre.

* * *

Por que Jackie apareceu em Skorpios no fim do outono de 1974 ainda não se sabe. Talvez ela tivesse descoberto a presença de Hélène Gaillet na ilha e estivesse apenas seguindo os instintos de uma esposa desconfiada. Talvez Gratsos — um jogador que sabia usar os interesses de um adversário — tivesse sugerido isso. Recordando sua conversa com Christina, Jackie certamente era a última pessoa que Hélène esperava ver na ilha naquele momento. “Mas fiquei contente por ela ter vindo. Sempre nos demos muito bem, e sua chegada me tranquilizou”, disse ela.

Em sua última noite em Skorpios, ela jantou com Ari e Jackie. Quaisquer que fossem os conflitos ou problemas do casal mais famoso do planeta, e quaisquer que fossem os sentimentos de Hélène por ter feito sexo com o marido de Jackie apenas alguns dias antes, estes ficaram guardados com eles enquanto jantaram sob as estrelas naquela noite. Mas Jackie sempre estava em sua melhor forma numa crise. “Ela podia ficar em paz com quase qualquer problema”, disse Hélène. “Se estava com raiva porque eu ficara

sozinha com seu marido na ilha, ela nunca sequer ergueu uma sobrelanceira para demonstrar isso.”

Ao partir na manhã seguinte, antes de Onassis acordar, Hélène entrou escondida no closet dele e escreveu uma mensagem no espelho, com um batom, manifestando sua gratidão e seu amor. Encerrou-a com a expressão favorita de Onassis: O destino acontece.^{IV}

Ela não o viu mais, e quatro meses depois ele estava morto.

I Rohatyn mais tarde ficaria conhecido como o homem que salvou a cidade de Nova York da falência. Em 1997, o presidente Clinton o nomeou embaixador dos Estados Unidos na França.

II Certa vez, quando liguei para Onassis em Paris, não muito tempo depois da morte de Alexander, Christina atendeu o telefone e me disse que seu pai estava em Skorpios. “Jackie está com ele?”, perguntei. “Não, ele está com Alexander”, respondeu ela.

III Ela se casara aos dezoito anos com Charles de Barcza, um conde húngaro cuja família controlava uma refinaria de açúcar e um negócio de distribuição na Hungria pré-guerra. O casal teve duas filhas. Separou-se seis anos depois; Barcza morreu antes de eles se divorciarem e, tecnicamente, Hélène continuara sendo uma condessa.

IV Um quarto de século depois, em sua casa em Long Island, Hélène Gaillet escreveu com batom no espelho de seu closet uma paródia irônica dos versos de um conto de fadas. Há alguém no mundo mais bela do que eu? A conclusão: Espelho, espelho meu / Um dia de tudo verei / Mas então tarde demais será / Porque meu destino terei encontrado já!

TRINTA

FANTASMAS DEMAIS

Pelos céus, transformarei também em fantasma
quem me detiver novamente!

—WILLIAM SHAKESPEARE

Na manhã de 10 de outubro de 1974, 55 dias depois da overdose de sua filha, Tina foi encontrada morta por uma camareira em seu quarto no Hotel de Chanaleilles, a mansão de Niarchos em Paris. Os primeiros relatos, citando fontes próximas ao seu marido, diziam que a morte fora causada por uma overdose de barbitúricos.¹ Isso foi contestado rapidamente por uma declaração de que ela morreria de “um ataque cardíaco ou um edema pulmonar”. As explicações contraditórias e o fato de que Niarchos esperara 24 horas para revelar a tragédia — e de que a primeira pessoa que ele chamara após a descoberta do corpo de Tina havia sido não um médico, mas seu advogado na Suíça² — instigaram comparações com as circunstâncias obscuras da morte de Eugenie em Spetsapoula, quatro anos antes.

A morte de Tina foi mais do que uma perda para Niarchos e Onassis: foi também um desastre em potencial, porque, ao contar a Christina sobre a cumplicidade de seu pai no assassinato de Bobby Kennedy — para silenciar suas acusações de culpa pela morte de Eugenie contra Niarchos —, Tina criara um risco futuro para todos eles. Pois, embora eles estivessem relativamente seguros enquanto Tina estivesse por perto para lembrar à filha o que estava em jogo, a discrição de Christina era de uma inconstância irritante quando ela ficava sozinha.

Horas depois de chegar a Paris — e antes que seu pai pudesse impedi-la —, Christina pediu e conseguiu uma ordem judicial para que a polícia fizesse uma autópsia do corpo de Tina. Quando conversara com a mãe ao telefone algumas noites antes, disse Christina, ela lhe dissera que encomendara um novo guarda-roupa de outono e que mudaria o corte de cabelo.³ Seriam esses os planos de uma mulher que pretendia acabar com a própria vida?

Se Niarchos ficou apavorado por ter sua vida privada exposta ao escrutínio de outra investigação de assassinato — e num país onde tinha muito menos influência do que aquela que exercera na Grécia dos coronéis —, Onassis ficou igualmente temeroso de despertar raiva em Niarchos. “Stavros vai achar que estou metido até o pescoço nisso com você”, disse Onassis a sua filha quando a encontrou em Paris.⁴

Naquela noite, ele telefonou para Niarchos e lhe assegurou que acreditava que a morte de Tina havia sido um terrível acidente; Niarchos tinha seu total apoio. “Precisamos deixar claro que nós dois aprovamos a autópsia e queremos esclarecer as dúvidas”, afirmou Onassis. Se ele, Onassis, entre todas as — pessoas, acreditava em sua inocência, “será mais difícil as pessoas dizerem que nem tudo está bem”.⁵

Dois dias depois de a declaração conjunta de apoio à autópsia ser divulgada na imprensa, os patologistas indicados pelo escritório do promotor público concluíram que Tina morrera de edema pulmonar, um inchaço nos pulmões decorrente de excesso de líquido, provavelmente complicado por sua dependência de barbitúricos. Não havia marcas de violência no corpo, relatou o *London Times*, mais uma vez evocando as lembranças da morte suspeita de Eugenie.⁶

Mas, apesar do pacto cínico entre os dois, Niarchos continuava nervoso com Onassis. Depois do funeral, em Lausanne — “Minha tia, meu irmão e agora minha mãe — o que está acontecendo com minha família?”, dissera Christina, chorando, diante do túmulo —, Niarchos voltou para Paris e por meses não foi visto em público.

Era o medo, e não o luto, que o mantinha distante. Ele passava vinte horas por dia na cama, temendo sair de casa. Sua paranoia e o hábito de beber muito, combinados a uma hipocondria que o acompanhara a vida inteira, eram uma mistura preocupante. Uma assessora em Paris, que já trabalhara no Foreign Office britânico e conhecia sua suspeita psicótica, recorda que Niarchos certa vez enviou a assistente dela a Nova York com uma amostra de urina dele para ser analisada, porque não confiava nos laboratórios de Paris. "Ele estava convencido de que os médicos franceses estavam mantendo Onassis informado", disse ela.⁷

* * *

No início de novembro, sob o nome de Mr. Phillips, Onassis mais uma vez deu entrada em um hospital em Nova York. Estava piorando rapidamente, e Christina passava cada vez mais tempo com ele (enquanto Jackie passava cada vez menos). Quando suas pálpebras ficaram fracas demais para permanecer abertas, Christina as colou com Band-Aid e, conhecendo sua vaidade, encomendou lentes mais escuras para seus óculos a fim de esconder os curativos. "Isso é Deus castigando você por todos os seus pecados", disse a ele.

"Nunca penso em pecado", reagiu Ari, sua voz rouca por causa da idade e da nicotina. "É da minha natureza."⁸

Embora Onassis tenha dado alta a si próprio no hospital alguns dias depois, estava claro que agora se encontrava gravemente enfermo. Antes de voltar para Atenas, teve outro encontro com Roy Cohn. Durante o almoço no "21", disse ao advogado que ainda queria se divorciar de Jackie. Cohn lembrou: "Ele queria saber quanto custaria o silêncio dela. Eu disse: 'Isso vai depender do que você quer que ela mantenha em silêncio.' Ele respondeu: 'Bem, tive uma vida interessante.' Falei: 'Então ela fará você pagar por isso.' Ele disse: 'Sim, foi o que pensei.'"⁹

* * *

Enquanto isso, outra crise financeira atingira toda a frota da Olympic Airways. O primeiro-ministro grego instalou uma equipe de gestão emergencial e declarou a intenção do governo de retomar a empresa aérea. Onassis voou para Atenas em dezembro, aparentemente para negociar a transferência. Mas toda manhã ele enfrentava negociadores do governo com uma nova lista de exigências e perguntas, recusando pontos sobre os quais eles haviam concordado 24 horas antes. “A mente de Ari parecia vagar sem rumo, mas talvez até mesmo isso fosse uma tática”, disse um negociador do governo. “Não sabíamos se estávamos lidando com um gênio ou com um homem que era exatamente o que parecia: um poço de exaustão.”¹⁰

* * *

“A Viúva é uma agourenta, Papa”, disse Christina a seu pai no dia em que Jackie voou para esqui nas encostas suíças de Crans-sur-Sierre, enquanto ele continuava a luta para salvar sua companhia aérea em Atenas.¹¹ Sua filha o pressionava a manter a promessa feita a Alexander em Paris de se livrar de Jackie; via isso como uma obrigação não cumprida com a memória de seu irmão. E em 11 de dezembro, no aniversário de 24 anos da filha, Onassis reafirmou sua promessa — contanto que Christina se casasse com Peter Goulandris.

Onassis adorava comemorar a noite de ano-novo, mas 1974 parecia um ano diferente de todos os outros, disse ele a amigos no pequeno jantar que organizara em Paris. Recusando champanhe, ele bebericou um uísque com água para não irritar suas gengivas sensíveis. No fim da noite, ao oferecer um presente a cada convidado, ele deu a Costa Gratsos, seu mais antigo amigo no mundo, seus lucros no projeto de ambos no Haiti.¹ Foi o momento,

disse mais tarde Johnny Meyer, em que Onassis admitiu que aquela era a última noite de ano-novo que veria.

Os últimos meses de sua vida extraordinária teriam sido mais felizes se o Omega tivesse tido um desfecho bem-sucedido? Ou o acordo do Haiti? Ou teria ele conseguido entrar numa velhice tranquila e gratificante? Os negócios haviam sido sua maior paixão durante toda a sua vida, disse ele a Meyer perto do fim, e que conforto havia nisso agora?

Ele conseguira tudo na vida, exceto o prêmio de um final feliz.

* * *

Em 15 de janeiro de 1975, Onassis devolveu a Olympic Airways ao governo grego por 69 milhões de dólares. “Para observadores comuns, pareceu um acordo favorável”, escreveu Lewis Beman na revista *Fortune*.¹² “Na verdade, todo o dinheiro que Onassis recebeu do governo foi destinado ao pagamento de dívidas enormes da Olympic.”¹¹

Duas semanas depois, em 3 de fevereiro, Onassis desmaiou sentindo fortes dores abdominais. Seus médicos diagnosticaram cálculo biliar e ressaltaram que, devido à sua nutrição debilitada — causada em parte por sua crescente dificuldade de mastigar a comida, pela falta de uma alimentação regular durante a batalha pelo controle da Olympic (ele perdera dezoito quilos em oito semanas) e por um surto de febre —, seu estado era extremamente vulnerável. Jackie pegou um avião de Nova York; Christina voltou de Gstaad, onde estava esquiando com Goulandris, com quem sabia que nunca se casaria. Mas, como os especialistas convocados de Paris e Nova York não conseguiam concordar sobre o melhor procedimento a seguir (um hepatologista francês queria operá-lo imediatamente para retirar a vesícula biliar; um cardiologista de Nova York achava que ele estava fraco demais para uma cirurgia

invasiva), Onassis tomou a séria decisão de voltar a Paris para a retirada de sua vesícula biliar no American Hospital, em Neuilly.

Acompanhado por Jackie e Christina, ele chegou a Paris no fim da tarde de 6 de fevereiro. Um vento leste suave mal movia o emaranhado viçoso das trepadeiras que cobriam a grade alta de ferro forjado em frente ao no 88 da avenue Foch.¹³ “Quero sair deste carro andando sozinho. Não quero que esses filhos da puta me vejam sendo amparado por duas mulheres”, disse ele, enquanto as luzes da noite se acendiam.¹⁴ Ele sentia muita dor ao caminhar, mas subiu os degraus sem ajuda e entrou.

Mais tarde, naquela noite, Johnny Meyer tomava um drinque no bar do hotel Georges V com um jornalista da *Paris Match* quando foi chamado ao telefone. A voz do outro lado estava fraca, a voz de uma pessoa muito velha; Meyer não conseguia sequer saber ao certo se era um homem ou uma mulher. “Não consigo ouvir você”, disse ele. “Quem é?” Quem diabos ele achava que era?, reclamou a pessoa, numa descarga de adrenalina e raiva. Meyer mais tarde diria não saber o que lhe ocorreu primeiro: o fato de que era Aristóteles Onassis na linha “ou a percepção de que eu estava falando com um homem morto”.¹⁵

* * *

Em seu quarto no quinto andar do no 88 da avenue Foch, seu apartamento gigantesco na melhor área da melhor área de Paris, com o som da cidade abafado pelas paredes grossas e antigas e pelas janelas de vidro blindado, Onassis absorvera os primeiros sessenta miligramas da cápsula de piridostigmina de liberação lenta. A droga lhe permitiria passar a noite e lhe dera o breve surto de energia que ele aproveitou para cuidar de tantos negócios quanto pôde.

Era um quarto grande, e tudo ali era grande — a cama de bronze antiga, a lareira de pedra, os móveis de mogno e os quadros nas paredes —, tudo exceto Onassis. Perfumado com água de colônia e recém-barbeado, com um pijama azul-marinho e um robe de seda azul feito sob medida para ele na Lanvin, ele parecia uma efígie encolhida de si mesmo. Era doloroso olhar para ele, impossível não olhar.

“Ele disse: ‘Você nunca esperou me ver desse jeito, velho amigo?’” Meyer sempre começaria a história da mesma maneira, com a mesma imitação da voz rascante e fraca de Onassis. Embora estivesse, em suas próprias palavras, um saco de pele e ossos, ele parecia ter a energia aprisionada de um fantasma. A parte de seu cérebro que fazia os cálculos e avaliava os riscos havia mais de sessenta anos continuava intacta. Mesmo morrendo, afirmou Meyer, Onassis exalava um sentimento de poder. Ele sabia qual seria o desenlace, mas não se acovardava. “Aristóteles Sócrates Onassis” — Meyer saboreava a ressonância do nome — “Aristóteles Sócrates Onassis tinha toda a coragem do mundo.”

Jackie não conseguira dar o toque de bom gosto dos Bouvier ao quarto, e as cortinas de veludo vermelho, o biombo de gesso dourado e um Watteaus falso pendurado na parede de seda cinza davam ao aposento a aparência de um *boudoir* de um bordel antiquado de Paris. De acordo com Christina, o motivo pelo qual seu pai se recusara a deixar Jackie mudar a decoração do quarto era para lembrar à sua esposa, em seus momentos íntimos juntos, “o que ela realmente era”.¹⁶

Mas, agora, o homem velho e acabado parecia um ocupante incompatível com um lugar como aquele. O quarto era quente e cheirava a remédio e perfume. “Era o perfume de Christina, jasmim e patchouli, o tipo de aroma que é bom em casacos de pele; o de Jackie era floral, um perfume de menina, melhor para lugares ao ar livre e fins de semana no campo”, dizia Meyer cada vez que contava

a história.¹⁷ Era esse tipo de detalhe que o tornava um contador de histórias tão bom.

Onassis perguntou se a imprensa ainda estava esperando na rua. “Você é sempre notícia, Ari”, disse-lhe Meyer com sinceridade, embora ambos soubessem que a vigília de morte da mídia começara. O último privilégio de pessoas como ele era dar ao público um espetáculo no fim, disse Onassis, com um lampejo de sua velha arrogância. Sua fala era arrastada. Ele segurou o queixo para apoiar o peso de sua cabeça e ajudá-lo a falar. “Mas que perseguição, Johnny. Que perseguição tem sido.”¹⁸

Meyer pode ter mudado uma frase aqui, acrescentado um detalhe ali, para dar mais vida à narrativa — não havia relógio na mesa de cabeceira, conforme ele afirmou, apenas fotografias de Alexander e Christina, um pequeno crucifixo e uma calculadora de bolso (“Toda a sua vida esteve ali naquela mesinha, do berço ao túmulo; uma maldita calculadora e um crucifixo!”), mas a história de Meyer sobre aquela noite tinha uma verdade que nunca mudou: Onassis dizendo “Eu era apenas um garoto grego que sabia fazer contas”, Meyer pegando sua mão e falando: “Quem é que já ouviu falar de alguém morrer por causa de pálpebras caídas?” E Onassis respondendo: “Eu não quero continuar vivendo com fantasmas, Johnny. Fantasmas demais.”¹⁹

* * *

Às 11h50 da manhã seguinte, Onassis saiu da garagem subterrânea num Peugeot azul em direção ao American Hospital. Era um dia ameno e ensolarado.²⁰ O carro seguiu veloz pela pista interna do boulevard Périphérique, na Place du Marechal de-Lattre-de-Tassigny, e virou à direita no boulevard de l’Amiral Bruix, seguindo até Porte Maillot. Ao meio-dia, enquanto a multidão de fotógrafos e repórteres na entrada principal era distraída pela chegada de Jackie e Christina,

ele entrou no hospital pela capela adjacente, conhecida pelos médicos como a “saída dos artistas”, porque era também o caminho para o necrotério.

No domingo, 9 de fevereiro, dia em que a vesícula biliar de Onassis foi retirada, Christina telefonou para David Karr e lhe pediu para conseguir uma suíte para ela no Plaza-Athenée. “Não quero ficar na mesma casa que aquela mulher”, disse a ele, contrariada, referindo-se à madrasta.²¹ Mas Jackie se recusou a se deixar provocar. “Essas velhas gregas [Christina e suas tias] não me incomodam. Lembre-se, eu treinei com as Kennedy!”, disse ela a Johnny Meyer, que respeitava sua força, mas pouca coisa além disso.²²

Mais ou menos a essa hora, Meyer foi jantar num pequeno bistrô no Quai des Grands-Augustins com um velho amigo, Ernie Anderson, relações-públicas veterano de Hollywood. Os dois tinham atração por celebridades que tinham mais a esconder do que queriam revelar. Meyer disse a Anderson que Onassis tinha apenas algumas semanas de vida. Ele não tinha medo de morrer, disse Meyer, mas não queria Jackie por perto quando desse o último suspiro. “Ele me disse que Ari estava convencido de que Jackie tinha *malocchio* — mau-olhado”, recordou Anderson mais tarde.²³

De acordo com Anderson, Onassis combinara com Meyer de fazer um sinal com a mão — “porque ele tem medo de não conseguir falar no final” — quando sentisse que era hora de se livrar dela.

“Não consegui engolir essa besteira de *malocchio*”, afirmou Anderson. Ele achava que o verdadeiro motivo pelo qual Onassis queria Jackie fora do caminho era porque ele sabia que sua morte precipitaria uma batalha feroz entre ela e sua filha pelo controle de sua fortuna. Anderson disse a Meyer: “Isso é apenas negócio de família, não é, Johnny?”²⁴

Era muito pior do que isso, respondeu-lhe Meyer. “Ele falou: ‘Ernie, você faz ideia do quão grega é a situação.’”²⁵

* * *

Em 22 de fevereiro, um repórter da *Paris Match* falou com um dos cirurgiões que haviam operado Onassis. “Nosso último aliado para salvá-lo é seu orgulho. E essa é a última quantidade desconhecida”, disse ele. Onassis ainda precisava de respirador e continuava ligado a um aparelho de hemodiálise. Sua aparência, disse um *paparazzo* que conseguira tirar uma foto de Onassis pela janela do hospital, era de como se “sua vida estivesse sendo sugada”.

Alguns dias depois, Johnny Meyer viu Onassis pela última vez. “Eles não me deixavam entrar, então subornei uma enfermeira, que me pôs para dentro às escondidas no horário de almoço, quando todos os guardas iam comer juntos. Onassis tinha tubos nos braços e no nariz, e parecia que tinha tubos na cabeça também. *Tudo o que ele conseguiu fazer foi dar um pequeno aceno com a mão*”, escreveu ele nas anotações para sua autobiografia inacabada. Era o sinal que ele dissera a Anderson que estava esperando, embora Meyer não admita isso nas anotações, que prosseguem de maneira pouco convincente: “Mas o médico disse que ele estava melhorando, então Jackie e eu pegamos um avião e voltamos para casa. Ela foi esquiar na Nova Inglaterra.”

* * *

No sábado, 15 de março de 1975, choveu durante doze horas e nove minutos em Paris; foi a chuva mais demorada do inverno e, quando parou, Aristóteles Sócrates Onassis estava morto.²⁶

I Veja Capítulo 27, “Embora seu papel em acontecimentos subsequentes”.

II O acordo final o deixou com cerca de 15 milhões de dólares, além de imóveis no valor aproximado de 10 milhões de dólares. Ele também teve permissão para

vender dois 707 à Jordânia por 9 milhões de dólares e manter, para seu próprio uso, um Learjet e dois helicópteros, avaliados em 500 mil dólares. Somando isso tudo, relatou Lewis Beman, nem mesmo 35 milhões de dólares eram um bom retorno para todo sangue, suor e lágrimas que Onassis havia derramado no negócio durante as duas décadas em que lutara para mantê-lo funcionando.

TRINTA E UM DINHEIRO SUJO

Aristóteles Onassis me salvou num momento em que minha vida estava mergulhada em sombras. Ele significava muito para mim. Ele me trouxe para um mundo onde se podia encontrar alegria e amor. Vivemos juntos muitos momentos belos que não podem ser esquecidos e pelos quais serei eternamente grata.

—JACQUELINE BOUVIER KENNEDY ONASSIS, 1929-1994

Muitos acharam que a declaração de Jackie — feita quando ela chegou à França (acompanhada da mãe, dos filhos e de Edward Kennedy) — foi compelida por decoro, e não por qualquer sentimento de perda. “Eu me lembro daqueles grandes óculos escuros e de seu sorriso enigmático quando ela desembarcou do avião em Orly”, recorda Peter Stephens, na época o chefe do escritório do *London Daily Mirror* em Paris. “Ficamos todos um pouco chocados com aquele sorriso.”¹

“Quanto tempo ela passou com meu pai?”, perguntou Christina quando lhe disseram que Jackie seguira diretamente para o hospital. Informada de que sua madrasta rezara junto ao corpo de Onassis na capela do hospital durante sete minutos, ela disse: “Ela não conseguiu lhe dispensar nem dez minutos no fim.”²

A primeira indicação pública de um rompimento sério entre as duas mulheres veio alguns dias depois, na viagem para a vila de pescadores de Nidri, de onde uma lancha levaria o corpo de Onassis para Skorpios. Era um dia frio, nublado. Sinos de igrejas tocavam e mulheres com xales pretos se perfilavam nas ruas enquanto o

cortejo passava por cada pequeno vilarejo. De repente, o comboio parou. Christina saiu da limusine que compartilhava com Jackie e Ted Kennedy e se juntou a suas tias no segundo carro.

Kennedy, explicou ela mais tarde, tentara conversar com ela sobre o acordo de Jackie. Christina sabia que ele não estava ali para compartilhar seu sofrimento, e que mais cedo ou mais tarde eles iriam querer discutir negócios — “ela está trazendo sua força para lutar com você pelo dinheiro”, advertira-a Meyer quando soube que Kennedy acompanharia Jackie ao funeral.³ Mas a impaciência de Kennedy para tratar daquilo, seu aparente desprezo pelo protocolo, enfureceu Christina.

Enquanto isso, em Skorpios, o céu escureceu no momento em que o caixão — feito com uma das nogueiras da ilha e ostentando uma placa de metal com a simples inscrição “Aristóteles Onassis: 1900-1975”^I — era carregado morro acima até a pequena capela, passando por fileiras de funcionários que seguravam velas acesas. Quando o corpo de Onassis foi baixado numa sepultura ao lado do jazigo de Alexander, começou a chover.

* * *

Em 18 de abril, o *New York Times* revelou que, pouco antes de sua morte, Onassis instruíra Roy Cohn a dar início aos procedimentos do divórcio. “Vários amigos da família Onassis disseram que a sra. Onassis quer mais dinheiro”, afirmava a notícia de John Corry na primeira página. Descrita como sendo “fortemente hostil” à sua madrasta, a própria Christina instigara o vazamento para o *Times*, incluindo o fato de que o acordo consistia no valor mínimo que seu pai havia conseguido com base na lei grega.

Na verdade, a mulher que se juntara a Onassis com tamanho dote histórico havia sido dispensada com uma renda anual fixada em 200 mil dólares, a ser revogada — e os executores e herdeiros de Onassis foram instruídos a lutar contra ela “com todos os meios

legais possíveis”⁴ — se ela contestasse o testamento de alguma forma.

As orelhas de Jackie arderam com a humilhação. “De acordo com o que fontes bastante confiáveis me revelaram”, disse-me Roy Cohn mais tarde, “Jackie telefonou para Christina em Monte Carlo depois que a notícia foi publicada, ameaçando que, se Christina não divulgasse uma declaração dizendo que tudo entre ela e seu pai havia sido maravilhoso, só amor e carinho, ela não daria fim aos problemas no espólio — *e tudo mais*”.⁵

Costa Gratsos ficou preocupado com a veemência da reação de Jackie à reportagem do *Times*. Apesar da ameaça de Onassis de que ela perderia tudo se fizesse qualquer confusão, estava claro que ela não pretendia desaparecer quieta — nem com uma ninharia. Gratsos, consciente do que havia em jogo, implorou a Christina para “pelo menos falar com a mulher”.⁶ Mas Christina se recusou.

Enquanto as histórias sobre a hostilidade entre Christina e Jackie se tornavam cada vez mais públicas, rumores sobre quanto Jackie queria também começaram a vir à tona. Histórias de que ela estava propondo 20 milhões de dólares (em valores atuais, dez vezes mais do que isso) surpreenderam até mesmo os amigos que mais a admiravam. Começaram a crescer as suspeitas de que Jackie “tinha um trunfo sobre seu falecido marido, de que ela sabia alguma coisa — ninguém podia dizer o que — que não deveria saber”.⁷ Sam White, do *London Evening Standard*, achou que esta era a única explicação para Christina acabar cedendo às exigências de Jackie. “A lei estava do lado de Christina, ela não teria dado um centavo a mais do que tinha que dar à ‘pequena *pied noir*’,^{II} como ela gostava de chamar sua madrasta. Então por que lhe deu tanto?” A resposta, acreditava White, estava clara: “Jackie sabia demais sobre as transgressões de Ari.”⁸

No início da noite de 20 de abril, 48 horas depois da publicação da reportagem do *Times*, Jackie telefonou de novo para Christina. As

duas conversaram durante quinze minutos — um tempo extraordinariamente longo para elas — após os quais Christina chamou Johnny Meyer à avenue Foch. Ele a encontrou sentada à escrivaninha do pai.

“Essa coisa funciona, Johnny?”, perguntou ela, indicando o detector de mentiras que Mitchell WerBell dera a Onassis por apresentá-lo aos compradores de armas militares em Atenas. Seu pai confiava na máquina, respondeu Michael. “Neste caso”, disse ela, tocando os braços de sua poltrona com os dois punhos, como o pai fazia, “tenho um problema.”⁹

* * *

Em 22 de abril, o *Times* publicou uma notícia de seu escritório em Paris cujo título era:

Srta. Onassis nega que seu pai planejasse divórcio

As notícias eram “totalmente incorretas”, declarou ela por meio de seu advogado francês. Suas relações com a madrasta eram baseadas em “amizade e respeito” e não havia “qualquer disputa financeira ou de outro tipo separando-as”, insistiu ela. Dois dias depois, as duas se encontraram em Skorpios para a cerimônia religiosa ortodoxa grega que marcou o quadragésimo dia da morte de Onassis e partiram o pão sacramental juntas, um ato simbólico para enviar a alma do falecido ao paraíso.

Mas, quando, mais tarde naquela noite, Christina tentou que a madrasta definisse o acordo (“Quanto você quer, Jackie? Me dê um número”, exigiu Christina, em sua versão do confronto), Jackie foi educada, porém evasiva, dizendo à enteada que aquela não era a hora para falar em dinheiro! Jackie era esperta demais para ser levada a negociar em Skorpios, disse Hélène Gaillet de Neegaard, que continuava amiga das duas mulheres e se divertia assistindo às

manobras delas: “Jackie queria Christina em sua área de influência em Nova York.”¹⁰

Entretanto, Christina tinha muitas cartas na mão, e para ela era claramente conveniente adiar o momento em que teria de chegar a um acordo com sua madrasta. Além de assumir as rédeas dos negócios do pai, ela havia aberto uma ação para anular o casamento da mãe com Niarchos — alegando que era ilegal Tina casar-se com seu cunhado. Muito dinheiro estava em jogo; uma estimativa interna era de que a fortuna pessoal de Tina era de 270 milhões de dólares, que iriam para Christina se o casamento de sua mãe fosse anulado, e para Niarchos se não fosse. Poucos, porém, achavam que Christina tinha muita chance contra Niarchos — um homem que havia sido seu tio, seu padrasto e que, conforme ela alegava, tentara seduzi-la: “Ele dormiu com minha avó (Arietta Livanos), minha mãe e minha tia. Acho que ele tem uma coisa de geração”, disse ela a amigos, alegando que Niarchos dera em cima dela quando ela tinha dezesseis anos.

Embora os velhos assistentes de seu pai estivessem plantando histórias sobre como ela dirigia bem a empresa, a verdade parecia ser que Christina estava perturbada — e, de acordo com amigos, com frequência estava fortemente automedicada. David Karr alega que foi ele quem falou com ela para desistir da ação contra Niarchos a fim de obter o dinheiro da mãe. “Eu disse: ‘Christina, vá ver esse homem, não deixe os advogados estragarem isso.’”¹¹ De que lado Karr estava naquele momento é algo que continuará sendo um dos muitos mistérios de sua vida. Mas, algumas semanas depois, Christina anunciou que retirara a ação contra Niarchos e que agora havia uma “completa harmonia” entre eles.

As conversas, porém, não tinham sido nada amigáveis. Christina achava impossível confiar em um homem que ela ainda acreditava que havia matado sua tia e levado sua mãe ao suicídio. E Niarchos também não acreditava que uma Onassis seria capaz de agir honestamente com ele. “Meu pai não se alterava facilmente, mas

Christina o deixava alterado o tempo todo”, disse Constantine Niarchos a um amigo.

Poucos perceberam, é claro, que as negociações faziam parte de um jogo muito mais complicado e mortal que estava sendo jogado com cartas marcadas com sangue. Pelo menos um departamento da polícia da Grécia ainda estava curioso para saber o papel que Niarchos tivera na morte de sua esposa em Spetsapoula. Se ficasse claro que ele havia usado a cumplicidade de Onassis em um assassinato para impedir as acusações de Christina contra ele em outro, eles talvez o vissem como um homem que não era totalmente inocente.

Conforme se viu, foi Niarchos quem piscou primeiro. Ele devolveu seis navios de Tina, todas as suas joias e pinturas e a maior parte de seu dinheiro — acreditava-se que eram 250 milhões de dólares. “Faça o que você quiser, pegue todo o dinheiro”, disse meu pai a Christina, por fim”, recordaria mais tarde Constantine Niarchos sobre a rendição de seu pai. “Ele falou: ‘Não quero nada disso!’”¹²

* * *

Enquanto isso, Jackie começava a se perguntar se, no fim das contas, havia sido uma decisão inteligente adiar o dia do acordo com Christina em Skorpios. Sua enteada faltara a diversos compromissos em Nova York e evitava seus telefonemas. Jackie disse a amigos que não conseguira “um único centavo da Grécia, nem sequer minha pensão. Tive que pegar dinheiro emprestado e vender ações só para pagar minhas contas”.¹³ Quando apelou a Artemis, sua cunhada lhe aconselhou a ser paciente: Christina era uma criança e ainda estava de luto pelo pai, disse.

Na verdade, depois de dispensar Peter Goulandris, apesar da promessa que fizera a seu pai em seus últimos momentos de que se casaria com o herdeiro do transporte, e longe de estar dominada pela tristeza, Christina iniciara um caso com Alexander Andreadis,

herdeiro de uma fortuna calculada em 500 milhões de dólares. No fim de junho, ela ainda não fizera contato, e a paciência de Jackie estava esgotada. Jackie telefonou para Georgakis e lhe disse que queria um acordo até 22 de julho, o dia do casamento de Christina com Andreadis. Embora não tenha feito qualquer ameaça abertamente, disse Georgakis, “Jackie falou como uma mulher que sabia que tinha um trunfo forte e estava preparada para usá-lo”.

Christina se dava bem com Georgakis, mas nunca confiara nele como o irmão, e a primeira indicação que ele teve de que ela chegara pelo menos a um acordo preliminar com Jackie veio no dia de seu casamento. Três meses depois da morte de seu pai e quatro semanas depois de conhecer Andreadis tomando um café no Athens Hilton, a pressa de Christina para chegar ao altar assustara sua família, mas não Jackie, claramente. “Eu amo tanto aquela criança (...) pelo menos posso ver dias felizes em seu futuro”, disse Jackie efusivamente na recepção, onde sua presença era tão inesperada quanto as próprias núpcias.¹⁴

Entretanto, seriam necessários mais doze meses de disputas amargas para as duas chegarem a um acordo final de 26 milhões de dólares — mais uma renda anual de 150 mil dólares; e as melhores cabeças e torsos de mármore dos séculos III e IV a.C. pertencentes a Onassis, bem como cavalos de cerâmica, imagens de santos ortodoxos e muitas outras antiguidades, livros, quadros e objetos de arte que vinte anos depois aumentariam o valor dos bens de Jackie num leilão da Sotheby’s para mais de 34,5 milhões de dólares.^{III}

Foi uma aquisição extraordinária, que um dos amigos ingleses de Onassis descreveu como “uma pilhagem, um roubo desavergonhado”. Entretanto, a ganância de Jackie — e seu extraordinário bom gosto — não surpreendeu ninguém que soube o que ela havia levado; o que os chocou foi Christina ter permitido que isso acontecesse. “Eu simplesmente me cansei de brigar com ela”, disse Christina a amigos. Mas esta foi uma desculpa bastante

esfarrapada, que despertou mais uma vez especulações sobre quais seriam as cartas que Jackie tinha nas mãos.

Embora seja inconcebível que ela tivesse descoberto sobre a participação de Onassis no assassinato de Bobby Kennedy, é possível que ela pelo menos suspeitasse de como seu marido ganhara sua última bolada traficando drogas a bordo de seus petroleiros. Isso sem dúvida explicaria o nervosismo do parceiro de Onassis, Gratsos, com o tempo que Christina demorou para fazer o acordo com Jackie.

Mas isso também explicaria por que Jackie não teve dificuldades para resistir tanto?

E seria esse o motivo pelo qual, ao preencher o último cheque — e “antes de a tinta secar, Jackie se aproximou e o puxou de sua mão”¹⁵ —, Christina teria rido na cara dela?

“De qualquer modo, era um dinheiro sujo, Johnny, e considere que ela merecia cada centavo dele”, disse Christina a Meyer, de maneira enigmática.¹⁶

I Contraditório até o fim, as datas em sua lápide são: 1906-1975.

II *Pied-noir* é um termo depreciativo para a classe baixa de raça misturada da Argélia francesa.

III Jackie não conseguiu tudo à sua maneira, de acordo com David Karr. Segundo ele, Christina insistiu para que sua madrasta mantivesse o sobrenome do pai: mesmo que se casasse de novo, Onassis teria que continuar anteposto. Mas por que Christina quis o nome Onassis numa mulher que ela culpava por toda a infelicidade que se abatera sobre sua família desde que entrara em suas vidas? Uma explicação, sugeriu Karr, era de que, quando Tina se divorciara de Onassis e voltara a usar seu nome de solteira, Onassis ficara tão magoado que Christina quis se assegurar de que isso não aconteceria novamente, mesmo ele estando morto. Mas a verdade é, mais provavelmente, que ela não queria que Jackie jamais se esquecesse do quanto devia a seu pai. Meyer disse a Brian Wells que, quando Jackie insistiu no direito de escolher seu próprio nome, Christina lhe disse: “Se você quer o maldito dinheiro de meu pai, você deve manter seu maldito nome.”

EPÍLOGO

Nem todo fim é uma meta.

—FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE, 1844-1900

Em 1988, Onassis, David Karr,^I Tina Niarchos, Johnny Meyer,^{II} Costa Gratsos,^{III} William Joseph Bryan Jr.^{IV} e Mahmoud Hamshari estavam mortos. Além de Christina, que estava numa espécie de negação indiferente da conspiração desde a morte de seu pai, treze anos antes, Yannis Georgakis era o único ainda vivo — até onde ele sabia — que conhecia a verdade sobre o papel crucial que Onassis tivera no plano para matar Bobby Kennedy.

Aos 73 anos, propenso a hipocondria e a surtos de depressão moderada, Georgakis estava cada vez mais preocupado com o Alzheimer e todos os outros problemas degenerativos que podem ocorrer com a chegada de uma idade avançada. “De um jeito ou de outro, eu sabia que provavelmente não estaria presente para ajudar Christina durante muito mais tempo”, diria ele mais tarde. “O fato de que ela se recusava a discutir o futuro comigo era preocupante, e também irritante. Ela se recusava terminantemente a admitir o que havia acontecido [o assassinato de Bobby] e a participação de Ari nisso. Até onde sei, ela apagara por completo de sua mente a lembrança disso. Mas isso *tinha* que ser discutido. Não podia ser ignorado.”

Georgakis queria confrontar Christina não porque precisasse dividir o peso daquela informação perigosa, mas porque continuava a acreditar que o segredo, mesmo vinte anos depois, ainda podia vir à tona.

A revelação de um documento constrangedor que Georgakis não sabia que existia; o surgimento de uma testemunha inesperada; a descoberta das fitas que Alexander gravara secretamente das conversas enfurecidas e incriminatórias de seu pai, e que pusera num cofre particular, juntamente com os cadernos de Sirhan, no Plaza-Athenée, para dissuadir Onassis de prejudicar Fiona;^v até uma escorregadela do próprio Georgakis — havia muitas maneiras de, como Onassis costumava dizer, “o destino acontecer”.

Algumas vezes, Georgakis sabia, fora por pouco.

Na época da morte de William Joseph Bryan Jr., num quarto de hotel em Las Vegas, em 1977, por exemplo, Bryan estava sendo investigado por uma dupla de repórteres que perseguia a teoria do Candidato Manchu, levantada pela primeira vez por Bob Kaiser em seu livro de 1970, *R.F.K. Must Die!*. Intrigados com uma entrevista a um jornal na qual Kaiser afirmara que “Sirhan estava programado para matar Bob Kennedy e também para esquecer que era programado”,¹ os repórteres investigativos Bill Turner e John Christian iniciaram a primeira busca séria pelo programador de Sirhan: o “alguém misterioso” mencionado pela primeira vez no livro de Kaiser.

Quanto mais Turner e Christian investigavam Bryan, mais eles acreditavam que era o homem que procuravam. O fato de Bryan se gabar com frequência de ter sido consultor da CIA para o MKULTRA, o programa de controle da mente da agência, repercutia na hipótese com a qual eles trabalhavam de que Sirhan havia sido programado por alguém da inteligência dos Estados Unidos, ou que era próximo da agência. A ideia dos repórteres estava certa, mas eles seguiram o caminho errado; com a procura de informações secretas e ligações militares-industriais de pessoas que temiam que a política antiguerra de Kennedy fosse ruim para seus negócios, a linha promissora dos repórteres acabou não dando em nada.

Georgakis leu o livro de Turner e Christian² com inquietação crescente. Christina, para quem tanta coisa estava em jogo, não

demonstrou interesse algum. “Eu queria sacudi-la”, disse Georgakis, que temia que a famosa sorte de Onassis acabasse se esgotando: “A rolha vai sair da garrafa algum dia”, preocupou-se ele, com pessimismo.

Christina tinha que estar pronta para a crise se esta chegasse. No começo do inverno de 1988, Georgakis passou a pressioná-la mais a discutir o assunto com ele. Era importante que eles tivessem um estratagema, um plano de jogo, caso a verdade aparecesse. Quer fosse uma negação convincente ou uma explicação plausível sobre como Onassis se envolvera na tragédia, a resposta de Christina tinha que ser preparada, ensaiada, aperfeiçoada. Mas ela não retornava seus telefonemas e ignorava suas cartas pedindo um encontro. Georgakis achava que a negação de Christina vinha do fato de que ela fora informada sobre a cumplicidade de seu pai no assassinato quando era “apenas uma criança” [na verdade, tinha 21 anos e estava no processo de seu primeiro divórcio] — assim como muitos outros problemas seus também. “Acho que ela se sentia mal por ter um segredo que queria esquecer”, disse Georgakis.

Se isso era verdade ou não, ou se a teoria de Georgakis tinha alguma validade psicológica, o fato é que o estado de espírito perturbado de Christina, seu vício em anfetaminas e outros remédios e sua deterioração física geral ao longo da década anterior sem dúvida se pareciam com a trajetória fatal de sua mãe. A vida de Christina, disse Georgakis, estava uma bagunça.^{VI}

Ela se casara e se divorciara mais três vezes e tivera incontáveis romances, desastrosos e caros desde a morte do pai. A um amante jovem e pobre que morava em Marselha, deu 10 mil dólares em dinheiro simplesmente para pagar seus telefonemas para ela na Suíça. A reação de Georgakis foi de pura fúria quando soube disso. “Ela está fora de si”, disse ele a Artemis, tia dela. Artemis concordou. De fato, durante um episódio preocupante em 1978, quando Christina se casou com o ex-agente da KGB Sergei Danyelovich Kauzov — um casamento armado pelo terrível David Karr —, Artemis

quis submetê-la a uma avaliação psiquiátrica para provar legalmente que ela estava fora de si.^{VII}

Mas Christina estava sempre planejando uma vida nova e, na primavera de 1988, iniciou um de seus ocasionais períodos de reabilitação e autoaperfeiçoamento. “Estou me sentindo bem hoje”, disse ela a Billy Keating, um *marchand* que também era um dos amigos mais próximos de Jackie em Londres. “Vou ligar para Jackie e lhe dizer que quero meu dinheiro de volta — senão!” Ela nunca explicou o que “senão” poderia ser; amigos, porém, já conheciam sua reclamação de que a madrasta passara a perna nela no acordo feito após a morte de Onassis, e um dia Jackie pagaria por aquilo. “Eu estava de mãos atadas na época; Jackie sabia demais sobre Papa, mas agora eu sei muito sobre ela”, disse Christina a outro amigo, acrescentando: “Jackie se recusou a vestir preto quando meu pai morreu, mas meu pai estava trepando com ela quando ela ainda usava a roupa de luto por Jack Kennedy. Então o que você acha que roupa de luto significa para ela?”

Em maio de 1988, eu e Christina nos encontramos para almoçar em Paris; foi o encontro no qual eu lhe dei as fitas de *The Richest Man in the World*, a minissérie baseada em minha biografia de seu pai. Embora eu não soubesse na época, isso foi logo depois do encontro com Georgakis no qual os dois finalmente discutiram “o problema”, como eles chamavam a participação do pai dela no assassinato de Bobby Kennedy. Encontrei Christina de novo em outubro. Ela me convidara para ir a Paris discutir minha biografia de Onassis, que finalmente conseguira ler (“Eu estava com medo do que poderia descobrir”, disse, explicando o atraso); ela também queria conversar comigo sobre outra coisa que, segundo ela, estava em sua cabeça desde que havíamos nos encontrado em maio.

Ela começou dizendo que agora percebia a coisa perigosa que seu pai fizera para proteger sua empresa aérea, entrando cautelosamente no problema do segredo que carregara durante tanto tempo. Em 1968, prosseguiu, Ari pagara a um terrorista árabe

um dinheiro de proteção para manter sua empresa aérea, a Olympic, a salvo de sequestros e ataques terroristas, que eram um enorme risco na época. Mais tarde, ela soube que o terrorista, um palestino chamado Mahmoud Hamshari, usara o dinheiro para financiar o assassinato de Bobby Kennedy. Agora, ela temia que se a história saísse “da maneira errada” as pessoas pudessem achar que seu pai pagara para que Bobby Kennedy fosse morto, a fim de abrir o caminho para seu casamento com Jackie — casamento esse, todos sabiam, ao qual Bobby se opunha.

Era uma boa história, uma história maravilhosa. A possibilidade de que tivesse sido distorcida e debulhada, concatenada para neutralizar quaisquer revelações prejudiciais no futuro, não passou pela minha cabeça, e, quando Christina perguntou se eu queria escrever um artigo sobre isso, eu morde a isca. Combinamos de nos encontrar de novo, juntamente com Georgakis, quando ela voltasse de uma viagem à Argentina para um casamento.

Na manhã seguinte, Christina foi encontrada morta numa banheira com água pela metade, em sua suíte no elegante Tortugas Country Club, nos arredores de Buenos Aires. Rumores de que cometera suicídio se espalharam.^{VIII} Profundamente chocado, Georgakis disse que não queria que eu fosse adiante com a história do dinheiro desviado. Depois de ler *Ari* dois anos antes, ele me dissera que faltara “a verdadeira história”. Perguntei a ele se a história que Christina me contara era a tal que faltara. Em parte, sim, mas não *exatamente*, disse ele de forma enigmática. Georgakis se recusou a discutir mais o assunto.

Eu não esperava quando, no início de 1993, apenas onze meses antes de sua morte, Yannis Georgakis me disse que estava pronto para me contar a “verdadeira história” de Aristóteles Onassis — a história que faltara em *Ari*. Eu não tinha a menor ideia dos argumentos que deviam ter passado por sua cabeça — de como deve ter se debatido sobre lealdade e discrição, sobre consciência e verdade — nos quatro anos desde a morte de Christina e o haviam

levado a essa decisão. Seria o desejo de um homem consciencioso de esclarecer a verdade sobre os fatos? Ou uma necessidade de acertar velhas contas?

Eu devo, disse ele, começar pela premissa de que, para Onassis, Bobby Kennedy era uma história inacabada de muito tempo atrás...

I David Karr foi encontrado morto por seu criado no chão do quarto em seu apartamento em Paris, na manhã de 7 de julho de 1979. Sua laringe estava fraturada e havia sangue no travesseiro; um cirurgião da polícia concluiu que ele morrera instantaneamente de um ataque cardíaco. A viúva de Karr, Evia, voltou às pressas de Nova York e obteve uma ordem judicial para impedir o funeral; o corpo de Karr foi enviado ao Instituto Médico-Legal para uma autópsia. Novamente se concluiu que ele morrera de um ataque cardíaco fulminante. Entretanto, (*Continua na p. 310*)

II Johnny Meyer morreu em 17 de outubro de 1978, num estranho acidente de carro na Flórida. Quando voltava de um jantar, ele parou seu Lincoln para urinar à beira da estrada (como sofria de câncer de próstata, tinha uma licença especial da Mayo Clinic para urinar junto à roda traseira de seu carro quando estivesse apertado), quando um defeito no mecanismo da caixa de câmbio fez seu carro saltar em marcha a ré, matando-o imediatamente.

III Costa Gratsos morreu em Nova York, em 2 de dezembro de 1981, de falência renal.

IV William Joseph Bryan Jr. foi encontrado morto em seu quarto de hotel em Las Vegas, em 19 de março de 1977.

V Em julho de 1975, esquivando-se da promessa de que se casaria com o herdeiro de transporte Peter Goulandris, feita no leito de morte de seu pai, quatro meses antes, Christina se casou com Alexander Andreadis, um playboy e filho de um banqueiro que estava sendo investigado por suposto desfalque. Quando David Karr perguntou o que uma mulher que tinha tudo queria de presente de casamento, Christina sugeriu o conteúdo do cofre de seu falecido irmão no Plaza-Athenée, onde Karr recebera de lorde Forte um cargo na diretoria, em agradecimento à sua ajuda ao magnata britânico para adquirir o hotel de

prestígio. Entretanto, o pedido de Christina era algo difícil. Porque, apesar da busca que Johnny Meyer fizera no apartamento de Alexander em Monte Carlo após sua morte, nenhuma chave, nenhum número do cofre, nenhuma pista sobre o pseudônimo que Alexander poderia ter usado, nem qualquer confirmação de que ele realmente usara a caixa-forte do Plaza-Athenée, como acreditava Christina, foram encontrados. Nas primeiras horas de 18 de agosto, dois homens armados entraram no Plaza-Athenée e, enquanto um deles mantinha a equipe de funcionários da noite sob a mira de uma arma, o outro abriu à força sistematicamente os cofres da caixa-forte. Detetives do esquadrão de roubo e agentes de duas agências da inteligência francesa participaram da investigação; a única coisa com a qual todos concordaram foi que os assaltantes tinham um cúmplice interno. Embora não haja prova alguma de que o assalto estivesse relacionado com uma busca de Karr pelo presente de casamento perfeito para Christina, Georgakis disse que ela nunca mais falou sobre o cofre perdido e seu conteúdo explosivo. “Foi como se a existência daquilo tivesse sido completamente apagada de sua memória, juntamente com a cumplicidade de Ari no assassinato de Bobby”, disse Georgakis.

VI Uma descrição reveladora do estado físico e mental de Christina nos anos 1980, feita pelo marquês de Blandford (Jamie), ex-enteado de sua mãe, surgiu em *Heiress*, uma biografia de Christina escrita por Nigel Dempster, ex-colunista do *London Daily Mail*. “Ela era um horror”, disse Blandford, recordando uma visita à casa de Christina em St. Moritz. “Ela precisava ser entretida o dia inteiro, a noite inteira. Se estava de dieta, então ninguém mais podia comer, ninguém podia se aproximar da comida, os empregados se encarregavam disso! Ela não conseguia ficar quieta. Estávamos assistindo a um vídeo e bem no meio — clique! —, logo na parte boa, ela falava: ‘Vamos para a King’s [a boate local]. Então, justamente quando estávamos nos divertindo na King’s, ela queria voltar e assistir ao resto do vídeo. E depois ir de novo à King’s ou à Dracula [outra boate local], às cinco ou seis da manhã, só por causa dos comprimidos. Ela estava gorda, seus dentes estavam verdes, mas nada que uma boa escovada não resolvesse. Ela nunca cheirava mal, porque Eleni [sua empregada] não deixaria isso acontecer, ela era simplesmente nojenta.”

VII Para ajudar Kauzov a iniciar seu próprio negócio de transporte, quando o casamento acabou, em 1980, Christina deu a ele um graneleiro de dezoito mil

toneladas, que comprou por 3,5 milhões de dólares; dois meses depois, comprou também para ele um navio-tanque de sessenta mil toneladas, por 4 milhões de dólares.

VIII Como o corpo de Christina fora retirado da banheira e posto na cama, e como foi negado ao médico chamado o acesso ao banheiro — onde ele poderia encontrar provas do motivo da morte dela —, ele se recusou a assinar o atestado de óbito. O corpo foi levado para uma clínica local e em seguida para a Clínica del Sol, em Buenos Aires, onde foi examinado por dois médicos (que anotaram que o peso do corpo no momento da morte era 76 quilos. Mais uma vez, o atestado de óbito foi negado a menos que se fizesse uma autópsia. Isso, juntamente com o fato de que um juiz federal foi notificado sobre a morte “duvidosa”, fomentou os rumores de suicídio.

Evia insistiu em suas acusações de crime, abrindo uma ação que resultou num caso classificado, de acordo com a lei francesa, como “acusações de homicídio contra pessoas desconhecidas”. Evia Karr e Ronnie Driver, sócio de Karr em negócios, ainda acreditam que Karr fora assassinado, provavelmente pela OLP, para a qual ele estava (de acordo com fontes da inteligência israelense citadas na revista *Fortune* de 3 de dezembro de 1979) vendendo armas russas. Algumas semanas antes de sua morte, Karr entrara em contato com Leslie Linder, um ex-agente de cinema que ele conhecera em seus tempos de produtor da MGM. Embora Linder tivesse se tornado um produtor bem-sucedido e não trabalhasse mais como agente, Karr queria que ele o representasse em sua pretendida autobiografia. Karr confidenciou a Linder que revelaria que Onassis estava por trás do assassinato de Bobby Kennedy. “Eu disse: ‘Por que ninguém suspeitou antes do envolvimento de Onassis, David?’”, afirmou Linder, recordando seu ceticismo na época. Karr respondeu: “Porque Ari era esperto; ele se protegeu muito bem.” Linder concordou em conversar de novo com Karr, juntamente com Oscar Beuselinck, um advogado de Londres. “A última vez que vi David foi no Connaught [hotel em Londres]. Eu voltara de Nova York a tempo de me despedir antes de ele ir para Moscou, onde estava abrindo um hotel grande. Ele estava determinado. Disse que tinha todas as provas para a história de Onassis em Paris e prometeu telefonar para mim e Oscar [Beuselinck] assim que voltasse de Moscou. E então recebi a notícia de que ele havia sido encontrado morto em Paris”, disse Linder.

IMAGENS



Em seus cruzeiros, uma das paradas favoritas de Onassis era a ilha de Capri. “Fora Skorprios, esta é a ilha da sedução. Se um homem não consegue seduzir uma mulher em Capri, não é um homem”, ele costumava dizer a amigos. Jackie enviou aos amigos *dela* cartões-postais nos quais exaltava as ruínas de castelos medievais da ilha. BETTMANN / CORBIS



Onassis logo após chegar a Nova York, no verão de 1940. Com seus últimos 2,5 milhões de dólares, mas feliz por ter escapado da guerra na Europa, ele escreveu para sua amante norueguesa, Ingeborg Dedichen: "Agora não me importo muito com o que acontecer." COLEÇÃO DO AUTOR



Um raro momento em família: nem Ari nem sua primeira esposa, Tina, levavam a paternidade a sério. Seus filhos, Christina e Alexander, viviam num mundo encantado de negligência mimada: o afeto dos pais era expresso em cartões-postais enviados de lugares distantes e, indiretamente, em abraços de amigos e estranhos de passagem. GETTY IMAGES / HULTON ARCHIVE



O amor de Tina Onassis pela irmã, Eugenie, não a impediu de dormir (e mais tarde se casar) com o marido dela, Stavros Niarchos — que também era um arquirrival de Aristóteles Onassis.

JOHN O'NEILL / CAMERA PRESS LONDON



Stavros e Eugenie Niarchos. Teria ele assassinado a esposa, ou ela simplesmente se cansou de sua infidelidade?

TOM BLAU / CAMARA PRESS LONDON



Antes de sua morte prematura, Alexander, filho de Onassis, teve um romance intenso com Fiona Thyssen, uma mulher dezesseis anos mais velha. Ela disse sobre o relacionamento: "Levei muito tempo para parar de lutar e aceitar que tínhamos nos tornado indispensáveis um para o outro e deveríamos tentar sobreviver juntos." CAMERA PRESS LONDON



A princesa Grace Kelly desprezava Onassis. Ela se irritou por J. Edgar Hoover ter chamado Ari de "o verdadeiro governante de Mônaco". BETTMANN / CORBIS



"Ele é um grande garoto, odeia como eu", disse Joe Kennedy, admirando seu filho Bobby.

TOM BLAU / CAMERA PRESS LONDON



Vinte e quatro horas antes da morte do presidente John Kennedy, Jackie posa ao lado do marido numa tentativa de consertar os danos políticos causados pelo cruzeiro com Onassis.

BETTMANN / CORBIS



O caso de Maria Callas com Onassis não trouxe a felicidade que ela esperava: "Quando há desprezo atrás de desprezo e insultos e mais insultos, o amor que permanece é muitas vezes ilógico, mas também indestrutível", disse ela. GETTY IMAGES / HULTON ARCHIVE

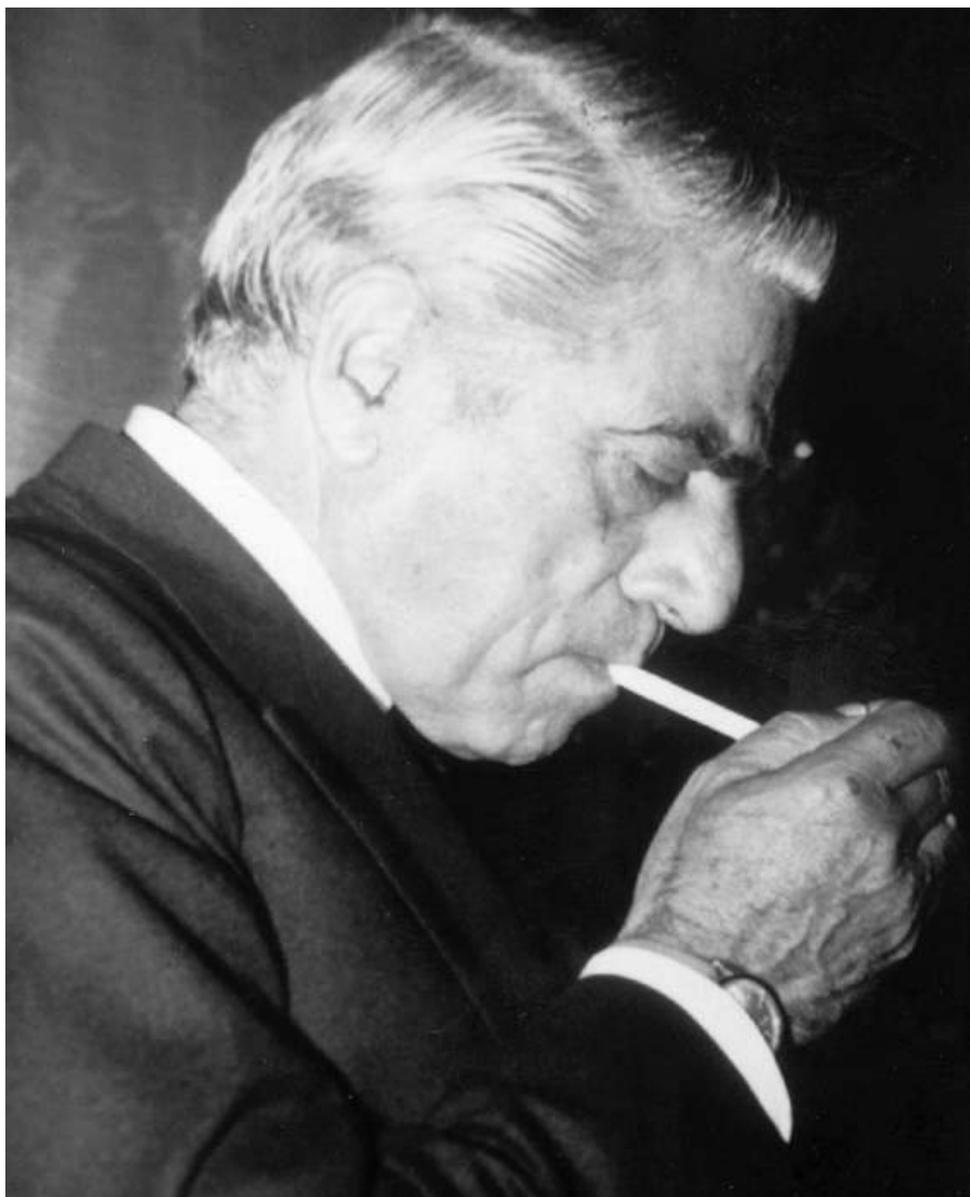


“Os Kennedy podiam me aceitar como amante de Lee: isso era pessoal. O que não podiam aceitar era a ideia de que eu me casasse com ela: isso era política”, afirmou Onassis sobre Lee Radziwill, irmã de Jackie, antes de esta entrar em cena.

GETTY IMAGES / HULTON ARCHIVE



O pior pesadelo do presidente se torna realidade. Jackie sabia que fotos dela e de Lee se divertindo no iate de Onassis, no Egeu, em outubro de 1963, causariam um furor político em Washington. Os danos das imagens à sua própria reputação a chocaram profundamente. AP



Onassis se considerava um grande amante. "Todo grego bate na mulher. Aquele que bate bem ama bem", declarou. CORTESIA DE COSTAS HARITAKIS



O começo de Camelot: o funeral de John F. Kennedy. Jackie acompanhada de Bobby e Ted Kennedy.

WALLY MCNAMEE / CORBIS



Bobby estava sempre presente para confortar Jackie nos momentos de tristeza. Esta foto foi tirada em Hyannisport, Massachusetts, vários meses depois da morte de JFK. CORTESIA DE STANLEY TRETICK ESTATE



O assassino de Bobby Kennedy, Sirhan Sirhan. Testemunhas se lembram dos olhos "imensamente pacíficos" dele após atirar. BETTMANN / CORBIS



Bobby Kennedy logo depois dos disparos, em 5 de junho de 1968. "Acho que esse garoto teve tudo, menos sorte", disse Onassis. BETTMANN / CORBIS



Jackie no funeral de Bobby Kennedy. Ela o adorava: "Ele é o único pelo qual eu poria minha mão no fogo."

BETTMANN / CORBIS



Onassis levando Jackie e a nova enteada de volta ao seu iate depois do casamento em sua ilha, Skorpis. Oficialmente, o casamento durou seis anos; já na prática, terminou semanas depois. GETTY IMAGES / HULTON ARCHIVE



Christina não aprovou o casamento. Seu irmão, Alexander, tentou consolá-la: "É a combinação perfeita. O velho adora nomes conhecidos, e Jackie adora dinheiro."

SIPA PRESS



Yannis Georgakis (à esquerda), um dos confidentes mais próximos de Onassis, declarou que o magnata era um psicopata charmoso sem qualquer imperativo moral. CAMERA PRESS LONDON



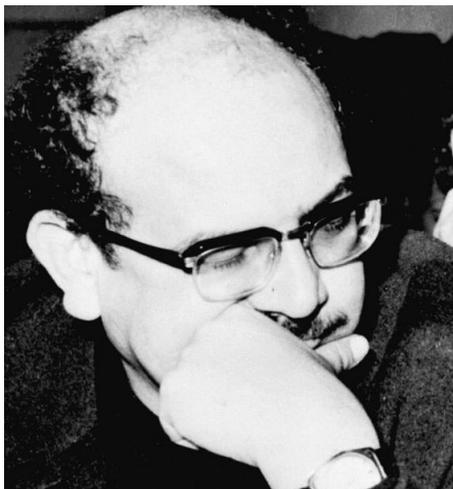
Onassis convidou Hélène Gaillet para ir a Skorpios. "Quando eu vivia naquele nível, aceitava coisas, sabia coisas e fazia coisas que hoje francamente me espantam", recordou ela. HÉLÈNE DE GAILLET



"As histórias boas são o que leva você a ser assassinado, garoto", disse Johnny Meyer a seu pretenso biógrafo, Brian Wells. Meyer também fazia parte do círculo de confidentes próximos e parceiros comerciais de Onassis. BRIAN G. WELLS



“Havia sempre algo que ele não queria que se soubesse quando se estava negociando com David Karr”, disse lorde Forte. Karr era um dos confidentes de Onassis e foi a origem de muitas de suas ligações questionáveis, incluindo o terrorista Mahmoud Hamshari, com o qual Onassis fez um acordo mortal. BETTMANN / CORBIS



O fanatismo que definia Mahmoud Hamshari e o ódio que o moldara eram disfarçados numa sociedade educada. Logo depois da Guerra dos Seis Dias, ele sugeriu à Fatah que matassem um americano importante em solo americano. A organização terrorista declinou, mas Hamshari não desistiu. AFP



“Em todos os meus anos na igreja, não me recordo de outro funeral em que a viúva tenha sido empurrada para o fundo dessa maneira”, disse o arcebispo Stylianos Pirounakis depois do funeral de Onassis. BETTMANN / CORBIS

AGRADECIMENTOS

Nêmesis não poderia ter sido escrito sem a cooperação e confiança de muitas pessoas ao longo de muitos anos. A principal delas foi Yannis Georgakis, cujo comentário provocador de que em minha biografia de Aristóteles Onassis de 1986 faltava a “verdadeira história” foi a gênese deste livro, e meu primeiro agradecimento é a ele. A decisão de me contar a “verdadeira história” foi apenas o início de sua contribuição. Seus insights perspicazes e sábios conselhos dados sem restrições ou condições tornaram este livro possível. “Nada acontece isoladamente, procure a causa, encontre a conexão” — eu repetia seu conselho como um mantra cada vez que uma linha da investigação ameaçava não dar em nada, depois de sua morte. Meu livro não perderia sem sua ajuda, suas ideias e contribuições; ele simplesmente não existiria.

Sou grato também a Christina Onassis, que eu conhecia desde seu aniversário de dezoito anos. Mesmo depois da morte de seu pai, quando ela parou de colaborar com *Ari*, compreendi suas apreensões; e continuamos amigos. Peço seu perdão por escrever este livro, e não a história que ela queria que eu escrevesse.

Sou especialmente grato a Hélène Gaillet de Neegaard, sem a qual meu livro teria sido consideravelmente menos explícito e infinitamente menos bem informado sobre os últimos meses de vida de Onassis. Sua decisão de compartilhar comigo detalhes íntimos de suas experiências em Skorprios forneceu a peça final de um quebra-cabeça que poderia nunca ter sido concluído de modo satisfatório. Sua disposição para abrir mão de segredos que guardara consigo durante trinta anos foi um ato de extraordinário altruísmo. Mulher de

sensibilidade, humor e estilo, sou um privilegiado por contar com ela como amiga.

Durante o processo de escrever um livro como este durante tantos anos, acumulam-se muitas dívidas, grandes e pequenas. O conjunto de pessoas que apareceram em minha vida e me ajudaram de muitas maneiras diferentes é extenso. Mas nenhuma delas foi mais generosa do que Brian Wells. Suas maiores contribuições para este livro foram — além de suas histórias sobre Johnny Meyer e suas fontes — o otimismo e a amizade que ele ofereceu sem cessar. Sou profundamente grato por ambos.

Lamento poder expressar apenas brevemente minha gratidão e meu obrigado a muitos daqueles que se seguem, vários dos quais me deram horas de seu tempo e o benefício de anos de experiência: Bassam Abu Sharif, ex-terrorista palestino, sequestrador e braço direito de Yasser Arafat, que ofereceu conselhos cruciais que me ajudaram a navegar nas águas traiçoeiras das intrigas mortais das facções terroristas palestinas; Faisal Hussein, membro fundador da Fatah; Uzi Mahnaimi, ex-chefe da espionagem de uma unidade secreta da inteligência militar israelense; Miltiadis Yiannakopoulos, chefe da espionagem de Onassis e seu assessor de segurança; Raymond Kendall, secretário-geral da Interpol; Christopher Dobson, um ex-colega que cobriu atividades terroristas em quatro continentes e generosamente compartilhou comigo o resultado de suas investigações sobre Mahmoud Hamshari e a OLP; Evia Karr por sua franqueza e confiança; Eric Clark, uma verdadeira autoridade em assuntos de inteligência; Philip Melanson, diretor dos Arquivos do Assassinato de Robert F. Kennedy da Southeastern Massachusetts University e autor do importante *The Robert F. Kennedy Assassination: New revelations on the conspiracy and cover-up*.

Vinte anos atrás, a ajuda e orientação que Fiona Thyssen me deu em *Ari* contribuíram imensamente para a veracidade daquele livro. No início, quando confidenciei a ela o segredo que estava no cerne deste livro, logo no início, ela disse simplesmente: “Por que não

estou surpresa?” Serei sempre grato por sua amizade, incentivo e confiança.

Agradeço a Beau Abbott, uma fonte inestimável nas aventuras de Onassis no negócio de tráfico de drogas; a Robert Maheu, que conversou comigo demoradamente sobre seu papel na destruição do acordo de Jidá, de Onassis, e sobre assuntos que me ajudaram a entender muitas coisas que teriam continuado inexplicáveis sem sua ajuda; a Bill Jordan, o comandante da vigilância noturna da divisão de detetives Rampart na noite em que Sirhan foi preso; ao falecido Miles Copeland, um homem da CIA com experiência principalmente em países árabes, por apresentações importantes num mundo que ele conhecia tão bem; e a Leslie Linder, cujo encontro com David Karr me ajudou mais do que ele imagina.

Alfred C. Ulmer corajosamente me deu duas longas entrevistas logo depois de sofrer um derrame devastador em 1995. Privado de sua capacidade de falar com coerência e incapaz de escrever, sua luta para se comunicar comigo foi um esforço realmente hercúleo. Embora com frequência se sentisse frustrado por sua impotência, ele se recusou a sair derrotado. De acordo com Joseph Burkholder, seu colega na CIA, Ulmer foi “uma figura especialmente dinâmica no sucesso das operações da CIA na Grécia”. Provavelmente nenhuma agência de inteligência do mundo investigou Onassis com mais frequência ou sabia mais sobre seus assuntos privados e de negócios do que a CIA; e nenhum homem da CIA chegou mais perto de Onassis do que Ulmer. O esforço que ele fez para responder às minhas perguntas e me direcionar para novas pistas e conexões foi um dos atos mais corajosos que já testemunhei. Sem sua bravura e determinação, este livro teria menos informações e seria consideravelmente menos explícito. Infelizmente, ele morreu em 2000. Ofereço minhas condolências e meu apreço a seu filho, Alfred C. Ulmer III, que conseguiu essas importantes entrevistas para mim.

Em Palm Beach, recebi a gentileza e a ajuda mais extrema de Emmet Whitlock, William Carter, sra. Horace Schmidlapp, Ernie

Anderson e de Inez, viúva de Johnny Meyer, que suportou minhas muitas perguntas com paciência e charme.

Devo um obrigado muito especial a Joan Thring, que conversou comigo com humor e franqueza sobre suas aventuras amorosas com Onassis e sua amizade com Jackie e Lee. Também sou grato a Alastair Forbes, Linda S. Gordon, Rico Zermeno, Charles S. Hirsch, Anthony Montgue Browne, Ronnie Driver, Iorde Forte, Jean Chalmers, Pierre Salinger, John e Paula Michel, Lilly Lawrence, Norma Quine, Richard de Combray, Gore Vidal, Alan Brien, Nigel Dempster, John Pearson, Lori Winchester, David Metcalfe, Geraldine Spreckles Fuller, Peter Stephens, Lady Carolyn Townshend, Suzanne Kloman e Clementine De Thier.

E também a Peter Curnock, meu advogado e amigo; e Jeanne Hunter, uma constante fonte de incentivo e bons conselhos, com a qual tenho dívidas de gratidão incontáveis.

Como a origem deste livro remonta a duas décadas atrás, muitas pessoas que foram de grande ajuda infelizmente já se foram. Por suas contribuições, confiança e, com frequência, amizade, permaneço em dívida com Maria Callas, Tina Niarchos, Sir John Russel, Nigel Neilson, Roosevelt S. Zanders, Joseph Bolker, Sir Peter Bristow, Alan Campbell-Johnson, Charles Feldman, Roswell Gilpatric, Rupert Allan, Joe Fox, Roy Cohn, Costa Gratsos, Johnny Meyer, Yoko Tani, Margot Fonteyn, Artemis e Theodore Garofalides, Alexander Onassis, C.L. Sulzberger, Spyros Skouras, Constantine Niarchos, Evelyn Lincoln, David Karr, Peter Payne, e Robin Douglas-Home, cujas contribuições para um perfil de Lee Radziwill que escrevi para a revista *Cosmopolitan* em 1968 se tornaram inestimáveis por trinta anos.

Muitos bons jornalistas compartilharam generosamente comigo suas informações e insights sobre os Kennedy, mas nenhum deles mais do que Anthony Summers, autor de *Conspiracy*, sobre o assassinato de John F. Kennedy; e *A deusa*, uma biografia de Marilyn Monroe — duas vidas que estavam curiosamente entrelaçadas com a

de Onassis. Summers e sua esposa escritora, Robbyn Swan, abriram seus arquivos para mim, me emprestaram à vontade, me ajudaram com contatos e receberam a mim e minha esposa na casa deles na Irlanda.

Kitty Kelley, autora de *Jackie Oh!*, biografia de Jacqueline Kennedy influente e ligeiramente de entretenimento, ofereceu-me orientação, tranquilização, fotografias e uma amizade inestimável. Suas sugestões sobre os caminhos mais promissores para novas investigações estavam sempre absolutamente certas.

Duas pesquisadoras de primeira linha me ajudaram. Em Washington, Jacqueline Williams nunca hesitou em varar a noite trabalhando para mim; sem sua obstinação e seu encanto, pelo menos duas testemunhas importantes poderiam não ter sido encontradas, ou persuadidas a falar comigo. Aiki Roussin encontrou muitos compatriotas na Grécia, em Londres e em Paris que tinham histórias proveitosas para contar, incluindo Georgia Veta, Costa Haritakis, Yannis Paizis, Thanassis Yiannoukos, Lambis Costivis, Kata Kouzinow e Helen Speronis. Sou grato a muitos bons jornalistas e escritores gregos que fizeram de tudo para responder às minhas perguntas. Quero agradecer particularmente a Taki Theodoracopulos, Dimitri Rizos, Constantino Roussen e à falecida publisher de jornal Helen Vlachos. Também devo ao conde e à condessa Flamburiari — meus amigos Milly e Spyro — por me explicarem pacientemente os costumes e as complexidades da sociedade grega.

Tive a felicidade de contar também com duas pesquisadoras de imagens incomparáveis: Cathie Arrington e Suzanne Bosman. Agradeço a ambas. Agradeço também ao meu agente, Andrew Lownie, por sua atenção e sua fé neste projeto desde o momento em que o entreguei a ele.

Tenho a sorte de poder contar com Raymond Hawkey como um de meus amigos mais próximos e um de meus colegas mais antigos. Desde o início, ele guardou o segredo que constitui este livro. Um

bom escritor, e designer famoso, ele nunca reclamou quando teve que deixar seu trabalho de lado para oferecer críticas aos sucessivos rascunhos de meu manuscrito. Espero que o produto final justifique o tempo e o interesse que generosamente concedeu ao livro.

Na ReganBooks, agradeço a Calvert Morgan, que viu os méritos do manuscrito tão depressa e se tornou uma sábia leitora crítica. Sou muito grato à incrivelmente calma e talentosa Aliza Fogelson, que o editou com habilidade, percepção e compreensão. A Jessica Colter, que ajudou Aliza tão bem, com os prazos finais se aproximando. Ao advogado Christopher Goff, que cedeu seu tempo para ler o manuscrito.

Minha maior dívida é com minha família, que durante a década passada, de um jeito ou de outro, teve que aguentar minha obsessão com esta história. Lisa Jane e William, Camilla e Clementine, Mark e Christine, e até meu irmão, Michael; demonstraram uma incrível paciência. O amor e a confiança inabalável deles foram minha sustentação.

Finalmente, este livro não seria o que é sem a compreensão e o apoio incansável de minha esposa, Pamela, a quem eu amo e admiro cada vez mais a cada prazo final.

NOTAS

INTRODUÇÃO

1. Peter Evans, *Ari: The Life and Times of Aristotle Socrates Onassis*. Nova York: Summit Books, 1986.

CAPÍTULO UM

1. Truman Capote, *Súplicas atendidas*. Rio Grande do Sul: L&PM Pocket, 2009.

2. Christopher Ogden, *Life of the Party: The Biography of Pamela Digby Churchill Hayward Harriman*. Londres: Little, Brown & Co., 1994, p. 257.

3. Entrevistas do autor com Tina Livanos Onassis Blandford Niarchos.

4. Entrevistas do autor com John (Johnny) W. Meyer.

5. Richard Rovere, *Senator Joe McCarthy*. Nova York: Harper & Row, 1973, p. 166.

6. William V. Shannon, *The Heir Apparent: Robert Kennedy and the Struggle for Power*. Nova York: Macmillan, 1967, p. 55.

7. Nicholas von Hoffman, *Citizen Cohn: The Life and Times of Roy Cohn*. Nova York: Doubleday, 1988, p. 141.

8. Arthur M. Schlesinger, *Robert Kennedy & His Times*. Londres: Andre Deutsch, 1978, p. 112.

9. Kirk LeMoyne "Lem" Billings, citado em Peter Collier e David Horowitz, *The Kennedys: An American Drama*. Nova York: Summit Books, 1984, p. 202.

10. George Skakel, citado em Jerry Oppenheimer, *The Other Mrs. Kennedy*. Nova York: St. Martin's Press, edição brochura, 1995, p. 179.

11. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.

12. Entrevistas do autor com Sir John Russell.

13. Entrevistas do autor com David Karr.

14. Entrevistas do autor com Sir John Russell.

15. Capote, "La Côte Basque", *Esquire*, novembro de 1975.

16. Entrevistas do autor com Sir John Russell.

17. Schlesinger, p. 112.

18. Ibid., p. 108.

19. Shannon, p. 56.

20. Boston Post, 12 de abril de 1953.

21. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.

22. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos. Entretanto, essa era uma questão controversa. Stavros Niarchos, rival e cunhado de Onassis, já não podia voltar aos Estados Unidos pois fora indiciado pelo Departamento de Justiça do país por violar o Ship Sales Act (Lei de Venda de Navios), de 1946, o que ameaçava toda a operação americana de Onassis. Como seus negócios eram idênticos aos de Niarchos — eles haviam até mesmo usado algumas das mesmas pessoas em Washington —, claramente era apenas uma questão de tempo até que o Departamento de Justiça pegasse Onassis.

23. Do relatório do U.S. Office of Naval Intelligence [Agência naval de inteligência dos Estados Unidos] sobre Aristóteles Onassis em resposta ao pedido do FBI feito em 17 de janeiro de 1943. Adquirido pelo autor por meio do Freedom of Information Act [FOIA, Lei de Liberdade de Informação].

24. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.

25. Nigel Hamilton, *JFK: Reckless Youth*. Nova York: Random House, 1992, p. 494. Mandaram-no se reportar à Naval Reserve Midshipmen's School [Escola de reserva naval de cadetes], Abbott Hall, Northwestern University, em 22 de julho de 1942.

26. *Der Spiegel*, janeiro de 1953.

27. Willi Frischauer, *Onassis*. Londres: Bodley Head, 1968, p. 151.

28. L.J. Davis, *Onassis and Christina: The Amazing Story of a Fabulous Dynasty*. Londres: Gollancz, 1987, p. 62.

CAPÍTULO DOIS

1. Joseph Burkholder Smith, *Portrait of a Cold Warrior*. Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1976, p. 208.

2. Peter Grose, *Gentleman Spy: The Life of Allen Dulles*. Londres: Andre Deutsch, 1995, p. 450.

3. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.

4. Entrevista do autor com Constantine Niarchos.

5. Superintendente, *CIA (IG) Report*, U.S. Government Printing Office, 1967.

6. Senate Select Committee on Government Operations with Respect to Intelligence Activities [Comissão do Senado para operações governamentais relacionadas a atividades de inteligência], *Alleged Assassination Plots Involving Foreign Leaders*. U.S. Government Printing Office, 1975, p. 77.
7. Entrevistas do autor com Robert Maheu.
8. Ibid.
9. Leonard Mosley, *Dulles: A Biography of Eleanor, Allen, and John Foster Dulles and Their Family Network*. Nova York: Dial Press, 1978, p. 243.
10. Documentos do Departamento de Estado obtidos por meio do FOIA.
11. 1º de julho de 1954. Documentos da CIA obtidos por meio do FOIA.
12. Entrevista do autor com Robert Maheu.
13. Ibid.
14. Ibid.
15. Entrevistas do autor com Sam White, correspondente do *London Evening Standard* em Paris, que conhecia Onassis desde o início dos anos 1950.
16. Arthur M. Schlesinger, *Robert Kennedy & His Times*. Londres: Andre Deutsch, 1978, p. 151.
17. Entrevistas do autor com Brian Wells.
18. Robert Maheu e Richard Hack, *Next to Hughes*. Nova York: HarperPaperbacks, 1992, p. 47.
19. Ibid.
20. Entrevista do autor com Alan Campbell-Johnson.
21. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos, citadas em Peter Evans, *Ari: The Life and Times of Aristotle Socrates Onassis*. Nova York: Summit Books, 1986, p. 121.
22. Citado em Willi Frischauer, *Onassis*. Londres: Bodley Head, 1968, p. 156.
23. Spyridon Catapodis, depoimento juramentado no consulado britânico em Nice, 27 de setembro de 1954.
24. Ibid.
25. Entrevistas do autor com Robert Maheu.
26. Documentos do Departamento de Estado obtidos por meio do FOIA.
27. Nicholas Fraser, Philip Jacobson, Mark Ottaway e Lewis Chester, *Aristotle Onassis*. Filadélfia: J.B. Lippincott, 1977, p. 153.
28. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis. Evans, p. 143.
29. Fraser, Jacobson, Ottaway e Chester, p. 155.

CAPÍTULO TRÊS

1. Memorando de J. Edgar Hoover, diretor do FBI, 16 de setembro de 1953, FOIA.

2. Entrevistas do autor com Rupert Allan, guru de relações públicas de Grace Kelly e assessor de imprensa de Mônaco. Em entrevista à *Paris Match* (4 de julho de 1953), Onassis negou veementemente que quisesse pôr a bandeira panamenha sobre o palácio. Estava contente por deixar a bandeira do Panamá em seus navios, disse. "Além disso, há uma tradição franco-monegasca que limita a tonelagem do principado. Eu me oporia a isso?", perguntou.

3. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.

4. Ibid.

5. Ibid.

6. Gardner Cowles, citado em Nicholas Fraser, Philip Jacobson, Mark Ottaway e Lewis Chester, *Aristotle Onassis*. Filadélfia: J.B. Lippincott, 1977, p. 191.

7. Jack Kroll com Scott Sullivan, "Portrait of a Lady", *Newsweek*, 27 de setembro de 1982.

8. Entrevistas do autor com Rupert Allan.

9. Kitty Kelley, *Jackie Oh!*. Nova York: Ballantine, 1979.

10. Gerald Clarke, *Capote: A Biography*. Londres: Cardinal, 1989, p. 271. (Edição em português: Gerald Clarke, *Capote: uma biografia*. São Paulo: Globo, 2006.)

11. *The Pursuit of Happiness*, produzido por Dore Schary.

12. "Kennedy era uma figura de Hollywood antes de se tornar presidente", recorda o produtor Milton Sperling. "Ele costumava vir aqui como senador para conhecer garotas; ficava aqui procurando moças e Charlie Feldman encontrava-as para ele. Não era nenhum segredo." Ronald Brownstein, *The Power and the Glitter: The Hollywood-Washington Connection*. Nova York: Pantheon, 1990, p. 147.

13. Entrevista do autor com Charles Feldman.

14. Gore Vidal, *Palimpsest: A Memoir*. Londres: Andre Deutsch, 1995, p. 311.

15. Charles Feldman era um dos amigos mais próximos de Marilyn Monroe em Hollywood, e ela usava a casa dele em Coldwater Canyon com frequência para seus encontros amorosos. "Eu costumava encontrá-la (Marilyn) na casa de Charles Feldman", escreveu seu amante Elia Kazan em suas memórias, "e ficávamos juntos até a luz da manhã..." *Elia Kazan: A Life*. Londres: Andre Deutsch, 1988, p. 408.

16. Edward Klein, *All Too Human: The Love Story of Jack and Jackie Kennedy*. Nova York: Pocket Books, 1996, p. 195.

17. Clarke, p. 272.

18. Garry Wills, *The Kennedy Imprisonment*. Nova York: Pocket Books, 1981, p. 23-24. Betty Spalding ficava espantada com as perguntas invasivas de Kennedy: "Ele me dizia coisas pessoais. Quer dizer, me fazia perguntas pessoais sobre mulheres e casamento (...) e mais tarde me falou sobre sua vida sexual com Jackie."

19. C. David Heymann, *A Woman Named Jackie: An Intimate Biography of Jacqueline Bouvier Kennedy Onassis*. Londres: Mandarin, 1990, p. 188.

20. Citado em Peter Collier e David Horowitz, *The Kennedys: An American Drama*. Nova York: Summit Books, 1984, p. 209.

21. Klein, p. 215.

22. Klein, p. 54.

23. LeMoyne Billings, citado em Heymann, p. 192.

24. Hilton Als, "The Talk of the Town", *The New Yorker*, 8 de junho de 1998, p. 32.

25. Collier e Horowitz, p. 209.

26. Klein, p. 220-221.

CAPÍTULO QUATRO

1. Entrevistas do autor com Sir John Russell.

2. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.

3. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.

4. Peter Collier e David Horowitz, *The Kennedys: An American Drama*. Nova York: Summit Books, 1984, p. 196.

5. Entrevistas do autor com Onassis.

6. Ibid.

7. Entrevistas do autor com Hélène Gaillet de Neegaard.

8. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos. Também citado em Peter Evans, *Ari: The Life and Times of Aristotle Onassis*. Nova York: Summit Books, 1986, p. 164.

9. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.

10. Sam White, "Monte Carlo Newsletter", *London Evening Standard*, 10 de abril de 1959.

11. Ibid.
12. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.
13. Entrevistas do autor com Lady Carolyn Townshend.
14. Tina Onassis para Max Beaverbrook, 15 de abril de 1959. Beaverbrook Papers, House of Lords Records Office, Londres.
15. Beaverbrook para Tina Onassis, 20 de abril de 1959. Beaverbrook Papers, House of Lords Records Office, Londres.
16. The Lord Beaverbrook Chair, Notre Dame University, doada em junho de 1956. Ronald Kessler, *The Sins of the Father: Joseph P. Kennedy and the Dynasty He Founded*. Londres: Hodder & Stoughton, 1996, p. 332-333.
17. Anthony Montague Browne, *Long Sunset: Memoirs of Winston Churchill's Last Private Secretary*. Londres: Cassell, 1995, p. 194.
18. Entrevistas do autor com Costa Gratsos, Yannis Georgakis e outros.

CAPÍTULO CINCO

1. Entrevista do autor com Spyros Skouras.
2. Giovanni Battista Meneghini, *My Wife Maria Callas*. Londres: Bodley Head, 1983, p. 285.
3. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis. Citado em Peter Evans, *Ari: The Life and Times of Aristotle Socrates Onassis*. Nova York: Summit Books, 1986, p. 55.
4. Ibid.
5. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.
6. Franco Zeffirelli, *Zeffirelli*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1986, p. 143.
7. Arianna Stassinopoulos, *Maria Callas*. Londres: Hamlyn Paperback, 1981, p. 226.
8. Citado em Meneghini, p. 288.
9. Anthony Montague Browne, *Long Sunset: Memoirs of Winston Churchill's Last Private Secretary*. Londres: Cassell, 1995, p. 253.
10. Meneghini, p. 289.
11. Montague Browne, p. 247.
12. Cadernos de Lady Sargent, antiga Nonie Montague Browne.
13. Montague Browne, p. 255.
14. Meneghini, p. 290.
15. Ibid.

16. Citado em Montague Browne, p. 256.
17. Arianna Stassinopoulos, *Maria Callas*. Londres: Hamlyn, 1981, p. 230.
18. Montague Browne, p. 257.
19. Entrevistas do autor com Artemis Garofalides.
20. Entrevistas do autor com Tina Niarchos.
21. Nicholas Fraser, Philip Jacobson, Mark Ottaway e Lewis Chester, *Aristotle Onassis*. Filadélfia: J.B. Lippincott, 1977, p. 81.
22. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.
23. Meneghini, p. 302.

CAPÍTULO SEIS

1. Entrevista do autor com uma fonte que não quer ser identificada.
2. Giovanni Battista Meneghini, *My Wife Maria Callas*. Londres: Bodley Head, 1983.
3. Franco Zeffirelli, *Zeffirelli: The Autobiography of Franco Zeffirelli*. Londres: Weidenfeld & Nicholson, 1986, p. 209.
4. *London Daily Mail*, 9 de setembro de 1959.
5. Arianna Stassinopoulos, *Maria Callas*. Londres: Hamlyn, 1981, p. 235.
6. Entrevista do autor com Spyros Skouras.
7. De uma carta que Tina escreveu para um(a) amigo(a) em Londres, que não quer ser identificado(a).
8. Entrevistas do autor com Theodore Garofalides.
9. Johnny Meyer, entrevista com Brian Wells.
10. Citado em Peter Evans, *Ari: The Life and Times of Aristotle Socrates Onassis*. Nova York: Summit Books, 1986, p. 93; e entrevistas do autor com Aristóteles Onassis e Spyros Skouras.
11. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.
12. Ibid.
13. Anthony Montague Browne, *Long Sunset: Memoirs of Winston Churchill's Last Private Secretary*. Londres: Cassell, 1995, p. 257.
14. Zeffirelli, p. 182.
15. Ibid.
16. Ibid, p. 210.
17. Ibid, p. 210.
18. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.

19. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
20. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.
21. Murray Kempton, citado em Arthur M. Schlesinger, *Robert Kennedy & His Times*. Londres: Andre Deutsch, 1978, p. 205.
22. Entrevista do autor com Robin Douglas-Home.
23. Entrevista do autor com David Metcalfe.

CAPÍTULO SETE

1. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
2. Carlo Curti, *Skouras: King of Fox Studios*. Los Angeles: Holloway House, 1967, p. 274.
3. Entrevistas do autor com Rupert Allan.
4. Arthur Miller, *Timebends: A Life*. Nova York: Grove Press, 1987, p. 403.
5. Ibid, p. 399.
6. Entrevistas do autor com Rupert Allan.
7. Ibid.
8. Ibid.
9. Peter Harry Brown e Patte B. Barham, *Marilyn: The Last Take*. Nova York: Dutton, 1992, p. 299.
10. Entrevista do autor com Taki Theodoracopulos, escritor de direita e herdeiro de transporte grego. "Stas estava entediado, não se importava com Lee e apreciava bastante prostitutas. Costumávamos sair com prostitutas juntos", disse ele.
11. Kitty Kelley, *Jackie Oh!*. Nova York: Ballantine, 1979, p. 188.
12. Drew Pearson, *Washington Post*, 14 de novembro de 1963.
13. Entrevistas do autor com David Karr.
14. Gore Vidal, *Palimpsest: A Memoir*. Londres: Andre Deutsch, 1995, p. 19.
15. Assessor presidencial Dave Powers citado em DuBois, *In Her Sister's Shadow*. Londres: Little, Brown & Co., 1995, p. 147
16. Gerald Clarke, *Capote: a Biography*. Londres: Cardinal, 1989, p. 384. (Edição em português: Gerald Clarke, *Capote: uma biografia*. São Paulo: Globo, 2006.)
17. Entrevistas do autor com Robin Douglas-Home.
18. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
19. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.
20. Lee Radziwill, "Why My Sister Married Aristotle Onassis", *Cosmopolitan*,

setembro de 1969.

CAPÍTULO OITO

1. Entrevista do autor com Nadia Stancioff.
2. Nadia Stancioff, *Maria Callas Remembered*. Londres: Sidgwick & Jackson, 1987, p. 162.
3. Entrevista de Aliki Rousin com Jeanne Herzog para o autor.
4. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.
5. Kitty Kelley, *Jackie Oh!*. Nova York: Ballantine, 1979, p. 209.
6. Entrevista do autor com Evelyn Lincoln.
7. Ibid.
8. John H. Davis, *The Kennedy Clan: Dynasty and Disaster 1848-1984*. Londres: Sidgwick & Jackson, 1985, p. 414.
9. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.
10. Entrevistas do autor com Onassis, Fiona Thyssen, Yannis Georgakis e Costa Gratsos.
11. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
12. Carlo Curti, *Skouras: King of Fox Studios*. Los Angeles: Holloway House, 1967, p. 306-307.
13. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis. A afirmação de Hoffa de que Bobby se vestia de mulher quando era pequeno e era homossexual é citada também em Peter Collier e David Horowitz, *The Kennedys: An American Drama*. Nova York: Summit Books, 1984, p. 222.
14. Entrevista do autor com Rupert Allan.
15. Anthony Summers, *Goddess: The Secret Lives of Marilyn Monroe*. Londres: Gollancz, 1985.

CAPÍTULO NOVE

1. Peter Collier e David Horowitz, *The Roosevelts: An American Saga*. Londres: Andre Deutsch, 1995, p. 478.
2. Entrevista do autor com Angier Biddle Duke, chefe de protocolo de Kennedy.
3. David Halberstam, *The Best and the Brightest*. Londres: Barrie & Jenkins, 1972, p. 223.
4. Collier e Horowitz, *The Roosevelts*, p. 466.
5. Roosevelt, citado em C. David Heymann, *A Woman Named Jackie: An Intimate Biography of Jacqueline Bouvier Kennedy Onassis*. Londres: Mandarin,

1990, p. 390.

6. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.

7. Heymann, p. 389.

8. DP (Dedichen Papers), mês não identificado.

9. Ingeborg Dedichen, *Onassis, Mon Amour: Memoirs Collected by Henry Pessar*. Paris: Pygmalion, 1975, p. 23.

10. *Ibid.*, p. 137.

11. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.

12. Aristóteles Onassis, DP, sem data.

13. *Ibid.*

14. *Ibid.*

15. Citado em Richard J. Whalen, *The Founding Father: The Story of Joseph P. Kennedy: A Study in Power, Wealth and Family Ambition*. Londres: Hutchinson, 1964, p. 300.

16. Aristóteles Onassis, Nova York. DP, 11 de agosto de 1940.

17. Relatório do U.S. Office of Naval Intelligence sobre Aristóteles Onassis em resposta ao pedido do FBI feito em 17 de janeiro de 1943. Adquirido pelo autor por meio do FOIA.

18. Aristóteles Onassis, Nova York. DP, 4 de setembro de 1940.

19. *Ibid.*

20. Dedichen para Onassis, Bagnères-de-Bigorre. DP, 8 de agosto de 1940.

21. Onassis para Dedichen. DP, 23 de agosto de 1940.

22. Dedichen para Onassis, Bagnères-de-Bigorre. DP, 3 de setembro de 1940.

23. Entrevista do autor com Bill Carter.

24. Entrevista do autor com Geraldine Spreckles.

25. Dedichen, p. 201.

CAPÍTULO DEZ

1. "Mrs. Kennedy to Visit Greece for Two-Week Rest in October: President's Wife Will Stay with Sister Near Athens on Private Vacation", *New York Times*, 18 de setembro de 1963.

2. Entrevista do autor com Johnny Meyer.

3. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.

4. *Ibid.*

5. *Ibid.*

CAPÍTULO ONZE

1. Entrevista do autor com Suzanne Kloman, ex-mulher de Franklin D. Roosevelt Jr.
2. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos, Yannis Georgakis e outros.
3. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.
4. Do diário de Suzanne Kloman, com gentil permissão da autora.
5. Entrevista do autor com Suzanne Kloman.
6. Entrevista do autor com Theodore Garofalides.
7. Ibid.
8. Entrevista de John Pearson com Irene Galitzine, para o autor.
9. Entrevista do autor com Tina Livanos Onassis Blandford Niarchos.
10. Charles Spalding, citado em Peter Collier e David Horowitz, *The Kennedys: An American Drama*. Nova York: Summit Books, 1984.
11. Kirk Lemoyne "Lem" Billings, citado em Collier e Horowitz, *The Kennedys*, p. 196.
12. Entrevista do autor com Yannis Georgakis.
13. Nigel Hamilton, *JFK: Reckless Youth*. Nova York: Random House, 1992, p. 68.
14. Entrevistas do autor com Artemis Garofalides e uma fonte que deseja permanecer anônima.
15. Entrevistas do autor com Artemis Garofalides.
16. Entrevista de Pearson com Irene Galitzine.
17. Entrevista do autor com Richard Burton.
18. Entrevista do autor com Evelyn Lincoln.
19. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.
20. Entrevista do autor com Constantine Gratsos.
21. Ibid.
22. Gerald Clarke, *Capote: A Biography*. Londres: Cardinal, 1988, p. 383. (Edição em português: Gerald Clarke, *Capote: uma biografia*. São Paulo: Globo, 2006.)
23. Entrevista do autor com Robin Douglas-Home. Um dos amigos mais próximos de Stas Radziwill, Douglas-Home originalmente me contou essa história para um perfil de Lee Radziwill que eu estava escrevendo para a revista *Cosmopolitan* em 1967. A história acabou sendo cortada do artigo pelos advogados da revista.

24. Entrevista de John Pearson com Henry Brandon.
25. Entrevista do autor com Roswell Gilpatric.
26. Newsweek, 28 de outubro de 1963.
27. Milton Viorst, "The Sceptics", *Esquire*, novembro de 1968.
28. Entrevistas do autor com Christina Onassis.

CAPÍTULO DOZE

1. Entrevistas do autor com Artemis Garofalides.
2. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
3. Alastair Forbes, "A Loss Unparalleled? Not Bloody Likely", *London Spectator*, 28 de setembro de 1996, p. 45-46; entrevistas do autor com Alastair Forbes.
4. Gerald Clarke, *Capote: A Biography*. Londres: Cardinal, 1988, p. 384. (Edição em português: Gerald Clarke, *Capote: uma biografia*. São Paulo: Globo, 2006.)
5. Laurence Leamer, *The Kennedy Women: The Triumph and Tragedy of America's First Family*. Londres: Bantam Press, 1994, p. 588.
6. *Boston Globe*, 29 de outubro de 1963.
7. Peter Collier e David Horowitz, *The Kennedys: An American Drama*. Nova York: Summit Books, 1984, p. 338.
8. Nicholas Fraser, Philip Jacobson, Mark Ottaway e Lewis Chester, *Aristotle Onassis*, p. 247. Também, "(O presidente) deixou claro que Onassis não seria bem-vindo para entrar nos Estados Unidos até depois da eleição": Leamer, p. 588.
9. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.
10. William Manchester, *The Death of a President*. Londres: Michael Joseph, 1967, p. 27. Comissionada por Jackie menos de um mês depois do fato, esta é a versão "oficial" do assassinato de John F. Kennedy.
11. Michael R. Beschloss, *Kennedy v. Khrushchev: The Crisis Years 1960-63*. Londres: Faber & Faber, 1991, p. 614.
12. C. David Heymann, *A Woman Named Jackie: An Intimate Biography of Jacqueline Bouvier Kennedy Onassis*. Londres: Mandarin, 1990, p. 393.
13. Manchester, p. 28.
14. Ibid.
15. Entrevista do autor com Evelyn Lincoln.
16. Herbert S. Parmet, *JFK: The Presidency of John F. Kennedy*. Londres: Penguin Books, 1984, p. 339.
17. Mary Barelli Gallacher, org. Frances Spatz Leighton: *My Life with Jacqueline*

Kennedy. Londres: Michael Joseph, 1970, p. 267.

18. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.

19. Entrevistas do autor com Hélène Gaillet de Neergaard.

20. Entrevista do autor com Maria Callas.

21. Entrevista do autor com Evelyn Lincoln.

22. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.

23. Entrevista do autor com Costa Gratsos.

24. Manchester, p. 27.

25. Kitty Kelley, *Jackie Oh!*. Nova York: Ballantine, 1979, p. 216.

26. Evelyn Lincoln, *Secret Lives: Jackie*. Barraclough-Carey Productions para Channel Four e Discovery Communications, 1995.

27. Ibid.

28. Entrevista do autor com Evelyn Lincoln.

29. Ibid.

30. Ibid.

31. Leamer, p. 586.

32. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.

33. Entrevista do autor com Rupert Allan.

34. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.

35. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.

36. Manchester, p. 28.

37. Benjamin Bradlee, *Conversations with Kennedy*. Nova York: W.W. Norton, 1975, p. 219.

CAPÍTULO TREZE

1. "The Manchester Book: Despite Flaws & Errors, A Story that Is Larger than Life or Death", *Time*, 7 de abril de 1967.

2. Entrevista do autor com Aristóteles Onassis.

3. Gerald Clarke, *Capote: A Biography*. Londres: Cardinal, 1988, p. 382. (Edição em português: Gerald Clarke, *Capote: uma biografia*. São Paulo: Globo, 2006.)

4. Entrevista do autor com Joe Fox.

5. William Manchester, *Death of a President*. Londres: Michael Joseph, 1967, p. 613-614.

6. Gore Vidal, *Palimpsest: A Memoir*. Londres: Andre Deutsch, 1995, p. 312.

7. Barbara Kellerman, *All the President's Kin*. Nova York: Free Press, 1981.

8. Stanley Tretick, *Oral History Program*. Boston: John F. Kennedy Library, 1966, p. 22.
9. Manchester, p. 614.
10. Ibid.
11. Ibid, p. 603.
12. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.
13. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
14. Robert D. Heini e Nancy G. Heini, *Written in Blood: The Story of the Haitian People, 1492-1971*. Boston: Houghton Mifflin, 1978.
15. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
16. Ibid.
17. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.
18. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
19. Peter Collier e David Horowitz, *The Kennedys: An American Drama*. Nova York: Summit Books, 1984, p. 315.
20. Arthur M. Schlesinger, *Robert Kennedy & His Times*. Londres: Andre Deutsch, 1978, p. 665-666.
21. Collier e Horowitz, p. 316.
22. Schlesinger, p. 666.

CAPÍTULO CATORZE

1. Edward Klein, *Just Jackie*. Nova York: Ballantine Books, 1998.
2. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.
3. Gore Vidal, *Palimpsest: A Memoir*. Londres: Andre Deutsch, 1995, p. 311.
4. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
5. Schlesinger, p. 666.
6. C. David Heymann, *A Woman Named Jackie: An Intimate Biography of Jacqueline Bouvier Kennedy Onassis*. Londres: Mandarin, 1990, p. 479-480.
7. Richard Lee, "Ethel Kennedy Today", *Washingtonian*, junho de 1983.
8. Thomas C. Reeves, *A Question of Character: A Life of John F. Fitzgerald*. Londres: Bloomsbury, 1991, p. 236.
9. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis, Constantine Gratsos e outros.
10. Entrevista do autor com Roy Cohn.
11. Ibid.
12. "Music", *Time*, 26 de março de 1965.

13. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
14. Garry Wills, *The Kennedy Imprisonment: A Meditation on Power*. Nova York: Pocket Books, 1983, p. 109.
15. Citado por Gore Vidal, *Book Week*, 9 de abril de 1967.
16. Kitty Kelley, *Jackie Oh!*. Nova York: Ballantine, 1979, p. 272.
17. John Corry, *The Manchester Affair*. Nova York: G.P. Putnam's Sons, p. 163.
18. Entrevistas do autor com David Karr.
19. Kelley, p. 273.
20. Jeff Shesol, *Mutual Contempt: Lyndon Johnson, Robert Kennedy, and the Feud That Defined a Decade*. Nova York: Norton, 1997, p. 356.
21. Roche para Lyndon B. Johnson, 23 de dezembro de 1966. Citado em Shesol, p. 359.
22. Shesol, p. 356.
23. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.
24. Entrevista do autor com Brian Wells.
25. Carl Blumay com Henry Edwards, *The Dark Side of Power: The Real Armand Hammer*. Nova York: Simon & Schuster, 1992, p. 148.
26. Entrevista do autor com Ronnie Driver.
27. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
28. Milton Viorst, "The Skeptics", *Esquire*, novembro de 1968.

CAPÍTULO QUINZE

1. Arthur M. Schlesinger Jr., *Robert Kennedy & His Times*. Nova York: Ballantine, 1978, p. 933.
2. Garry Wills, *The Kennedy Imprisonment: A Meditation on Power*. Nova York: Pocket Books, 1982, p. 107.
3. Entrevistas do autor com David Karr.
4. Drew Pearson, "The Washington Merry-Go-Round", *Washington Post*, 3 de março de 1967.
5. Entrevistas do autor com Rupert Allan.
6. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.
7. Entrevistas do autor com Alexander e Christina Onassis.
8. Entrevista do autor com uma fonte confidencial no American Hospital, Paris.
9. Peter Collier e David Horowitz, *The Kennedys: An American Drama*. Nova York: Summit Books, 1984, p. 339.

10. Entrevista do autor com Sam White.
11. Priscilla Johnson McMillan, *Marina and Lee*. Londres: Collins, 1978, p. 220.
12. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis e Constantine Gratsos.
13. Anthony Montague Browne, *Long Sunset: Memoirs of Winston Churchill's Last Private Secretary*. Londres: Cassell, 1995, p. 292.
14. Apêndice de audiências do Select Committee on Assassinations [Comissão para assassinatos] da Câmara dos Deputados, vol. XII, 1979.
15. De Mohrenschildt afirmou que era regularmente interrogado pela CIA por causa de suas pesquisas geológicas no exterior: depoimento à Comissão Warren, vol. IX, p. 236.
16. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis e Brian Wells.
17. Senate Select Committee on Government Operations with Respect to Intelligence Activities, *Alleged Assassination Plots Involving Foreign Leaders* (doravante Assassination Report) (U.S. Government Printing Office, 1975, p. 129-130); entrevista do autor com Robert Maheu.
18. Norman Mailer, *Oswald's Tale*. Nova York: Random House, 1995, p. 458. (Edição em português: Norman Mailer, *A história de Lee Oswald*. Rio de Janeiro: Record, 1996.)
19. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
20. Entrevista do autor com Rico Zermeno.
21. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.

CAPÍTULO DEZESSEIS

1. Todos os detalhes e o diálogo da história da batalha de Callas e Onassis contra Vergottis (*Onassis and Calogeropoulos v. Vergottis*) baseiam-se em registros judiciais (Lloyd's Law Reports: Queen's Bench Division Commercial Court before Mr. Justice Roskill: 17-28 de abril de 1967), com revelações sobre o passado e opiniões de três advogados envolvidos no caso — os três pediram para não serem identificados.

CAPÍTULO DEZESSETE

1. Peter Evans, *Ari: The Life and Times of Aristotle Socrates Onassis*. Nova York: Summit Books, 1986, p. 239.
2. Entrevistas do autor com Alexander Onassis.
3. Ibid.
4. Ibid.

5. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
6. Ibid.
7. Entrevistas do autor com Christina Onassis.
8. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
9. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
10. Entrevista do autor com Nigel Neilson.
11. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.
12. C.M. Woodhouse, *The Rise and Fall of the Greek Colonels*. Londres: Granada, 1985, p. 8.
13. "Greece", *Time*, 11 de junho de 1973.
14. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.
15. Entrevistas do autor com Sir John Russell.
16. Ibid.
17. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.

CAPÍTULO DEZOITO

1. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.
2. Entrevistas do autor com Brian Wells.
3. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.
4. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.
5. Entrevistas do autor com Nigel Neilson.
6. Entrevistas do autor com uma fonte confidencial da Fatah.
7. Andrew Gowers e Tony Walker, *Behind the Myth: Yasser Arafat and the Palestinian Revolution*. Londres: W.H. Allen, 1990, p. 47.
8. Entrevistas do autor com Mohammed Ibrahim.
9. Ibid.
10. Entrevista do autor com Iorde Forte.
11. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
12. Ibid.
13. Entrevistas de Alikí Roussin com Miltiádis Yiannakopoulos.
14. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
15. Aristóteles Onassis em carta sem data enviada do Savoy Hotel, em Londres, para Ingeborg Dedichen, c. 1936. Dedichen Papers.
16. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.

CAPÍTULO DEZENOVE

1. Entrevistas do autor com Sir John Russell.
2. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
3. Ibid.
4. Entrevistas do autor com Nigel Neilson.
5. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
6. Entrevistas de Aliko Roussin com Miltiadis Yiannakopoulos.
7. Entrevistas do autor com Alan Brien. Recém-saído de Oxford e iniciando uma carreira jornalística, foi convidado a se hospedar no Chateau de la Croe para escrever um artigo sobre Onassis para a hoje extinta revista inglesa *Illustrated*. A tarefa lhe fora designada por Randolph Churchill para permitir que Brien fizesse para ele, anonimamente, um perfil que lhe fora encomendado pela *Life*.
8. Entrevistas de Aliko Roussin com Miltiadis Yiannakopoulos.
9. L.J. Davis, *Onassis and Christina: The Amazing Story of a Fabulous Dynasty*. Londres: Gallancz, 1987, p. 77.
10. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
11. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
12. Entrevista do autor com Johnny Meyer.
13. Entrevista do autor com Lilly Lawrence.
14. Paul Mathias, citado em Kitty Kelley, *Jackie Oh!*. Nova York: Ballantine, 1979, p. 291.
15. Charles Bartlett Oral History, LBJ Library, Austin, Texas.
16. Terry Smith, "Bobby's Image", *Esquire*, abril de 1965.
17. LBJ Library, Austin, Texas.
18. Peter Evans, "Jackie: The New Woman", *Cosmopolitan*, setembro de 1975.
19. Eugene McCarthy, *Up 'Till Now: A Memoir*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1987, p. 196.
20. Fred Sparks, *The \$20,000,000 Honeymoon*. Nova York: Bernard Geis Associates, 1970, p. 26.
21. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
22. Entrevistas do autor com Brian Wells.
23. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.
24. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
25. Ibid.
26. Arthur M. Schlesinger, *Robert Kennedy & His Times*. Londres: Andre Deutsch, 1978, p. 921.

CAPÍTULO VINTE

1. Entrevistas do autor com Ernie Anderson.
2. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.
3. Ibid.
4. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
5. L.J. Davis, *Onassis and Christina: The Amazing Story of a Fabulous Dynasty*.

Londres: Gollancz, 1987, p. 75.

6. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
7. Entrevistas do autor com Sir John Russell.
8. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
9. Ibid.
10. Ibid.
11. Davis, p. 75.
12. Entrevista do autor com Roosevelt S. Zanders.
13. Entrevista do autor com Joan Thring.
14. Ibid.

CAPÍTULO VINTE E UM

1. Entrevistas do autor com Rupert Allan.
2. Ibid.
3. Entrevistas do autor com Joan Thring.
4. Jean Stein e George Plimpton, *American Journey: The Times of Robert Kennedy*. Londres: Andre Deutsch, 1971, p. 293.
5. Citado em Arthur M. Schlesinger, *Robert Kennedy & His Times*. Londres: Andre Deutsch, 1978, p. 293. Ênfase do autor.
6. "A Life on the Way to Death", *Time*, 14 de junho de 1968.
7. Stein e Plimpton, p. 293.
8. Bill Adler (org.), *The Uncommon Wisdom of Jacqueline Kennedy Onassis: A Portrait in Her Own Words*. Nova York: Citadel Press, 1994, p. 138.
9. Entrevistas do autor com Joan Thring.
10. Memorando para J. Edgar Hoover: documentos do FBI, datado de 17 de maio de 1968, adquirido por meio da FOIA.
11. Entrevistas do autor com Joan Thring.
12. Ibid.
13. Ibid.

14. Schlesinger, p. 982.
15. Depoimento em julgamento, *The People of the State of California v. Sirhan Bishara Sirhan*, Tribunal Superior, Crim. 1969. Caso nº 14026, vol. 19, 5525.
16. Prova 78 da Acusação, relatório da autópsia.
17. Entrevistas do autor com Ernie Anderson e Brian Wells.
18. Ibid.
19. Entrevistas do autor com Joan Thring.
20. Ibid.
21. Ibid.
22. Entrevistas do autor com Brian Wells e Ernie Anderson.
23. Entrevistas do autor com Joan Thring.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

1. Entrevista a Plimpton em 5 de junho, Departamento de Polícia de Los Angeles (DPLA) (fita de áudio).
2. Joseph Lahaiv, citado em William W. Turner e John G. Christian, *The Assassination of Robert F. Kennedy*. Nova York: Random House, 1978, p. 197.
3. Entrevistas do autor com William C. Jordan.
4. Relatório síntese do DPLA, p. 426.
5. Robert A. Houghton (com Theodore Taylor), *Special Unit Senator: The Investigation of the Assassination of Senator Robert F. Kennedy*. Nova York: Random House, 1970, p. 89.
6. O histórico de Sirhan é amplamente descrito em *American Assassins: The Darker Side of Politics*, de James W. Clark. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1982, p. 79-85. É amplamente relatado também em arquivos do DPLA e do FBI e documentado em transcrições do julgamento.
7. Depoimento em julgamento, Hashimeh, vol. 16, p. 4.599-4.607.
8. Clarke, p. 82.
9. Depoimento em julgamento, Sirhan, vol. 17, p. 4.856, 4.937.
10. Prova D da Defesa.
11. Provas II e JJ da Defesa.
12. Depoimento em julgamento, Sirhan, vol. 17, p. 4.898.
13. Ibid., p. 4.937; depoimento em julgamento, Strathman, vol. 19, p. 5.381-5.406.
14. Depoimento em julgamento, Sirhan, vol. 17, p. 4.924-4.937.

15. Depoimento em julgamento, Lewis, vol. 17, p. 4.787-4.802; Prova G da Defesa.

16. Robert Blair Kaiser, *R.F.K. Must Die!*. Nova York: E.P. Dutton, 1970, p. 94.

17. Entrevistas do autor com Mohammed Ibrahim.

18. Kaiser, 1970.

19. Patrick Seale, *Abu Nidal*. Londres: Arrow Books, 1993, p. 42.

20. Entrevistas do autor com Mohammed Ibrahim.

21. Seale, p. 44.

22. Entrevistas do autor com Brian Wells.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

1. Kitty Kelley, *Jackie Oh!*. Nova York: Ballantine, 1979, p. 263.

2. Ibid.

3. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.

4. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.

5. Entrevistas do autor com William Carter.

6. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.

7. Entrevistas do autor com Rico Zermeno.

8. Entrevista do autor com Emmet Whitlock.

9. Entrevista do autor com William Carter.

10. Entrevista do autor com Billy Keating.

11. George Smathers, citado em Peter Collier e David Horowitz, *The Kennedys: An American Drama*. Nova York: Summit Books, 1984, p. 367.

12. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.

13. Entrevistas do autor com Joan Thring.

14. Willi Frischauer, *Jackie*. Londres: Sphere, 1977.

15. Entrevistas de Aliko Roussin com Constantine Haritakis.

16. "No Match for Ari-Jackie Shaw", Taki Theodoracopulos, *London Sunday Times*, 17 de agosto de 1997.

17. Entrevistas do autor com Nigel Neilson.

18. Ibid.

19. William H. Honan, *Ted Kennedy: Profile of a Survivor*. Nova York: Quadrangle Paperback, 1972, p. 130-131.

20. Cary Reich, *Financier: The Biography of Andre Meyer*. Nova York: Morrow & Co., 1983, p. 262.

21. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
22. Entrevista do autor com Pierre Salinger.
23. Entrevistas do autor com Aristóteles Onassis.
24. "I still Love Ari", *News of the World*, 14 de setembro de 1969.
25. Gerald Clarke, *Capote: A Biography*. Londres: Cardinal, 1989, p. 519. (Edição em português: Gerald Clarke, *Capote: uma biografia*. São Paulo: Globo, 2006.)
26. Diana DuBois, *In Her Sister's Shadow*. Londres: Little, Brown, 1995, p. 209.
27. Entrevistas de Aliko Roussin com Constantine Haritakis.
28. John Henry Cutler, *Cardinal Cushing of Boston*. Nova York, 1970, p. 358.
29. "The Kennedys: Identity Crisis", *Newsweek*, 4 de novembro de 1968.
30. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
31. Entrevista do autor com Billy Keating.
32. Philip H. Melanson, *The Robert F. Kennedy Assassination: New Revelations on the Conspiracy and Cover-up*. Nova York: Shapolsky Publishers, Inc., 1991, p. 24.
33. John Lindsay, *Newsweek*. Citado em Stein e Plimpton, *American Journey*, p. 293; Newfield, *Kennedy*, p. 286; Schlesinger, *Robert Kennedy & His Times*, p. 968.
34. "Bomb Search Delays Mrs. Onassis' Flight", *New York Times*, 20 de dezembro de 1968.
35. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

1. Depoimento em julgamento, Nahas, vol. 16, p. 4.575-4.588; Hashimeh, vol. 16, p. 4.591-4.622; Mary Sirhan, vol. 16, p. 4.671-4.719.
2. *Ibid.*, p. 440.
3. Depoimento em julgamento, Diamond, vol. 24, p. 6.998; ênfase do autor.
4. Entrevistas do autor com William Jordan.
5. Prova J da Defesa.
6. Provas 71, 72 e 73 da Acusação.
7. Kaiser, p. 284-285.
8. Entrevista com uma fonte confidencial, identificada pelo autor como Mohammed Ibrahim.
9. Depoimento em julgamento, Unruh, vol. 12, p. 3.283, 3.291; Sirhan, vol. 18, p. 5.217.

10. Entrevistas do autor com William Jordan.
11. Depoimento em julgamento, Jordan, vol. 16, p. 4.448; transcrições de julgamento, fitas de Sirhan, vol. 21, p. 5.971-6.011. William W. Turner e John G. Christian, *The Assassination of Robert F. Kennedy*. Nova York: Random House, 1978, p. 227.
12. Turner e Christian, p. 227.
13. Philip H. Melanson, *The Robert F. Kennedy Assassination*. Nova York: Shapolsky Inc., 1991, p. 207-208.
14. Kaiser, p. 69-70.
15. Ibid.
16. Ibid., p. 536.
17. Kaiser, p. 147; ênfase do autor.
18. Philip H. Melanson, *The Robert F. Kennedy Assassination: New Revelations on the Conspiracy and Cover-up, 1968-1991*. Nova York: SPI Books, 1991.
19. F. Lee Bailey com Harvey Aronson, *The Defense Never Rests*. Nova York: Stein & Day, 1971, p. 159-161.
20. Peter Grose, *Gentleman Spy: The Life of Allen Dulles*. Londres: Andre Deutsch, 1995, p. 393.
21. Richard Helms em carta que pedia a aprovação de Allen Dulles, chefe da CIA, para o projeto MKULTRA, em 4 de abril de 1953. Dulles aprovou o programa em 13 de abril de 1953. Nem o Congresso nem o presidente foram informados sobre o MKULTRA. Relatório da Comissão Church, Livro 1; Grose, p. 392-393.
22. John Marks, *The Search for the Manchurian Candidate*. Londres: Allen Lane, 1979, p. 183.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

1. Entrevistas do autor com Alan Campbell-Johnson.
2. Sally Bedell Smith, "The Secrets of Midas", *Vanity Fair*, agosto de 1992; ênfase do autor.
3. Entrevista do autor com Yannis Georgakis. Ao preparar sua autobiografia inacabada com o autor Brian Wells depois da morte de Onassis, em 1975, Johnny Meyer, que também estava presente quando Onassis tocou as fitas de Spetsapoula, repetiu esse incidente em detalhes muito semelhantes.
4. Entrevistas do autor com Brian Wells.
5. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.

6. Ibid.
7. Entrevista do autor com Brian Wells.
8. Entrevistas do autor com Joseph Bolker.
9. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
10. Entrevistas do autor com Joseph Bolker.
11. Ibid.
12. Ibid.
13. Ibid.
14. Ibid, citado primeiramente em Peter Evans, *Ari: The Life and Times of Aristotle Socrates Onassis*. Nova York: Summit Books, 1986, p. 255.
15. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
16. Ibid.
17. Ibid.
18. Ibid.
19. Ibid.
20. Entrevistas do autor com Joseph Bolker; ênfase do autor.
21. *Eleftherotipia*, Atenas, 26 de novembro de 1975.
22. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
23. Ibid.
24. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

1. Entrevista do autor com uma fonte que não quer ser identificada.
2. Nicholas Fraser, Philip Jacobson, Mark Ottaway e Lewis Chester, *Aristotle Onassis*. Filadélfia: J.B. Lippincott, 1977, p. 319.
3. Willi Frischauer, *Jackie*. Londres: Michael Joseph, 1976.
4. Fraser, Jacobson, Ottaway e Chester, p. 319.
5. Entrevistas do autor com Rico Zermeno.
6. Fraser, Jacobson, Ottaway e Chester, p. 295.
7. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
8. Ibid.
9. Entrevistas do autor com Roy Cohn.
10. "Don't Mess with Roy Cohn: The Legal Executioner", Ken Auletta, *Empire*, dezembro de 1978.
11. Entrevistas do autor com Roy Cohn.

12. David B. Tinnin com Dag Christensen, *The Hit Team*. Boston: Little, Brown, & Co., 1976, p. 82; George Jonas, *Vengeance*. Londres: Collins, 1984, p. 187.
13. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
14. Roy Rowan, "The Death of Dave Karr and Other Mysteries", *Fortune*, 3 de dezembro de 1979.
15. Carl Blumay com Henry Edwards, *The Dark Side of Power: The Real Armand Hammer*. Nova York: Simon & Schuster, 1992, p. 313.
16. Entrevistas do autor com Mohammed Ibrahim.
17. Andrew Gowers e Tony Walter, *Behind the Myth: Yasser Arafat and the Palestinian Revolution*. Londres: W.H. Allen, 1990.
18. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.
19. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
20. Ibid.
21. Entrevista do autor com Donald McGregor.
22. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
23. Ibid.
24. Ibid.
25. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.
26. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
27. Entrevista de Aliko Roussin com Costa Haritakis.
28. Ibid.
29. Entrevistas do autor com Brian Wells.
30. Ibid.
31. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
32. Entrevista de Aliko Roussin com Georgia Veta.

CAPÍTULO VINTE E SETE

1. Entrevista do autor com Yannis Georgakis.
2. Nicholas Fraser, Philip Jacobson, Mark Ottaway e Lewis Chester, *Aristotle Onassis*. Filadélfia: J.B. Lippincott, 1977, p. 334.
3. Ibid., p. 335.
4. Entrevistas do autor com Fiona Thyssen-Bornemisza.
5. Fraser, Jacobson, Ottaway e Chester, p. 330.
6. Entrevista do autor com Constantine Konialidis.
7. Entrevista do autor com Yannis Georgakis.

8. Entrevista do autor com Sir John Russell.
9. Entrevistas do autor com Artemis Garofalides.
10. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis; também entrevistas de Aiki Roussin com Miltiadis Yiannakopoulos.
11. Entrevista do autor com Emmet Whitlock.
12. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
13. Entrevistas do autor com Rico Zermeno.
14. Entrevistas do autor com David Karr.
15. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
16. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.
17. Penny Lernoux, *In Banks We Trust: Bankers and Their Close Associates: The CIA, the Mafia, Drug Traders, Dictators, Politicians, and the Vatican*. Garden City, Nova York: Anchor Press/Doubleday, 1984, p. 94.
18. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.
19. Jim Drinkhall, *Wall Street Journal*, 18 de abril de 1980.
20. Ibid.; também Alfred McCoy, *The Politics of Heroin in Southeast Asia*. Nova York: Harper & Row, 1972, p. 130-144; Henrik Kruger, *The Great Heroin Coup*. Boston: South End Press, 1980, p. 15, 130-131.
21. Jim Drinkhall, *Wall Street Journal*, 16 de abril de 1980.
22. Lernoux, p. 79.
23. Jim Hougan, *Spooks: The Haunting of America — The Private Use of Secret Agents*. Nova York: William Morrow & Co., 1978, p. 11.
24. Entrevista do autor com Basil "Beau" Abbott, ex-agente secreto da Drug Enforcement Administration (DEA).
25. Do depoimento juramentado de William D. Coller, ex-supervisor e agente especial da DEA, com "o objetivo de explicar a relação de trabalho que Basil Abbott tinha com o governo dos Estados Unidos e, particularmente a (...) Drug Enforcement Administration", 21 de maio de 1997.
26. Entrevistas do autor com Basil Abbott.
27. Ibid.
28. Ibid.
29. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.
30. Depoimento juramentado de Coller, 21 de maio de 1997.
31. Entrevistas do autor com Basil Abbott.
32. The Office of Naval Intelligence report, capítulo 1.

CAPÍTULO VINTE E OITO

1. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
2. Erich Morgenthauer, *Wall Street Journal*, citado em L.J. Davis, *Onassis and Christina: The Amazing Story of a Fabulous Dynasty*. Londres: Gollancz, 1987, p. 185.
3. Nigel Dempster, *Heiress: The Story of Christina Onassis*. Nova York: Grove Press, 1989, p. 100.
4. L.J. Davis, p. 132.
5. Rosemarie Kanzler, citada por Sally Bedell Smith, "The Secrets of Midas", *Vanity Fair*, agosto de 1992.
6. Davis, p. 192.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

1. Entrevistas do autor com Artemis Garofalides, Christina Onassis e Lady Carolyn Townshend.
2. Entrevistas do autor com H el ene Gaillet.
3. Ibid.
4. Ibid.
5. Ibid.
6. Ibid.
7. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
8. Entrevista do autor com o conde Flamburiari.
9. Entrevista do autor com Yannis Georgakis.
10. Entrevista do autor com Joseph Bolker.
11. Entrevista do autor com Yannis Georgakis.
12. Entrevistas do autor com Brian Wells, amigo de Johnny Meyer em Palm Beach e indicado como ghostwriter de suas memórias inacabadas.
13. Entrevista do autor com Ronnie Driver.
14. Ibid.
15. Entrevista do autor com Brian Wells.

CAPÍTULO TRINTA

1. Bernard Valery, correspondente do *New York Daily News* em Paris, disse mais tarde ao autor que sua fonte era na verdade o próprio Niarchos.
2. L.J. Davis, *Onassis and Christina: The Amazing Story of a Fabulous Dynasty*. Londres: Gollancz, 1987, p. 193.

3. Rosemary Kanzler, uma velha amiga da família, confirmou isso mais tarde: "Ela acabara de comprar dezessete vestidos, fizera o cabelo e seu rosto estava belamente maquiado. Você não faz isso quando não quer viver." Sally Bedell Smith. "The Secrets of Midas", *Vanity Fair*, agosto de 1992.
4. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.
5. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
6. "Lung Ailment Caused Death of Tina Niarchos", *London Times*, 14 de outubro de 1974.
7. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.
8. Entrevistas do autor com Christina Onassis.
9. Entrevistas do autor com Roy Cohn.
10. Entrevista do autor com uma fonte confidencial.
11. Entrevistas do autor com Constantine Gratsos.
12. Lewis Bernan, "The Reality Behind the Onassis Myth", *Fortune*, outubro de 1975.
13. Instituto Meteorológico Nacional, Paris.
14. Entrevista do autor com Christina Onassis.
15. Entrevista do autor com Johnny Meyer.
16. Entrevistas do autor com Christina Onassis.
17. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.
18. Ibid.
19. Ibid.
20. Instituto Meteorológico Nacional, Paris.
21. Entrevista do autor com David Karr.
22. Entrevistas do autor com Johnny Meyer.
23. Entrevista do autor com Ernie Anderson.
24. Ibid.
25. Ibid.
26. Instituto Meteorológico Nacional, Paris.

CAPÍTULO TRINTA E UM

1. Entrevista do autor com Peter Stephens, do *London Daily Mirror*.
2. Nigel Dempster, *Heiress: The Story of Christina Onassis*. Nova York: Grave Press, 1989, p. 109.
3. Entrevistas do autor com Brian Wells.

4. David Pauly com Scott Sullivan, "I, Aristotle Onassis...", *Newsweek*, 28 de julho de 1975.
5. Entrevista do autor com Roy Cohn; citado primeiramente sem ênfase em Peter Evans, *Ari: The Life and Times of Aristotle Socrates Onassis*. Nova York: Summit Books, 1986, p. 310.
6. Entrevistas do autor com Yannis Georgakis.
7. L.J. Davis, *Onassis and Christina: The Amazing Story of a Fabulous Dynasty*. Londres: Gollancz, 1987, p. 217.
8. Entrevistas do autor com Sam White.
9. Entrevistas do autor com Brian Wells.
10. Entrevistas do autor com Hélène Gaillet de Neergaard.
11. Entrevistas do autor com David Karr.
12. Dempster, p. 122.
13. Davis, p. 209.
14. Steven V. Roberts, "Christine Onassis Is Unexpected Wed to a Greek Banking and Shipping Scion", *New York Times*, 23 de julho de 1975.
15. Gore Vidal, *Palimpsest: A Memoir*. Londres: Andre Deutsch, 1995, p. 310.
16. Entrevistas do autor com Brian Wells.

EPÍLOGO

1. Philip H. Melanson, *The Robert F. Kennedy Assassination*. Nova York: SPI Books, 1991.
2. William W. Turner e John G. Christian, *The Assassination of Robert F. Kennedy: A Searching Look at the Conspiracy and Cover-Up 1968-1978*. Nova York: Random House, 1978.

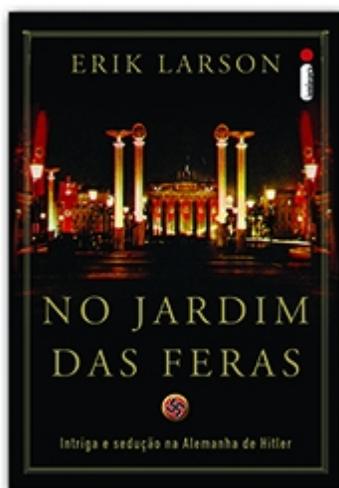
SOBRE O AUTOR

Peter Evans atuou como jornalista e correspondente estrangeiro para veículos renomados como *Los Angeles Times*, *Vogue*, *The Times*, *The Sunday Times* e *Daily Mail* e foi indicado ao British Press Awards. É autor de *Ari*, biografia de Aristóteles Onassis, entre vários outros títulos.

LEIA TAMBÉM



Virada no jogo
John Heilemann e Mark Halperin



No jardim das feras
Erik Larson



Circuito de mentiras
Juliet Macur